O Ilustrado

ANO I N.º 17
Numero especial 10$

LOURENÇO MARQUES
23 de Dezembro de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipografica — Director — SOBRAL DE CAMPOS — Sede — Praça 7 de Março

Cabeça da Virgem, do quadro «Santa Familia», de Bernardino Luini (1480-1533)

Sobre a minha mesa de trabalho espreitam-me, debruçados numa jarra simples e moderna, alguns cravos sanguineos, algumas rosas palidas e os olhos amarelos e redondos de três grandes mal-me-queres brancos...

Olho a janela em frente e as manchas escarlates das acacias da minha rua... E, erguendo a vista, vejo uma nesga de ceu zul entre uns flocos de neve dumas nuvenzitas tenues em que o vento esculpe algumas figuras bizarras que logo se desfazem...

E as rosas palidas — como raparigas romanticas de outros tempos — e os cravos rubros — como apaixonados ardentes que raro aparecem — e os mal-me-queres — como oraculos de um amor hoje incompreendido — debruçam-se mais sobre a jarra para que eu escute a sua linguagem de petalas e melhor compreenda e sinta o perfume das suas almas...

E dizem-me os cravos sanguineos:

— Vais fazer a tua cronica. Pensas... Procuras... Hesitas... Lembra-te que vais escrever para um numero do Natal. Natal! Dias de festa, dias da Familia, de recolhimento, de concentração, de carinhoso cultivo de crenças, de religiões intimas do Lar! Não lances, pois, a vista pelo que de triste, de doloroso, de horrivel vai pelo mundo, nesta hora tragica e sombria... Não molhes a tua pena na tinta torva das sangrentas lutas, das amargas desesperanças, das duvidas crueis, das incertezas nebulosas de um Futuro que não se visiona, que ninguem sabe o que será...

«Ergue a tua vista ao ceu azul; purifica a tua alma de tudo quanto possa perturbá-la, ou ennevoá-la, e pensa que a Felicidade é bem simples de se alcançar — se os homens não complicarem a Vida á mercê da sua dolorosa insatisfação! E canta! Canta a Vida, a Alegria de viver, a Simplicidade, o Amor... Aqui nos tens... Aprende. Em cada um de nós o que tu vês é um pequenino coração capaz de amar com paixão, capaz de amar com pureza, com recato, em silencio, enamorados de sempre... E o perfume que te damos, que tu aspiras com encantamento, é o perfume das recatadas virtudes do nosso amor, que, infelizmente, se vai perdendo entre vós...

Ouvi e meditei...

E as rosas palidas me disseram, numa voz que era um murmurio segredado:

— Ouviste o que te disseram os cravos? Não o esqueças. Eles têm razão... Não manches a tua cronica com o fel amargo de tudo quanto faz sofrer, de tudo quanto é mau, de tudo quanto é baixo e triste... E para quê — se a Vida é «ai que mal sôa», se a Vida «é nuvem que passa»?!... Todos esses conflitos em que os homens se empenham, todos esses cataclismos que eles preparam, provêm apenas do prisma falso por que olham a Vida... A ambição cega-os, turva-os, enlouquece-os, transforma-os em loucos e em criminosos... A ansia de poderio e de mando perde-os, transmuda-os em brutos... E é tudo ilusão... Ilusão e sangue... Sangue e ilusão... É um horror!... E para quê — se a Vida... Que os homens aprendam comnosco — as flores... Vivemos sem lutas, sem sofrimentos, sem despeitos, sem invejas, sem malquerenças, sem soberbas, sem desvarios... A nós, rosas, chamais vós, os homens, as rainhas das flores... Rainhas!... Que loucura a vossa! Que insensatez de criterio!... Não! Nós não somos rainhas... Somos apenas umas pobres raparigas, simples e modestas, que sabemos amar. Amamos o sol, a luz, a chuva, a brisa, as madrugadas roseas, os roxos poentes, as noites luarentas, os ceus pasmados de astros, a terra, as aguas correntes, os murmurios das fontes, os canticos das aves, o seio de uma mulher enamorada, a alma cismadora dos poetas... Amar e só amar, com pureza, com simplicidade, com suave misterio — é a nossa missão...

«E, amando tanto, sofremos, com resignada grandeza, o que de efemero, quasi etereo tem a nossa vida!... Rainhas!... Que loucura a vossa!... Não o somos, mas, se o fossemos, a nossa vida devia ser o exemplo para aqueles que aspiram a ser... reis dos outros, de todos os que se deixam cegar pela ambição, pela ansia de mando e poderio... Rainhas, nós, que vivemos apenas — como o disse um grande poeta — o curto espaço de uma manhã!... O espaço curtissimo do «reinado» deles...

E, dizendo isto, uma das rosas palidas

emmudeceu, calou-se para sempre... As suas petalas franzidas, frouxas, quasi transparentes, cairam em silencio, uma a uma, sobre a minha secretaria... E a sua alma de perfume subiu ao ceu das flores entre uma revoada de bençãos sacratissimas...

Ouvi e meditei...

E os três mal-me-queres brancos me fitaram, em silencio, com seus olhos amarelos e redondos... Olhei-os. Seus labios de petalas estremeceram... Iam falar os oraculos! Escutei-os, emocionado... Que iriam eles dizer?... Que palavras profeticas me diriam eles?...

E os mal-me-queres me falaram:

— Em verdade vos dizemos que as flores nossas irmãs vos falaram com acerto. Os homens perderam o tino, ha muito... Vaidosos em extremo, orgulhosos de si proprios, «narcisados» com a sua... obra..., vivem da fantasia enganadora, que eles se criaram, de serem os reis da Criação... Miragens!

«Insensatos! Insensatos em tudo — nas mais pequenas coisas. A nós chamam-nos mal-me-queres! Mal-me-queres porquê?... Nunca o compreendemos, mas aceitamo-lo, sorrindo... Já um Homem — segundo uns — ou um Deus — segundo outros — passou ha vinte seculos pela Terra e sentiu profundamente a vacuidade dos homens... A vacuidade e a maldade... Cuspiram-no, insultaram-no, açoitaram-no, crucificaram-no... E esse Homem ou esse Deus, ao sofrer tudo isso, dizia: «Perdoai-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem!».

«Nós sorrimos apenas. E o nosso sorriso não tem nada de caustico... Revela apenas dó... Traduz apenas comiseração... A comiseração que se sente, o dó que se experimenta por quem, julgando-se a tudo superior, é, afinal, bem inferior a muita coisa que a Natureza encerra...

«Em verdade vos dizemos que os homens — áparte alguns, excepcionais pela Bondade e pelo Talento — nos causam uma profunda tristeza!...

«Andam á busca de quê?! Não sabemos... Preguntai-lhes, a eles. Não o sabem tambem... Mas dir-vos-ão, por certo, que buscam a Felicidade!

«Mas a Felicidade não se busca nem se encontra assim... A Felicidade só pode conseguir-se pelo Amor, pela Sinceridade e pela Simplicidade. Trindade santa e fecunda que o homem tem esquecido por completo... O homem foi esquecendo o Amor. O amor de que ainda hoje ele fala, ás vezes, é uma misera caricatura do Amor. O homem não ama, nem hoje já sabe amar... O homem — odeia. Só sabe odiar... O homem não é sincero. Ilude e procura iludir tudo e todos... O homem só é sincero numa coisa: na mentira...

«O homem ignora, hoje, a bem-aventurança da Simplicidade. Todo o seu trabalho, todo o seu esforço, raciocinado ou impulsivo e inconsciente, metodico ou tumultuario e vario, destina-se apenas — a complicar a vida, em torná-la complexa, transcendente, febril, emmaranhada, confusa...

«O homem, hoje, desconhece a paz da pureza espiritual; o encanto duma vida fechada em habitos modestos; a tranquilidade, a beatitude, a graça divina de umas horas de recolhimento e de meditação; o momento contemplativo que em si encerra um mundo...

«Ruido, tumulto, ansiedades, lutas, mortificações — eis a vida do homem conduzido, por vias tortuosas, por atalhos invios e perigosos, á busca da Felicidade por ele desprezada... Insensatos! Insensatos! Pobres deles!...

«Poderão os homens voltar a encontrar o caminho da Felicidade?... Em verdade vos dizemos que duvidamos... E duvidamos porque não cremos que ele volte a fazer-se acompanhar dessa Trindade Sagrada: o Amor, a Sinceridade, a Simplicidade.

....

Calaram-se os mal-me-queres...

Ouvi e meditei...

Olhei o ceu azul. Fitei-o, recolhi-me...

Aos meus ouvidos, na minha alma, soaram, ainda por muito tempo, as vozes perfumadas das flores da minha jarra...

E, ao findar de ouvi-las, e quando, os olhos cerrados e o coração cheio da luz da Verdade, peguei na pena para escrever a pagina primeira deste numero do «Ilustrado» do Natal, reconheci que a Cronica estava escrita...

Não fui eu que a escrevi...

Foi a alma sensivel, profunda e perfumada das flores — das rosas... dos cravos... dos mal-me-queres...

SOBRAL DE CAMPOS

Equitação

O cavalo de obstaculos

O tenente João Barrento, no cavalo «Essex», realiza um conjunto de correcção dificil de igualar

Diz-se que um cavalo pode vir a ser um saltador, quando reune por natureza duas qualidades fundamentais: energia e poder.

Susceptiveis de se aperfeiçoarem pelo ensino, elas são, contudo, propriedade do cavalo; o cavaleiro limita-se a aproveitá-las, em conformidade com a sua habilidade e conhecimentos.

Distinguem-se, pela conformação, pelas atitudes, pelos andamentos, mas muito principalmente pelas sensações experimentadas quando montado; é dos arabes o proverbio: «antes de condenares um cavalo ou de fazeres dele uma maravilha, venda os olhos e monta».

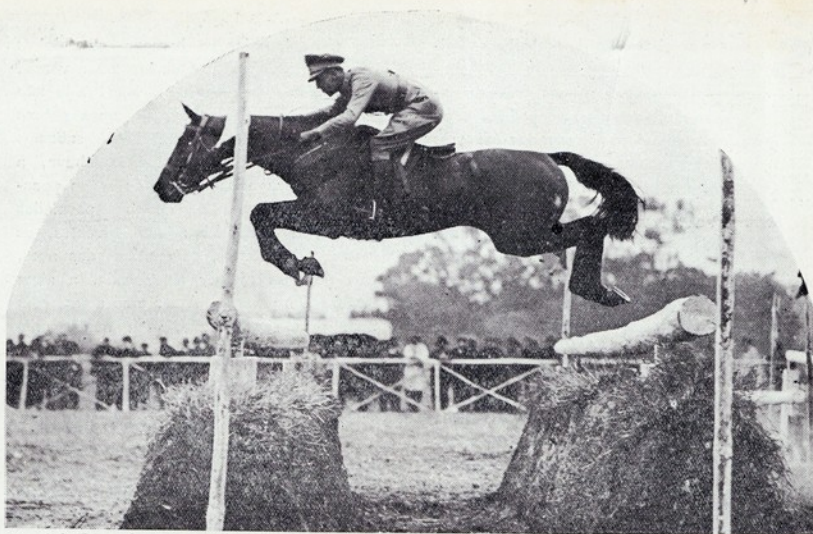
O cavalo está escolhido. Resta, agora, desenvolver-lhe um conjunto de qualidades, que, juntas àquelas que lhe são natas, farão dele um verdadeiro cavalo de obstaculos.

Consideremos exclusivamente o ensino dêste ramo de equitação, e ponhamos completamente de parte todo aquele que se refere ao cavalo de sela. É um paradoxo, mas é uma necessidade. O ensino do cavalo de sela é a base de toda a equitação; como tal, está sempre e intimamente ligado a qualquer outro, mas eu quero sòmente falar da especialidade. Se não pensasse assim. teria que escrever um tratado...

São condições indispensaveis a fazer adquirir no futuro cavalo de obstaculos: calma, franqueza, respeito do obstaculo e facilidade de dispor do seu proprio peso. Falemos sòmente da ultima, por ser a mais interessante, e deixemos as outras, para as quais é, tambem, necessario ensino adequado, muita cabeça e muita perseverança.

É logico e a observação demonstra que um cavalo, para poder transpor um obstaculo, necessita primeiramente de aliviar a frente (ante-mão), isto é, transpor grande parte do seu peso para o post-mão, para, implicitamente, tendo tornado a frente ligeira, estar em condições de iniciar a elevação.

O que faz o cavalo para o conseguir? Ele vai calmo, sentem-se reunidas todas as suas energias, vê o obstaculo, estende o pescoço, parece querer medir com ele a distancia que o separa, estende mais, marca, agora, uma maior resistencia no ante-mão, que se revela por uma ou duas pequenas batidas dos membros anteriores a facilitar a entrada dos posteriores e a consequente elevação do rim, a frente torna-se ligeira, marca uma ultima batida e, energicamente, numa distensão poderosa, inicia o salto.

É o pescoço que, com o seu movimento basculante, vai dar ao cavalo o elemento necessario para realizar a segunda fase do salto. A sua extensão dirigida para o solo, bascula, facilita a elevação da garupa, a passagem dos membros posteriores; é como que uma especie de mola muito possante a levar suave e rapidamente uma massa poderosa. Os membros anteriores estendem, assentam no solo, e o cavalo saltou.

O que faz o cavaleiro para conseguir isto do cavalo? Ensinando-o a dispor por si do seu proprio peso com o salto á guia e em liberdade sobre obstaculos variados, e muito principalmente sobre triplos e quadruplos; a saltar montado, primeiramente a passo (gimnastica do pescoço e rim), e a galope quando neste andamento o cavalo aceitar facilmente, sem a mais pequena resistencia e sem modificar a sua atitude do pescoço em extensão, qualquer aumento e diminuição de andamento (mudanças de equilibrio). Quero frisar esta ultima parte, porque, se o cavalo aceita a galope qualquer acção de mão, tambem por si pode, quando perto do obstaculo, fazer as mudanças de equilibrio (transposições de peso) que julgue necessarias e que aprendeu quando trabalhava em liberdade. O que é preciso é que o cavaleiro conserve fixo o seu centro de gravidade. E é a isto que se chama equilibrio do cavaleiro.

Foi desta verdade indiscutivel que nasceu, com Caprili, oficial de cavalaria italiano, a moderna montaria, adoptada, hoje, quasi universalmente.

São desnecessarias palavras quando se pode facilmente exemplificar aquilo que queremos fazer ver.

A fotografia do tenente Barrento, um dos nossos melhores cavaleiros internacionais, mostra, com o seu cavalo «Essex», a correcção dum cavalo e a correcção dum cavaleiro. O corpo á frente, o calcanhar baixo, os braços naturalmente estendidos, soltos, a permitir o movimento basculante do cavalo, os estribos curtos, a tornar livre o dorso, suficientes a dar ás pernas o necessario apoio, a naturalidade com que tudo se desenrola, mostram equilibrio, á-vontade, arte. Conta o comandante J. de Salins, no seu moderno, pratico e inteligente livro «Épaule en dedans—son aplication au dressage du cheval de selle et d'obstacles», que a equitação é a arte mais nobre e mais antiga. E diz: «O homem, entre outras coisas, inventou o pincel, o buril, a trolha, a rima e a clave do sol, mas foi Deus, ele mesmo, que criou, um para o outro, o homem e o cavalo. A equitação aparecerá assim no sexto dia da criação».

«Nesse dia, Deus fez o homem com um «derrière» para se sentar sobre a sela, com pernas para accionarem o cavalo e com mãos para o pararem e dirigirem. Sabendo que ele seria demasiadamente delicado junto do seu robusto companheiro, o Criador tinha, já na vespera, dotado o cavalo dum gracioso e poderoso pescoço. Designando-o ao seu futuro cavaleiro, ele lhe explicou: «Eis a alavanca que, entre as tuas mãos, reduzirá quasi a nada o forte peso do teu fogoso corcel». Ele disse: e a Equitação fez-se.»

Tenente X.

Presentemente, já se ensinam cavalos em Africa para os levar aos concursos da Europa. — O tenente Fernando Pais, em Lisboa, no seu cavalo «Envoy», em dois saltos admiraveis de estilo e energia

As correntes politico-sociais extremas — as unicas que «vivem», hoje, no mundo: o fascismo, como reacção e temporaria valvula de segurança contra a fatalidade historica do comunismo ou organização congenere, e o comunismo — espalham-se com uma surpreendente facilidade.

A Inglaterra tem já, tambem, o seu fascismo organizado e combativo, as suas camisas negras unidas e disciplinadas, as suas aguerridas «tropas de assalto».

Todavia...

A onda dos trabalhistas e comunistas britanicos assiste, sorridente, ás suas espectaculosas demonstrações ou dá-lhes combate em todos os campos; e as autoridades intervêm, por vezes, evitando abusos intervencionistas na vida e na acção dos organismos do Estado.

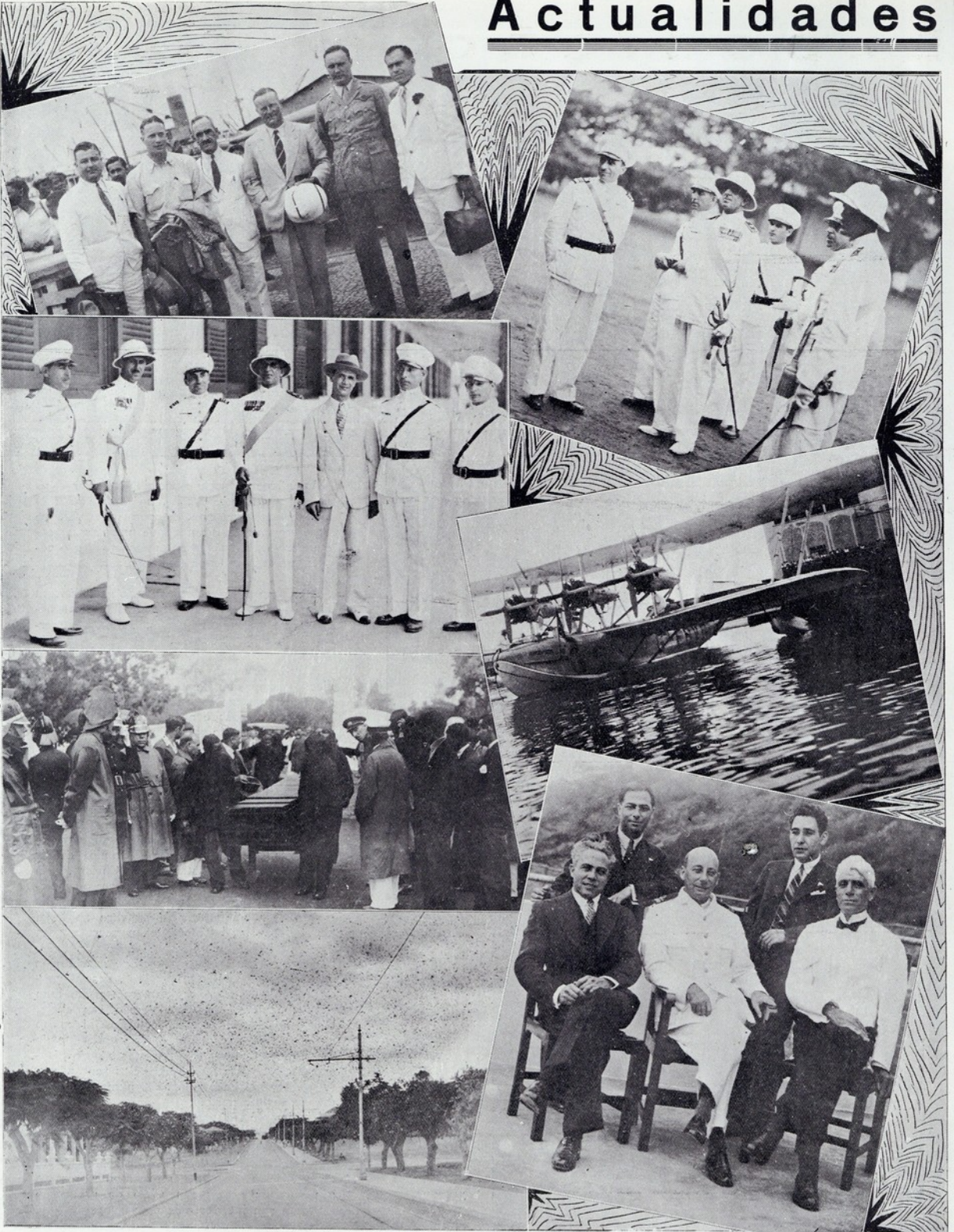
Mesmo assim, o fascismo inglês — que está, no entanto, longe de constituir um perigo social — alastra e avigora-se de dia para dia.

Nesta pagina, cheia de palpitante actualidade, damos alguns aspectos da vida fascista britanica. Em cima, vemos nós — digamos — o quartel fascista da União Britanica de sir Oswaldo Mosley's, instalado, em Chelsra, num edificio que anteriormente serviu para o funcionamento dum dos maiores estabelecimentos de ensino para mulheres. Na gravura ao lado, assistimos ao alistamento dum recruta para as «tropas de assalto».

A gravura abaixo dá-nos um aspecto do desfile de 800 fascistas londrinos, desembarcados dum comboio, para tomarem parte num grande comicio organizado pelo seu chefe, Oswaldo Mosley's. Esse comicio foi muito movimentado e cortado de incidentes, tendo as «tropas de assalto» fascistas sido violentamente atacadas á pedrada pelos seus adversarios e tendo havido, depois, numerosos feridos de parte a parte.

Finalmente, a outra gravura mostra-nos um grupo de fascistas que pretendiam opor-se a um arresto a umas colheitas por divida de contribuições ao Estado. Um representante da policia aquartelada no campo apresenta aos camisas pretas um aviso de prevenção contra a sua interferencia no assunto.

ASCISMO

Actualidades

De cima para baixo e da esquerda para a direita: — *Da esquerda para a direita: sr. Jaime Vasques, da Casa Rennie, Mr. W. S. Brancher, agente comercial da Imperial Airways, Mr. A. Trolley, gerente da sucursal da Casa Rennie, nesta cidade, Mr. Major H. G. Brackley e capitão aviados C. Lumsdem, da missão de estudo da Imperial Airways e Jorge Belo, da Casa Rennie. Dois aspectos da visita ao quartel do Esquadrãa de Dragões, dos comandantes dos submarinos italianos que estiveram nesta cidade, srs Carlo Savia e Alberto Bataglia, acompanhados do sr. Chefe do Estado Maior, tenente-coronel Pinto da França, comandante do esquadrão, capitão sr. Luciano Granate e do Consul da Italia, sr. Gaspare Buffa. Um aspecto da trasladação das ossadas dos pioneiros da Colónia, realizada pela Camara Municipal, no dia 25 de Novembro para o Cemiterio de S. José de Lhanguene, onde ficaram depositadas num mausoleu. O hidro-avião «City of Alexandria», da Imperial Airways, que visitou esta cidade em Novembro. Um aspecto da invasão de gafanhotos em Lourenço Marques. A direcção do Gremio Nautico que no dia 10 deste mês, ofereceu ao seu presidenle, Comandante Vasconcelos e Sá, que se vê ao eentro, um chá dançante de despedida, por ter terminado a sua comissão de serviço na Colónia, como Capitão do Porto de Lourenço Marques, e que seguiu pelo «Mousinho» para a Metropole.*

Exposição escolar

De cima para baixo e da esquerda para a direita: *Aspecto da exposição de trabalhos manuais dos alunos da Escola Paiva Manso.*

Aspecto da exposição de trabalhos dos alunos da classe mais atrazada da Paiva Manso.

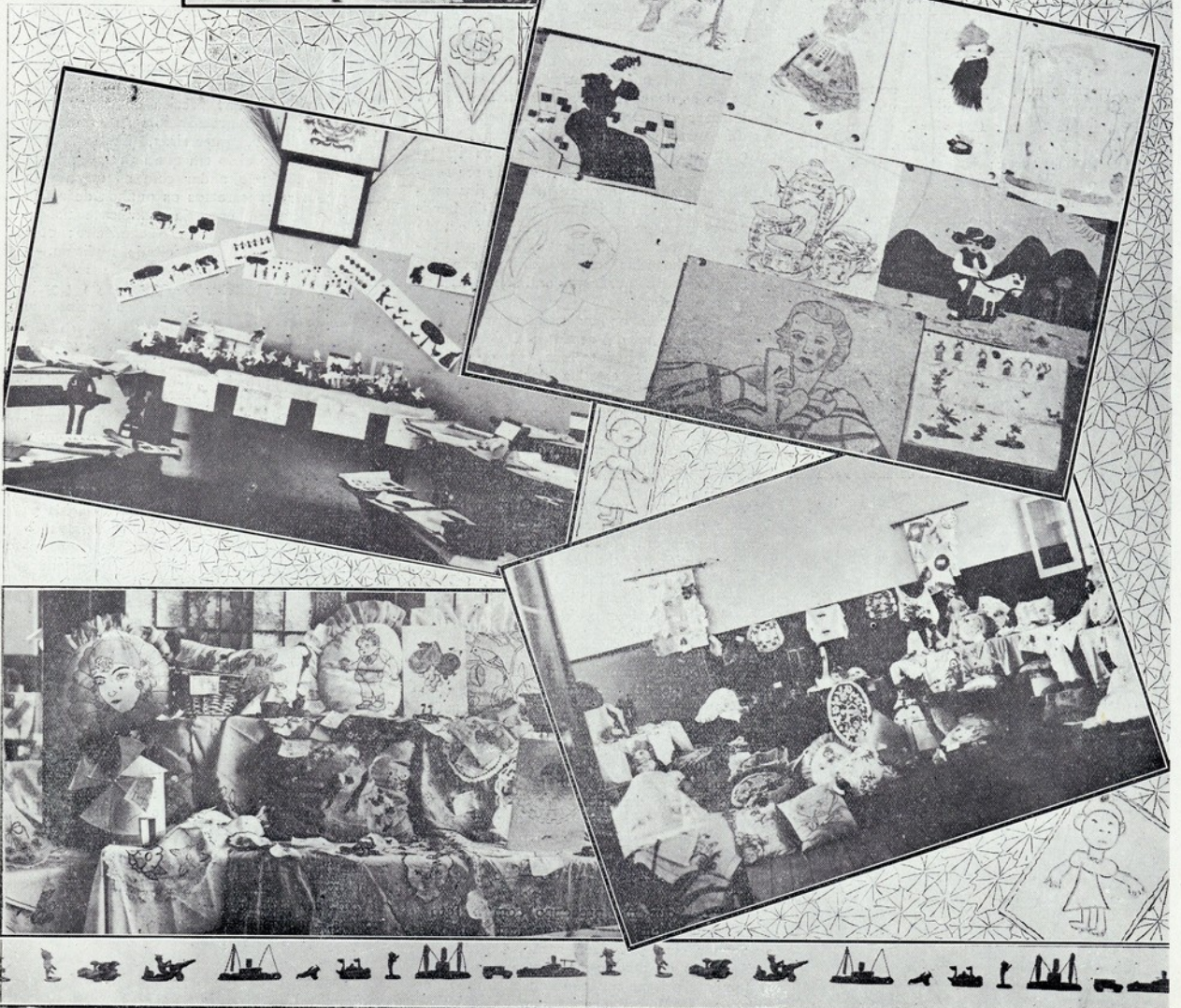
Alguns desenhos interessantes executados pelos alunos da Paiva Manso.

Dois aspectos da exposição de trabalhos manuais dos alunos da Escola 1.º de Janeiro.

A barra em baixo reproduz alguns trabalhos em barro feitos pelos alunos da Paiva Manso

CARTA DE UM HOMEM MAL VESTIDO

por Tomaz Ribeiro Colaço

Ilustração de BOTELHO

Minha querida amiga:

GOSTO de escrever-lhe assim, sem razão, sem motivo, apenas para melhor pensar em si diante destas folhas de papel branco.

O Assunto morreu, talvez de indigestão, sobre a face desinteressada da Terra. Conferencias de desarmamento? Agitações vulcanicas em Cuba? Cheliques da Republica espanhola? Sim. Sempre as mesmas coisas, previstas, inuteis. Vivemos em igual ramerrão desde que você partiu para Lourenço Marques, — cidade mascula e fecunda que deve fumar cachimbo. Nada acontece, nesta nossa Lisboa, que o verão aqueceu, amolheceu, dispersou — e que o dealbar do outono vai, agora, acordando sem alvoroço. Nada. Coisa nenhuma. Dias que passam, como contas dum rosario rezado sem fervor.

Não tenho, pois, qualquer merito em voltar-me para a sua lembrança; é por feio egoismo que lhe escrevo, para falar-lhe de si, de mim, do que penso hoje.

Gosto de saber que você mora, aí, numa casa requintadamente europeia; que atira o seu carro a largas faixas asfaltadas; que gira num intenso viver mundano, e que, quando quere, capta os garganteados dos grandes centros, com duas voltas á maçaneta da sua telefonia. Mas deixe-me dizer-lhe que, para nós, selvagens do Chiado, não ha rumor de existencia africana que não envolva palhota de folhas de palmeira, mato duma espessura traiçoeira, gentes de reluzente dentadura, que andam banhadas por uma ferocidade negra — e de tanga.

Não vivemos no tempo em que certo pessimista famoso, ouvindo repetir que «o futuro de Portugal está nas Colonias», preguntava interessado: «Quando voltará?...». Não. Já sabemos; já sentimos; já aceitámos. Mas a palhota, o mato e a tanga — pela estupida longevidade da estupidez — continuam a florir na nossa imaginação quando nos falam da Africa. Considere-me, pois, um primario, se lhe confessar que a evoco num quadro confuso, de que esses três elementos fazem parte; mas não me chame nomes se eu lhe jurar que, dentro dessa evocação, um dos tais três elementos lhe fica muitissimo bem...

E a proposito: Estou cada vez mais ferrenhamente convencido de que o homem do seculo XX erra fundamentalmente numa coisa: — a forma por que se veste.

Não imagine que eu sou, de repente, um partidario do nudismo. Não. Nem sequer desse nudismo com escritos, de ingenuo sabor africano. Homem superiormente pacato, detesto todos os exageros. Não poderia, pois, defender um regime indumentario que só conduz a dois extremos: — o bonito demais ou o feio demais.

Tambem não sou um fervoroso discipulo de Mr. Maurice de Waleffe. Esse, moveu uma campanha ociosa contra os horrores que nos cobrem; queria que regressassemos aos calçotes de tecido caro, a todo o requinte taful dos maricas de Francisco I. E seria pior a emenda do que o soneto.

Está condenado a morrer todo o movimento que tenha em mira embelezar o sexo feio. Tal como as dansas modernas se fizeram para movimentar canastrões e paquidermes incapazes de dansar, assim as modas masculinas — ao contrario do que sucede com as implacaveis modas femininas... — terão de ser sempre subordinadas á enorme maioria dos mal-feitos. O burguês cuida sobretudo da barriguinha; faz pé de meia no estomago; e tudo isso se lhe revela, na plastica, em rotundidades aconchegadas, que se diriam sorvidas ás barrigas das pernas, geralmente escanifradas e palitais.

Dêsses, e são os mais, não pode esperar-se a adopção da moda que defende da faceirice. Nem me interessa, se quere que lhe diga tudo, a estetica dos meus semelhantes.

A noção que me prende é apenas de horror ao fato de homem, em nome da logica que ele ferozmente desrespeita, da higiene que, sem piedade, desatende, da simplicidade a que foge.

Olhe bem para um homem. O mais bonito. O mais elegante. Abstraia da noção de que sempre assim viu o seu pai, os seus irmãos, os seus amigos. Atire os seus lindos olhos para além do habito. E repare. Repare que esse homem enfiou as pernas em dois sacos paralelos e bambos e traz um emplastro do mesmo pano ajustado ao peito, por dentro doutro saco mais curto em que meteu o corpo, e que se ramifica em dois sacos mais delgados e pendentes, para os braços; cinco sacos e um emplastro: aí tem você casaco, calças, colete. Quem pode tomar a serio uma civilização cujos proceres ensacam esmeradamente tudo aquilo que a Natureza lhes deu, abitolando a elegancia pelo preço, qualidade, corte e vincado dos mesmos sacos? Não, minha amiga! Antes tanga, do que «fraque»; antes folha de parra que jaquetão; e, se já não ha nenhum pecado original, antes a candida nudez do Paraíso — do que uma rabona.

Dir-me-á que me preocupo com o fato e que um homem deve, justamente, não se preocupar com ele. Tem razão. Carradas de razão. Mas eu insurjo-me contra o que visto justamente porque me não consente essa despreocupação. Pense apenas numa das pragas dos fatos de homem: — os botões. Nem você pode visionar, nem eu posso fazer-lhe uma enumeração total... Deve saber que usamos ligas e em cada liga abotoamos dois botões, ou o equivalente; não a melindro se lhe explicar que usamos suspensorios, presos a 6 botões; e não desvia o olhar indignado se eu lhe mencionar 3 botões pequenos no peitilho da camisa, 2 botões postiços no colarinho, uns 7 ou 8 no colete, uns 2 ou 3 no casaco, etc... Não. Isto não pode ir com «et coetera». Espere um momento... Pronto. Fiz um calculo mental cuidadoso, e juro-lhe que um homem normal, normalmente enfarpelado, abotoa, ao vestir-se, pela manhã, um minimo de 35 botões (não contando calçado, luvas e sobretudo); dado que, á noite, ele tem que desabotoar os mesmos 35 botões; considerando que, em geral, muda de fato uma vez e que varios miudos ou grandes gestos do seu viver implicam actividade para os seus botões, verificará que não lhe minto se lhe assegurar que um homem deste seculo é um desgraçado, obrigado a preocupar-se com botões, pelo menos, «cem vezes ao dia».

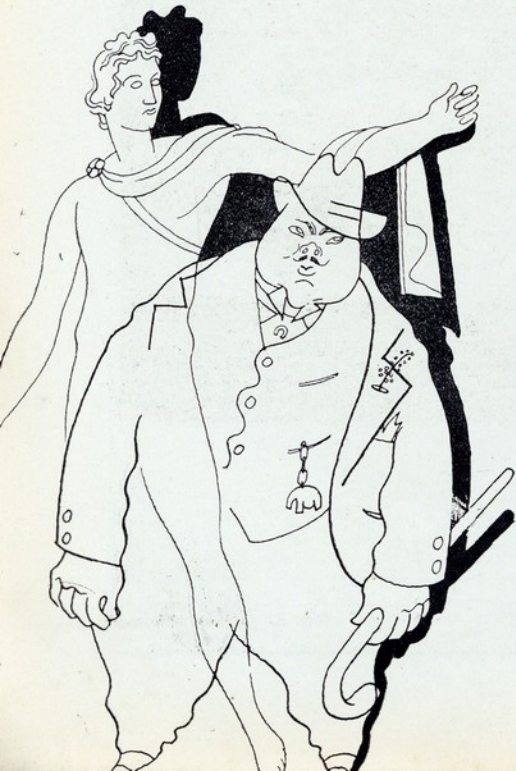
Se tanto trabalho levasse esse homem a uma grande beleza, a uma comodidade perfeita, a uma higiene impecavel, vá. Mas leva-o a um conjunto que só o habito nos impede de tomar por abortivo; obriga-o a cuidados constantes no sentar, no andar, no ir e vir; cobre-o de panos sordidos que são o Paraíso Terreal do microbio, porque não podem mergulhar na frescura purificante da barrela.

A grande revolução será a que derrubar o cheviote. Não voltaremos, decerto, á tunica de Solon, tam austera de linhas mas inadaptavel ao cidadão que precisa de correr para o electrico; não regressaremos ás armaduras medievas, hirtas, guerreiras, ilustres, mas deslocadas neste ciclo em que as cavalgaduras aprenderam a não andar com as mãos pelo chão; nem restauraremos os punhos de renda com que Buffon escrevia finamente acerca da Natureza e enriquecia o camiseiro; nem caminharemos para o já citado nudismo, — que me deixaria sem saber onde meter a boquilha, esta caneta, o «passe» da Carris e um masso de cigarros; mas creio que iremos todos para o roupão de banho, enfiado sobre um pijama e amarrado á cintura com duas borlas. Usamo-lo em casa, pelas manhãs? É o principio. Um destes dias alargamos, rua fora, os passos que damos pelo corredor. E formaremos, emfim, uma humanidade coerente, limpa e clara, onde o homem se cobre sem pretensão e só a mulher continua a vestir-se cada vez melhor.

Por mim, se não tivesse de ganhar para viver — coisa que impede as excentricidades messianicas — amanhã mesmo desafiava o pasmo da Havanesa, a penumbra conspiratoria da Brasileira e a hipertrofia comentadora do Tauromaquico — descendo o Chiado, ás 5 da tarde, embrulhado no meu roupão de banho. Assim, espero que me saia a sorte grande; só ela me habilitará cabalmente — e em todos os sentidos — a olhar, para o meu alfaiate, de cima da burra...

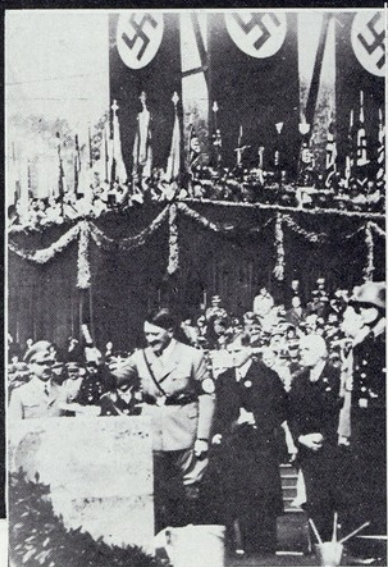
* * *

Perdôe-me. Alonguei-me. Da janela, se ergo os olhos para ver o que vou dizer-lhe, espreitam-me arvores que andam a adormecer e se despem molemente de folhas inuteis. É uma hora literaria por excelencia. O que é uma grande carta senão um punhado de folhas inuteis?... Recolha estas, um momento, no seu regaço. E Deus queira que elas lhe levem, até tam longe, quanto eu, no fim de contas, quis dar-lhes: — o perfume duma saudade que lhe quere bem.

(Inédito).

A Alemanha nazi

A Alemanha continua a prender as atenções da Europa. A prender e a inquietar... Hitler e os seus «nazis», aguerridos e fanaticos, continuam a constituir uma ameaça e um perigo para a paz mundial.

A gravura ao lado diz respeito á derradeira viagem do chamado «Leão da Flandres», o velho heroi alemão da guerra mundial, almirante Ludwig V. Schroder. O funeral fez-se com grande solenidade. Hitler fa-

movimento **nazi**». Este martelo foi-lhe entregue para... destruir o mau agoiro produzido por se haver partido nas suas mãos o martelo que servira á cerimonia da colocação da pri-

Arquivemos aspectos da vida da Alemanha sob o governo do seu chanceler.

Numa das gravuras aparece-nos Hitler, com os seus ajudantes, no meio duma imensa multidão, entre as bandeiras das suas tropas, por ocasião duma festa das municipalidades.

lando no cemiterio dos invalidos dirigiu o ultimo adeus ao bravo soldado.

A gravura da esquerda, em baixo, dá-nos a cerimonia da entrega a Hitler dum martelo de prata que lhe foi oferecido como «simbolo e sinal de confiança no futuro do

meira pedra duma nova galeria de arte, em Munich...

A outra gravura da esquerda mostra-nos as crianças das escolas aprendendo a saudação «nazi». A saudação é tam necessaria, tam indispensavel como o A B C.

Aviação civil em Lourenço Marques

Alguns aspectos da inauguração do avião C.R.—M. A. H. da Aero-Colonial, no dia 2 de Dezembro no campo do Aero-Club desta cidade.

EM CIMA: Dois aspectos do C.R.-M.A.H.

AO CENTRO, á esquerda: o sr. engenheiro Pinto Teixeira á saida do avião após um vôo de recreio; á direita: o tenente-coronel sr. Jorge Castilho descrevendo o seu raid, aos srs. chefe e sub chefe do Estado Maior.

EM BAIXO, á esquerda: Um aspecto da assistencia ao festival de aviação da Aero Colonial; á direita: os aviões do Aero Club; ao centro, em baixo: outro aspecto de duas senhoras da nossa sociedade que subiram no C.R.—M.A.H.

Um "caso psicologico"

por Apolonia CABRAL

Ilustrações de **Guida Ottolini**

UEM é aquela mulher loura que está sentada na mesa do fundo, entre dois homens, e que tão insistentemente nos olha? — preguntou Vasco Sequeira, antes de sorver o ultimo gole do seu aromatizado «zagrin».

— O quê? Vasco! Você não sabe quem ela é? — retorquiu Dora, entre trocista e admirada. E' uma mulher que toda a cidade conhece!!...

— Você esquece-se, Dora, de que eu não pertenço á cidade e que desconheço em absoluto os personagens que nela representam a sua comedia — volveu Vasco, ao mesmo tempo que fazia girar pela mesa a cigarreira de prata fôsca.

— Dora, tu ainda desconheces Vasco — disse-lhe o irmão, um belo rapaz moreno, de ombros largos, que estivera olhando a mulher que, ao fundo da sala, sorria alegremente aos companheiros. Vasco, como homem superior que é, tem um supremo desdem pela intriga mesquinha e perversa, que se desfia na cidade. Não lhe interessam as palavras mais ou menos falsas, nem os comentarios malevolos que por vezes aqui se fazem e dizem. Gosta, porém, de filosofar um pouco sôbre os temas que a vida lhe fornece, mesmo quando está sentado á mesa dum café. E a Guida não engana o olhar experimentado dum bom observador.

— Quere dizer, Vasco é assim uma especie de raridade... e ainda por cima um bom observador — tornou Dora, com um sorriso de graciosa impertinencia.

— Isso mesmo — gracejou Vasco, olhando admirativamente a juvenil irmã do seu amigo.

Guida, a mulher que sorria sempre e que despertara a curiosidade de Vasco, tinha-se levantado e, seguida dos companheiros, um já velho e o outro moço ainda, dirigia-se para a porta. Ao passar pela mesa que os dois irmãos e o amigo ocupavam, lançou a Rui — o irmão de Dora — um olhar de ostensivo desafio. Era uma lindissima mulher. Os cabelos, dum loiro quente e natural, emmolduravam-lhe o rosto como uma aureola. Na boca carnuda, que uma ligeira «maquillage» avermelhava, um sorriso fatigado, doente. Dir-se-ia que Guida tomara o encargo sobrehumano de sorrir sempre, mesmo que nos seus olhos perpassasse subtilmente aquela expressão de vago alheamento, reveladora, nela, de desalento e «surmenage».

Na vasta sala do café onde Rui trouxera a irmã e Vasco, recem-chegado duma peregrinação pelo interior africano, já poucas mesas restavam vagas.

O calor intensificava-se naquela atmosfera que o fumo saturava. Corria o mês de Maio. O ceu purissimo, que o calor e o sol tornavam mais intensamente azul, era, de quando em quando, rasgado pela asa branca das gaivotas. Através das largas janelas avistavam-se uma nesga de mar e uma parcela de cais. Dum navio atracado ha pouco saía uma multidão bizarra e cosmopolita de excursionistas que rapidamente se dispersavam pela cidade.

O dia declinava mansamente. Acendiam-se as primeiras luzes.

— Mas, afinal, quem é essa mulher tão estranhamente bela? — preguntou, de novo, Vasco, olhando Guida, que se perdia já na multidão anonima que cruzava a rua.

— Peça ao Rui que lhe faça a biografia. E'-lhe familiar — disse Dora, sorrindo ao irmão, emquanto abria a preciosa caixinha de «Houbigant» e fazia voltejar a borla cariciosamente pelas faces.

— E' do teu conhecimento, essa rapariga? — voltou o amigo.

— Essa rapariga que acaba de sair — começou Rui, pausadamente, emquanto os labios lhe tremiam numa ligeira contracção emocional — justifica o teu interêsse de observador «diletante», porque foi, até hoje, a unica mulher que entrou na intimidade da minha vida. A sua biografia é-me familiar, como diz Dora, porque convivi com ela anos seguidos. Foi minha companheira na escola de Belas Artes e é, como eu, escultora. Trabalhámos juntos muitas vezes e, depois do curso feito, visitámos ambos muitos templos de arte e de beleza, vibrámos ambos igualmente ante a mesma obra perfeita e bela, tivemos as mesmas ambições, conhecemos as mesmas lutas, dividimos os triunfos. Dessa intima convivencia, dessa comunidade de aspirações e de ideais, nasceu a resolução de casarmos. Guida era pobre e tinha a familia na provincia. Minha mãi, e até Dora — e Rui olhou tristemente a irmã, que baixara os olhos com embaraço — viam com maus olhos a minha resolução de casar com uma rapariga que vivia sòzinha na cidade, em companhia duma velha criada, que lhe permitia todas as liberdades, todos os caprichos, todas as boemias que só a um rapaz é uso consentir.

«Mas eu sabia, ou, antes, convencera-me — acrescentou Rui, com um sorriso melancolico — de que Guida era boa, era digna, e não merecia a reservada atitude de minha mãi.

«Guida tornara-se muito conhecida na cidade. Guardei-a de todo o mal. Fui o seu guia, o seu escudo, o seu amigo.

«Um dia, fui convidado a expor num «salon» de Paris. Parti para ali. Ela quis acompanhar-me. Eu recusei-me a isso. Mostrei-lhe os inconvenientes dessa viagem, fiz-lhe ver a que comentarios se sujeitava indo só na companhia dum rapaz para tão longe. Acatou a minha resolução como sensata. Prometi-lhe, com mil palavras de afecto, voltar breve e casar logo que chegasse.

Rui fez uma pequena pausa, atirou nervosamente com o cigarro apenas meio fumado e acendeu outro.

— Quem eram aqueles homens que a acompanhavam? — preguntou Vasco, aproveitando o silencio.

— Um deles não conheço. O outro, o velho, é o marido — respondeu Rui, com secura.

— O quê? Mas, então, ela casou com outro? — preguntou, com espanto, o amigo.

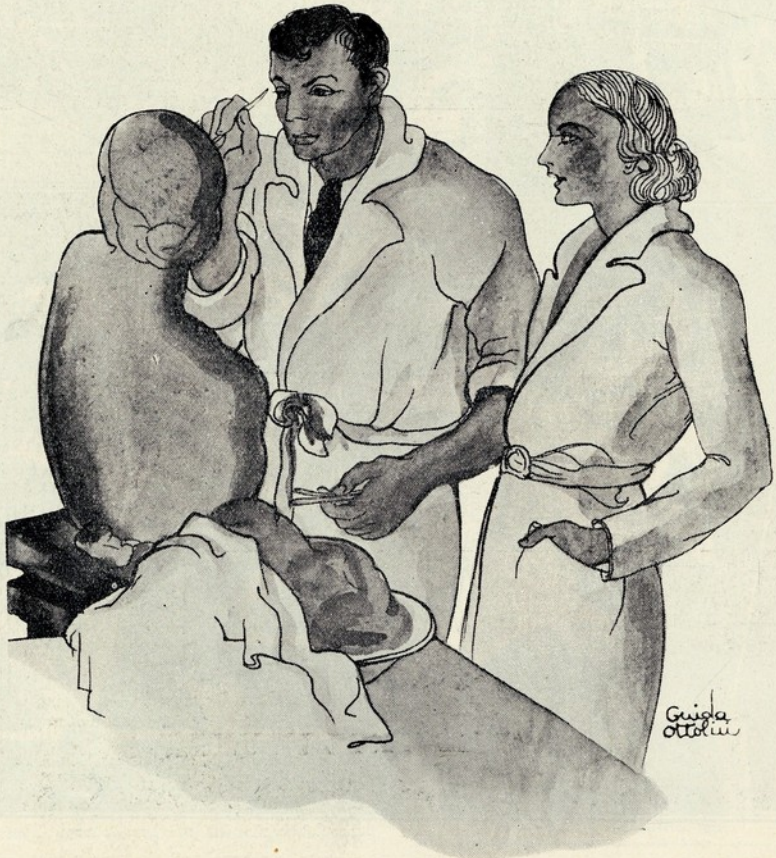
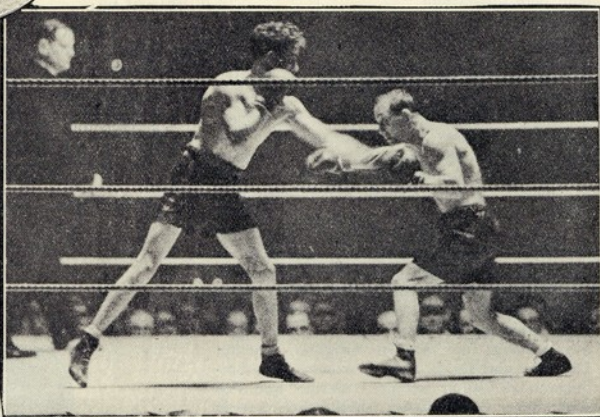
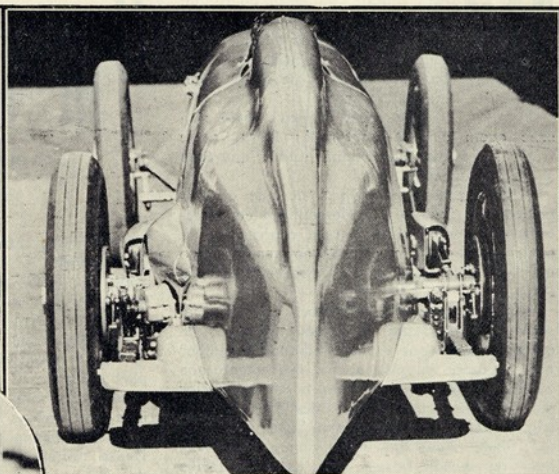
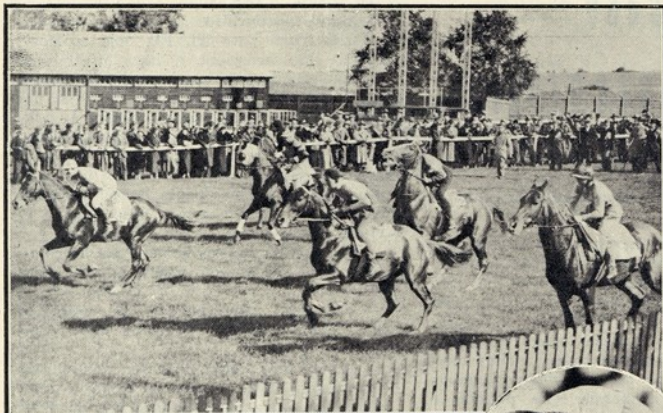
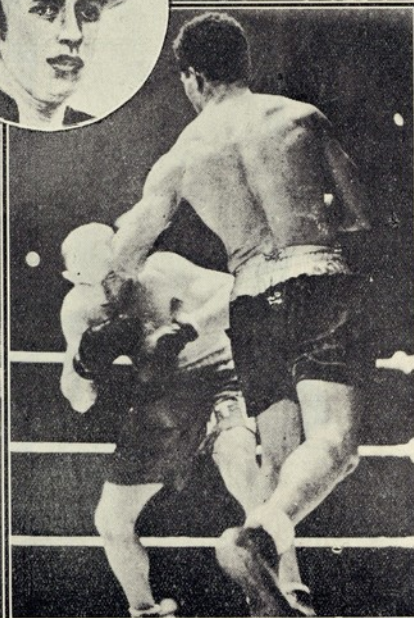
Dora procurava esconder uma lagrima furtiva, que a historia do irmão relembrada provocara. Nos olhos perpassava-lhe, de quando em quando, um clarão que poderia ser de odio, se a sua alma não fôsse limpida e tolerante...

Tinha anoitecido. Do navio ancorado no porto saía um rolo de fumo negro que punha no ceu uma nesga de tristeza.

— Sim, como vês — disse Rui, reatando a conversa — quando voltei á minha terra, depois dum mês de ausencia, vim encontrar uma ilusão desfeita...

— E tiveste pena? — preguntou Vasco, com um ligeiro tremor de compaixão na voz.

— Muita. Mas prefiro que tivesse sido assim... — retorquiu o outro, levantando altivamente a cabeça, com o gesto dum homem que retoma o dominio de si proprio.

(Inédito).

Desportos estrangeiros

— Mulheres modernas. As amazonas que tomaram parte na corrida de Newmarket Town e os «oito» femininos da regata de Bourne Cup.

— Um monstro da Civilização... O «Magic Midget», o mais rapido «baby» do mundo.

— Jackie Brown, de Manchester (à esquerda), perdeu o seu titulo mundial dos pesos «mosca», perante o americano Midget Wolgast, num combate realizado em Londres. O americano ganhou aos pontos.

— Uma «chegada» apertada: K. S. Hellrick ganhando as 100 jardas do torneio da Universidade de Cambridge.

— Marcel Thil (de costas) sustentou o seu titulo de campeão do mundo dos pesos médios, batendo, aos pontos, em Paris, o cubano Kid Tunero.

Nos medalhões: em cima o «jockey» Gordon Richards, que bateu o «record» de Fred Archer (em baixo), ganhando 247 corridas na «season» de 1933.

Fred Archer nasceu em 1857, correu em 8.084 provas e ganhou 2.748, vencendo 5 vezes no grande Derby!...

PARTIR nem sempre é triste... Quebrar amarras... Largar a terra que nos prende... Dizer adeus á terra... — á terra onde vivemos, onde lutamos, onde sofremos...

Prazeres... desgostos... maguas... alegrias... risos... lagrimas... afeições... inimizades... — tudo ali fica... Farrapos da nossa vida, da nossa alma... Horas fugazes, rapidas, leves, diluidas... Minutos pesados, angustiosos, tragicos, eternos... Tudo ali fica... Tudo lá fica, naquele cemiterio que é um jardim florido de magnolias alvas, de cravos rubros, de lirios roxos, entre a verdura pintada das esperanças que não morrem ou... que nunca existiram..., sob as loiras casquinadas de um alegre e claro sol... Tudo lá fica, naqueles tumulos simpaticos onde a saudade — moderna, adaptada, geometrica, decente, estilizada... — dansa e canta a musica-tumulto dos «jazzs»...

Partir nem sempre é triste... Largar a terra — a terra que nos prende, nos fixa, imobiliza... Cortar, sem dó, como quem ceifa madeixas — loiras, castanhas, negras, oxigenadas... — num salão de cabeleireiro, todas as raizes, profundas ou superficiais, que nos vegetalizam...

Partir é deixar de ser escravo... quebrar grilhetas... ser livre — nascer outra vez!..

Largar a terra... E quando nos afastamos e ela se contrai, se dilui, se embruma, se apaga... — o nosso ultimo adeus a esse cemiterio-jardim, a esses jazigos-«cabarets», toma a expressão, o ritmo, a sonoridade, a beleza triunfadora dum hino de Vitoria... — a vitoria sobre nós proprios, sobre o que fomos, sobre o passado; a Alegria de vivermós uma nova vida... E esse derradeiro adeus é a hora prima, arrebatada, cantante, policroma, fresca, heroica, dessa nova existencia, do nosso renascimento, no ponto em que a vida se biparte...

Prazeres... desgostos... maguas... alegrias... risos... lagrimas... inimizades... afeições... — tudo ali fica... na terra que se acomoda e se integra na linha do horizonte...

....

E o mar sobe... o mar desce... a onda vai... a onda vem... e vai-se... e volta... e encrespa-se... e desfaz-se... e sobe... e iriza-se... e chispa... e revolta-se... e tumultua... e espadana... e ronca... e amansa... e canta... e murmura... e segreda... e trepa... e engorgita-se... e arfa... e resfolega... e morre... e renasce... e rebrilha...

Alegria do mar!...

Sinfonia do Movimento!... Sinfonia do Inconstante!... Sinfonia do Inedito!... Sinfonia do Incognito!... Sinfonia do Futuro!... Orquestração suprema!

....

E quando, o braço erguido, a mão em concha, a boca em riso, os olhos-espelhos-do-ceu, a alma em festa, no cordame dum barco despedimos o ultimo adeus á terra (que é já um ponto imperceptivel perdido no horizonte...) — o que a terra recebe, pelas ondas hertzianas, são apenas os acordes polifonicos dessas estupendas partituras que só o Mar sabe escrever...

Partir... — nem sempre é triste... E', tambem, muitas vezes — a Alegria de Viver!

SOBRAL DE CAMPOS.

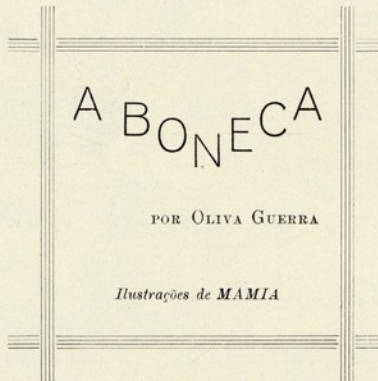
A BONECA

por Oliva Guerra

Ilustrações de MAMIA

Na tarde triste de Dezembro agreste, as horas escoam-se, vagarosas, no tic-tac do relogio antigo. Lá fora cai, persistente, uma chuva miudinha e gelida que penetra até ás almas. E' vespera de Natal, um torvo Natal em que Isabelita não sente aquela alegria que todos os natais punham sempre na sua alma branca de menina. E ela vai pensando. Meses antes, quando os crisantemos mal sacudiam ainda a juba de oiro ao sol anemico do outono, acompanhara ela, um dia, sua mãi — a êsse tempo ainda formosa flor de altura — pelas avenidas ruidosas da cidade tumultuosa, numa longa visita a lojas elegantes, em busca daquelas mil pequenas insignificancias que fazem o conjunto de necessidades em que se agita a vida duma mulher futil. Era a hora dourada em que a luz se perde ao longe, na linha fugidia do horizonte. Costureiritas modestas recolhiam, apressadas e ladinas, por entre os transeuntes, que as fixavam com insistencia. Alta e requebrada, toda ondulante na sua linha esbelta de silfo, a mãi de Isabelita caminhava, com um andar coleante, numa irradiação plena de graça e de pecado, toda envolvida numa onda de veludos caros.

A pequena recordava essa tarde mansa, tão recente ainda e tão distante já, e via-se, a seguir, de novo, a rua movimentada, muito cingida á silhueta esguia da mãi. Mirando, ao acaso, o que se lhe deparava no caminho, o seu olhar fôra, de repente, cair sôbre a montra dos brinquedos e, fazendo parar a mãi, absorvera-se na contemplação cubiçosa daquele mundo tentador e pequenino, onde se aninhavam as mil maravilhas que lhe enchiam os olhos de desejos e punham nas suas mãos pequeninas o gesto ávido de agarrar. Eram carrinhos, palhaços, arlequins, bonecas de todos os tamanhos, mobilias de sala, serviços de chá, pianos de exiguas dimensões — um mundo complicado e miniatural, proprio a deslumbrar uma imaginação irrequieta de dez anos. E, ao centro, abrigada pela caixa de cartão, como num solio uma rainha, uma boneca de preço, uma boneca enorme, com um rosto quasi humano, uns olhos quasi humanos, uma expressão quasi humana, vestida de rendas como um bébé rico, sorria graciosamente, desafiando na alma de Isabelita um desejo invencivel de posse. E logo ela ficara fascinada, estatica, vencida pela ansia de chamar sua áquela boneca rara.

Depois disso, não tivera outro pensamento, não mais tivera um momento em que a atracção daquela maravilha a não obcecasse. Para a apertar nos seus bracitos debeis, onde se vincava já aquele jeito maternal que faz de cada regaço feminino um berço, daria todas as sedas caras do seu guarda-roupa de criança rica, todo o conforto resplandecente da sua casa luxuosa, todo o seu arsenal de brinquedos preciosos, que, ao pé daquela boneca excepcional, lhe pareciam já mesquinhos, sem interêsse...

Adivinhando o drama obscuro daquela tentação precoce, a mãi, dona de caprichos e requintes, prometera-lhe a sua interferencia junto do Menino Jesus, para lhe obter a satisfação do seu desejo, naquele Natal chuvoso e frio, tão desconfortavel aos olhos de Isabelita.

E a boneca viera, apesar de não se erguer, nessa tarde cinzenta de Dezembro, como nos demais anos, ao fundo do salão, o pinheirinho anão, todo florido de filigranas e de luzes, apesar da doença da mãi, que punha em toda a casa um silencio soturno de agonia, uma atmosfera de duvida agoirenta e má. Não esquecera o Menino Jesus, apesar de tudo, a sua pupila de sempre...

Ao ver a boneca tão longamente apetecida, Isabelita tomou-a ávidamente, com o mesmo gesto de ansiedade com que uma mulher sequiosa de luxo tomaria nas mãos sôfregas uma joia de tentação. Mas, passado êsse primeiro impulso, no silencio desencantado da hora crepuscular e melancolica, junto do leito rico onde a doente definha vencida pelo mal incuravel que a aparta da vida pouco a pouco, a pequena, agora, põe de lado a boneca, num retraimento de agoiro, e, numa vaga intuição já das ciladas da vida e da morte, olha a mãi com aquele ar interrogador proprio das crianças, e, longamente, fica-se a cismar...

o

o o

Esgotara a mãi de Isabelita toda a gama das sensações na vertigem rodopiante dum viver acidentado, em que as exigencias de luxo e os desperdicios fabulosos de dinheiro tinham feito arruinar mais dum incauto, vencido pelo sortilegio dos seus encantos. Cortezã perversa, afogando todos os escrupulos na onda estonteadora das mais estranhas aventuras, nunca as suas mãos afuseladas, sedentas de joias, destruidoras de ilusões, tiveram um gesto bom de renuncia ou de carinho condicionado pela sinceridade e pelo desinterêsse, a não ser para a filha — o unico ser que soubera arrancar impulsos de ternura ao seu coração arido e lhe fizera acudir ao espirito idéas generosas de bondade e de rehabilitação.

Um dia chegou, porém, em que o amor por um homem a fez conhecer, emfim, o desejo alto de se regenerar, o anseio ardente de apagar na servidão humilde dêsse amor de dramatica essencia a lembrança demoniaca da sua vida mal vivida.

Fôra o caso que, tendo ido parar, pelos acasos da sua existencia incerta, a uma dessas termas suntuosas onde, no luxo e no jogo, se arruinam fortunas diariamente, fizera o conhecimento dum pintor polaco, de estranha personalidade, que quisera retratá-la, um dia, depois de lhe haver feito saber que a achava linda...

O pintor, trinta anos aduncos e orgulhosos, era uma figura singular de apostolo rebelde que falava de doutrinas novas, revolucionarias, numa voz vibrante e musical como uma canção do norte. Na sua fronte larga, que o genio iluminava, vincava-se um traço de energia rude que, unido ao seu gesto sobrio e convincente, lhe dava um ar inspirado de dominador de almas. Presa do poder de sedução que de si irradiava toda a pessoa daquele homem, a pecadora modificou inteiramente o seu viver antigo, entregando-se por completo áquele amor que vinha marcar uma directriz diferente ao seu destino falhado.

Mas, ao entardecer de um dia cinzento e frio dos fins de Outubro, quando as folhas caidas das arvores bailavam já ao longo das valetas das ruas a sua dança agonica de vidas perdidas, ele sentiu invadi-lo o cansaço daquele amor de escrava que o entediava pela persistencia, e, sem nada explicar, sem dar qualquer razão, levando consigo apenas a sua caixa de pintor e o seu sonho de altura a arder no fundo das suas pupilas cinzentas enamoradas da Beleza, partiu em busca de outros horizontes, de novas sensações...

E foi desde essa hora que então começou a enlanguescer, consumida por uma febre sem piedade que, minando-a surdamente, a foi, pouco a pouco, tornando diafana e exangue, como um lirio, e a tinha, agora, ali, amarfanhada, vencida, estertorante...

o

o o

Com os olhos espantadamente fixos no leito onde a mãi definha sob a garra da doença implacavel que lhe estiola o corpo, depois de lhe haver rasgado a alma, Isabelita queda-se, em silencio. Na sua alma pequenina de criança, mordida por uma intuição vaga de desgraça, desenha-se o terror subito de ver morrer a mãi. Debruça-se devagarinho sôbre o rosto palido, sumido nas almofadas, onde os olhos febris, cercados já por uma aureola de morte, fixam, imoveis, um vago

(Continua na pagina 345)

Quando chegaram noticias de Africa...

(Evocação histórica)

por Tereza LEITÃO DE BARROS

Ilustrações de MÀMIA

COMO águia que mergulha nas nuvens, D. Sebastião perdeu-se entre nuvens de poeira sangrenta, espada ao alto, abrindo caminho para a morte próxima, entre magotes de gigantes mouros. Perdeu-se, perdeu-se...

Ninguém o viu cair. Alguem o viu correr, á rédea solta, já fora da batalha, montando um cavalo ruço-escuro, que Jorge de Albuquerque lhe emprestara, agradecido ao aflito cuidado de el-rei, que encontrou o seu vassalo, ferido, em dificil situação... — «Senhor, salve-se vossa alteza, que é o que releva; que eu assás contente morro aqui, por serviço de Deus e vosso».

Cristóvão de Távora, seu valido e amigo de todas as horas, ouviu-o murmurar seu lamento de renuncia e suicidio: — «O que nos resta?! O ceu, se o merecermos pelas nossas obras!...». E houve quem o visse, um dia depois da batalha, já cadaver inteiriçado, de bruços, atravessado na sela dum cavalinho castanho e vestido com os calções e o gibão de Sebastião de Rezende, seu moço de camara, que se oferecera ao sucessor de Molei-Moluco para ir buscar o seu corpo ao campo de peleja e aí o encontrara, nu e abandonado... Lavrou-se um auto de reconhecimento do cadaver, assinado por cativos fidalgos portugueses, que assistiram á sua inumação numa sala subterranea dum palacio pertencente ao «caid» Ibraim-ès-Sofiani, em Alcacer-el-Quibir.

Tudo isso é certo, tudo é confrangedoramente verdadeiro. Mas... Surgem as reticencias, surgem as ancoras de esperança a filhar terra nos fieis corações dos portugueses... Os fidalgos que reconheceram o cadaver afirmaram, mais tarde, que não haviam tido a coragem de o contemplar ou que tinham fingido nele reconhecer o seu rei, para que este mais facilmente se pusesse a salvo. Os prisioneiros chamados para assistir ao enterramento, em 7 de Agosto, declararam que o estado de decomposição do corpo o tornava irreconhecivel... E, ás portas de Arzila, pela calada da noite, dessa inolvidavel noite de exterminio, vieram ter uns misteriosos cavaleiros embuçados, que, para conseguirem ser recolhidos, invocaram a presença, entre eles, de el-rei D. Sebastião... Com essas três sombras a arrastar sombra, penumbra de misterio, sôbre a nossa clara Historia, voltam as duvidas, volta a incerteza consoladora...

Tambem el-rei fôra dado por morto, quatro anos atrás, quando a tempestade lhe varrera o galeão em que regressava do seu primeiro idilio com as desejadas terras do Mogreb... Tambem, num dia de finados, entre brumas do sul, em alvorada de Novembro, o povo, já envolto em panos de luto, vira surgir uma nau de alto bordo, trazendo á prôa a figura menineira do seu reizinho suspirado, a quem Deus, no mau transe, decerto amparara com milagrosa presciencia, pondo por baixo do menino a Sua mão potente e justa...

■ ■

Logo que, a partir de 14 de Agosto — aniversario da tão famosa vitoria do primeiro rei de Aviz — começaram chegando a Lisboa noticias do sangrento desaire que abatera as quinas reais, logo começaram correndo, como vento agreste de temporal desfeito em lágrimas, três desencontradas versões sôbre o desaparecimento de el-rei, além duma suave brisa de misterio.

Havia a versão de Luiz de Brito — o cavaleiro de lenda, que salvou o estandarte real, atando-o á cintura. Dizia-se que Luiz de Brito estivera com el-rei e o seu valido Cristóvão de Távora, até o momento em que, acendendo-se ainda mais a refrega e já estando iminente a derrota, vira D. Sebastião precipitar-se, como um furioso vendaval, contra o inimigo estarrecido... Luiz de Brito fôra feito prisioneiro logo em seguida a ter salvo a vida do soberano, o qual ainda vira retirar-se são e salvo do campo de batalha, e tomar, sem ser perseguido, a direcção do rio Oued-Mokhazem.

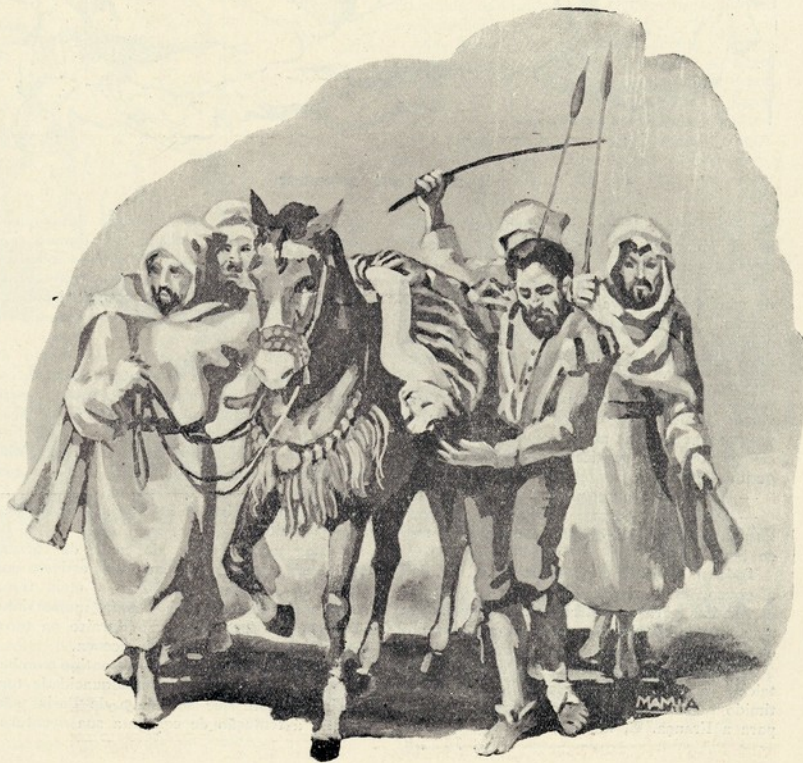
Havia a versão espanhola, menos rica de fantasia, com menos «espanholadas»... El-rei caira prisioneiro dum grupo de árabes, que, suspeitando a valia da presa, se bateram uns com os outros, para ver quem ficaria unico senhor dela. Num dado momento, apareceu um chefe mouro, que, para remate de contendas, trespassou el-rei com o seu alfange, bradando aos infieis:

— O quê?! Cães! Quando Deus vos concede uma vitoria tão completa, ieis matar-vos por um prisioneiro?!

A ultima versão, tambem de origem espanhola, é a mais geralmente aceite como verdadeira. D. Nuno de Mascarenhas — o que, para tentar o salvamento do rei, içou um lenço branco na ponta duma lança, gritando: «Sultão! Sultão!» — ao ser levado prisioneiro ante Molei-Ahmed-ben-Mohamed, herdeiro de El Melek, declarara ter visto o seu senhor no momento em que este se lançava sôbre o inimigo, que, decerto, lhe dera crua morte. Sebastião de Rezende, servidor da camara régia, confirmara esta declaração e oferecera-se para ir procurar o cadaver, proposta que o novo rei de Fez aceitou, mandando dar-lhe um cavalo e uma escolta. Conseguira encontrar o corpo, que envolvera numa velha manta e colocara ao través da sela, com as mãos atadas, para que, devido ao balanço do andamento, não assustassem o cavalo... O cadaver fôra, depois, reconhecido e enterrado por fidalgos portugueses, nas condições a que já se aludiu. Belchior do Amaral, corregedor do exercito de terra, e um dos escolhidos para acompanhar a Alcacer os despojos mortais de D. Sebastião, foi quem redigiu a derradeira narrativa do desastre que chegou a Lisboa, narrativa destinada, pela precisão dos pormenores e categoria profissional do seu autor, a quebrar os ultimos escrupulos que se opunham á aclamação do Cardeal D. Henrique.

O ambiente funebre da côrte, pouco frequentada pela nobreza, coberta de luto, deve ter sufocado a maior expansão desta especie de relatorio oficial. E', mesmo, possivel que o estado de espirito da população, varada pelo mais impiedoso temporal, aconselhasse um relativo sigilo sôbre uma noticia que trouxera tão irremediavel desesperança. E' certo que o povo ouvira, na igreja do Hospital de Todos os Santos, o novo alferes-mor gritar: «Real! Real! Por D. Henrique, rei de Portugal!». Não é menos certo que só a rei morto corresponde rei posto... Mas...

Mas a nação inteira ergueu os ombros, em gesto incredulo, antes de os curvar servilmente. A nevoa de madrugada que, uma vez, trouxera o rei, obscurecia, agora, a vista dos mais agarrados á causa nacional. Os frades, á boca pequena, cochichando, á

(Continua na pagina 346)

A historia patusca de José do Pinhal

ou como se perde uma alma cristã

O comboio abrandou lentamente a marcha. A pouco e pouco, deixou de se ouvir o resfolegar pesado da máquina e os eixos cessaram de matraquear o estribilho enervante da velocidade.

Era uma pequena estação perdida no meio de pinheiros, uma destas estações sem ressonancia e sem biografia, onde os comboios paravam de mau humor, porque raro do seu ventre bojudo saía passageiro ou entrava alma viva.

Nessa noite, porém, um acontecimento de vulto pusera o modesto apeadeiro em sobressalto. Mal o «correio» entrou nas agulhas, começou a ouvir-se um ruido estranho de vozes, que foi aumentando até se transformar numa explosão de choros e de gritos lancinantes, semelhante ao côro das lamentações duma tragedia grega.

«Morte de homem» — pensei eu, e outros passageiros tiveram o mesmo pensamento. Abriram-se á pressa algumas janelas do comboio, caras estremunhadas sairam fora do rectangulo iluminado da portinhola e, durante um minuto, a vida parou, suspensa do caudal de dôr humana que enchia a atmosfera de interrogações pesadas.

Para além do muro que separava a estação do caminho, divisava-se, na noite negra, um borrão, formado por vultos embuçados de mulheres, que choravam perdidamente, em altos gritos, num chôro espectaculoso e comunicativo.

Um empregado atravessou a «gare», elevando á altura da cabeça uma lanterna, e um passageiro mais afoito, quebrando o silencio lugubre que se fizera no comboio, preguntou-lhe:

— Ele morreu alguem?

— «Ná», é o «pessoal» daqui que vai para França — respondeu o homemzinho, num tom de bom humor.

Todo o comboio ouviu a resposta, e, dali a pouco, cruzavam-se ditos jocosos, dumas carruagens para as outras, e até graçolas de mau gôsto chegaram a sair duma terceira classe, densa de fumo e de promiscuidade.

Foi nesse compartimento que entraram, de taleiga ao ombro, três lapurdios de olhar timido e embaciado. Era o «pessoal» que ia para a França. E, lá fora, logo que o chefe deu o sinal da partida e a maquina apitou, ao longe, no outro extremo da estação, o berreiro das mulheres tornou-se diabolico, como se alguem estivesse, com um ferro em braza, a queimar-lhes as entranhas.

O comboio começou, lentamente, a pôr-se em movimento, e o barulho das rodas abafou, a pouco e pouco, aquela onda encapelada de dôr humana, que se espraiou num chôro brando, por entre os pinheiros, no regresso á povoação.

Quando deixou de se avistar, numa volta da linha ferrea, o vulto isolado da pequena estação onde o drama da partida tomara proporções de tragedia, os três rapazes olharam em volta e, como já não houvesse na carruagem lugar vago, atiraram para o chão as sacolas e estenderam-se, com desenfado, no corredor.

E a conversa animou-se

Em torno deles fez-se um movimento de curiosidade, por parte dos outros passageiros. Soldados que regressavam de licença, sentindo-se um pouco solidarios com a situação daqueles três camponeses que um destino semelhante levava para longe da sua aldeia, meteram conversa e quiseram saber a que terra de França se destinavam.

— Vamos de abalada até Paris — respondeu o mais afoito.

— Boa terra — disse, do canto da carruagem, um gigante moreno que estivera na Guerra e guardava de Paris a mais terna recordação da sua vida — uma mulherzinha loira que lhe fez conhecer o Paraíso na terra durante os seus oito dias de licença.

E a conversa animou-se. O antigo combatente, que se tornava duma loquacidade torrencial, sempre que se falava de Paris, não resistiu á tentação de contar a sua aventura, com abundancia de pormenores escabrosos, que os outros escutavam com a mesma devoção com que ouviam a leitura do Evangelho na missa de domingo.

E, dentro em pouco, toda a carruagem estava interessada numa fantastica narrativa de peripecias amorosas — e as mulheres não eram as menos atentas á loquela rude e pitoresca daquele «D. Juan» militar duma semana de Paris.

Dos três que partiam para França havia um, porventura, mais timido que os outros, ou porque fôsse o mais novo da companha, ou porque lhe faltava a prática do mundo, sobretudo em negocio de saias. Dêste modo, José do Pinhal, que saía, pela primeira vez, de casa, para correr a aventura da emigração, ouvia as farofias do antigo artelheiro, que falava de catedra, como quem ouve uma lição de mestre. O outro tudo era gabar o jeito facil das mulheres de França, a sua actividade voluntaria no prazer e a doçura da pele assetinada e côr de rosa, que era um festim para os labios e um conforto para a alma.

— Vocês compreendem: a gente vinha da «trincha», habituado ao «casqueiro» e aquela comida assentava no estomago como galinha.

As mulheres riam, com um pudor fingido.

— Ai, o dianho do homem!

E o José do Pinhal resistia á tentação do sono, diante do mundo novo que a fantasia do outro abria á sua imaginação implume.

— Paris! Vocês vão ver o bonito em Paris... — insistia o gigante moreno, que tinha corda para oito dias quando lhe punham na grafonola da memoria o disco de Paris.

E recomendava cuidado com os franceses, «que são gente de pouco fiar, se uma pessoa não tem a mão leve e o olho lesto quando tropeça com eles». Outro tanto não dizia das francesas, «raça de mulheres como poucas se lhe podiam comparar». E ele falava por experiencia propria, porque já conhecia um pedaço de mundo e não andava cá por ver andar os outros...

E concluia sempre, num tom de convicção que não admitia réplica:

— «Ná», para mim não ha mulher como a francesa.

José do Pinhal bebia-lhe as palavras. O seu olhar, timido como o duma criança que ouve um conto das «Mil e uma noites», acusava uma ligeira perturbação.

O comboio rolava na noite silenciosa, e o primeiro alvor da madrugada encontrou ainda em ameno coloquio os soldados que vinham de licença e o pessoal que ia p'r'á França. Depois, o sono venceu aquela gente, cansada pelas emoções duma viagem que tinha para os emigrantes o encanto misterioso duma aventura.

José do Pinhal adormeceu com a cabeça encostada á sacola de riscado, e a imaginação povoou-lhe o sono de imagens deliciosas, que perturbaram profundamente o melhor da sua sensibilidade masculina.

\+ +

Dois anos volvidos sôbre esta noite, que marcou, na vida de José do Pinhal, o primeiro

passo para a perdição total e irremediavel da sua alma cristã, dois rapazes encontravam-se numa destas camionetas que fazem serviço por todo o País, entre as estações de caminho de ferro e as povoações afastadas que não são servidas pelo comboio.

Apesar de ser uma noite tepida de outono, um deles trajava vistosa «gabardine» impermeavel e acusava, no geral, certa compostura de vestuario que não correspondia ás maneiras desajeitadas do seu porte de labrego.

O outro era um camponio simples, que terminara a vida militar e regressava, contente, á sua aldeia.

A camioneta já galgara uma boa dezena de quilometros, quando começou a estabelecer-se entre os passageiros esta intimidade facil que emprestam as viagens em comum.

A uma pregunta que lhe fizeram, o homem da «gabardine» respondeu que vinha de Paris. O outro abriu muito os olhos, fixou-se na fisionomia, que não lhe era estranha, e acabou por se tirar de seus cuidados, com esta franqueza peculiar á gente rude:

— Homem, você não é o José do Pinhal?

— Sou eu mesmo — respondeu o que vinha de Paris.

— Bem me queria a mim parecer... Pois eu sou o «Manel» da Rita... Você já não me conhece?

— Ora... não conheço eu outra coisa... Venham de lá êsses ossos!

E entre os dois estabeleceu-se logo uma permuta de intimidades que dois anos de ausencia tornavam mais comunicativa e mais grata.

— Então, Paris?... — arriscou o que vinha da «tropa».

— Lá está no mesmo sitio — respondeu o José do Pinhal.

E acrescentou, com um sorriso maroto:

— Boa terra!

— Você a modos que se deu bem por lá...

— Não me havia de dar! Ali não falta nada... Se uma pessoa tem um bocado de «chança», a vida corre-lhe a direito.

— Em que trabalhava?

— Estive, primeiro, numa «usina» de automoveis. Depois...

E fez uma pausa, uma pausa em que cabia um mundo de recordações.

— ...Depois — continuou — encontrei uma mulher, uma francesa, que foi, para mim, uma segunda mãi. Vê este anel? — e apontava um rico anel de ouro, que lhe mordia o indicador da mão direita. Foi ela que mo deu. E se fôsse só o anel...

Outra pausa. Depois:

— Tanto andou, até que me tirou da «usina». Não queria que eu trabalhasse... Queria-me á boa-vida, ali em casa, a fazer-lhe companhia... Raio de mulher! Até dava gôsto ver como ela se mexia para me agradar.

O outro continuava a abrir muito os olhos timidos, com uma expressão de surpreza apatetada. Tudo aquilo lhe parecia um sonho.

— Pois muito me conta...

— E' como lhe digo... Aquilo é que são terras! Um bocadinho de «chança» para começar e depois é deixar correr o marfim... «Ça marche» pelo seu pé... Uma pessoa não precisa de se mexer muito para ganhar a vida honradamente.

— Mas ha outros que trabalham e mandam dinheiro á familia...

— Há... Tambem lá ha disso... Mas se a gente se puder arranjar sem mexer uma palha, ainda é melhor. E pode ficar ciente que gozei a vida, nestes dois anos...

— Então volta para lá, está bom de ver?

— Em Portugal, não hei-de aquecer o lugar.

— A mulher ficou á sua espera?

— «Ná»... Aquela já não me serve. Em voltando arranjo outra. Em Paris ha mais mulheres que cogumelos...

— E são todas da qualidade de sustentar os homens? — preguntou um barbaças que ia encolhido a um canto e que ainda não dissera palavra.

— «Comme ci, comme ça»... Ha de tudo... Tambem ha homens que as sustentam a elas. Nanja eu... Besta de mangedoura não me serve.

E... «voilà»... os passageiros da camioneta riam a bom rir. Havia um, baixinho e corado, de olho esperto, que até se engasgou.

O condutor, que ia saboreando a narrativa em silencio, observou lá da frente:

— Boa vida te levaste, não haja duvida...

E o José do Pinhal, com um sorriso canalha a enrugar-lhe o canto do labio:

— Quem quere bons empregos, arranja-os!

— Esse pouco te custou a arranjar — voltou o «chauffeur». Não fizeste calo nas mãos a aprender o oficio...

A camioneta parou numa volta da estrada. Adivinhava-se perto a casaria duma povoação, pelo rumor de vozes que se ouvia e pelo ladrar incessante dos cães de guarda. Da sombra sairam alguns vultos, que se aproximaram da camioneta. A luz dos farois projectava-se num souto de castanheiros que se erguiam da terra, como fantasmas.

Uma voz interrogativa quebrou o silencio:

— Ele vem aí o José do Pinhal?

Foi o proprio que respondeu:

— Eh, gentes!

E saltou em terra, lesto e contente como umas pascoas.

(Inédito).

NORBERTO LOPES

ILUSTRAÇÕES DE ALFREDO MORAIS

Em Paris ha mais mulheres que cogumelos

A BONECA

(Continuado da pagina 342)

ilimitado. E na aflição divinatoria do perigo, a pequena, cujo espirito religioso é mais que rudimentar, quasi apenas intuitivo, vai, lavada em chôro, cair, de joelhos, em frente de um oratorio de pau santo, a um canto do aposento, onde o Menino Jesus sorri candidamente sôbre as palhinhas do seu berço humilde, e, numa renuncia verdadeiramente heroica, como sacrificio de suprema instancia, oferece, a trôco da vida da mãi, dar outra vez ao Menino Jesus a boneca preciosa com que, nesse mesmo dia, a brindara e que mais do que tudo para ela tem valor.

O Menino Jesus, porém, não teve tempo de compreender o drama lancinante daquela agonia de criança. A morte invadira já o recinto com a sua presença fria. Quando Isabelita viu a mãi, imovel, sem respirar, o olhar vidrado, as mãos enclavinhadas sôbre o lençol branco, correu, gritando, pela casa fora, fazendo acudir os criados, que vieram prestando os seus cuidados mercenarios.

Dias seguidos soluçou perdidamente a pobre pequena, bruscamente iniciada assim no duro aprendizado da dor humana. Ao fim deles vestiram-lhe um vestido preto, que a fazia parecer mais alta, e levaram-na, para a entregar á tutela fria e seca dum colegio interno. Mas, quando para isso vieram buscá-la uns parentes afastados que ela mal conhecia, Isabelita dirigiu-se á sua «nursery» confortavel, como que para uma vez mais ainda encher os olhos de tudo aquilo que fôra o cenario da sua felicidade passada. Sôbre um «divan» sorria, imovel, a boneca maravilhosa, de olhos de louça, com expressão humana — a mesma que o Menino Jesus recusara aceitar em troca da vida da pecadora triste... Então, pegou-lhe vagarosamente e, sem dar tempo a que alguem a detivesse, num movimento de raiva, lançou-a furiosamente da janela ás pedras da calçada, onde se foi despedaçar em mil pedaços.

E assim findaram, tristemente despedaçadas, as primeiras ilusões da pobre pequena orfã.

(Inédito).

OLIVA GUERRA

PLAY!

DIALOGO

Por Maria José Spencer

PERSONAGENS

Irene, 22 anos, loura;

José, 25 anos, moreno.

A cena passa-se num «court» de «tennis»; época de 1933. Irene e José estão sentados a um lado do «court», onde acabaram de jogar uma partida. Outras personagens tomaram, agora, o campo, jogando um «mixed-doubles».

José — Deve concordar, Irene, que foi uma partida bem ganha. V., hoje, parece que estava nervosa!

Irene (irritada) — Nervoso estava V. Jogou mal, mas... ganhou. A sorte bafejava-o, hoje.

Um jogador — «Play!»

José — Afinal, Irene, a vida é como uma partida de «tennis». Umas vezes, joga-se e a bola vai «outside»; outras, tem-se a sorte de o vento nos ajudar, e ganha-se. Hoje... ganhei; amanhã... perco.

Irene (com ironia) — Se V. gosta de ganhar, eu prometo, amanhã, deixá-lo gozar, outra vez, êsse prazer! Custa-me tão pouco!...

José — Com que ironia V. diz isso! Deixou-me, então, ganhar, hein?! (Ri) — Ah! Ah! Como as mulheres são orgulhosas!

Irene — Nós seremos orgulhosas, mas vocês são perversos, porque se riem sempre do mal dos outros!

Um jogador — «Fifteen».

José (um pouco magoado) — Irene, eu nunca julguei que a minha vitoria a fizesse zangar! Se V. tivesse jogado contra o Antonio e ele ganhasse, V. não se irritava, com certeza...

Irene (revoltada) — Que lhe interessa isso? E V., se tivesse ganho uma partida á Estela,

não troçava dessa rapariga como o está fazendo de mim!

Um jogador — «Thirty all».

José — ¿Porque fala na Estela? Bem sabe que ela não me interessa. E' morena, e eu só gosto das louras.

Irene (vendo que está a tirar partido da irritação dele) — Tem graça! O Antonio tem o mesmo gôsto!

José — Já o sabia! Aí está um adversario com quem me não quero defrontar.

Irene — ¿Porquê? E' um belo jogador e um belo «partner».

José — Por isso mesmo. (Triste) — Contra ele, o meu jôgo será sempre «outside». Ele é o mais forte...

Irene — Parecem ditadas por uma pontinha (sublinhando as palavras) de ciume, essas palavras!

José — Talvez! Sempre que o vejo a seu lado, fico mal disposto. (Irene ri) — ¿Porque se ri?

Irene (com um riso de alegria e triunfo) — Acho-lhe graça!

Um jogador — «Advantage in».

José (tomando a resolução de dizer o que lhe vai na alma) — Irene, ¿porque não gosta de mim? Que hei de fazer para conquistar o seu amor? Diga! ¿Não vê que sofro por sua causa?

Irene (com amargura) — Sofre desde que viu a meu lado o Antonio. Foram as atenções que êsse rapaz me dispensava que o fizeram reparar em mim... e eu sofro desde que o conheço! Sofri atrozmente com a sua indiferença e, por isso, ha pouco, ao notar a sua amargura, ri; ri, de alegria por me saber amada; ri, de o ver sofrer por minha causa.

José (sorrindo) — Irene, meu amor, afinal, perdi eu a partida. Ganhou V.

Um jogador — «Game».

(Inédito).

Quando chegaram noticias de Africa...

(Continuado da pagina 343)

tardinha, no recanto dos umbrais e portarias fidalgas — os jesuitas, no pulpito, á hora concorrida das missas dominicais, iam deixando cair sementes de esperança, que em todas as almas floriam. As familias da nobreza, atarefadas em continuas negociações com onzeneiros e mercadores judeus da Rua Nova, vendendo as pratas e os aneis de brazão, para juntar o resgate de seus cativos, iam deitando lenha para a fogueira bemdita...

Entrementes, o povo, aguardando o milagre, sugestionando-se com alvitres e profecias, esquecia as suas graves responsabilidades, muito maiores do que as do clero e da nobreza, na tremenda carnificina de Africa... Era lá possivel que não voltasse ao reino o senhor rei D. Sebastião, o rei filho das entranhas de Lisboa, seu velho burgo rabujento, filho da ansiedade que sufocara as vielas e os becos e os atafulhara de preces e ladainhas, emquanto a princesita castelhana, viuva ha dezoito dias, gemia as suas dôres fecundas, por detrás das janelas iluminadas do Paço, por detrás do unico farol que iluminava a cerração! «Era lá possivel! Era lá possivel!» — eram as palavras de «passe», as senhas e contra-senhas dêsses milhares de conjurados, prontos a minarem todas as desesperanças. E até na algazarra dos sinos a dobrarem sinais continuos de morte havia quem descobrisse risos de cristal, sorrisos superiores, protestos do bronze vivo contra o massacre do bronze de guerra — enormes clareiras de segurança, na floresta onde espreitavam chacais, onde os tigres deslisavam, ainda rasteiros e silenciosos...

Era lá possivel que se houvesse apagado de todo a imagem colorida daquele rei menino, loiro e rosado como um Santo Antoninho de porta de quinta, loiro e inocente como os Anjos da Guarda, no tecto das capelas nobres!... Era lá possivel ter beijado a poeira da terra aquele bom rei português, que, seguindo as lições do seu austeró aio, o velho D. Aleixo de Meneses — a quem Carlos V nomeava como um símbolo de honradez — vestia, cavalgava, comia e falava sòmente á portuguesa; aquele rei de quem não se bichanavam romances de amor e galanteria, mas impossiveis de pureza; aquele rei que convidara os antepassados a sairem dos tumulos, para lhe contarem melhor a historia da patria com quem aquele reizinho que não brincara e mal sorrira com as farsas e autos, nas seroadas do Paço; aquele piedoso rei que, em S. Domingos e pelas vielas lisboetas, dava exemplo de humildade, comungando á vista do povo e acompanhando o Viatico; aquele senhor de um só parecer, tenaz e persistente, que, ainda tamanino, ao regressar ao Paço, todo embebido de incenso e deslumbrado pela feeria de alguma cerimonia liturgica, se detivera em seus brinquedos e, olhos fitos na distancia, traduzia o seu pensamento mais íntimo numa frase clara, serena e decidida como os seus olhos claros de liquida transparencia: «Penso em tomar a Africa, quando eu fôr de idade conveniente!».

O «Desejado» podia, na verdade, fazer-se desejar por muito tempo. Mas não morrera...

Portugal ficara cego para qualquer verdade de tragedia e de catastrofe, na tarde em que o cegaram os esplendores do mais decorativo e gracioso cortejo que jamais voltou as esquinas de Lisboa, então adornada com tapetes de Flandres e colchas da India, pendentes das janelas onde floriam largos sorrisos de enlêvo... Portugal ficara ceguinho de amor pelo seu rei, que passara a tomar a Africa, por já ter idade conveniente... Portugal ficara ceguinho, deslumbrado pelo poema que o Sol cantava sôbre o peito do seu grande rei, imagem de assombrosa majestade, refulgindo candura e prestígio quasi divinos, sob o luxo do seu equipamento, enquadrado em damascos rubros de prelados e armaduras doiradas, numa tarde de Junho, quando fôra á Sé chamar a bençâo de Deus sôbre os guiões e estandartes que levava a partes de Africa... Portugal perdera a vista lendo — pela ultima vez, naquele luminoso seculo de quinhentos — a sua bela historia de grandeza e ruina, no oriente das perolas de Ceilão e dos diamantes de Narcinga — a das torres de oiro — que mosqueavam gorras de fidalgos, telizes de espadas, arções de selas onde se destacavam as altivas «empresas» dos maiores capitães da India...

Portugal, perdida a vista por orgulho patriotico, esperava um milagre, e, pronto a confiar a sua sorte a qualquer curandeiro que lhe ofertasse balsamicas promessas, plantava na sua alma a flor do «sebastianismo», — flor sagrada que vicejaria todo o ano e que para todo o sempre perfumaria a vida espiritual da nação, tanto nas suas indecisas horas de penumbra como nos seus altos momentos de fé...

(Inédito).

Quem sofre...

«Quem canta seu mal espanta...»
Poetas, isso é conforme...
Se a dôr é profunda, enorme,
a quem canta, mais quebranta.

E, ás vezes, é linda e santa,
em vez dum monstro disforme;
e, como um anjinho, dorme,
embalada por quem canta.

As minhas profundas magoas,
eu não as espanto — afago-as,
dentro d'alma, quando canto.

Cantai vós, portanto, ó bardos,
que eu cá vou regando os cardos
das minhas magoas, com pranto.

* * *

Amar, esperar e crer...
Sofrer e orar com fervor...
Não ha vida sem amor.
Viver, portanto, é sofrer.

Temos, pois, que percorrer
a Via-Sacra da dôr,
que Jesus, nosso Senhor,
percorreu até morrer.

É o sofrimento fecundo
que faz florir, pelo mundo,
as roseirais da ventura.

Quem sofre, canta?... Portanto,
toda a nossa vida é um canto,
desde o berço á sepultura.

SILVA RIBEIRO

Ignis ardens

Eu sofro? Pões-te a chorar.
Tu choras? A tua magoa
julgo-a minha e n'alma trago-a,
por muito tempo a vibrar.

E coisa bem singular:
é o teu olhar, cheio de agua,
uma incandescente fragoa
em que me sinto abrasar.

As lagrimas que derramas,
não são agua, não. São chamas.
São fogo que me devora.

E as magoas que permutamos,
não somos nós que as choramos;
— o nosso amor é que as chora.

* * *

Teu olhar que tanto chora,
dia e noite, é um passarinho
que vigia o doce ninho,
noite e dia, a toda a hora...

Quando nele o pranto aflora,
não chora, canta baixinho...
Perfumado a rosmaninho,
o ninho em teu peito mora.

Vives contente? És feliz?
Mas tu não cantas, nem ris.
— Vais a chorar, vida em fora...

Por isso, ao ver-te chorar,
eu creio que o teu olhar
é por engano que chora.

SILVA RIBEIRO

PAX HOMINIBUS..

Quem tiver olhos, veja o rutilo fulgor,
o celestial clarão que inunda o vale e a serra!...
Quem tem ouvidos, oiça os hinos de louvor,
os canticos ao ceu erguidos pela terra!...

Desponta no oriente o loiro sol do Amor.
Ecôa este pregão: — Maldita seja a Guerra!...
Não suspirou em vão por um libertador
a humana multidão que em densas trevas erra.

Poisa na terra o ceu. Ao ceu a terra ascende.
Um vinculo bemdito a Deus o homem prende.
Dentro dos corações vai ser gravada a lei.

Nasceu aquele a quem os santos dirão santo;
a quem chamarão sabio os sabios, com espanto;
a quem os proprios reis aclamarão seu Rei.

Dentro da quebradiça e vil argila d'Eva,
um dia, entra o pecado. E o barro apodreceu...
Em torpe orgia o Mundo os seus instintos ceva:
— ao bestial prazer das bacanais se deu.

Mas rompe a madrugada. E foge a densa treva.
Veio Jesus ao Mundo. E o Olimpo então tremeu.
A terra então exulta. A Humanidade eleva
hosanas festivais, hinos de gloria ao ceu.

A Humanidade, não. Nem toda a terra exulta...
Nem todo o mundo canta... Ha muita gente estulta
que persiste em ser cega a esta luz divina.

O celestial pregão nem toda a gente o escuta:
é surda á Boa-Nova a Urbe dissoluta,
a Cortesã coroada, a Roma libertina.

Escorre infecto pus das chagas imperiais.
E Roma foi por Deus lançada ao abandono:
no delirio febril das torpes bacanais,
perde o vigor e cai, depois, num letal sono.

Mas os id'los pagãos tombam dos pedestais.
E Cesar desmaiou no alto do seu trono...
Unem-se os corações por laços fraternais:
torna-se gente o escravo e deixa de ter dono.

Realizou-se pois a velha Profecia...
Espuma de rancor a torva tirania
que tem horror á paz e amor ao Crime e á Guerra.

Irmana a Santa-Lei fidalgos e plebeus...
E o Mundo resgatado exclama: **Gloria a Deus**
nas Alturas e paz aos homens cá na Terra!...

SILVA RIBEIRO

— Fui atropelado por um automov.l e levei 18 pontos...
— Eu também fui atropelado mas em mim foi preciso empregar uma máquina de costura.

Sê forte...

O mar está rijo e forte?
A tempestade é feroz?
Ruge diante de nós,
trazendo no bojo a morte?

Não percas nunca o teu norte...
Lá vem, ligeira, veloz,
uma onda, e, logo após,
vem outra? — Rapaz, sê forte.

Pensa na velha verdade
dêste adagio: «A tempestade
sucede sempre a bonança».

Bem sabes que só é forte,
perante as vagas da sorte,
quem tem por lema a Esperança.

* * *

Pela vida fora traça
rumo firme e, ousado, avança...
Mas ai de ti! — se da Esp'rança
o leme se despedaça!

Surge a onda da desgraça,
neste mar que não descansa?
Sê forte. Tem confiança
em ti mesmo, e a onda passa.

Por maior que seja a vaga,
não julgues tu que te esmaga
— diante dela o busto apruma...

Encara-a com altivez
e verás como a teus pés
se desfaz em doce espuma.

SILVA RIBEIRO

Coitadinhos!...

Tristes, descalços, rotinhos ...
Magros, febris, desolhados...
Vê-los já crucificados
Causa pena... Coitadinhos!...

Nunca tiveram carinhos.
Não foram nunca beijados.
São farrapos atirados
Para as lamas dos caminhos.

São anjos, são inocentes,
e já torturas pungentes,
fundas maguas os consomem..

Não sofreu tanto Jesus
— Creio bem: quando na Cruz
foi pregado era já homem.

* * *

Produtos de maldição,
Sofrem horriveis castigos...
Vagueiam entre perigos,
numa densa escuridão.

Mundo fora, esmolar vão...
São pequeninos mendigos.
Serão, mais tarde, inimigos
de quem hoje lhes dá pão.

Futuros leões á solta,
caminham para a revolta,
os pobres vermes sem nome.

Nasceram... Arremessaram-nos
a este mundo... Geraram-nos
dois monstros: — o vicio e a fome.

SILVA RIBEIRO

O soldadinho português no céu

por Rocha MARTINS

Ilustrações de RAQUEL

E' a Via Lactea o caminho argenteo que conduz aos umbrais dos ceus. Podem rolar infinitamente os mundos que nenhum se atreve a destruir uma só pedrinha luminosa da larga e eterna passagem. Lá em cima afoga-se uma linha estrategica afunilada até ao portão de oiro onde, de quando em quando, assoma o Senhor São Pedro. Tem por guardas duas nuvens; uma é grossa, negra, pesada: funde raios. Oficina das tempestades, forja, nas suas bigornas, aerolitos e fitas de coriscos. A outra barreira é rosada, linda, engrinaldam-na festões de pedrarias compostas pelas tintas com que o Bom Deus fabrica as alvoradas do seu amor, desde que o mundo é mundo. Ela ressoa em canticos tão fortes e canoros que nem os maiores trovões os dominariam, se acaso tivessem voz, quando sobem as torrentes de harmonias. Não ha exemplo de tal suceder, porque aquela musica maravilhosa assinala a entrada dos justos no empireo e êsses dias são sempre lindos. Ha festa no céu; vive em doçura a terra.

Ora, depois do armisticio, logo que se assinaram os tratados de paz, o Senhor São Pedro, que, como bom porteiro, varria da soleira do portão divino uns pedacinhos de mundos mortos, viu chegar, em marche-marche, vestido na sua farda vermelha, boné ao lado e chibatinha na mão, um soldado rubro, loiro, ao qual interpelou acêrca dos motivos da jornada até ao portão celestial.

Desejava repouso; era o representante dos seus camaradas mortos, eleito, como sucedera em todos os exercitos, para se quedar nos ceus, panteão digno de seus sofrimentos, como na terra se tinham erguido monumentos, jazidas e lumes votivos aos soldados desconhecidos.

Os corpos lá ficavam; as almas subiam para o amplexo de Deus. Ele ali estava; era o primeiro. O seu governo provera-o de boas libras para o caminho, mas não lhe tinham servido de coisa alguma, depois que o avião mais veloz do orbe o depusera á entrada da Via Lactea.

O Senhor São Pedro sorriu, sarcastico, e acenou com a cabeça alva como as esguedelhadas nuvens branquissimas, que são cabeleiras de profetas, e preguntou, em ar de mestre bondoso, justo nos rigores e que espera encontrar o discipulo em falta:

— Ora sempre quero saber, John, porque foste para a guerra, para essa hecatombe da qual tivemos noticias pelo grande numero de mortos, as legiões funereas que pretendiam entrar no ceu. Nem um só passou... Com seus maus habitos de ceifadores de vidas, não tardaria a revolta no empireo e os arcanjos não chegariam, em sua milicia, armada de oiro e cristal, para conter os sediciosos. Dize lá, John, porque foste tu para a guerra?

Um pasmo incomensuravel se espalhou na face glabra e vermelhusca do inglês. Expeliu um oh! gutural, bem britanico, baforou «whisky» e volveu, imponente e orgulhoso, como se, em vez de se encontrar na presença do porteiro do ceu, estivesse ainda nalgum «bar», puxando por suas libras, pagando «rodas» de cerveja espumosa:

— Porquê? Mas, pelo direito, pela justiça e pela grandeza da Inglaterra, sempre a defendê-los.

— Vai-te... Hipocrita... Mercante... Mentira a tua justiça e o teu direito!,

Como ensaiasse, primeiro, corrompê-lo, mostrando o oiro das moedas a quem se nimba do fulgor do sol, e, de seguida, revolteasse um meneio de mãos boxistas, a nuvem negra que ladeia a esquerda do portão celestial moveu-se e um trovão formidavel ressoou pelos vales cristalinos que enchem as vastidões.

Expulso o soldado britanico, logo assomou um vulto de grevas, capacete de ferro, o capote enlameado, cheio de aprumo e dignidade. Do mesmo modo que usara para o anterior, o Senhor São Pedro o encarou. Disse-se francês; incarnava a alma nobre da sua raça patriotica, que a Alemanha ferira nos brios e grandezas. Queria ir para junto de Napoleão, o Grande, gloria do mundo, deus das batalhas.

Rapidamente, o porteiro divino declarou:

— Napoleão, não está aqui!

Seu braço alongou-se a indicar os confins da abobada celeste; depois, o seu dedo luminoso apontou o báratro, o que se chama o Inferno. Murmurou:

— Continua na morte o seu cativeiro!

O militar não compreendia aquele perpetuo desterro do grande guerreiro que restabelecera a Igreja em França e fôra coroado pelo Papa.

O Santo lembrou-se do seu tempo em Roma; encolheu os ombros, resmoneando frases das quais só se ouviam silabas ou trechos. Parece que falava arrependidamente de ter subido ao solio sôbre o qual, teorias de frageis humanos, se evoca na terra o poder divino.

Interrogado acêrca dos motivos que o tinham levado a batalhar nessa ceifa monumental de vidas, o francês, mais vibrantemente ainda do que o britanico, falara do direito, da justiça, da gloria do mundo, das tradições da França, do bem e de mais nobres e preclaros motivos.

— Mataste conscientemente, para servir menos a patria do que outros interêsses. Foste, talvez, enganado, mas puseste furia na luta e sabes porque o fizeste. Vai-te, Jeannot...

E apontou-lhe o báratro.

Disciplinadamente, em cortesia, o soldado pediu venia para retorquir, desagradado do nome de ingenuo que lhe impusera o severo porteiro. A nuvem pesada, forte, escura, prenhe de tempestades, o envolveu. Perdeu-se na imensidade, condenado e vencido, quem das glorias viera.

Certo dia em que a atmosfera estava mais limpida, após aquelas coleras dos plumbeos gonzos celestiais, um novo soldado apareceu. Era alemão. Lia-se-lhe na face arreganho e audacia. Apesar de vencido, rangia os dentes ameaçadores. Evocava a sua derrota como o principal direito para penetrar no ceu; queria impô-la citando textos. Municiado, ontem, de balas pestiferas, hoje de empeçonhada cultura, julgava-se irresistivel de força, engenho e supremacia diante daquela personagem de agiologio, lendaria, na qual não acreditava. Chegara até ali; queria conquistar o ceu; já que na terra Krupp não fundia mais canhões, ele arrancaria ao divino os seus raios. Gritava, ao ser interrogado acêrca do que o levara para tal guerra, tão vil e hedionda, e, em voz arranhante, estranha, entre gargalhadas de colera e risinhos desdenhosos, foi dizendo ter pleiteado pela vitoria, servindo-se de todos os meios. Desejara-se abater o poderio germanico e... «Deutschland übber alles»: «A Alemanha acima de tudo!».

Já ressoava na porta do ceu o hino de Haydin quando a grossa e poderosa nuvem, como movida por si propria, repeliu e atirou para os abismos o Michel teutonico, empaiado de orgulho e sabicha.

Acudiram, depois, mais militares, uns desenvoltos e fortes, muito lavados, cidadãos dos Estados Unidos e filhos da Australia; outros

VISTAS AEREAS DA CIDADE. — (Reproduzido do n.º 13 do Ilustrado).

Fotografias tiradas pela Companhia African Flying Services (P T Y.), Lta., que está fazendo o levantamento aereo da cidade.

por

Virginia Lopes de Mendonça

Era uma vez um rei que ficara viuvo, com um rancho de filhas, muito lindas, mas muito rabinas e malcriadas.

Passavam a vida á questão umas com as outras, num dize tu, direi eu, constante, quando não chegavam a vias de facto, quero dizer, quando não jogavam mesmo á pancada, tal qual como as rapariguinhas da rua, que não têm educação nenhuma! Depois de as ter enchido de mimo e deixado á redea solta, o rei, agora, não sabia por que meio havia de as domar! Mandou-lhes fazer uns fatos sem mangas, na idéa de as conservar amarradas naquela especie de sacos, mas as princesas, com os seus ataques de mau genio, rompiam os vestidos e, ainda mais desaustinadas, desatavam logo á bofetada!

O pobre rei lembrou-se, um dia, de chamar a fada, madrinha das filhas.

Talvez o seu poder, a sua magia, conseguissem o que castigos e ralhos nada haviam conseguido!

Ao ouvir as queixas do rei, a fada respondeu-lhe, desconsolada:

— As tuas filhas nasceram com um coração muito pequenino e os que assim nascem

Ao ouvir as queixas do rei...

não vêem o mal que espalham á sua roda! Tu foste, tambem, um grande culpado, um mau educador! Criaste-as com muita fraqueza, deste-lhes muitos mimos! «De pequenino é que se torce o pepino»! Agora será tarde, talvez, para as meter na ordem! Tentarei, no entanto, ver se posso realizar o milagre que me pedes!

Vieram as princesas á presença da fada madrinha.

Numa voz muito doce, esta pregou-lhes um grande sermão.

— Que fôssem bondosas, serenas, doceis, muito unidas, tivessem juizo, não fizessem maldades, não dessem arrelias ao pai, aos professores, não desconsolassem a madrinha fada!...

Emquanto ela discursava, cheia de boa vontade para as levar ao bom caminho, as princesinhas fingiam ouvi-la com atenção, mas empurravam-se, beliscavam-se, riam baixinho, cochichavam, e, por fim, uma das mais rabinas disse um segredo a uma outra.

Tanto bastou para, num abrir e fechar de olhos, todas elas, como uma onda revolta, rodearem a fada, puxarem-lhe pelos cabelos, espezinharem-lhe a corôa de flores, rasgarem-lhe o lindo manto com estrelas, partirem-lhe a dourada varinha de condão, darem-lhe, por fim, uma sova tremenda!

Uma sova numa fada!

Nunca tal se vira!

Desfigurada, desgrenhada, rota, furiosa, a fada gritou, fora de si:

— Grande castigo mereceis! Irei queixar-me á rainha das fadas, por tal sacrilegio, rebeldia e desacato!

Saiu dali enfurecida, sem querer ouvir os rogos do aflito rei, que receava agora pelo futuro das filhas e por si proprio!

Quando a rainha das fadas ouviu o sucedido, ficou apavorada!

Que desprestigio para a classe das fadas, que, até ali, haviam gozado na terra fama sem igual!

— Com certeza lhes deste confiança demasiada! Trataste-as de igual para igual! — resmungou, desconfiada.

A fada madrinha assegurou que, julgando ainda que as indomaveis ouviriam os seus conselhos, lhes falara com bondade e brandura, mas, agora, via bem que não tinham emenda, e exigia um grave castigo para as suas afilhadas.

A rainha, de sobrolho franzido e expressão carrancuda, pensou demoradamente.

Depois, resoluta, acudiu:

— Ficarás bem vingada pela grande afronta que sofreste! Volta ao palacio, verás o que lá encontras!

A fada madrinha tornou ao sitio onde ficava o soberbo palacio real.

Mas, este desaparecera!

O que ela encontrou ali foi um enorme castanheiro, cheìnho de ouriços.

E o castanheiro cantava assim, numa voz lamentosa:

— Já fui um rei afamado
e estou assim castigado!
Nesta arvore transformado
acabarei o meu fado!

De dentro dos ouriços, as vozinhas das castanhas gemiam, tambem:

— Fomos já lindas princesas,
com o titulo de altezas,
mas, por mandado das fadas,
por sermos mui malcriadas,
aqui estamos encerradas,
dentro dos nossos ouriços,
por magias e feitiços,
por artes e artimanhas,
transformadas em castanhas!

A fada madrinha ouviu os lamentos do rei e das princesinhas, depois comentou, tristemente:

— São todas cheias de picos,
as suas prisões de bicos,
têm a mesma rudeza,
têm a mesma aspereza,
que as princesas malcriadas,
usavam, quando zangadas.

Têm os corpos branquinhos,
corações muito pretinhos,
que são aqueles grelinhos,
que estão dentro das castanhas.
Sem as maldades e manhas,
que elas a todos faziam,
nunca assim se tornariam!

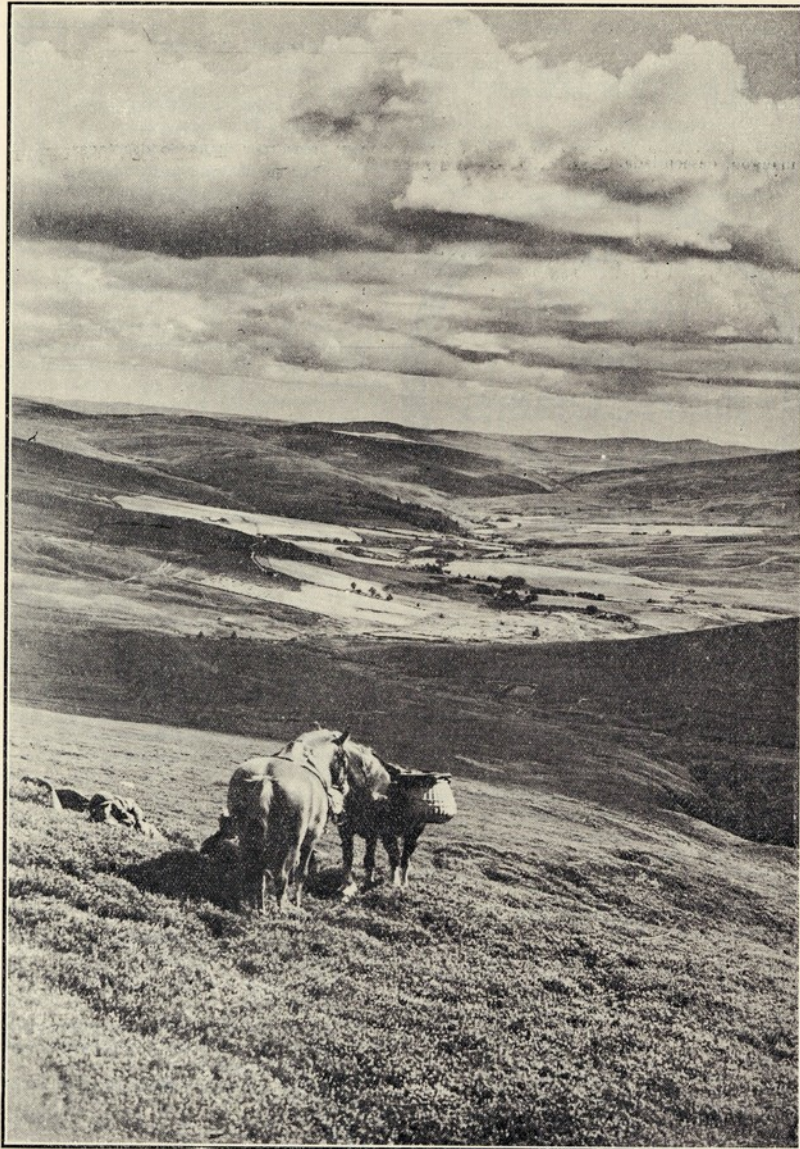
* * *

Dias e dias passaram!...
Não mais as desencantaram!...
Que infelicidade tamanha!...
Meninos: Tomem cuidado,
ao comer uma castanha.
Ponham-lhe os grelos de lado,
que ali é que está a reima!...

Em memoria da mão leve das princesinhas desta historia é que existe a expressão popular «apanhar castanha»!

Aposto que esta não sabiam os meus meninos?

(Inédito).

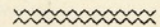
Como onda revolta...

Paisagens

A linda fotografia desta gravura dá-nos, em toda a flagrante nitidez de linhas e de detalhes, fixados por uma magnifica objectiva, uma esplendida paisagem da Escocia.

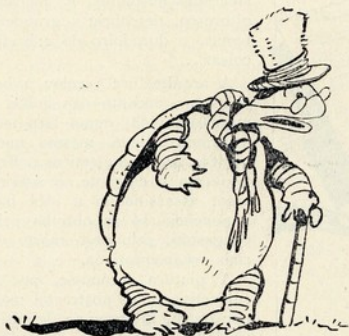
Aqui temos, na nossa frente, um extenso vale, de mais de quarenta quilometros, que a nossa vista abrange até lá longe, ao ceu, carregado de nuvens, que parece pintado...

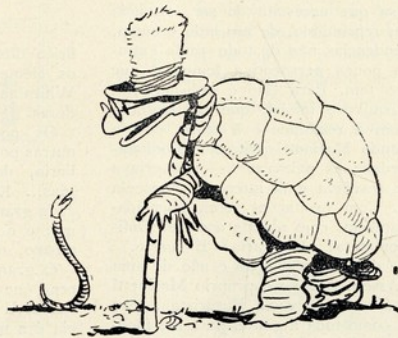
A fotografia foi tirada a quando duma recente e interessante caçada de Grouse e John Pearson's, com a sua comitiva, nos pantanos da floresta de Birse.

No primeiro plano, entre o tojo, vêem-se dois «ponnies» com os cabazes prontos a receber as peças de caça. Junto deles descansam os dois caçadores.

Todo este «arranjo» artistico da Natureza faz lembrar um quadro desenhado e pintado por um pincel de Mestre. A encantadora cena rustica harmoniza-se admiravelmente com todo o ambiente da paisagem, onde ha calma e sonho e que convida á meditação as almas contemplativas...

Fábula

O senão de D. Gregório

Aquele bicho petiz
nascera muito infeliz.
Chamava-se D. Gregorio,
por alcunha D. Geborio.
Era um cágado trombudo,
velho, grave, carrancudo,
e um eterno revoltado
contra o seu tão triste fado
que imaginando-o patego
o tomara por galego
forçando-o a fazer um frete,
— a raiva que isto lhe mete! —
com essa concha maldita
que nem sequer é bonita,
sempre ás costas a alombar!
Era de desesperar
ter-lhe Deus dado o senão
dêsse tremendo aleijão.
Minava-o mais um desgosto:
ter tantas rugas no rosto
e unhas em forma de garra.
Se inda tocasse guitarra
teriam algum proveito,
mas, assim, era defeito.
Tambem possuia outro fraco:
aquele enorme casaco
com as mangas tão compridas
e essas calças desmedidas,
a formar grandes «godés»,
caindo, bambas, nos pés,
assentavam-lhe tão mal
que até lembrava, afinal,
que o pobre «mal-amanhado»
vestia fato emprestado.
A bicheza, com peçonha,
fazendo troça medonha,
chamava-lhe, a rir, a rir,
«o pobrinho de pedir».
Ele morava no rio
e ás vezes por desfastio
a todo o peixe guloso.
De conselho proveitoso,
conhecedora do mundo,
seu saber era profundo.
Sabia de cor as manhas,
essas tremendas patranhas
que o homem costuma usar
para os peixes apanhar.
O cágado D. Gregorio
adorava o falatorio,
e passava, ali no rio,
horas e horas a fio
com a enguia de paleio.
— Tenho pena de ser feio! —
choramingava tristonho.
— Com este peso medonho,
com esta casca tão dura
não posso botar figura.
Depois, tenho a perna torta,
mas a concha é que me corta
a minha linda carreira,
essa ilusão tão fagueira
de vir a ser diplomata!
Com esta casca tão chata
não posso vestir casaca.
E' a minha parte fraca! —
— Fraca? Forte, meu amigo!
Faça aquilo que eu lhe digo —
aconselhava-lhe a enguia
sorrindo com ironia.
— Vá amanhã de manhã
ao consultorio da rã
que tem sabencia tamanha.
Tirou curso na Alemanha!
Operadora de fama,
é muito sábia, essa dama.
Gregorio, vá consultá-la,
e a casca, que tanto o rala,
deixará o seu costado
e o amigo descascado

Chamava-se D. Gregorio
por alcunha D. Geborio

costumava conversar,
coitado, desabafar,
com uma senhora enguia
que tambem ali vivia.
Era dama respeitada
pois nunca fôra intrujada
pelo patife do anzol
que põe as tripas ao sol
ficará mais elegante,
mais bem posto, mais chibante.
Esse fato a dar, a dar,
voltará ao seu lugar
porque a concha é que lho enruga.
A menina sanguessuga
é da mesma opinião.
Faça pois operação.
Ninguem mais dirá no rio
que usa o fato do seu tio. —
Tanta coisa disse ao velho
que este seguiu-lhe o conselho
e desandou rio acima.
É grande a fé que o anima
e pensa, alegre, o mofino:
«vou ficar um figurino».
Ao chegar, cheio de afan,
ao consultorio da rã,
havia muitos doentes.
Cheĩnha de dor de dentes,
de muito má catadura.
Deve ser de ruins obras
e ainda pior que as cobras.—
O sapo, o tal dos pulgões,
que por sabidas razões
não estava bom «para amar»,
tratou logo de indagar
de que doença sofria,
o que é que ali o trazia.
E quando soube, afinal,
ser a casca todo o mal,
o porquê dessa consulta,

Horas inteiras a fio
Com a enguia de paleio

uma faneca, coitada!
tinha a cara muito inchada.
Um alfaiate, a gemer,
com a voz toda a tremer,
lamentava a sua vida:
tinha uma perna partida!
dizendo: — Vejam que mágoa!
Já não dou couces na agua! —
Uma enguia, transparente,
com carinha de doente
e uma tosse cavernosa,
bastante tuberculosa,
contava, muito ofegante:
— Eu quis ser tão elegante,
e para ter bela plastica
fiz tanta, tanta ginastica,
tanto nadei cá no rio,
que agora estou isto, um fio!
Se a Doutora me não cura,
vou parar á sepultura.—
Um sapo, todo pançudo,
de ventre muito bojudo,
trasbordando dos calções,
exclamava: — Esses pulgões
que comi ontem á ceia
— nem põem na sua idéa —
fizeram-me tantas dores,
com tais frios, tais calores
que levei a noite inteira
a caminho da estrumeira.
Sei lá o que hei-de tomar
para o corropio parar! —
e passava a mão sapuda
pela barriga bojuda.

....

Pois ao entrar D. Gregorio
no famoso consultorio,
todos esses desgraçados
o olharam desconfiados.
Porque viria um sujeito,
assim tão são e escorreito,
consultar a rã doutora,
aquela ilustre senhora?
E disse a enguia á faneca:
— Ai não o levar a breca!
Vem aqui por malvadez,
para nos roubar a vez.
É uma feia criatura,
sua raiva não oculta,
dizendo que ele era intruso,
que tudo aquilo era abuso
e acrescentava, exaltado:
— Você é tolo chapado
pois tendo casa de graça
vai tirar a carapaça! —
Palavra puxa palavra,
já grande revolta lavra
entre todos os presentes,
e, num pronto, eis os doentes
no cágado engalfinhados.
Houve focinhos rachados,
muita cabeça partida
porque os bichos na investida
contra o matreiro Gregorio,
não contaram que, o finorio,
vendo o caso mal parado,
se escondesse, alapardado,
na concha, e foi contra ela
que se fez tanta mazela.
Todos eles se esmurraram,
mas ao bicho não causaram
nem uma beliscadura!
Nada, que a casca era dura!
Houve choros, houve gritos,
confusão, alarme, apitos,
e, sem falar á doutora,
fugiu tudo porta fora.
Só ficou lá no escritorio
o maroto do Gregorio
dentro da concha encolhido,
mas já muito convencido
que a sua casca, afinal,
era um bem, em vez dum mal
que dava enorme vantagem
a quem tem fraca coragem.
E foi depois desta cena,
desta tremenda borrasca,
que nunca mais teve pena
de trazer consigo a casca.

....

Nada é mau na Natureza,
nem mesmo os proprios senões...
pois Deus que os deu, com certeza,
lá tinha as suas razões.

(Inédito).

LAURA CHAVES

O passado do futurismo

POR FERREIRA DE CASTRO

Ilustração de BOTELHO

A FINAL, ¿que ficou de todas essas bizarrias com que futuristas, cubistas e outros loucos andaram a irritar-nos, durante tantos anos? — preguntava-me, ha tempos, um amigo, perante um quadro onde ressurgiam, vigorosamente, os valores picturais classicos.

Sob o meu silencio, mais de conciliação do que de concordancia, ele exclamou, triunfante:

— Nada! Nada! Não é verdade?

Não, não é verdade... Alguma coisa ficou. Alguma coisa que necessita de ser estudada serenamente, reprimindo, de um lado e outro, paixões e tendencias não de todo ainda extintas, dada a pouca perspectiva temporal que o movimento tem. Para isso é indispensavel eliminar o equivoco inicial, que confundia a aspiração com a realidade e a teoria com a prática. Quando Marinetti gritava: «Ponham-se em liberdade as palavras»! — não criava uma escola; revelava uma intenção. A escola veio depois. Com hesitações, com puerilidades, mas, tambem, com alguns acertos. Deficiente? Incompleta? Arbitraria? E' certo.

Tratava-se de uma revolução e não de uma realização. Assim, quando o proprio Marinetti escreveu a sua «Democracia Futurista», teve de escrever, como toda a gente, para ser facilmente compreendido, para que as suas teorias chegassem facilmente ás multidões.

Mas a ansiedade por uma renovação dos processos literarios e artisticos, que muitos anos de academicismo haviam fossilizado, contagiara outros espiritos.

Guillaume Apollinaire, na França, e Alexandre Block, na Russia, passam a ter um verbo lirico diferente — um verbo revolucionario. E os elementos mecanicos da poesia de Walt Whitman encontram na Europa novos adoradores.

Os poemas da juventude vestem-se com outras pompas, enriquecem-se com outro mobiliario, desarticulam-se em novas terminologias... E o movimento alastra sempre. Em cada grande país surge um «ismo»: é o cubismo, é o expressionismo, o dadaismo, o intimismo, o ultraismo — são muitos outros...

O grande publico, desconhecendo as «nuances» que os separam, classifica tudo de futurismo. E classifica com razão, porque a essencia é a mesma — e o que importa é a essencia e não a forma, é a intenção e não a realização. Para o publico, que não é tecnico em valores esteticos, não interessa que Vicente Huidobro, chileno, seja mais transparente que Tristan Zara, francês, nem que o «ultraismo» espanhol procure distinguir-se do «futurismo» italiano. O que importa é a coluna vertebral de um movimento que parece feito, apenas, para irritar os que amavam as linhas consagradas ou para cobrir a ausencia de talento. E a confusão aumentou, porque a propria maioria, que se englobou em qualquer «ismo», se preocupava mais com a forma do que com a essencia.

Á primeira analise, todos eles se pareciam uns com os outros. Na pintura, na poesia, no teatro e na arquitectura. Dir-se-ia que aqueles que combatiam todas as escolas acabaram por criar uma escola unica... Depois, a ansia de serem originais levava-os á obscuridade humoristica, que surgia como reacção á austeridade das academias e á dor que a guerra estendera sobre o mundo. A Humanidade precisava de rir, mas não de si propria. Havia necessidade de inventar um motivo de riso que não fôsse humano e os artistas não o inventaram. Pelo contrario, riam-se do proprio riso, cultivavam a deformação de tudo, extraiam o grotesco do grotesco. Não sabiam despertar o riso inconsequente, sobre o qual sabe bem dormir. Irritavam. E não era este e aquele, era a escola inteira — escola rebelde, indisciplinada, sob cuja gritaria se tornava dificilimo identificar personalidades. A Picasso sucedem tantos picassos, que os profanos já não sabem separar o mestre dos discipulos. E os poemas de Reverdy são como que uma matriz: surge logo uma inesgotavel série de poemas identicos.

Mas, com o esvair do tempo, foram-se depurando tendencias, filtrando teorias, eliminando roupagens inuteis, até se restituir á essencia do movimento a sua função de orientadora de novas e equilibradas directrizes. Á revolução sucedeu, naturalmente, a realização calma — transigindo aqui, inovando acolá e procurando evoluir dentro do definitivo.

E, assim, a três lustros do movimento iconoclasta, nós podemos afirmar que ele não foi, apenas, audacia, teoria, ruido e destruição; que, de facto, alguma coisa dele ficou...

Onde? Na pintura, na arquitectura, na literatura e na escultura; um pouco em todos os ramos da Arte. A poesia, embora se tornasse mais hermetica, mais enigmatica, adquiriu ritmos ineditos e uma sobriedade verbal que, sem paradoxo, se pode chamar classica. A prosa, embora se ressentisse menos, beneficiou tambem; desarticulou-se, conheceu melhor o emprego dos pontos finais, a secreta razão das metaforas, a relatividade dos valores considerados absolutos. E, na sua exploração do pitoresco, descobriu a grandeza dos pequenos temas, o duradoiro do episodico, a alma das coisas...

A arquitectura revelou a beleza da simplicidade, o encanto das linhas puras, a saude moral da vida, numa luta tenaz contra toda a promiscuidade, mesmo que fosse de elementos julgados esteticos... Fraternizou o pratico com o elegante, o sobrio com o majestoso, assassinando a idéa baroca de que a imponencia só se obtinha pela riqueza, pela congestão, pelo peso morto de muitos materiais ornamentativos.

A pintura tornou-se, por um lado, mais subjectiva, mais abstracta, mais intelectual, e, por outro, integrou-se definitivamente no seu verdadeiro papel de arte decorativa. E se, sob o primeiro aspecto, ela tateia ainda no periodo laboratorial, no segundo, os seus triunfos são incontestaveis. É que as artes decorativas, como nenhuma outra, receberam desse movimento um forte impulso renovador — e tiveram, de certa maneira, um outro renascimento, dentro do espirito do seculo, da linha geometrica da época, da linha da maquina.

A revolução foi desde os moveis aos estofos que os cobrem, desde os «bibelots» á encenação domestica, desde o papel que forra as paredes á sensibilidade estetica que forra os espiritos...

Adquiriu-se um novo sentido das perspectivas, das linhas sobrias, do sortilegio das côres. Criou-se uma nova harmonia na decoração

Ultimas rosas

por

LUZIA

Ilustrações de M. C.

«Et aux portes même de l'hiver, voilà qu'elles portent encore des roses, avec une ferveur si douce...

JANE CALS

TEM outro amor a minha amiga Matilde. Não queria confessá-lo, por orgulho, coitada! Imaginava que se diminuia aos meus olhos, depois da ardente, impulsiva confidencia, sobre o doloroso idilio, ha meses terminado, e das solenes, convictas promessas: — Foi o ultimo. Mais nenhum! Nunca mais!

Amor... Chamei-lhe amor... É? Não é? Talvez que apenas «amourette», paixoneta, arranhadura que se dá honras de ferida e tanto doi, por vezes! Em todo o caso, qualquer coisa de infinitamente triste... O romance de uma mulher «sur le retour» — uso a expressão francesa para poupar a Matilde o nosso cruel... de certa idade. Transigencias, humilhações, orgulho amachucado a cada instante... Aceitar tudo, perdoar tudo, para não perder tudo... — «Sentir à toute minute son bien unique se desagreger, fondre et fuire comme une poudre d'or entre les doigts! Et n'avoir pas l'affreux courage d'ouvrir la main, d'abandonner le trésor entier, mais serrer toujours plus fort les doigts et crier et supplier pour garder... quoi? Une petite trace d'or précieuse au creux de la pomme...».

Ah! Colette sabe... E sabe-o tambem, ainda melhor, talvez, a minha pobre amiga! Matilde fez anos no dia 20. Mas... serei generosa, não direi quantos. É um pouco mais velha que a «Vagabonde» e, como ela, delgada, fina... A sua silhueta conserva uma gracilidade adolescente, quando não está presa da negra neurastenia, tem os movimentos leves, novos. Os pés são lindos, delicados os tornozelos e as mãos nervosas, expressivas, falam, contam, em cada gesto, a ardente vida do seu coração...

O rosto? Imovel, revela bem a idade. Mais ainda. Os olhos estragaram-se de tanto que choraram, embora não seja sem encanto a sua magoada tristeza. O sofrimento cavou-lhe, de cada lado da boca, as rugas profundas, que os franceses chamam pregas de dôr. O bonito cabelo embranquece já... Mas o sorriso transforma-a. Dá-lhe um relampago de mocidade, ainda.

Eis como ela é... ou como eu a vejo aos... — decididamente, não digo. Matilde jàmais me perdoaria... — e a contas com uma paixoneta...

Ele? Porque lhe agradou? É um banal conquistador de oficio; porém, Matilde emprestou-lhe — Matilde está sempre fazendo esse genero de emprestimos! — a alma que melhor se entenderia com a sua alma. Julgou-o aquele para quem foi feita e que foi feito só para ela!

Um ramo de rosas, dois galanteios numa sala, uns olhos que docemente se demoraram nos seus olhos e... ei-la embarcada para a grande ilusão!

Durante alguns dias, o seu encanto palido, o seu ar de apaixonada romantica, despertaram a curiosidade, e até um certo entusiasmo, do vulgar D. Juan, que a todos os amigos repetia incessantemente:

— Não ha como estas mulheres fim de outono, já batidas pelas grandes tempestades!

Mas curiosidade e entusiasmo pouco duraram. O ramo de rosas, que se renovava cada manhã, começa a tornar-se raro.

— É preciso não a pôr em maus costumes...

Os galanteios desapareceram dos breves, cada vez mais breves «tête-à-tête» nos cantos das salas elegantes.

— Uma afeição séria como a nossa dispensa essas manifestações...

Aos olhos que imploram, que, como dantes, pretendem demorar-se, ficar, replicam, impacientes, os outros olhos:

— Não posso... Estou com pressa...

E a resposta ao: — Vem, vem, meu adorado... — das ardentes, nervosas cartas, é um placido, indiferente: — Irei quando puder, quando os meus afazeres mo permitirem.

Entra já em agonia o novo amor de Matilde. Não tarda o momento em que a verei chorar, agarrada ás minhas mãos. Outra vez ouvirei tambem as solenes, convictas promessas: — É o ultimo! Mais nenhum! Nunca mais!

Por piedade e respeito da sua dôr, fingirei acreditar, direi com ela:

— Mais nenhum! Nunca mais! — embora certa, certissima, de que, amanhã, depois... emquanto encontrar quem queira fazê-la sofrer, Matilde sofrerá. É a sua vocação, a sua voluptuosidade, o seu amargo prazer...

(Inédito)

(Do livro em preparação «Almas e terras onde eu passei»).

---

do lar e nos logradoiros publicos — nos teatros, nos «cabarets», nos cinemas, nos hoteis, em todos os edificios onde a elegancia de linhas deve corresponder á beleza cenografica e á sanidade colectiva. E a electricidade, que se adaptava mal aos velhos lustres, aos suntuosos candelabros, foi ocultar-se em laminas de vidro fosco, menos preciosas, é certo, que os cristais de Veneza, mas não menos decorativas, sob o espirito da época.

Não satisfaz, como é natural, a todas as sensibilidades, sobretudo àquelas que desabrocharam sob outros canones esteticos. Mas, qualquer que seja a orientação de cada um, a realidade exibe, perante os olhos de todos, conquistas que não se podem negar.

As proprias mulheres, que, por normal coerencia psicologica, preferem o complexo ao sobrio, as «toilettes» de folhos aos vestidos escorreitos, as rendas aos tecidos lisos, adoptaram, sob a influencia estetica da época, as linhas simples, por vezes quasi geometricas, do novo catecismo de arte. E com as modistas parece ter colaborado, para uma maior harmonia, a propria natureza. Vultos esguios, de talhe até aí não surpreendido, vultos angulosos, que dir-se-iam uma ultima reminiscencia egipcia, começaram deambulando nas ruas e nos salões, como se acabassem de sair, por taumaturgico poder, do «atelier» dum escultor de vanguarda.

E o cinema, com as suas estranhas perspectivas, com os seus angulos singulares, com os seus cenarios bizarros, completou a obra de transformação — popularizando-a. O «futurismo» deixou de irritar. O «futurismo» começou a ter passado e a encontrar, se não adeptos, pelo menos tolerancia, até entre aqueles que mais encarniçadamente o combateram... Mas o «futurismo» só triunfou quando deixaram de existir os «futuristas», quando os batalhadores embainharam a espada, quando os teoricos deram lugar aos tecnicos, quando a fabrica substituiu o laboratorio... Então, Picasso pôs de lado a goma e as tesouras com que fizera os seus primeiros quadros e integrou-se na rota de Ingres, que era uma rota classica... E Marinetti, inimigo de todas as academias, tornou-se academico... Os semeadores recolheram a casa, ás pantufas domesticas, ás «botas de elastico», mas deixaram a semente a germinar...

(Especial para o «Ilustrado»)

BELEZAS FEMININAS

A BELEZA impressiona sempre. Impressiona e prende. Impressiona e encanta. Deixa-nos estaticos, embevecidos num sonho... Quer seja a beleza imponente da montanha ou do mar, o nascer ou o pôr do sol, a grandeza duma tempestade, a doçura suave de um dia calmo e transparente ou a magia duma noite luarenta, dolente como um noturno de Chopin... Quer seja a Musica, a Escultura, a Pintura, a Arquitectura, a Poesia, a Prosa — quando estas atingem, mercê das fulgurações deslumbrantes do Talento e do Genio, as maximas expressões que as tornam eternas...

Quer seja a Mulher...

A Mulher tem sido, através dos seculos, desde as épocas mais recuadas, a nascente pura — sempre virgem — inexaurivel, da Inspiração de Poetas, Musicos, Pintores, Novelistas... E a beleza da Mulher vive, por si só, independentemente das Obras que ela inspira... Vive e impressiona; impressiona e prende; impressiona e encanta. Deixa-nos estaticos, embevecidos num sonho... Deixa-nos rendidos numa homenagem muda e respeitosa, quando não nos deixa escravisados pelo Amor...

Por isso...

...A beleza feminina continua, em toda a parte, a triunfar entre os canticos admirativos dos homens prostrados perante ela...

Aqui vemos nós, numa destas gravuras, a encantadora estrêla» Frances Dee, na plenitude da sua formosura equilibrada, expressiva e suave, espalhando á sua roda um ambiente penumbroso de misterio...

Hollywood — paraíso de belezas — rendeu-se-lhe... Num concurso que ali se realizou ha pouco — o concurso «da linha mais perfeita» — foi Frances Dee proclamada como triunfadora, entre tantas!

* * *

E corpos! Corpos formosos, corpos estatuarios, corpos de uma pureza absoluta de linhas, corpos dos quais se desprende uma idéa e uma emoção artistica, antes e primeiro do que o instinto nos tome e os macule nas ardencias da posse! Quantos, quantos corpos de mulheres, assim, ignorados, ocultos pelo vestuario, por nós passam sem que os imaginemos tam equilibrados, tam harmoniosos, tam belos como realmente são — dignos de se eternizarem em marmores!?

Muitos, por certo...

Aí temos, na outra gravura, Marlene Dietrich, ao lado da sua estatua, num dos seus ultimos filmes. Os admiradores da sua Arte, da sua Distinção, da sua Expressão interpretativa, não sonharam, talvez, que o seu divino corpo possuisse, assim, o equilibrio e a pureza de linhas duma Venus estatuaria...

Natal de ontem...

Natal de hoje...

Por Oldemiro Cesar

Natal! Natal!

Rebanhos de perús, arrastando pelas ruas, sob a comprida vara flamulada de farrapos do condutor, o seu «glu-glu» nostalgico, anunciaram já, com larga antecedencia, como os antigos arautos, essa festa tradicional da familia, festa de amor e de paz por excelencia, secundados pelos pregões gritantes dos vendedores de «cautelas», logo ás primeiras horas das manhãs ennevoadas, florindo esperanças em trapeiras e quintos andares humildes. Porque a essa festa de alegria que é a festa do Natal, entre nós, como entre os nossos vizinhos de fronteira, uma grande rajada de esperança vem, todos os anos, juntar-se, e que não é, por certo, a sua nota menos comovedora, essa da lotaria, que ha bons quatro seculos os genoveses se lembraram de inventar, muito embora com o honestissimo intuito de deixar á sorte a designação dos cinco magistrados do seu Serenissimo Colegio, dentre os cento e vinte candidatos que tal honra disputavam.

Assim era outrora, para grandes e pequenos, adultos e crianças, o velho papá Natal, aquele anciâo da lenda, que viria, á meia-noite, a hora misteriosa e sinistra em que as bruxas — precursoras da aviação — cavalgam cabos de vassoura por esse espaço além, a recompensar as nossas boas acções de todo o ano com um despejar de brinquedos, cada qual o mais bonito, o mais cheiroso de verniz fresco e o mais dificil de escangalhar, para os pequeninos que, ao jantar, nunca repudiaram a sopa e diante de visitas não metiam os dedos no nariz — para os grandes com um subito borbulhar de dinheiro das esferas doiradas da Misericordia, onde, uma vez cada ano, com maior febre tantos olhos se cravam e tão poucas indescritiveis alegrias rodopiam ligeiras, sob a forma de pequeninas bolas, como as do loto caseiro, através dum tubo metalico, para as mãos indiferentes dos pregoeiros...

Precisamente uma caricatura celebre de Poulbot, o estranho psicologo das crianças, mostra-nos um rapazinho empoleirado numa chaminé de fogão de sala, junto do qual colocou os seus sapatinhos e uma formidavel armadilha de caçar ratos, pretendendo, assim, verificar, como S. Tomé, pelos seus proprios olhos, se ao badalar vagaroso e plangente da meia-noite papá Natal virá, de grandes barbas alvejantes, um comprido casacão de estalactites de neve, ás costas o cabaz dos brinquedos, numa das mãos a saca de oiro e, na outra, o bordão de caminheiro esgalhado dum pinheirinho manso que a neve tambem branqueou, depositar, nos sapatinhos cambados, a prenda cubiçada, cuja promessa ano em fora tanta perrice fez cessar de subito...

Este rapazinho que duvida da lenda encantadora é um simbolo do positivismo dos tempos que vão correndo.

Porque os meninos de hoje nascem já homens, eivados de desprezo pelas tradições desde o primeiro cigarro que fumaram ainda nos braços da parteira, e sabendo já que, dentro dos seus sapatos, não cabem os brinquedos do Natal, condenando fatalmente a geometria que o conteudo seja maior que o continente...

Quanto aos eternos desiludidos da «sorte grande», tambem para esses nunca o velho papá Natal foi nem será o que são todos os velhos — bom e generoso, indulgente para a culpa, perdoando sempre o mal passado pela promessa falaz de um bem futuro...

O que resta, pois? A festa da familia. Porque desatar os laços sagrados que unem um lar não o conseguirá nunca o lapis irreverente dos caricaturistas ou a descrença do homem perante a inevitavel fuga das ilusões, dispersas como folhas mortas das arvores que o vento do Outono arrebata sabe-se lá para onde, expulsas pela filosofia amarga dos livros e da vida.

Em volta da mesa, emquanto a chuva tamborila nas vidraças e o fogo crepita no fogão, reunem-se todos, o avô á cabeceira, e ha um momento em que os olhos amarados de lagrimas e os corações trasbordantes de saudade e tristeza evocam, numa profunda e indizivel comoção, os que, naquela hora de paz e ventura, moirejam pela vida em terras longinquas ou serenamente apodrecem no ventre granitico dos tumulos.

Quantas lembranças!...

Quantas saudades!...

O Natal tinha, para mim, encanto naquele tempo ido em que eu era menino e moço...

Todo o santo dia rondava pela sala vendo minha mãi enfeitar com flores e brinquedos um pinheirinho novo que a lavadeira trouxera de vespera, entalado na grande trouxa da roupa, ou dispor, para a noite, sobre a brancura da toalha, muito fresca, muito lavada, com um bom cheiro a barrela, as compoteiras de doce e os pratos ingleses dos jantares solenes.

Depois da ceia, feita a reconciliação com um parente desavindo, a alegria dos jogos de prendas, em que se davam beijos e abraços, e, mais tarde, a musica infernal das colheres de pau rufando nas tampas das panelas e fundos de caçarolas, acompanhando as nossas vozes finas de crianças que entoavam lôas ao Deus-Menino:

Lá na noite do Natal,
Noite de grande alegria
Caminhava S. José
E mais a Virgem Maria.
Caminhavam p'ra Belem,
Para lá chegar de dia,
Mas quando eles chegaram,
Já meia-noite seria...

e berrando com furia, quando a esportula para rebuçados era propositadamente negada no peditorio final:

Mater Dolorosa

Desenho de Ferreirinha

Esta casa cheira a breu
Aqui mora algum judeu!

com uma variante, sempre a mesma:

Esta casa cheira a unto
Aqui mora algum defunto!

o
o o

Natal! Natal!

Só agora, tantos anos volvidos sobre essa idade feliz em que se acredita em bruxas e se ignora o amargo e irreverente senso critico dos caricaturistas, a nostalgia desse tempo que tão depressa passou para não mais voltar me faz compreender toda a infinita tristeza dos dizeres de Richepin, o cantor dos miseraveis e dos vagabundos, que nesta hora longinqua da minha meninice evoco com aquele sabor agridoce da saudade, ao mesmo tempo tortura e suave prazer:

«Heureux le cher enfant qui prie
Pour son soulier au noeud bouffant,
Afin que Jesus lui sourie!
Aux gueux, le sort le leur défend.

Leur soulier dur, crevé souvent,
Dans quelle cendre satinée
Le mettraient-ils, en y révant,
Ceux qui n'ont pas de cheminée?»

(Inédito).

QUELIMANE

coração da ZAMBEZIA e padrão de Portugal

A BARRA dos Bons Sinais é um labirinto...

Debruçado na amurada do minusculo «deck» dêste varporzinho-brinquedo que é o «Chinde», chego a ter medo que o sr. comandante se perca!... A roda do leme gira para cá, para lá, fazendo e desfazendo voltas... Ora vamos direitos de prôa a um tufo basto, encarapinhado, de mangal, ora deslisamos ao rés da outra margem, mancha verde-escuro, compacta, de coqueiros...

— Mas onde está Quelimane?

Mais um golpe de leme... Além é Tangalane, além a Olinda... Ali Quelimane do Sal, Pepino...

Monumento à Republica

— Quatro braças escassas!...

As maquinas vão devagar. No poente, o sol é uma braza ardida. Bandos de «aigrettes» passam, voando... Ali, é a ilha dos Cavalos-Marinhos... Um pelicano grave, sisudo, de papo empertigado, baloiça-se nas aguas espessas do rio, sujas, turvas de lama e de escumas amarelentas, como babas nauseabundas. E este pelicano traz-me á memoria a divisa heraldica: «Pola lei e pola grei»!

— Quatro braças na marca!...

Olha-se á volta e é tudo verde, verde retinto, carregado.

Mas, de subito, por detraz duma ilhota, numa ultima curva caprichosa do canal, Quelimane surge. Lá está agora!

Olho àvidamente. Como o sol mergulhou já no horizonte, estamos na hora indecisa, vacilante, nostalgica do crepusculo. Quelimane é uma aparição fantastica, irreal... Mal se distinguem algumas casas entre uma névoa espessa, pesada, rente ao chão, estatica...

De repente, um grito barbaro, tonitroante, guinchos... Ancora ao fundo!

Chegámos.

*

* *

— Quelimane? Porquê Quelimane?

Ha quem explique assim: vem do inglês «kill men». Mata homens... É o clima, este clima ingrato, rude, traiçoeiro e perverso. Calor esbrazeado, um halito de fornalha aberto sobre a vila, causticando-a, asfixiando-a... Depois, a humidade, esta atmosfera plumbea, congestionante, saturada... Transpira-se, e o suor fica no corpo, sem se evaporar, quente, escorrendo como uma baba, reptilesco, viscoso, peganhento...

«Kill men». Pode muito bem ser que venha daí o nome. Os que aqui se demoram e vivem, trazem na figura o selo do clima. Não ha outra terra na colónia em que os habitantes se nos mostrem assim, amarelo-esverdeados, macilentos, e com este ar de cansaço e depressão...

*

* *

E, todavia, a vila tem o seu encanto. Às horas frescas da manhã, quando a luz não tem ainda a crueza aguda do meio-dia e é um sorriso juvenil, a vila chega a ser linda. Tem vivacidade e frescura, um ar lavado e alegre. Inhambane, por exemplo, não é assim... Muito menos Moçambique...

As ruas são largas, espaçosas e folgadas. Ladeiam-nas arvores de frondosas copas e sombras propicias e bem-aventuradas.

Á tardinha, no desafogo do calor do dia, Quelimane torna-se melancolica. Enche-se da tonalidade dos palmares que a circundam. Do solo, das paredes, creio que das pessoas mesmo, começam a desprender-se os fumos da evaporação. Ao rés do chão, a nevoa é, primeiro, uma fita delgada, que pouco a pouco se adensa. Nos telhados, é como se nuvens brancas lá tivessem pousado, a descansar da caminhada lenta pelos ares... E, em algumas arvores, a nevoa entrelaça-se nos ramos, esfarrapa-se rendilhadamente, é como enormes teias de aranhas...

*

* *

Ainda o que ha de mais curioso para ver em Quelimane, são as casas antigas. Baixas, atarracadas, as paredes são grossas, espessas que nem muralhas de fortaleza. Á frente, um pateozito, um alpendre ensombrado... As coberturas são de telha forte, descolorida. No todo, uma enorme impressão de solidez, de concen-

Um aspecto da Avenida 5 de Outubro

tração... Estas casas têm o arcaboiço rijo e duro, robusto, sereno e grave, recolhido, dos portugueses de outrora...

Do lado de terra, palmares e palmares. A margem fronteira, Pepino e Quelimane-do-Sal, Carungo, Inhassunge — é um pano de coqueiros, todo igual.

O coqueiro é o motivo heraldico de Quelimane.

E o pequenino ridiculo da vila é «a praia»... A praia!... Dá-se este pomposo nome ao passeio marginal, ajardinado, bordando o rio desde a Capitania — o antigo «esquadrilho» — até aos pequenos cais que servem á carga e descarga dos lanchões. Em baixo, passa o rio largo, de aguas sujas, gordurosas; quando a maré baixa, descobrem-se pedaços do leito, lamacento, lodoso, exalando um fetido a vasa e putrefacções. Eis a praia... Ao cair da noitinha, depois do jantar, após a volta pelas lojas, pelos monhés, não ha mais remedio do que ir passear para a praia... Vêm toda a gente de Quelimane — e o exercito indestrutivel dos mosquitos, zumbidores, ávidos...

Quelimane não será a vila heroica da Zambezia... Com Tete, é um dos polos da Zambezia. Mas é tambem o seu coração. É mesmo,

Igreja Matriz

Edificio da Camara Municipal

mais que Tete perdida nos confins do interior, a depositaria das lendas e das tradições da Zambezia. As ultimas donas, os ultimos luanes, os ultimos prazos... E é em Quelimane, no Choabo, que se guardam as ultimas saudades e se contam as ultimas historias de inhamatangas e musungos, dos senhores de prazos e de escravos, das donas ricas e poderosas, das nhanhas e sinharas, dos «quintais», dos banquetes pantagruelicos...

*

* *

Mas, ao mesmo tempo que o Chuabo é, assim, o cofre do antigo fausto e do antigo poderio dos senhores e das donas zambezianas, Quelimane é, na Zambezia, o padrão de orgulho do esforço, da coragem, da tenacidade, das virtudes obscuras mas heroicas do colono português.

E o que esta vila que de dia para dia se urbaniza; em que ao lado dos severos edificios antigos se levantam, delicados e «souples», os edificios modernos; em que uma população branca se demora, fixa, ganha raizes e crias — o que esta vila traduz é o genio duma raça, o genio de Portugal — a aventura na terra distante e entre gentes estranhas, sob um clima doentio e mortifero, numa vida dura de privações, vida em que se sua sangue, num sacrificio do corpo e espirito em holocausto á civilização e á humanidade.

O coqueiro é o motivo heraldico de Quelimane. Mas sob esse coqueiro ficava bem o pelicano, que eu ha pouco saudei com a legenda real: «Pola lei e pola grei»...

Assim deviam ser as armas de Quelimane, escudo da Zambezia.

(Notas dum diario).

M. C.

Edificio do Banco Nacional Ultramarino

Noite cerrada, a chuva batia nas janelas, como gotas de pranto nascidas de profundo penar. O vento fustigava-as mais ainda, como a sentir prazer nesse pranto de amargura.

A aldeia parecia adormecida, embalada pelo tic-tac da chuva: na calma desse aniquilamento suave, nem uma luz, nem uma pessoa se via! A voz do sino, lá muito ao longe, na sede da freguesia, ressoou repentinamente, em badaladas lentas e bem marcadas, que eram a introdução dum repique festivo anunciando a Missa do Galo.

Bandos de rapazes e raparigas deixaram a quentura das lareiras para ir á Igreja, com braçados de flores, ornamentar o Presepio de humildes palhas, á imitação do verdadeiro, onde nasceu o Redentor do Mundo...

■ ■

Normelia abriu a janela; a frescura da noite entrou-lhe no peito e uma lufada de vento pareceu adormentar aqueles nervos irritados pela dôr. Uma tristeza aguda caía sobre aquele ambiente de miseria em que passava os seus dias sem sol... Com a energia adormecida até mesmo para esperar um milagre, abandonava-se á lembrança e á saudade do Passado.

A voz do sino continuava a tanger, a lembrar o Nascimento Divino. Esse anunciador da fé batia dentro da aldeia, como a chuva nas janelas, como os corações dentro do peito... Perdida no seu isolamento, Normelia chorava os seus sonhos de ventura, que estavam perdidos para sempre... No exaspero do seu abandono, tinha fremitos de angustia; cansada, não podia mais com a sua cruz.

Horas seguidas levava a cismar nesse Passado ainda proximo, em que tantas quimeras côr de rosa lhe povoavam a mente. Mas tudo fôra levado na vertigem dum vento mais cruel que aquele cuja canção de exterminio açoitava as arvores da aldeia!

Desde que Antonio a abandonara, errava constantemente no seu coração uma melancolia oculta; guardava-a só para si e chegava a querer-lhe bem, porque era ainda dele que lhe vinha esse estado de alma...

Lá dentro, sua pobre mãi adivinhava-lhe a angustia e sentia que, apesar de tudo, não podia querer mal àquele homem que tanto mal fizera mas que era, afinal, o pai do seu neto, do pequenino que dormia envolto numa aureola de oiro, a doirada cabeleira encaracolada que ornava a sua cabecinha de querubim... A santa velhinha tudo perdoava — a falta da filha e o abandono a que esta fôra votada — naquela doce noite redentora. Voltada para uma imagem da Virgem, implorava com fé: — «Senhora, trazei-o, arrependido, a remediar o mal...».

Depois, a pobre mãi, crucificada pela angustia de ver perdida a sua unica filha, veio, aparentemente calma, beijar, expansiva e carinhosa, aquela fronte triste da abandonada, onde — tinha a certeza — ainda se agitava um pensamento de amor por ele, pelo homem cruel... Emquanto tentava consolar o triste coração traido, a filha, chorando, dizia-lhe:

— Mãi, perdôas?

E ela, com voz de balsamica ternura, respondia:

— Filha, minha filhinha adorada, até o cristal mais fino pode quebrar... Tem fé no Redentor! Tu és boa! Ele será contigo...

A voz do sino espargia-se pelo ar, chamando sempre os fieis á casa do Senhor. A mãi, amargurada, dizia-lhe ainda:

— Ouves o sino? Pois bem... Emquanto eu fico a velar o nosso menino, vai á missa e, junto do Filho de Maria, pede, com toda a fé do teu coração abandonado, para Ele cobrir de graças o teu filhinho e olhá-lo compassivamente!

A mãi, a grande amiga, tinha, na forma de consolar, uma suavidade pura, maravilhosamente enternecedora, profunda de crença.

■ ■

De volta da Missa, Normelia deitou-se, recusando a sobreceia. Já adormecida, viu, em sonhos, a Virgem Maria a mostrar-lhe o Deus Menino, que lhe sorria num ar de candura, protecção e graça...

Acordou... Á luz tibia duma lampada, viu dois homens: um olhava para ela, cheio de comoção e de ternura; o outro, um velho, curvava-se sobre a caminha, pobre como o Presepio de Belem, onde dormia, feliz e calmo, um pequenino Jesus que era seu neto...

Daí a momentos, emquanto a criancinha acordava alegre e sorria para aquele ancião que lembrava o Pai Natal dos contos da avó, Antonio dizia a Normelia:

— Meu pai arrependeu-se da oposição que fez ao nosso casamento e, hoje, aqui me tens para sempre... Os meus braços serão, para ti, um refugio de ternura donde só Deus, doravante, te poderá arrancar! Longe de ti, eu tinha a visão da tua dor e sofria tambem; mas a ira paterna atemorizava-me e eu não tinha coragem para reagir. Agora, será para sempre!

A mãi, a santa velhinha, num gesto de carinhoso afecto, abraçada á filha, tentava amparar-lhe o corpo... Aqueles braços mirrados eram cadeias de ternura, e os olhos, cansados, quasi sem vista, tinham, nesse momento, um brilho desusado; erguidos ao Ceu, agradeciam...

Lá fora, um côro de vozes moças, saudando o dia que amanhecera luminoso, entoava a sua lôa ingenua:

Bemdito seja o Natal!
Louvado seja Jesus!
Bemdito seja o milagre
Que deu fim á tua Cruz!

(Inédito).

Maria Amália de Melo Flores

Aquele mirante

POR

Sobral de Campos

«A felicidade dos amorosos e dos justos tem, no entanto, raizes mais fundas na realidade moral do universo. Ha homens de alta capacidade e lucidez penetrante que se exilam na deleitosa doçura do seu ermo, com uma bela e subtil mulher que os compreenda e que baste á sua ambição de sonhadores — espreitando medrosamente a rua através dos cortinados da sua janela. E estes exilados ofertam quotidianamente um exemplo fecundo aos temperamentos fracos e angustiados, porque demonstram que a pacificação, nos ruidos e nos egoismos da existencia, é bem possivel.»

João Grave

Foi meu vizinho... Morava em frente...

A casa era dele proprio. Um grande e fresco jardim, habitado por mil flores — que ele mesmo, muitas vezes, se entretinha a cultivar — perfumava-lhe o ambiente e tecia-lhe uma sinfonia de côres suaves, de côres garridas, entre as manchas de verdura, as manchas de sol, as manchas de terra, as manchas de sombra... Num extremo, um mirante alto abria as vistas sobre os campos, sobre o rio, sobre o mar, sobre a montanha, pela qual trepavam sem esforço, em romagem ao ceu, algumas arvores esplendidas... Havia uma que, no inverno, despida de folhas, abria os braços em cruz...

Ali vivia isolado... Não tinha filhos. Talvez por isso mesmo uma parte da sua sentimentalidade se concentrava, numa especie de encantamento paternal, nas plantas, nas flores, nos arbustos do seu jardim...

Á falta de filhos — cuidava das flores... E via-as — soube-o mais tarde — com olhos, tambem, de naturalista, com preocupações cientificas e investigadoras, com lunetas curiosas de estudioso e desvendador de misterios da Natureza...

A mulher, mais nova uns anos, figurita gentil, loira, expressão tranquila de ovelhinha mansa, de uma simplicidade impressionante, seguia-o, acompanhava-o como sombra amiga, constante, inseparavel, cumprindo essa missão com alegria, olhando-o, por vezes, com uns olhos admirativos de criança, fazendo-lhe um ambiente adoravel de ternura equilibrada. E é que admirava, na verdade, o talento dele e a sua sensibilidade, e todo o seu prazer era poder contribuir, dalguma forma, para que ele trabalhasse melhor e mais completo erguesse o seu sonho de artista...

Não tinham relações sociais, a bem dizer. Apenas uma irmã dela, viuva, e um outro casal lhes frequentava a casa. Eram criticados, muito criticados por isso. O mundo, futil, vario, exibicionista e intrometido, não lhes perdoava aquele isolamento. Uns, consideravam-no uma soberba afrontosa; outros, riam do pretendido talento dele; alguns faziam correr que ele era doido... E até havia quem explicasse aquela «ofensiva» reserva pelos ciumes que tinha da mulher.

E comentavam:

— Nem que assim a tenha mais segura!... Se ela quiser, prega-lha mesmo na menina do olho ou passa-lhe o pé quando ele menos o esperar.

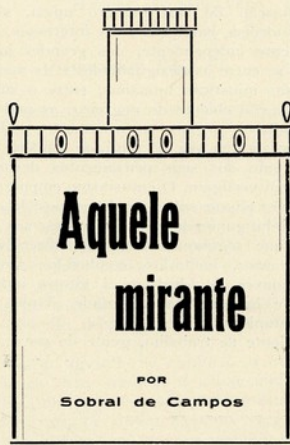
— E era o que ela devia fazer. Pelos criados que de lá têm saido, sabe-se muito bem que ele a trata mal.

— Pois sabe. Um até contou que, uma vez, a levou de rastos, puxando-a pelos cabelos, e que a teve fechada num quarto, uma semana, a pão e agua!

× ×

Era este o ambiente social que os cercava quando eu fui morar defronte deles, num dos extremos, quasi sem casas, daquele simpatico burgo.

Sem elementos para formar um juizo e nunca me tendo verdadeiramente preocupado com aquele viver, não me deixara tomar por qualquer daquelas versões, sabedor, de resto, das intrigas e da maledicencia viperina daquela «santa gente», dos seus despeitos raivosos, da sua baixa mentalidade e da sua moral de côr indecisa...

A pouco e pouco — a principio sem a intenção de observar — fui constatando o contrario do que a «má lingua» insinuava ou afoitamente dizia: Daquela casa em frente desprendia-se uma atmosfera de paz e de harmonia superior! Não era ruidosa, estridente, duma alegria espectaculosa, mas tambem não era sombria, soturna, fria e pesada como um presidio ou um tumulo. Via-os, ás vezes, passar num recanto ou numa nesga do jardim, parar aqui e além, falar, conversar, subir, lá ao fundo, ao mirante, pelas manhãs frescas e ensoladas, pelas tardinhas tepidas, quasi crepusculares. Eu não ouvia, é certo, o que diziam. Mas havia uma tão grande serenidade nas suas faces, um caracter tão intimo nas suas atitudes, uma ausencia de constrangimento ou de temor da parte dela, que tudo isso me fôra impressionando, ao contrario do que alguns faziam correr.

Cada dia, sem o querer, sem o procurar, me trazia uma nova confirmação a estas minhas primeiras impressões. Uma vez, era ele que lhe passava o braço pela cintura e assim seguia, enleado, entre os macissos de verdura, numa conversa recolhida; outras vezes, era ela que aparecia para o ajudar a tratar das flores e lhe dava o sacho, a pá, o regador, a tesoura; outras ainda, era ele que parava junto dum canteiro florido ou dum alfobre e falava, falava, serenamente ou com gestos expressivos, como quem estivesse prelecionando ou possuido de entusiasmos. E ela ficava ali, na sua frente, graciosa e gentil, na atitude de quem escuta sem esforço, de quem ouve com prazer, talvez mesmo com encantamento... Uma tarde vi-os enlaçados nas malhas dum beijo...

Cada vez mais me convencia da miseria da maledicencia. Comecei, então, a experimentar uma incontida repulsa pela baixeza humana e a sentir a necessidade de certificar-me por completo. E passei a observar, a esquadrinhar, a espiar... Modifiquei os meus hábitos. Solteiro, naquele tempo ainda muito rapaz, era meu costume jantar e abalar de casa para o convivio nocturno de meia duzia de amigos — dos quais só dois espiritos superiores com ansias de cultura e de arte — e consumia as noites em conversas e discussões ou em estúrdias. Recolhia quasi sempre muito tarde, ás vezes de madrugada. Outras noites, então, para me ressarcir das perdas de energias, da falta de repouso, metia-me na cama, quasi a seguir ao jantar, e dormia a sono solto.

Por estas circunstancias, desconhecia, por completo, a vida nocturna dos meus simpaticos vizinhos. E digo simpaticos porque já então — sem que eles o soubessem, sem que o imaginassem — entre nós se estabelecera um traço de simpatia. E pensava comigo — sem o crer:

— Quem sabe?! Quem sabe se a noite me trará qualquer coisa de novo e de oposto que contrarie e destrua as minhas observações?...

Modifiquei os meus habitos com certo escandalo dos meus companheiros de noitadas. E passei a ficar por casa, com a casa ás escuras, para não dar nas vistas, a esquadrinhar, a espiar, no escuro, ás vezes de binoculo...

Mas não! Nada de oposto! Noites de verão. Uma janela aberta. Um homem sentado a uma secretaria, escrevendo, escrevendo, á luz suave dum «abat-jour» verde. Ao lado, num «maple», numa atitude tranquila, lendo um livro ou olhando o homem, uma mulher loira, graciosa. Em dado momento, parava de escrever e lia alto. Ela ouvia. Conversavam... Ás vezes riam...

Noutras noites, antes dele começar a escrever, noutra sala, á luz sangrenta dum «abat-jour» vermelho, aquela mulher loira sentava-se ao piano e tocava: Chopin, Mozart, Beethoven, gemiam, brincavam, choravam ou cantavam, sob os seus dedos dextros e sensiveis, no macio teclado... Em pé, junto do piano, ou abandonado num «maple», fumando, um homem moreno, numa atitude sonhadora, na atitude de quem escuta, de quem se emociona, de quem concebe...

Proximo, sobre uma coluna, uma estatueta esguia, talvez uma Venus, talvez o Amor... — pensava eu, então.

E, ao fim duma temporada, aquela minha obcessão extinguiu-se...

× ×

Quis o acaso que uma carta dum parente remoto, do meu lado paterno, então residente no Brasil, me forçasse a apresentar-me aos meus vizinhos.

Simpatia mutua. Relações estabelecidas por essa carta vinda de longe...

Perante o espanto do publico e perante a maledicencia invejosa do burgo, dentro de pouco eu era visita da intimidade daquele homem superior e daquéla mulher adoravel que vivia feliz na contemplação admirativa do talento dele, orgulhosa e contente por poder acompanhá-lo como uma sombra, por confinar todas as suas aspirações em o cercar de ternura e de tranquilidade e em iluminar e inspirar certos recantos da sua alma e da sua Obra. Tive, então, a possibilidade de apreciar aquelas duas vidas.

Uma tarde, quando os três nos encontravamos no mirante, olhando a montanha e o mar á claridade minguante dum crepusculo, dizia-me ela:

— Este mirante é o meu encanto...

— Tem razão — atalhei. O panorama é dos mais belos. Faz-nos lembrar Viana do Castelo, Santa Luzia...

E ela, sorrindo e olhando o marido, enternecida e grata:

— Mas não é só por isso... É que este mirante é o simbolo da nossa vida, da vida que ele me fez, que me ensinou a amar: longe do mundo, proximo da Natureza!...

O meu camarada idealista

por Luiz TEIXEIRA

Ilustrações de BOTELHO

VAGAMENTE estrabico, o Carlos Paiva, com os seus vinte e sete anos pouco usados nas realidades da vida, sofria, ao mesmo tempo, de bronquite, de idealismo e de neurastenia. Tudo isto ele trazia ás tardes para o canto do café onde nos juntavamos. Tossia, desenrolava as suas visões de revolta e ficava-se ás vezes em intermitencias magoadas olhando o lustre do alto numa abstracção e num silencio de quem não vê e não sente outra coisa que não seja a sua dôr intima de amargurado.

Tinha algumas manias e alguns desgostos. O pai, companheiro de Fontana nas alucinações romanticas do seculo passado, deixara-lhe, de mistura com algumas Lavallières farfalhudas e despropositadas, uma pequena biblioteca sobre coisas sociais, literatura de abecedario no entendimento dos principios e na teorica expansão das idéas. Desse alimento viveu o espirito do meu amigo Carlos Paiva, naquele periodo delicioso de ansiedade e de pureza, em que as palavras, trazendo consigo a melhor expressão dos sentimentos, encontram na sinceridade de alma da gente nova foco de compreensão e instrumento seguro de propaganda.

E, por força de instinto e vocação estimulada pelas doutrinas suaves dos seus livros herdados, o Carlos ficara irremediavelmente idealista, como permanecia asmatico incuravel.

A Sociedade dava-lhe constantes motivos de revolta. Sofria a tragedia dos humildes, o horror das desigualdades, a injustiça das protecções, a opressão e a tirania caindo sobre todos num estrangulamento de vontades e numa aniquilação pavorosa dos direitos individuais intangiveis e sagrados. Vibrava, agitava-se em sacudidelas de arrebatamento quando, no nosso canto do café, falava dessas coisas nobres que ocupavam a sua vida como um sonho e uma preocupação.

Adivinhava-se nele a ambição e o vigor dum chefe.

Havia naquela ansia o impulso para uma acção decidida e firme.

A generosidade dos seus vinte e cinco anos não devia dispensar, certamente, um humano e justo desejo de popularidade: ser «homem do dia», conduzir multidões, agitar consciencias, despertar vontades adormecidas no jugo intoleravel e lançar a cidade na espectativa dum movimento de opinião emancipador e justiceiro.

E, um dia, o meu amigo Carlos Paiva deixou de aparecer no nosso canto de tertulia.

■ ■

Todos os escandalos publicos, imoralidades e delitos administrativos, o caso fantastico dos vencimentos do conselho de administração da K. S. dos transportes ferroviarios, em comparação com o martirio da insuficiencia de condições de vida dos trabalhadores, subornos e flagrantes episodios de injustiça e desigualdade social, nomes e contas dos grandes negocios, miseria e contraste dos sacrificados e anonimos obreiros sofrendo em abandono a sua situação de explorados, tudo o que abrasava a consciencia serena, mas revoltada, de Carlos Paiva, ali estava contado em artigos rapidos e sugestivos com 100 por cento da sua sinceridade ingenua.

Para fazer aquele numero unico do «Brado», o Carlos Paiva realizara economias durante meses.

De ponta a ponta, tudo tinha sido escrito por ele e, agora, no seu quarto de pensão no Bairro Velho, relia a sua obra, satisfeito e vaidoso.

Chegavam-lhe da rua ruidos de conversa, ecos de pregões do entardecer, vozes de operarios que voltavam das oficinas em grupos. De vez em quando, um automovel, e com o tilintar distante dos «electricos» vinha o barulho das maquinas de imprimir iniciando o trabalho nos grandes rotativos da vizinhança.

E o Carlos era um homem feliz.

O «Brado» sairia no dia seguinte, andaria o seu grito na algazarra dos pregões, seria disputado, avidamente lido por oprimidos e senhores, os humildes sentiriam o calor da sua defesa espontanea e o capital, impressionado e livido, havia de tremer no pavor arrepiante do incendio que as suas palavras de justiça pretendiam provocar.

Com o seu jornal entre os dedos, encostou-se á janela. Ouvia, agora, melhor o ruido das rotativas nos periodicos burgueses ali perto. Calmamente, intimamente, comparava o seu trabalho, o seu esforço, as suas intenções na organização do seu numero unico, com a obra indecisa, baloiçada entre interesses, objectivamente independente, dos grandes jornais, como se entre as desigualdades e as mais clamorosas injustiças humanas, entre o suor do escravo e o chicote do negreiro, os poderosos e populares orgãos de orientação pudessem hesitar alguma vez. E sentia-se vaidoso.

O rumo dos seus pensamentos desordenava-se em vertigem. O entusiasmo empolgava-o.

Ao ver passar sob a janela grupos de operarios, tinha ganas de gritar, discursar aos populares que seguiam a sua rua, dizer-lhes as suas razões, incitá-los, conduzi-los atrás da sua palavra de ideal até á vitoria indispensavel e humana da Liberdade. Tinha ansia de comunicar:

— Gente de trabalho, gente do povo, como eu, esperai um pouco. Escutai! Já pensaram vocês dois minutos sobre as causas da nossa miseria? Não vos apertam as gargalheiras da opressão? Não vos dominam as tiranias dos soberbos e a exploração dos inuteis? Pois eu sei o segredo do nosso triunfo, o caminho da Liberdade e da Igualdade, da razão em vitoria sobre o despotismo — uni-vos!

Ficavam-lhe estas palavras em murmurio a tremerem nos labios ardentes de febre, sem coragem e decisão para gritar, num vago temor de ridiculo que escapara ao dominio do seu sonho alucinado e velava timidamente a sua personalidade fiscalizando o seu desvairamento de idealista romantico.

■ ■

Propositadamente, no dia imediato saiu mais tarde do seu quarto. Não iria ao emprego. O sonho continuava. Ao descer as escadas ia pensando, calculando o alarme que iria pela cidade ao ser lido o seu «Brado», que, desde manhãzinha, andava, com certeza, correndo todas as ruas, sofregamente solicitado pelos transeuntes. A porteira costumava comprar jornais para preencher com a leitura as suas horas de indolencia no banco da entrada. O Carlos saudou-a de maneira especial e demorada, á espera do efeito. Nada.

— Bom dia, sr. Paiva.

Mais nada. Ainda não lera, talvez mesmo não tivesse comprado. Não tinha importancia.

Desceu a rua. Parou á porta do merceeiro. Atirou um «adeus» excepcional ao Nunes, que, de guarda-pó e sem gravata, pesava um quilo de arroz ao balcão. Não era costume do Carlos, aquele saudar. O Nunes, surpreendido, levantou a cabeça e, intencionalmente, respondeu:

— Olá! Viva, sr. Paiva.

E mais nada. Sobre o «Brado», que trazia, em grandes letras, o nome do Carlos, no cabeçalho, nem uma palavra. Tambem o Nunes

não comprara o numero unico. Paciencia. Isso, de resto, não tinha grande importancia. Ele não deixaria de lhe falar nisso, quando, no dia seguinte, os jornais da manhã se referissem ao escandalo.

E o Carlos Paiva foi andando.

Um ardina gritava ali perto. Escutou os seus pregões. Lá estava:

— Olha o «Tempo», o «Ano», as «Novidades»...

Esperou mais um minuto. O garoto repetia os mesmos nomes. E o «Brado» — nada. Esquisito. Desceu o Chiado. Do lado de lá, dois amigos conversavam.

Alvoroçado, foi direito a eles. Nada de extraordinario...

— Estavamos falando no jogo de domingo. Um escandalo, aquela vitoria do Sporting. Isto dos arbitros...

Despediu-se, sofrendo já uma desagradavel preocupação.

A cidade sorria sob o sol. Faiscavam vidraças no alto das colinas. A vida, os assuntos das conversas e os episodios da rua, iguais a sempre.

Foi almoçar e, pela tarde, depois de encontrar mais garotos dos jornais a insistir nos mesmos pregões e outros conhecidos a desenvolverem a mesma conversa, Carlos Paiva, já tocado de tristeza, dirigiu-se ao seu barbeiro. Ali, sim, ali havia, com certeza, o «Brado», sobre a mesa redonda, ao centro da sala, onde repousavam sempre jornais e revistas com bonecos. Era a ultima esperança, o barbeiro.

— Boa tarde, boa tarde...

— Boa tarde, sr. Paiva.

Um silencio, a seguir, e nada mais que duas preguntas do Cunha, que afiava a lamina e queria saber se, afinal, o Borgioli sempre cantava, naquela noite, no Coliseu. E o resto foram dez minutos de banalidades, daquelas aflitivas banalidades que os barbeiros tão prodigamente distribuem aos seus clientes habituais.

Decididamente, o «Brado» não saíra. Espreitou os mostruarios das tabacarias e resolveu-se a colher um esclarecimento seguro. Entrou na «Monaco».

— Os senhores não receberam cá o «Brado»?

— O «Brado»? Mas o que é isso?

Explicou, deu informações completas, e o empregado, apontando distraidamente um atado que jazia a um canto, respondeu:

— Só se é aquilo que para ali está. É para devolver. Essas coisas não interessam, não se vendem...

Amargurado e desiludido, o meu amigo Carlos Paiva ficou-se á porta, encostado, vendo descer a noite.

Teve um sobressalto. É que os garotos cantavam outros pregões.

— A «Tarde», «Jornal da Noite», «Folha da Tarde»...

Era, decididamente, um caso perdido. A cidade não reparava no seu «Brado». Chamou o ardina e comprou um dos jornais. Folheou. Na terceira pagina, entre noticias de «fait-divers» e anuncios de teatro, uma local chamou-lhe a atenção. Leu. Dizia assim: «Apareceu, hoje, um novo jornal de «chantage», onde, num impudor desenfreado e num atrevimento sem limites, se emporcalham os nomes dalgumas das mais ilustres figuras dos nossos meios financeiro e politico...».

(Inédito).

AGUARELAS

por

HAYDÉE DE SEPÚLVEDA

Ilustrações de RAQUEL

NATAL! Dia de alegria, em que ha maior ternura nas almas, maior anseio de praticar o bem...

Ha neve pelos caminhos, a chuva e o vento cortam o ar... Mas o Natal aparece sempre como simbolo de Bondade, de Fé e de Perdão!

o
o o

A alegria voltara àquela casa que, durante anos consecutivos, assistira, erecta e triste, ao desenrolar monotono das estações.

Sim, a alegria voltara numa noite de Natal, noite de bondade e de perdão!

Perdoar! Oh! como lhe foi grato, a ela, á pobre esposa repudiada, esquecer, banir do espirito a recordação das lagrimas caidas, como chumbo derretido, na sua alma sofredora...

E, sob o agasalho e conforto moral que a presença dele, tremulo e arrependido, lhe oferecera, ela pôde esquecer a tempestade de desespêro que lhe rugira na alma vergastada pela dôr imensa em que o repudio dele a lançara.

E a felicidade tornou a iluminar aquela casa, que, durante anos consecutivos, erecta e triste, vira cair as estações no abismo insondavel do Tempo!...

o
o o

No lar, que Deus santifica com a presença da criança, ha sempre alegria, fé, amor... E até mesmo quando o pai, muitas vezes sofrego de liberdade, se sente arrastar pelo deslumbramento da vida-ficção que o empolga e atrai, é Bébé quem consegue detê-lo e chamá-lo ao encanto da familia.

E, em noite de Natal, nessa noite bela entre as mais belas, o pai suspende a sua marcha de loucuras, pára um momento na contemplação de Bébé, que chilreia, batendo palmas, alegre e ruidoso, junto da grande arvore enfeitada de mil nadas — atractivos magicos a prender o seu espiritozinho infantil.

E, ao aspirar o ambiente familiar em que Bébé põe uma nota de brilho e de ternura angelical, o pai sente a expressão amenizar-se e, como germes de alegrias futuras, essa impressão começa a fixar-se no seu espirito e ali semeia visões novas, estranhas, em que o amor do lar, a paz amena da familia, lhe aparece sob um novo aspecto, bem mais belo, bem mais sugestivo!

Oh, abençoados os espiritos que se identificam com o amor do lar — amor-ternura, amor-abnegação, amor-felicidade, amor-sacrificio!

o
o o

Devagarinho, arrimado ao bordão, ele caminhava ao longo da estrada, banhada pelo luar. Vagabundo eterno do sofrimento, a vida era-lhe uma longa agonia.

E, contudo, habituado á sua sorte, nem já se lamentava...

Era assim o seu viver... Sempre assim se conhecera...

E, nessa noite de Natal, ele seguia, seguia sempre, arrimado ao bordão, alheio á alegria dos felizes da Terra.

Mas, de repente, um vulto desenhou-se na luz meiga do luar.

Era uma menina duns quinze anos, que, em voz tremula e confusa, lhe pedia para aceitar um lugar á mesa da sua familia, nessa noite comemorativa do nascimento de Jesus, o lugar que o avô velhinho deixara vazio.

E, ao proferir estas palavras, duas lagrimas de cristal lhe afloraram aos olhos dum azul purissimo.

O mendigo seguiu-a cabisbaixo. Ia triste, talvez mais triste ainda...

Ao surpreender a intensidade afectiva daquela criança ingenua e boa, estremeceu, o coração doeu-se-lhe... E' que o misero sofria, agora, mais e mais, ao lembrar-se de que na sua vida nunca desabrochara a flor sagrada dum afecto grande e puro...

...E, terminada a ceia do Natal, quando, á luz movediça da lareira, a graciosa criança contemplou demoradamente o mendigo, pareceu-lhe ver no seu semblante a mesma expressão de beatitude e de bondade do ausente, do avôzinho querido que a morte levara, mas cuja imagem continuava a viver no sacrario do seu coração.

o
o o

Natal! Dia de alegria em que ha maior ternura nas almas, maior ansia de praticar o bem...

Ha neve pelos caminhos, a chuva e o vento cortam o ar... Mas o Natal aparece sempre como simbolo de Bondade, de Fé e de Perdão!...

(Inédito).

Noite de Natal

POR RUY SANT'ELMO

(Ilustrações de Leal da Camara)

DEZEMBRO. Morreu a tarde, num «ai» de luz, e um fino pó de luar começou, entretanto, a polvilhar-se da cupula alta da noite. Sem perspectiva, a paisagem noturna, través da lumieira triste do luar, era como que um esboço a carvão, de um só valor pictural, onde corpos nus das arvores vincavam a tinta da China sua ossatura magra de gravetos.

Não aflava então o menor bulicio de vida...

A noite, era uma massa negra, espessa, de silencio.

A redor da lareira, ao enervante calor do brazido, a velha paralitica ia desfiando longos Padre-Nossos... do seu longo, interminavel rosario...

De vez em vez, o pensamento fugia-lhe, a vaguear pelo horizonte raso das suas recordações antigas, e aí ficava ela, longe de si, fitando absorvidamente as chamarelas saltitantes da fogueira, té que lá voltava de novo ao seu longo rosario, bisbilhonado dentre labios bambos da sua boca mole de desdentada: — seja feita... a vossa vontade... assim na terra... como no ceu...

Não havia em volta o menor bulicio de vida. A quando e quando, um rumor sêco de madeiras velhas vinha picar de estalidos essa soturnidade silenciosa da noite.

Não fôra, pois, o cuidado na pequenita, — a sua neta — como ela não dormiria, a boa velha, um sono solto, amorninhada ao calor enervante daquele fogo mortiço...

Com que amoravel inveja ela olhava então o seu querido gato, o «Tareco», todo acravado no borralhiço, olhos empapados de sonolencia, a resfolegar regaladamente, numa ronroneira saborida e calma.

Para a missa do galo...

Era, todavia, preciso, emquanto a filha não vinha, vigiar aquela traquina, teimosamente a brincar — Jesus! — com os cavacos a arder, — que até se podia queimar!

Mal deixava, por isso, pender a cabeça, envenenada de sono, logo acordava estremunhada, sempre naquela idéa fixa de estar ali de atalaia, a tomar sentido.

E, de novo, lá voltava então a bisbilhonar dentre labios bambos da sua boca mole de desdentada: «Padre-nossos»... «Ave-Marias»... — o seu longo, interminavel rosario.

Mas, já não pôde, de uma vez, dominar o sono, e a cabeça tombou-lhe sobre o peito, adormecida.

E nem ela soube, a pobre velha paralitica, quanto tempo esteve assim rendida áquele maldito sono, ao despertar subitamente aos gritos aflitivos da pequenita, toda envolta em chamas, metida em labaredas:

— Jesus! Jesus! Jesus!

* * *

Numa casita humilde do povoado, preparava-se então a consoada da meia-noite, em volta da lareira, ao calor mortiço de cepos de azinho.

Com seu garfo de ferro, Maria dos Anjos ia remexendo os bolinhos de jerimu, saltando do azeite a ferver:

— Por Deus que não havemos de passar sem consoada este Natal. Ha tanto — Deus perdôe!, a gente não «consoemos»!...

— Ha muito... — e ficava-se a velha paralitica a cismar, olhar exausto, a perder-se no horizonte raso das suas recordações antigas.

— Vai p'ra uns quatro anos... — Maria dos Anjos evocou tristemente.

Quasi que não tem havido migalha de pão quant'é consoada!

— Nem alegria...

— Que vale mais que pão.

— «Práqui» uma coisa... Tolhida de braços e pernas...

— Tem a gente de se conformar co'a sorte que Deus dá.

— Antes fôsse servido de me levar dêste mundo... — e erguia os olhos perlados de gotas de agua ao alto, franzindo, num «rictus» de piedade amarga, os labios moles de desdentada.

— Deixe-se disso, deixe!

— Não levava pena nenhuma. Só dêste anjinho... — e afagou, com o olhar enternecido, a pequenita, adormecida ao lado, sobre a aba da saia. — Mas, se ela ha-de ter sorte com'á minha...

— Credo! — Maria dos Anjos atirou um gesto ao ar, como se esconjurasse um presagio.

— Só de estorvo vos tenho servido. Razão têm de chorar o pão que vos como.

— Ora vossemecê! Agora que Deus Nos'Senhor nos vai ajudando... Ha quanto tempo que o meu homem anda perdido por esse Brasil, sem se saber se vivo, se morto... E, hoje que ele manda o seu primeiro dinheiro... Verá, Sr.ª Mâi, que havemos de consoar de hoje em diante.

— Coitado! Por lá moireja! E eu aqui, um empecilho... Tudo o que Deus faz está muito bem feito. Mas, — que me perdôe! — está-me a parecer que... já era tempo de acabar com a minha cruz.

— Deixe-se, Sr.ª Mâi, de lamentações. É noite de Natal...

— Bemdito seja o Senhor! — entoou, num mal conformado desalento.

Não aflorava então o menor bulicio de vida...

Por volta da meia-noite, a aldeia alvorotava ao toque repicado dos sinos.

Preparada a consoada, a pichorra de vinho novo a amornar ao ar do lume, Maria dos Anjos fez-se de abalada para a «missa do galo», recomendando muito á velha:

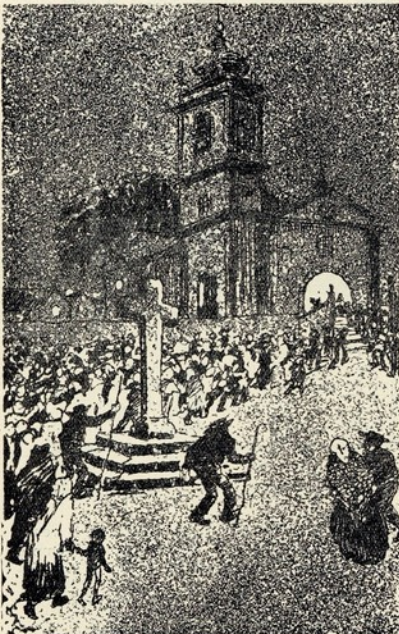
— Olhe que a pequena não acorde! Tome tento! Pode por'i pegar fogo algures. E fique-se com Deus que isto é obra de nada.

E ficara-se então a velha para ali a bisbilhonar dentre labios franzidos da sua boca mole de desdentada, o seu longo, interminavel rosario:

— Padre Nosso... Ave-Maria...

Dentre pouco, porém, ao borborinhar algarreiro da gente que passava, a pequena despertara. Inda um pouco ela estivera soerguida,

a cabecear, os olhitos azues entumecidos de sono. Mas, breve, sem embargo das cantilenas da avó para a embalar, pusera-se a pé.

— Jesus! Que não seria capaz de a acomodar! Aquela traquina!

Mas, de nada valiam as admoestações da velha, as promessas de brinquedos, as historias atabalhoadas que começava, e com que dantes a adormecia.

Teimosamente, a endiabrada pequena, triunfando dos esforços da avó, remexia o brazido, espalhava brazas, pegava nos tições a arder, e chegava-os ás mãos encarquilhadas da paralitica, com risadas barbarescas de instinto.

— Seja pelo amor de Deus, seja...

Sossegara o bruaá de fora. Extinguira-se o repicar dos sinos, bulha de passos, algarreio de vozes, e a noite voltava a ser uma massa negra e espessa de silencio.

Não se apercebia então o menor rumor...

Em volta da lareira, a mesma atmosfera

mortiça, enervante, sonolenta. E, logo, aquele gato ali, todo acravado no borralhiço... numa saborida indolencia, a resfolegar...

Não pôde, pois, já á sobreposse, a pobre velha resistir áquela mornidão do brazido, e a cabeça tombou como morta, sobre o peito emmagrecido.

E, nem ela pôde dizer quanto tempo esteve rendida àquele maldito sono, ao despertar estremunhada aos gritos aflitivos da pequenita:

— Jesus! Jesus! Jesus!

As chamas haviam pegado ás roupas da criança, e subiam a envolvê-la numa tulipa de labaredas.

— Jesus de misericordia!

Sufocada de fumo, a respiração rumorejava em ansias! Não podia gritar, e só os seus olhitos azues exprimiam uma suplica veemente e muda de socorro.

E a pobre velha, coitada, sem poder mexer com perna ou braço... membros hirtos, feita de uma peça só, anquilosada e perra...

— Leve-me Deus, leve! Nesta hora minguada...

De subito, porém, como se sentisse percutida por uma mola, — e nem ela soube como isto lhe aconteceu! — os seus nervos galvanizaram-se àquela emoção brutal, e a velha paralitica fôra de um salto atabafar com as suas as roupitas da criança em chamas.

Chegava, entretanto, Maria dos Anjos, da «missa do galo».

E, ao ver tamanha coisa, a velha abraçando, com seus proprios braços, a filha a soluçar, — exorbitavam-se-lhe, de deslumbrada, os olhos, numa estupefacção, ante aquele grande milagre da noite de Natal...

(Do livro no prelo «Alma Rude»).

A ultima carta

por **Virginia Mota Cardoso**

Ilustração de M. C.

Henrique: — Esta carta é fruto duma longa noite de insonia, durante a qual cem vezes acolhi e cem vezes repeli a idéa de escrevê-la.

E tudo isto porque nela havia, fatalmente, de figurar a frase que sinto inscrita no cerebro em letras de fogo e na alma em lagrimas amargas que não secarão facilmente. Essa frase é a seguinte: — Está tudo acabado, entre nós.

Quando a escrevo, porém, não me iludo quanto ao poder que ela possa exercer sobre ti; quando, quasi insensivel, á força de tanto sofrer, a digo de mim para mim, sei perfeitamente que a sua significação dolorosa apenas existe na minha alma.

Porque tu, Henrique, jamais me tiveste amor.

É possivel que, lendo isto, me escrevas cheio de espanto e que esse espanto seja, afinal, sincero, porque tu, meu pobre romancista, meu pretenso poeta, á força de descreveres os sentimentos alheios, acabaste por te julgar possuido por eles. A tua imaginação fecunda e ardente domina-te a tal ponto que julgas ser sincero quando me escreves esses monumentos de arte literaria a que tu chamarás «cartas de amor».

Eu sei que vou ferir-te no que de mais susceptivel em ti existe. Mas quero ser sincera ao despedir-me para sempre de ti e, por isso, te direi:

Henrique, tu não és um poeta.

Não, não és um poeta. Poderás ser o idolo da hora que passa, mas o teu nome não ha-de sobreviver-te. Fazer versos não é apenas metrificar correctamente; não é, tão pouco, rechear de imagens brilhantes e de rimas opulentas o que se escreve; tudo isso pouco ou nada será, se estiver ao serviço dum convencionalismo sentimental.

Ninguem será grande se não fôr sincero e apaixonado.

E tu, meu pobre amigo, escreves com o cerebro em lugar de escreveres com o coração. És uma alma fria que se mascarou de apaixonada. Dirás talvez: «Mas então, se te não amo, porque havia eu de te escolher a ti e não a qualquer outra?». Mas eu previ a pregunta e achei a resposta.

— Pois tu podias lá perder um tipo estranho como dizem que sou?

A minha cabêça de ruiva, onde, como tu dizes, o sol, enamorado, demorou demasiado tempo as suas caricias, não tem acaso sido, para ti, uma fonte de brilhantes composições?

E os meus olhos verdes, que tu teimas em chamar perversos em quantos versos fazes? Pobres olhos verdes! Como se a minha alma simples tivesse culpa de se debruçar nuns olhos que, se são da côr do mar instavel, tambem são da côr da eterna namorada do homem — a Esperança!

E as minhas mãos — as garras brancas que empolgaram o teu coração? E o meu talhe gracioso de japonesa ruiva?

Bem vês, nem todas te dariam tantos motivos de inspiração.

Foi ontem, nessa brilhante festa de homenagem em que foste definitivamente consagrado que a tua alma se desvendou. Elogiado por todas as celebridades da capital, acarinhado pelas jovens que ambicionam inspirar-te, incensado por todas as manhãs, que, não fazendo caso algum do teu talento, te dão toda a importancia como bom partido — nem por um momento te lembraste de que eu ali estava, orgulhosa e comovida, por te ver objecto de tanto entusiasmo. Observei, então, a tua aridez de coração, o teu egoismo, a tua profunda vaidade.

Desespero-me quando penso que muitas raparigas dirão ao ver-me passar:

— Ali vai a noiva de Henrique de Sá.

E acrescentarão, talvez, levemente desiludidas:

— Como ele deve amá-la e como ela deve ser feliz!

E ignorarão sempre a minha tragedia de noiva infeliz a quem atiram um punhado de versos sonoros, ao mesmo tempo que lhe negam obstinadamente o coração.

Não te acuso de crueldade, não.

Na tua imensa vaidade de poeta festejado,

ha lugar para um unico amor — o da tua personalidade literaria. Tudo o mais é apenas arte: carpintaria sentimental que se reveste de frases brilhantes.

Não posso continuar. Estou demasiadamente comovida para o fazer.

Adeus, Henrique! Esquece que houve alguem que te amou pelo que tu foste e não pelo que hoje és. Os teus versos hão-de ter novo objectivo, mas essa que então cantares há-de fazer-te o que tu me fizeste a mim: amar-te-á pela tua fama de poeta como tu me quiseste por amor da tua arte.

Aqui te deixo motivo para novos versos — a minha desilusão — a não ser que a tua fantasia de poeta transforme este rompimento a tal ponto que surjas como o noivo traido da tua infeliz — Nina.

(Inédito).

Sol posto. Numa fraga
sentados, os dois noivos...
Ha uma saudade vaga
nas coisas. O poente
é lindo, mas dolente,
tristonho como goivos.

ELE

Lembras-te? Certo dia — era sol posto —
febril, estonteado, dei-te um beijo...
Foi o primeiro... No teu lindo rosto
de açucena vibrou como um harpejo.

Era uma tarde linda, meu amor...
Uma aragem suave e perfumada
tambem beijava os roseirais em flor,
como se fôra ardente namorada.

Ao longe, de purpureos arrebois,
de rubra luz tingira-se o poente.
Nas balseiras, cantavam rouxinois,
junto dos ninhos, amorosamente.

E tu disseste: «Oh! Deus! que linda tarde
— tão cheia de beleza, de poesia!
Em momentos assim, meu peito arde
em desejos de amor e de alegria,

Quando amor tudo inspira em derredor,
dentro dos corações o amor floresce...»
E então ó minha amada, ebrio de amor,
eu dei-te um beijo que jamais me esquece.

ELA

Se me lembro?... Se me lembro?... Posso acaso

esquecer certas horas que lá vão?
Este amor... este amor em que me abrazo,
— tu bem o sabes — começou então.

Foi esse beijo o laço com que unimos
as nossas almas, para toda a vida.

ELE

Foi ele a chave de oiro com que abrimos
o cofre da ventura apetecida.

ELA

A primeira palavra que escreveste
no meu livro de amor, foi esse beijo...

ELE

Os teus labios — a taça em que me deste
o falerno do Sonho e do desejo.

ELA

Esse beijo, mais doce do que os favos,
inebriando os nossos corações...

ELE (concluindo)

Numa vermelha floração de cravos
desabrochou as minhas ilusões.

ELA

Minha alma ingenua era uma loira abelha
a zumbir num jardim de lirios brancos...

ELE

Na tua virginal boca vermelha
que de simples canções e risos francos!

ELA

Nos meus dias alegres e risonhos,
não havia jamais nevoa nenhuma...
Os meus sonhos, os meus lindos sonhos
eram alvos e castos como espuma.

Tu beijaste-me... E então o que eu senti,
não to sei descrever, ó meu amor...
Dentro da minha alma eu toda estremeci
— e a minha vida, então, mudou de côr.

ELE

Foi um beijo da côr das tuas tranças...

ELA (continuando a frase)

Que logo ao coração me foi direito...

AQUELE BEIJO...

por
Sīlva Ribeiro

ELE

Suave beijo a palpitar de esperanças...

ELA (concluindo)

que de esp'ranças encheu todo o meu peito.

Duas estouvadinhas mariposas
nós folgavamos juntos em crianças...

ELE

Eu, muitas vezes, enfeitei de rosas
as tuas tranças — essas loiras tranças.

ELA

Porém, qual pomba no seu ninho ainda,
o nosso amor que Deus abençoou,
dormindo estava...

ELE (prosseguindo)

E, numa tarde linda,
a musica dum beijo o despertou.

Esse momento cheio de fulgor
iluminou p'ra sempre a minha vida...
Tu tens sido o meu anjo salvador,
ó minha linda noiva estremecida.

Quando a sorte me foi contraria e dura
e, rudemente, a dôr me fustigou,
foi, durante essa tragica amargura,
o teu ardente amor que me salvou.

Quando, como uma esplendida miragem,
o suicidio me sorria...

ELA (cortando a frase)

— Que pavor!... —

ELE (reatando)

susteve-me, á beirinha da voragem,
o teu amor — o teu bemdito amor.

Não sucumbe na dôr um coração,
que tenha um coração onde se acoite...
Tu sulcaste de luz a cerração
a espessa treva dessa horrivel noite.

Mas que vejo?!... No teu celeste olhar
resplandecem as perolas do pranto!...

ELA

Eu estremeço... Eu ponho-me a chorar,
quando me lembro que sofreste tanto!...

ELE

Que doce e suavissimo fulgor,
ha nesse olhar de lagrimas banhado!
Ai! deixa-me beber, ó meu Amor,
sugar todo esse pranto imaculado...

Que me ilumine esse fulgor tão doce
do teu pranto, ó mulher cheia de graças...
Ai! deixa-me sorver como se fosse
um nectar de anjos em celestes taças...

A fulgir na minha alma ficará,
como estrelas no azul do firmamento;
e, depois, vida além me alumiará
em noites de incerteza e desalento.

Os meus olhos eu quero mergulhar
nos teus... Abre-mos bem... Olha para mim...
Fita-me bem, de forma que esse olhar
me caia todo na alma... Assim... assim...

Consente-me que sorva gota a gota
o teu amor... a tua alma... a tua vida...

ELA (noutro tom)

Mas... repara: é já tarde... A luz desbota.
Faz-se tristonha, roxa, dolorida...

É a noite que cai. O dia expira.
No vale tangem sinos ás trindades...
Ó menestrel, dedilha a tua lira
e os teus carmes perfuma de saudades!...
Lá vem a lua cheia... Tocha acesa...
sobre a serra da Estrela... cirio ardente...

ELE

Sobre a montanha paira uma tristeza
que dá saude, que faz bem á gente.

ELA

Mas basta de poesia. Antes que cheguem
brisas mais frias, vamo-nos embora...

— Dão-se o braço sorrindo e, depois, seguem
cantando a meia voz, por ali fora...

N A T A L

Natal!... Dia dulcissimo do amor!
Natal!... Dia bemdito do perdão!
Braços abertos... pulsa o coração...
Os lábios rezam baixo com fervor...

Dia suave... Dia de emoção!
Todos os que andam longe em seu labor,
vêem à noite e juntos cearão,
alegres e na graça do Senhor!

E ninguem faltarà! Ninguem... ninguem!
Até os mortos hão-de vir tambem
porque a Saudade éstes milagres faz!...

— Tu, meu Amor, logo estarás presente,
e terminada a ceia, docemente,
depois de me beijar, irás em paz...

(Inédito)

L U D O V I N A F R I A S D E M A T O S

Teatro
de
S. Carlos

Foi em 29 de Abril de 1793, que se concluiu, em Lisboa, o nosso Teatro de Opera, que recebeu o nome de «Real Teatro de S. Carlos».

O edificio, grande na construção, sobrio na arquitectura, ocupa três faces, sendo a da frente, a fachada principal, para o Largo do Directorio, a do nascente para a Rua 16 de Outubro — antiga Rua da «Lucta» — e a do lado poente para a Rua Paiva de Andrada.

A sala de espectaculos é majestosa, e rasgada de proscenio, ampla de tecto, tendo a dominá-la a imponencia da antiga tribuna real, no topo da sala, frente ao palco. São cinco as ordens de camarotes — chame-se-lhes assim; a primeira é de frisas e a quinta a das «torrinhas», ao todo 116 camarotes.

Á esquerda do proscenio, ficavam os camarotes da familia real e dos ajudantes, hoje da Presidencia da Republica; em frente o camarote cativo do rei D. Fernando, que foi pertença de sua esposa morganatica, a condessa de Edla, pertencendo, actualmente, á administração da Casa de Bragança, visto ter sido comprada a sua propriedade pelo segundo marido da rainha D. Maria II, o bisavô do ex-rei D. Manuel, que foi seu ultimo proprietario.

E já que falámos do rei D. Fernando, cabe bem falarmos do seu segundo casamento, pois a sua historia está ligada ao Teatro de S. Carlos.

O rei D. Fernando, o rei artista, como justamente lhe chamaram, era um cultivador de musica, um grande apreciador de opera, e, assim, todas as noites assistia aos espectaculos no seu camarote. Uma noite, cantava-se o «Ballo in maschera» e o pagem — um «travesti» — era uma figura gentil, suave de voz, iluminada por uns lindos olhos castanhos. A figura, a voz, os olhos prenderam o rei viuvo e... casou com a cantora. A cantora era a condessa de Edla.

No palco de S. Carlos — a plateia temida pelos grandes cantores — se ouviram as melhores vozes, passaram os melhores artistas, cantaram-se as melhores partituras.

O auge de S. Carlos foi, sem duvida, o começo do seculo XIX, nos tempos do barão de Quintela — do conde de Farrobo. Dois empresarios teve o nosso teatro lirico, que ainda hoje são lembrados, Valdez e Paccini. Valdez foi o empresario do seculo XIX, Paccini o empresario do seculo XX, aquele que conseguiu, tambem, grandes noites de arte, grandes noites de opera, com os grandes nomes do mundo lirico.

Cantaram-se em S. Carlos, entre outras, as operas portuguesas «Os Dorias», de Augusto Machado; «Amor de Perdição», de João Arroio, e a «D. Branca», «Irene» e «Serrana», de Alfredo Keil.

Estas três ultimas operas, a primeira extraido o libreto duma novela de Almeida Garrett, a segunda sobre a lenda monastica de Santa Iria, e a terceira sobre um drama rural, muito português, muito cheio de regionalismo, constituiram uma auréola de gloria ao grande valor artistico de Alfredo Keil. A «Serrana», passada a sua acção numa romaria de terras da Beira Baixa, tinha uma mimosa desgarrada, rendilhada nos versos pela poesia de Henrique Lopes de Mendonça, o autor do libreto, e pelo regionalismo lirico da musica. Essa desgarrada foi cantada, em português, pelos interpretes da opera, o soprano Eva Tetrasini e o tenor De Grazia.

Não podemos, pelo sabor regional que encerram as quadras dessa desgarrada tam portuguesa, deixar de transcrevê-las:

— Chamam-me rosa dos montes
Nos montes onde nasci.
Toma cuidado co'a rosa
Que tem espinhos para ti.

— Chamam-lhe rosa dos montes
Nos montes onde nasceu.
Quem dera só para tê-la
Fortuna e vida, sei eu!

— Como a rosa das campinas
Tem abrolhos a mulher
Atrai muito o seu perfume,
Mas faz mal a quem a quere.

—Enchi minhas mãos de sangue
Quando te quis apanhar.
Mas conheço quem primeiro
Te colheu sem se arranhar!

Das operas portuguesas, a «Serrana» foi um exito, e talvez aquela que, entre tantas, mais prendeu o espectador. Tambem por esse palco de teatro lirico — merece bem a referencia — passou, em quatro noites, a «Tetralogia de Wagner».

As recitas de S. Carlos, no tempo de Paccini, durante os quatro meses da temporada, constituiam o maior «rendez-vous» da côrte, dos intelectuais, dos politicos e das elegancias.

Pelos camarotes, as mais lindas caras da aristocracia, exibindo grandes «toilettes», pela plateia os peitilhos polidos das camisas das casacas e o brilho das charlateiras e dos botões dourados da gente militar.

Pelos camarotes, os binoculos, pela plateia os monoculos; pelos camarotes sorrisos de dezoito anos, pela plateia os olhares que lhes faziam «flirt»; pelos camarotes trocavam-se, entre os ministros e deputados, impressões de politica; pela plateia, planeava-se a alegria duma tarde hipica de Palhavã, ou uma manhã de patinagem no Palace-Garage da Alexandre Herculano.

Nos dias de gala, o espectaculo tomava o aspecto de maior imponencia.

A recita de gala. Lá fora, na Paiva de Andrada, um batalhão de infantaria fazia a guarda de honra á familia real, a quem um esquadrão de lanceiros escoltava as carruagens. A tribuna abria os seus cortinados de veludo vermelho e nela apareciam o rei, as rainhas, o principe e os infantes. Por detrás deles, os dignatarios, a Casa Militar, a Casa Civil, os Pares do Reino e os oficiais das guardas de honra. Nos camarotes do proscenio, as damas das rainhas; por toda a parte «toilettes» mais garridas, fardas mais reluzidas, em que sobressaiam as do Corpo Diplomatico, dos adidos militares estrangeiros, dos moços fidalgos. Pelas escadas, archeiros de alabarda. E, depois do Presidente da Camara Municipal de Lisboa, á frente da vereação, no seu camarote, soltar os vivas do protocolo, o pano subia e a opera cantava-se.

Depois... o afastamento da côrte fez decair S. Carlos, e pouca opera ali se tem cantado, pouca, muito pouca. Foi então que a Direcção de Instrução Publica concedeu o teatro ás companhias Alves da Cunha, Amelia Rey Colaço, Erico Braga, Palmira Bastos, e outras, para ali fazerem declamação.

E como tudo neste mundo, as grandes noites do Teatro de S. Carlos tombaram nas sombras dum passado que não se torna a reviver.

F. B.

Teatro de S. Carlos
(Cliché da Foto-Portugal)

Uma iniciativa patriótica

por
João de Barros

A Livraria Sá da Costa, de Lisboa, animada pelo exito que obteve a obra do dr. João de Barros intitulada **Os Lusiadas de Luiz de Camões contados ás crianças e lembrados ao povo**, vai continuar a sua benemerita tarefa de contribuir para a cultura geral do povo português, publicando versões muito simplificadas e resumidas das grandes obras literarias de que se orgulha a Humanidade. Intitula-se **Os Grandes Livros da Humanidade** essa colecção, que porá ao alcance de todos — de todos quantos desejem instruir-se e educar recreativamente o espirito — as obras que, tantas vezes, a vida moderna só permite conhecer de nome. Trata-se duma série de obras que poderão andar em todas as mãos, incluindo as das crianças e dos adolescentes, e que oferece ao povo a possibilidade de conviver intelectualmente com os supremos genios da civilização, com os maiores interpretes da alma e das mais altas aspirações humanas.

Está pronta a sair a «Odisseia de Homero» — adaptação em prosa de João de Barros, com ilustrações de Martins Barata. Segue-se «A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto» — adaptação de Aquilino Ribeiro. Está já anunciada «A Historia Tragico-Maritima», de Gomes de Brito — adaptação de Antonio Sergio. A estes trabalhos seguir-se-ão outros, firmados pelos nomes de Almada Negreiros, Alfredo Pimenta, Augusto Pinto, Camara Reis, Ferreira de Castro, Forjaz de Sampaio, Jaime Cortezão, Joaquim Manso, Manuel Ribeiro, Norberto Lopes, etc., e pelo da nossa colaboradora Tereza Leitão de Barros.

Devidamente autorizados, oferecemos, hoje, aos leitores do «Ilustrado», o primeiro capitulo da «Odisseia de Homero», em adaptação do dr. João de Barros, obra que, no momento em que são escritas estas linhas, ainda não viu a luz da publicidade. Por este pequeno excerto, os leitores poderão admirar o espirito de singeleza que revestem as versões populares das grandes obras da Humanidade, em boa hora imaginadas por um editor culto e patriota e realizadas por alguns dos nossos mais categorizados escritores.

* * *

Telémaco e os pretendentes

Os gregos eram ricos e gostavam de ser ricos. Mais estimavam, porém, a beleza. E por isso Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, que era a mulher mais linda da Grecia, e cuja formosura deslumbrava o mundo inteiro, resguardavam-na como tesouro sem par. Assim, ficaram indignados e furiosos no dia em que os troianos — povo do outro lado do mar que banha as costas ocidentais da Grecia — ciosos de tal fortuna, roubaram Helena, e, com ela, ouro e prata aos montões. Logo resolveram os gregos reconquistar o que lhes pertencia, tanto mais que os seus reis e chefes tinham jurado ao pai de Helena nunca a deixarem sair de junto do marido, nem da terra natal.

Prepararam barcos, armaram soldados e navegaram em demanda de Troia. Ali chegados, puseram cerco á cidade.

Ulisses, rei de Ítaca, acompanhava-os.

Ítaca é uma ilha do Mar Jonio, cujo povo amava e prezava o seu rei. Não era Ulisses muito amigo de batalhar. Diz-se que se fingira louco para não pegar em armas, e que, na hora em que o chamaram para a guerra, como quem não entende o que lhe pedem, foi lavrar um campo das suas herdades com a charrua afiada. Mas os outros gregos puseram Telémaco, filho de Ulisses, e ainda então pequenino, diante da charrua. Ulisses, com receio de feri-lo, não se atreveu a continuar. E os companheiros disseram logo:

— Não é doido quem sabe poupar a vida aos filhos.

E obrigaram-no a partir...

Não se vá julgar que Ulisses fôsse cobarde. Era apenas um homem pacifico, sensato, só gostando de lutar em ultimo caso. Não teve remedio, porém, senão ir combater no cêrco a Troia. E, durante o cêrco, Ulisses praticou feitos notaveis e aconselhava e animava constantemente os companheiros, inventando estratagemas de subtil engenho, que deram todos optimo resultado.

O cêrco levou dez anos. Os troianos ficaram vencidos. Troia, queimada e assolada pelos inimigos, arruinada para sempre. Helena, sempre formosa, á Grecia voltou com Menelau. E os outros principes gregos voltaram tambem aos seus reinos. Só Ulisses, ao regressar com eles, se perdeu da frota e andou longe de Ítaca dez anos seguidos — tantos como os passados defronte de Troia...

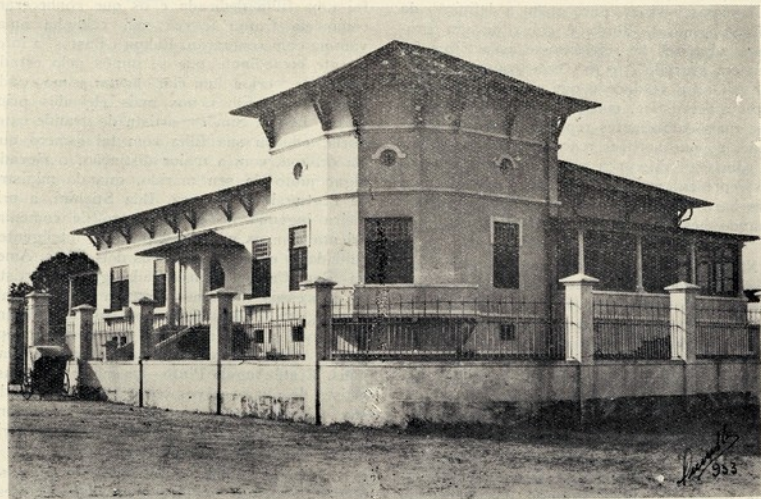
Emquanto não voltava, Penélope, sua esposa, e Telémaco, filho dedicado, esperavam-no cheios de ansiedade, muitas vezes desesperando de tornar a vê-lo...

Ora Penélope, julgada viuva por muita gente, era pretendida por numerosos principes, que desejavam casar com ela. Bem os tentava ela desiludir, recusando-se ao casamento!...

Cansada da insistencia dos pretendentes, chegou até a prometer-lhes que entre eles escolheria esposo no dia em que terminasse um grande lençol de linho que estava tecendo, e que destinava — dizia ela — a amortalhar, como lhe cumpria, o velho pai de Ulisses, Laertes, no dia em que a morte o chamasse. Mas, de noite, desmanchava e inutilizava todo o trabalho feito durante o dia. Raivosos, os pretendentes não arredavam pé do palacio. E não só o enchiam com o ruido dos seus jogos e discussões — cada um julgando-se mais digno do que os outros da mão de Penélope — como ainda comiam, bebiam e vestiam-se á custa dos forçados hospedeiros, delapidando a fortuna de Telémaco, criança demais para podê-los expulsar da sua casa.

O tempo arrastava-se tristemente para a mulher e para o filho de Ulisses. Mas Telémaco, ano após ano, ia-se fazendo homem, e, de fraco e inocente que fôra, tornava-se um rapaz decidido e forte, e sempre com a saudade do pai a torturar-lhe o coração. Um dia apareceu-lhe a deusa Minerva — protectora de Ulisses — e incitou-o a que não continuasse ali sem tentar procurar o pai. Que fôsse preguntar por ele a Nestor, um dos antigos combatentes do cêrco de Troia, dizia.

Mentor, velho companheiro e amigo de Ulisses, que habitava Ítaca, instigou-o, tambem, a que partisse. Uma bela madrugada, lá vai Telémaco para a cidade de Pilos, cujo rei era o proprio Nestor; e, depois de ter ouvido as informações que este lhe forneceu, seguiu, acompanhado dum dos filhos de Nestor, Pisistrato, para o reino de Menelau. Chamava-se essa terra Lacedemonia. Ali o esposo de Helena revelou-lhe que Ulisses habitava a ilha governada pela ninfa Calipso. Quem lho dissera? Proteu, deus do mar, que vai a todas as terras banhadas pelas ondas e a todas conhece. Telémaco imediatamente resolveu regressar para junto de sua mãi, na pressa de lhe comunicar o que soubera. Nem mesmo aceitou o convite de Menelau, que desejava tê-lo ainda alguns dias em Esparta. Demais a mais, Minerva aparecera em sonhos a Telémaco, e avisara-o de que os pretendentes continuavam a perturbar a paz do seu lar, e preparavam mesmo uma cilada, no intuito de matá-lo no caminho do retorno.

Despediu-se de Menelau, agradecendo a amoravel recepção e a afectuosa hospitalidade que o esposo de Helena lhe oferecera, e preparou-se para volver á patria. Não foi muito facil o regresso, nem isento de perigos. Mas, antes de contá-lo, vamos nós saber o que fazia e queria Ulisses, o heroi subtil — o inventor famoso de mil habilidades e manhas...

QUELIMANE — Residencia do Director do Caminho de Ferro

Uma mulher de Teatro

Recorda-se o genial perfil de Angela Pinto

por Julião QUINTINHA

Um dos ultimos retratos de Angela Pinto

ENTRE os muitos problemas que deviam ser encarados pela familia de teatro, um dos primeiros é o da falta de consideração que, ordinariamente, envolve a comediante como mulher na sociedade.

Embora muitas vezes lhe lancem flores e comendas no caminho e as recebam com sorrisos, a verdade é que, por detrás dessa delicada hipocrisia ha, sempre o estupido preconceito que pretende impor, como um dogma, o principio de ser a mulher de teatro menos moral do que as outras mulheres...

Eu sei que uma ou outra mulher de teatro algumas vezes tem recebido consagrações publicas; tem sido disputada para qualquer recepção, tem recebido deferencias de gente «chic». Mas se elas — pobres estrelas dum brilho efemero! — pudessem conhecer o intimo dos aduladores, quantas vezes não recusariam tais homenagens, apavoradas com o cinismo dalguns desses admiradores, que cultivam relações com mulheres de teatro apenas por exibicionismo e perverso sentido decorativo...

Repito, as mulheres de teatro não gozam, entre nós, da consideração a que têm direito. E a sociedade, exagerando as suas faltas e ignorando as suas virtudes, comete grande injustiça.

Algumas pessoas, para quem a definição da palavra «moral» ainda é coisa de um grotesco adoravel, ao referirem-se ás actrizes falam em segredo... e ás vezes conseguem còrar... Ora a verdade é que, se fôsse possivel fazer a estatistica, encontrariamos, muitas vezes, mais comediantes representando na sociedade, do que actrizes representando no palco. E com esta diferença ainda: é que as actrizes representam apenas no palco e só durante três horas por noite, ao passo que as outras, quando lhes dá na gana, representam em todos os lugares e por toda a vida...

Não ignoro que algumas actrizes, pelo excesso de «coqueterie» que trazem para a vida comum, são culpadas da falsa situação criada. Ha, ainda, o caso vulgar da sedução pelo demasiado luxo e pelas joias. E temos, tambem, os diversos galanteadores de oficio, que, como o famoso marechal de Saxe, estão sempre dispostos a ter uma madame Favart... Mas estes mesmos aspectos são, afinal, comuns em outras mulheres que na sociedade passam por virtuosas, detendo a consideração oficial. Porquê, então, essa reserva, essa ridicula prevenção sobre a moral da mulher do teatro?!

Lá fora, de ha muito ruiram esses preconceitos, e a actriz, duma maneira geral, não está sujeita a um indice inquisitorial, infamante.

Sarah Bernhardt, genial comediante francesa, jantou com reis e pisou com seus sapatos de setim a capa de seda que o principe de Gales, certa vez, lhe estendeu por galanteria. Rejane sorriu, desdenhosamente, ao mais alto mundo do seu tempo, e algumas vezes recusou recepção a diplomatas e banqueiros. Eleonora Duse, que, depois de morta, teve honras oficiais, certa noite de Dezembro, num teatro de Madrid, em frente da cêrte e do proprio rei de Espanha, a meio dum acto, veio ao proscenio declarar ao empresario que, em virtude do frio siberiano que sentia — embora contra a rubrica da peça — só trabalharia com a sua capa de peles; e nos actos seguintes funcionaram, urgentemente, todos os calorificos do teatro. Sabe-se do enorme prestigio pessoal e artistico de que gozaram Sergine, Vergani, Pierat e Sorel. E a propria Raquel Meller, apenas uma grande cançonetista, foi visita assidua dos duques de Alba e assentou-se ao lado de rainhas.

Mas os factos que acima enumero, apenas para marcar o prestigio daquelas mulheres de teatro, traduzem uma «especie de consideração» que não é a que devemos desejar para artistas, porque pode, muitas vezes, ser um caso de favoritismo, uma permuta de cabotinismo entre homenageados e homenageadores, que de modo algum corresponde á verdade, servindo até para manter no olvido e na sombra artistas de verdadeiro merito, com aprumada independencia.

O que eu defendo é a dignificação da mulher de teatro, de modo que ela seja respeitada sem reservas de qualquer especie. De resto, nas actrizes portuguesas houve e ha figuras que podem citar-se como exemplo de belas qualidades morais. A grande Virginia foi um modelo de virtudes e resignação. Lucinda do Carmo, notavel actriz e professora, foi uma filha dedicada e os que conheceram como ela tratou a sua mãi velhinha amavam-na com veneração. Palmira Bastos, a inteligente comediante que se impôs pelo estudo constante, criou um lar austerissimo onde educou suas filhas nos mais elevados principios. Lucilia Simões, artista de grande categoria, educou sua filha com tal esmero que ela ocupou, com a maior distinção, o elevado lugar junto do seu marido, quando ministro de Portugal em França. Ilda Stichini, a primeira ingenua do nosso teatro de comedia, orienta com os mais carinhosos e inteligentes cuidados a educação dos seus dois filhos. Amelia Rey Colaço, considerada grande artista de processos modernos, é uma senhora cultissima, da maior distinção. Adelina Abranches, que á sua arte deu um genio excepcional, foi sempre a mais extremosa das mãis. E até Angela Pinto — a maior de todas, artista de alma, nervos, emoção — através da sua vida boemia, em que se exageram aventuras, foi sempre mãi dedicada, avó carinhosa, camarada generosa e gentil.

E quantas, tantas outras mais, de quem se podiam enumerar virtudes e qualidades atestando grandes almas! Tudo isto quere dizer que as actrizes são como as outras mulheres, tambem sujeitas a desvios e contingencias, mas possuindo dos mais belos sentimentos. Ora se assim é, porque, então, criar para elas um mesquinho estalão de moral?!

*
* *

Todas estas considerações vêm a proposito da falta de consagração oficial que observei em redor da morte de Angela Pinto, falta que já notara e verberara em sua vida, durante periodo grave da sua doença, devido á censuravel demora do Parlamento em votar-lhe mesquinha pensão que minorasse a miseria que a ameaçava.

É que eu conheci bem a artista genial. Falei-lhe algumas vezes. Admirei, com encantamento, as suas criações teatrais, iluminadas por essa luz divina que lhe vinha da alma, imagens através das quais se transfigurava, mercê dum formidavel instinto que não teve par. Hoje mesmo, tantos anos decorridos após a sua morte, decompondo a sua maneira artistica e seu processo histrionico, quasi apenas feitos do seu rico temperamento, analisando-a com critica serena, ainda persiste na minha recordação o frizo de belas figuras a que ela deu vida no palco, e oiço a sua voz, que tinha toda a musicalidade dramatica e tam bem soube expressar aliciantes e perturbadoras paixões que arrebataram plateias.

Para essa amada figura, em cuja vida e arte trasbordam amor, ternura, paixão, eu quisera todas as considerações da sociedade, todas as excepcionis consagrações oficiais, exactamente porque ela foi um produto humano de grandeza excepcional, que da propria volupia em que se consumia vulcanizava os mais perfeitos moldes com que valorizava a literatura teatral.

Quando algum dos seus biografos anonimos ensaia a anecdota que salpica a sua memoria com historietas canalhas, dum gosto reles, logo me acode o seu perfil materno, duma tal aflitiva angustia e infinita piedade, que o seu fulgor absorve todas as imperfeições. Inutil pretenderem avolumar, em descabido contraste, a sua imagem de pecadora, porque resulta maior a minha admiração. Isto só me envergonharia, em mim, se fôsse generosidade ou idolatria. Limita-se a ser reflectida estima, amoroso culto, pela memoria da mulher que maior sedução ofereceu ao meu espirito na sua arte, ou, se quiserem, na sua emoção.

De resto, mesmo que fossem verdadeiros e elevados ao dobro todos os «desequilibrios morais» atribuidos a Angela Pinto, nem por isso a respeitaria menos... Não necessito socorrer-me da menor coragem para afirmar que, na minha vida de rapaz, quando forçado, pelas circunstancias, a recorrer aos bordeis, o fiz sempre com o maior respeito — aquele respeito doloroso com que sempre olhei todas as «pecadoras»...

Mas Angela Pinto paira ao alto de todas as miserias! Mulheres e senhoras ha muitas. Artistas como ela, só de seculo em seculo surgem no mundo, mercê do capricho da propria Natureza.

Eu bem sei que ha espiritos para quem a arte de representar se limita a uma profissão de pessoas mais ou menos habilidosas,

considerando o Teatro uma manifestação intelectual secundaria, quasi inferior, sem direito de existir no dominio dos altos problemas artisticos e mentais. E por isso talvez lhes pareça ridicula e exagerada esta idéa de alinhar palavras rememorando uma mulher de teatro.

Eu, porém, pertenço ao numero dos que atribuem ao teatro função artistica e intelectual, com a vantagem de estar mais proximo da sensibilidade popular e possuir capacidade para agitar e reflectir dos maiores pensamentos sociais. Está compreendido que o actor ou actriz, como interpretes, são agentes indispensaveis, integrados no Teatro, porventura servindo algumas vezes para o ampliar e engrandecer. E no Teatro vejo como se conjugam e entrelaçam realizações das mais belas artes — pintura, arquitectura, escultura, musica — com as melhores expressões da literatura, da filosofia, da poesia e até da ciencia. É mesmo da harmonia de todas essas expressões, submetidas á sua tecnica, que o teatro é feito, embora tenhamos de reconhecer que, na maioria dos casos, ele desce a um plano inferior.

Mas não é só o teatro que revela decadencia e inferioridade; sucede isso, um pouco, em todas as artes e manifestações intelectuais, com natural reflexo no meio teatral. Tenho a impressão de que uma sociedade onde a arte, a literatura e a ciencia, através das naturais renovações, revelem uma perfeita saude mental, e exista um publico com equilibrado senso critico, deverá ter um bom teatro. Além disto, todos sabemos que a vida artistica, literaria e cientifica não pode ser apenas feita pelos Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, Wagner, Dante, Roneau, Pasteur e Edison. Na propria vida astronomica ha pequenas estrelas, astros quasi sem nome, que, todavia, vivem ao pé do sol...

Emquanto o teatro tiver criadores como Gil Vicente, Shakespeare, Molière, Ibsen, Bernard Shaw, Benavente, Nicodemi, Marcel Pagnol, Marcelino Mesquita, D. João da Camara e outros escritores de alta inspiração teatral, terá, sempre, o seu lugar na vida e na historia artistica e mental dos povos. Como para interpretar teatro são precisos artistas, estes são sempre dignos de culto espiritual quando atingem a craveira dum Zaconi, duma Eleonora Duse, ou duma Angela Pinto.

*

* *

Custa a compreender como a morte apagou, tam profundamente, sem lhe permitir vestigios, uma tam bela figura de arte. Dentro em breve, a não serem algumas paginas de critica, nada ficará falando da sua obra. Todavia, Angela Pinto foi, de facto, das maiores actrizes, de todos os tempos, do teatro português.

Se tivermos em consideração a sua deficiente ilustração e fraca cultura mental; se analisarmos a ausencia de escola em toda a sua carreira, onde apenas teve alguma importancia a periodica direcção de Augusto Rosa; se meditarmos nos entraves que á sua vida artistica levantaram os variadissimos conflitos derivados da sua irreprimivel maneira pessoal; e, sobretudo, se medirmos a estreiteza do nosso meio, sem ambiente e estimulos necessarios a tam formidavel instinto artistico, teremos de concluir que ela foi a primeira figura da cena portuguesa. Não teve, como João e Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Chabi e Lucinda Simões, educação teatral ou literaria, primorosamente cuidada; nem viveu desde menina, como Adelina e Lucilia, num ambiente de teatro. Todavia, ao lado destes e de outros grandes artistas, Angela Pinto marcou soberbamente o seu lugar e teve o aplauso unanime da critica e a paixão do publico. Mais do que isso, ainda, teve a apaixonada simpatia dos colegas e a adoração daqueles camaradas mais pobres que, tantas vezes, conheceram os ilimitados tesouros da sua generosidade.

Que artista assombrosa não seria Angela Pinto se, em vez de ter nascido em Portugal, tivesse surgido em Paris ou noutra grande capital da França, submetida á disciplina mental de qualquer grande mestre de cena, e com empresario rico que lhe compreendesse e estudasse os caprichos?!

Num meio pequeno e burguês, como o nosso, ela deu o maximo, atingiu todos os estalões, calcou preconceitos, rasgou os proprios nervos, quem sabe se procurando nos proprios desequilibrios as emoções que alimentaram a chama da sua arte, para deslumbramento dos nossos sentidos.

A sua morte deixou um lugar que continua vago. Emquanto pudermos recordar o seu genio, resta-nos o consolo de escrevermos estas palavras, que, sem exagero, só se podem escrever, realmente, sobre os grandes e verdadeiros artistas.

A grande Angela Pinto, no «compère» do «Coração á larga»

Como entrou Angela Pinto para o teatro? Duma maneira muito simples — contou-me ela numa entrevista que me concedeu...

Gostara, sempre, muito de teatro, mas nunca pensara em ser actriz. Um dia, teria dezassete anos, um rapaz actor, de quem ela gostava, sabendo-a com uma voz interessante e certo jeito, pediu-lhe para tomar parte numa festa dum club em favor de Luisa de Abreu. Foi e como tinha um fiozito de voz, muita alma, muito sentimento, o publico reparou e aplaudiu. As palmas do publico e a sedução do palco decidiram-na, e pouco depois estreava-se, em Setubal, num teatro-barraca, na opereta «Simão, Simões & C.ª». Mais palmas, mais paixão do publico, um grande genio a arfar-lhe dentro do sangue, e veio de triunfo em triunfo, até que empresarios deram por ela, aparecendo nalgumas recitas do Teatro da Rua dos Condes e iniciando, depois, a sua regular carreira nos teatros do Porto.

Contratada para teatros de Lisboa, em breve marcou o seu lugar num primeiro plano, fazendo opereta primorosamente e dizendo «couplets» de revista, com uma inteligente malicia que ninguem, até ali, igualara. Mais tarde, João e Augusto Rosa repararam no seu genio, que se revelava numa maneira estranha de dizer e de sugestionar, e viram nela a grande interprete de que se carecia no drama e comedia. Não se enganaram, porque após a sua estreia no antigo D. Amelia, em cada peça Angela Pinto obteve um triunfo. Não ha memoria de a critica lhe haver anotado reparos, a não ser no «Hamlet», e isso mais pela sua figura fisica, que se não adaptava ao protagonista, do que pela dição, de que se defendeu acertadamente.

Foi ela a interprete ideal das peças portuguesas: «Frei Luiz de Sousa», «Severa», «Amor de Perdição», «Noite de Santo Antonio», «Entre Giestas», e fez o reportorio estrangeiro de maior sensação: «Martir», «Lagartixa», «Zá-Zá», «O Apostolo», «O Ladrão», «Emboscada», «O Pai», «Exilada», e tantas outras, até as «Asas quebradas» e «Flores», em que teve as derradeiras criações.

Uma das peças que mais gostava de fazer — disse-mo — era a «Primeira Causa», pelas variantes de emoção que o violento trabalho da protagonista comportava. De resto, foi o teatro realista, violento, crispado de emoção, que ela sempre preferiu, talvez por ser aquele em que melhor espraiava a onda de ternura intima que a asfixiava e onde marcava a sua feição de amorosa, rebelde e insubmissa. Foi mesmo esse traço de apaixonada rebeldia que a tornou idolatrada pelo publico. E ficaram memoraveis as suas cenas da «Zázá» e da «Severa», e não mais esquecem essas horas em que a plateia, em peso, se erguia a aplaudi-la, doida de entusiasmo, ante a revolta da «Cesaria dos Mineiros» e a simbolica figura de «Rua», que criou em certa revista, interpretação em que punha a sua grande alma, dizendo, em soluços, toda a epopeia dos alanceados sofrimentos da alma heroica e rebelde do povo.

Era uma artista por instinto, por temperamento, mas com um tão elevado grau de emoção que, se não fôra a sua perfeita intuição teatral, correria o perigo de errar algumas interpretações, pela quasi impossibilidade de controlar o seu trabalho dentro da emoção natural que em si propria desencadeava. Sofria, verdadeiramente, os sentimentos que representava. Vivia, demasiadamente, as personagens das suas interpretações, alheando-se da recomendavel regra que impõe aos comediantes uma constante observação ao trabalho que vão realizando. Todavia, era tão grande artista que conseguia representar primorosamente os proprios papeis que não sentia, podendo citar-se, como exemplo, a sua magnifica interpretação, com Ferreira da Silva, no «Pai», embora detestasse o papel. Percorre-se a vasta galeria de tipos que ela ergueu, recorda-se a sua especial maneira dramatica de rematar um final de acto, e não encontramos artista que a possa igualar.

De modo algum quero afirmar que o teatro português não conta, hoje, grandes artistas. Seria, ainda, longa a lista com a merecida e comentada citação. Por exemplo: Maria Matos é tam grande no genero caricatural e burlesco, como Angela Pinto o foi no drama e na tragedia. Palmira Bastos e Ilda Stichini estão muito longe da intensidade dramatica de Angela, mas são grandes artistas da comedia, devido ás suas inteligencias e admiravel estudo. Propriamente da estirpe emotiva de Angela Pinto, existem dois notaveis artistas, Adelina Abranches e Alves da Cunha, para quem o Estado devia olhar com admiração, embora sem os dispensar da carinhosa disciplina de grandes mestres ensaiadores...

Nenhuma artista fora da cena foi menos comediante do que Angela Pinto; assim como nenhuma comediante, dentro do palco, foi mais apaixonadamente mulher.

Como artista, teve alma, uma bondade inge-

(Continua na página 376)

(Marta e João Pinto calam-se durante segundos, aguardando com ansiedade a chegada de Antonio Queiroz).

QUEIROZ (entrando, expressão triste)—Boa tarde, Marta. Boa tarde, João. (Um minuto de hesitação, em que todos mostram o receio de quebrar o silencio).

J. PINTO — Sabes alguma coisa?

QUEIROZ — Muitas coisas.

MARTA — A respeito do José Manuel?

QUEIROZ — Não. Mas que querem vocês dizer com essa pergunta?

MARTA — Jogo franco. Estamos os dois assustados e você tambem...

QUEIROZ — Não, não estou, e não compreendo o vosso nervosismo, essa atmosfera que vocês criaram e que já me está contagiando. Não se respira aqui.

MARTA — Você quando entrou vinha muito alegre, não haja duvida...

QUEIROZ — Outras preocupações...

MARTA — Que outras preocupações podem existir neste momento?

J. PINTO — Desabafa.

QUEIROZ — A menos grave, primeiro: o Costa Lebre...

J. PINTO — Mais um artigo de fundo?

QUEIROZ — Não. Conspira.

MARTA — Conspira sempre.

QUEIROZ — Desta vez é mais grave. Desta vez conspira com alguns dos nossos amigos, para tomar conta do partido, para assumir a presidencia da Junta.

MARTA — Que grande miseravel!

QUEIROZ — Chega a ter a audacia de fingir que se quere reconciliar com o José Manuel, que sempre admirou. Afirma que chegou o momento da União Sagrada, duma frente unica. E diz até que vai escrever um artigo nesse sentido. Tenciona mesmo procurá-lo, vir aqui...

J. PINTO — Quem te deu essas informações?

QUEIROZ — O Cardoso.

J. PINTO — Não me espanta. Esse teve sempre um fraco pelo Costa Lebre...

MARTA — Pois ha ainda quem oiça esse senhor?

QUEIROZ — O mal é esse. Não nos podemos iludir. O Costa Lebre tem uma grande corrente no partido. Admiram-lhe a eloquencia, a pena facil e brilhante, certa força na atitude e na voz.

MARTA — Como se o José Manuel não tivesse essas qualidades e muitas mais...

QUEIROZ — Quem o duvida? Mas você não conta com os invejosos, com os despeitados, com os que lhe obedecem mas ficam a rugir. O José Manuel— ha que dizê-lo! — é um domador que abusa do chicote.

J. PINTO — Em Portugal, minha querida, nem com a vitoria se vence! Não ha pedestal que não oscile. Eu fui o primeiro a aconselhar ao José Manuel que se fôsse embora, mas agora confesso-lhe que receio um golpe. O Costa Lebre é capaz de tudo...

MARTA — Ele não podia ter seguido outro caminho. Se não fugisse, estava preso, a estas horas.

QUEIROZ — Era um martir. E as idéas não triunfam sem os respectivos martires, martires verdadeiros ou fingidos...

J. PINTO— O Costa Lebre saberá que ele não está em Lisboa?

QUEIROZ — Calculo que não sabe nada. Ha quem o julgue escondido em Lisboa e ha até quem pense que ele não saíu de casa.

J. PINTO — Convem desnorteá-los...

MARTA (Sempre preocupada) — Onde estará ele a estas horas?

QUEIROZ — Ainda não lhes contei o principal, o mais grave.

MARTA — Que pode haver mais?

J. PINTO — Sou todo ouvidos.

QUEIROZ — Está tudo de prevenção e esperam-se coisas para esta noite.

J. PINTO — Mas quem?

QUEIROZ — Outra vez os reformistas.

MARTA — E o que faz o partido se eles se metem nessa aventura, se vencem?

J. PINTO — Nada. Não temos nada com isso.

QUEIROZ — Não concordo e por isso vim aqui. Uma revolução que vem para a rua, seja qual fôr a mão que a traga, pode muito bem ser a nossa. Sabe-se lá...

J. PINTO — Não podemos comprometer o partido em aventuras duvidosas.

QUEIROZ — Tudo depende da nossa habilidade, da nossa audacia e da nossa força.

J. PINTO — Voto contra.

QUEIROZ — Esta apatia é que me enerva. Não posso! Não sei cruzar os braços, gosto mais de cruzar as armas!

J. PINTO — Ha que esperar.

QUEIROZ — Detesto esperar, detesto jogar o xadrez. É um jogo sonolento de botica. Tenho 25 anos, uma farda e uma espada. Ainda não estreei, nem a farda, nem a espada, nem os 25 anos. Estudo, bem sei, mas o curso de direito não consegue adormecer-me. Se o partido não quiser marchar, marcho sem partido.

MARTA — Os reformistas são os nossos maiores inimigos.

QUEIROZ (Exaltado) — Isso que tem? Não faz mal. Eu posso bem com eles todos. Empalmo-lhes o movimento num abrir e fechar de olhos. Vocês vão ver. Ao primeiro sinal, saio com o meu esquadrão, que é tudo rapaziada fixe, subo a Avenida, chego á Rotunda, e a vitoria é nossa.

J. PINTO — A rotunda já deve estar ocupada, a essas horas. Todos conhecem o jogo.

QUEIROZ — É possivel, mas devem estar a tremer como varas verdes, herois á força, herois que vão assinar o ponto. Aceitarão como chefe o mais valente e o mais decidido.

J. PINTO — Uma loucura que eu não assino.

QUEIROZ — O que eu acho loucura é ter a vitoria na mão e deixá-la cair. É tão facil...

J. PINTO — Parece facil...

MARTA — Não faça nada sem eu avisar o José Manuel. Vou telegrafar-lhe para o Hotel des Deux Mondes, onde ele costuma hospedar-se. Talvez assim ele me responda, talvez eu saiba dessa forma o que é feito dele.

QUEIROZ — Não é preciso. Quem lhe vai telegrafar depois da vitoria sou eu. Vocês verão como o José Manuel vai concordar comigo.

J. PINTO — Se venceres... Com a vitoria concorda-se sempre...

QUEIROZ (Excitado) — Que grande recepção lhe vamos preparar! O Rossio cheio de tropas, depois da grande parada das forças vitoriosas. A estação toda embandeirada, cheia de povo e de estudantes. Musica, foguetes, alegria, o emblema do partido em todas as botoeiras, bilhetes postais com o meu retrato vendidos pelos garotos... Um suplemento do «Resgate» com a fotografia do José Manuel na primeira pagina, a pagina inteira!... Gritos, entusiasmo, o nosso hino cantado por todas as bocas, o delirio das grandes horas. Eis o «sud-express» que chega. A multidão abraça o comboio, a locomotiva-chefe. A Marta, com um grande ramo de flores nas mãos, sobre o peito, cambaleia, quasi desmaia, e é preciso que tu a ampares para ela não cair. O Costa Lebre, despeitado, vencido, foi tambem á estação, disposto ao beijo de Judas. Uma grande ovação, milhares de lenços a acenar, os primeiros compassos da «Portuguesa», e, finalmente, o José Manuel que me cai nos braços, nos braços do seu condestavel!

A Vida...

por

Sobral de Campos

(Cena ultima duma peça num acto, inédita).

Noite de um clarissimo luar. No terraço duma casa. Ouve-se o resfolegar dum comboio que parte. Ema e Eduardo conversam, em pé, junto do parapeito do terraço.

EMA — Partiu sem que eu o visse!

EDUARDO — Voltará... um dia...

EMA — Não sei...

EDUARDO — Volta. Tudo volta... A vida é mesmo isto: partir... voltar... Nada mais.

EMA — Como as esferas?...

EDUARDO — Como as esferas... Como a Terra. Como esta Lua redonda que nos alumia... Como o Sol. Nascente... Poente... O Sol que nasce... O Sol que tomba... O Dia... a Noite... Um dia que se vai... Uma noite que se faz e que sucumbe... Outro dia que nasce após a noite... É tudo assim...

EMA — A circunferencia... A passagem pelos mesmos pontos...

EDUARDO — Exacto. A passagem pelos mesmos pontos. Parte-se, volta-se...

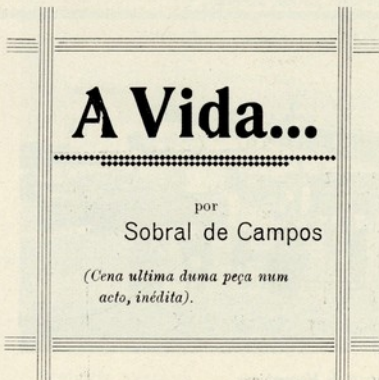
EMA — Mas quando voltará?!...

EDUARDO — Não se sabe... O ponto do encontro não é sempre o mesmo... Depende das velocidades, dos atritos, das paragens... Os factores... a Vida...

EMA — E a Morte?! Se a Morte nos surpreende?!... Tenho horror á Morte...

EDUARDO — Fantasias... Imaginações... Sonhos nossos... Pesadelos... Não se pode ter horror àquilo que não existe...

EMA — A Morte não existe?!!

EDUARDO — Não. Só a Vida. A Morte faz parte da Vida... A Morte é ainda a Vida. A circunferencia... a elipse... O Sol que nasce... O Sol que tomba... O Dia... a Noite... A Noite... O Dia... Partir... Voltar... A Vida...

EMA — Mas a Humanidade? O Progresso O caminho para a Perfeição?...

EDUARDO — A Humanidade é sempre a mesma. Está dito — a Nora... A Nora da Vida... A circunferencia... A passagem pelos mesmos pontos... Alcatruzes que sobem... alcatruzes que descem... Aguas que se elevam... aguas que se despenham... Sangue que rega a Terra... Sangue das vitimas... Sangue dos martires... Sangue dos escravos de hoje... Sangue dos tiranos de ontem... Sangue dos escravos de amanhã... Sangue dos tiranos do dia imediato... E esse sangue que rega a Terra... é a Vida, sempre a Vida. É o sangue que ha-de voltar nos outros alcatruzes da Nora da Vida... Partir... Voltar... Nada mais.

EMA — É triste! Já não sinto horror pela Morte... Dá vontade de morrer...

EDUARDO — Loucuras! Loucuras da sua educação romanesca... Morrer para quê — se morrer é viver ainda?... Só tem horror á Morte e só sente vontade de morrer quem vê a Vida por prismas falsos: ou demasiadamente bela, ou demasiadamente feia... Quando a Vida, afinal, é simplesmente — a Vida... Nem boa, nem má, nem feia, nem bela...

(Pausa)

EMA (olhando o ceu, cismadora) — Repare como a lua caminhou!...

EDUARDO — Vai descendo... A passagem pelos mesmos pontos... Voltará amanhã... A Vida é isto...

EMA — Partir... voltar...

EDUARDO — Voltar... Partir...

EMA — Nada mais!...

(Ema fica cabisbaixa, numa atitude de meditação sofredora. Eduardo ergue a cabeça e fita o firmamento, com calma, como quem está de posse, ha muito, de uma Verdade).

(Cai o pano)

MARTA (Empolgada) — Como seria belo! Como seria belo que ele estivesse para chegar, que já tivesse chegado.

J. PINTO (Com magnifica serenidade) — Ouve, meu rapaz: ninguem duvida que tu és um valente, dedicado, audacioso, um heroi sem reticencias, que não gagueja. É mesmo essa a tua vocação: o heroismo. Mas o mal de Portugal, o mal da nossa época, meu querido Antonio, são os herois, os exaltados como tu. Ha que tomar quinino e fazer baixar, a todo o custo, a febre que nos excita, que nos faz delirar.

MARTA — Tem razão, João. É preciso não perder a cabeça, não ir atraz das palavras.

J. PINTO — Vi, outro dia, uma fita que procurava dar-nos a visão do mundo em 1980. Grandes cenarios geometricos, invenções miudas e pueris, as pessoas com numeros em vez de nomes, como as ruas de Nova York, o espaço atravancado de aviões, circulação dificil, como na 5.ª Avenida ou em Picadilly... Mas as complicações sentimentais eram as mesmas; os homens e as mulheres amavam-se da mesma forma e cantavam-se as mesmas canções americanas, os mesmos «Blues» e os mesmos tangos.

QUEIROZ — Vi a fita contigo. Só não compreendo a relação...

J. PINTO — Vais compreender. É que vocês, guerreiros da Idade Média, de polainas e casaco cintado, são tão anacronicos no nosso tempo como os senhores enfatuados e romanticos dêsse fantastico 1980. Na época das arbitragens, dos congressos, das conferencias internacionais, de Locarno, do pacto de Kellogg, da Sociedade das Nações, vocês continuam a dar tiros por dá cá aquela palha, vocês continuam a gastar polvora, como se a polvora fôsse tabaco e como se as vossas pistolas fôssem cigarreiras. Dum lado, uma grande tendencia para a disciplina, para a ordem, para o escritorio americano: ficheiros, classificadores, secretarias com tampos de vidro, quadros electricos para comandar a vida, uma vida mecanica, limpa, sem um papel no chão, desenhada a compasso e regua. Do outro lado, os desordeiros que entram constantemente no escritorio, de pistolas em punho, desarrumando tudo, destruindo tudo, obrigando os homens constantemente a voltar atrás, a recomeçar a sua tarefa, a sua marcha, para a ordem, para a felicidade.

QUEIROZ — Os homens? Não compreendo a classificação.

J. PINTO — Os homens, sim. Vocês não são homens, vocês não são feitos da mesma materia vil do que nós, vocês são os herois, os herois perigosos, os herois á solta...

MARTA — Bravo, João, você está dizendo grandes verdades.

QUEIROZ — Desconheço-te. Nunca te julguei capaz de fazer o elogio da covardia.

J. PINTO — Que querem? É que tenho varios receios, meu querido Antonio, de que os covardes saiam um dia para a rua, a combater os herois. E talvez vençam!

QUEIROZ—Defendes, afinal, as revoluções...

J. PINTO — Não defendo as revoluções, defendo uma revolução sem sangue, sem espingardas, sem Rotunda, uma grande revolução nas consciencias. Essas revoluções de que tu gostas, reminiscencias das campanhas que tu dirigias, com os teus soldados de chumbo, no sobrado da casa paterna, só não são infantis porque ha gente que morre, porque ha vidas sacrificadas. Mas não decidem nada, acredita-me. Uma revolução puxa sempre uma revolução, como um cigarro puxa outro cigarro. Deixa-te, portanto, de brincar ás guerras e acaba o teu curso de direito. Acredita que tenho razão. Estamos cansados de Nun'Alvares e com necessidade urgente dum João das Regras.

QUEIROZ — Olha quem fala! Se fôsse a nossa revolução que viesse para a rua, eras, com certeza, o primeiro a pegar numa espingarda.

J. PINTO — Talvez tenhas razão, mas eu é que não a tinha.

QUEIROZ (Preparando-se para sair)—Adeus, pacifista, vou para o quartel.

MARTA — Tenha juizo...

QUEIROZ — Impossivel! Eu sou um heroi, um doido...

J. PINTO — Ha doidos com juizo...

MARTA — Espere mais uns dias.

QUEIROZ — Não sei esperar. Vou cumprir o meu dever. (Sai).

J. PINTO—Pobre rapaz! Mais uma vitima...

MARTA — A que chamará ele cumprir o seu dever?

J. PINTO — Morrer estupidamente, morrer para fazer boa figura...

MARTA — Uma criança!

J. PINTO — O dever! O dever! Você sabe, Marta, quem é o credor de tanto dever?

MARTA — Diga lá.

J. PINTO — Portugal.

(Inédito).

A ponte do Lumbo, no distrito de Moçambique

Uma mulher de Teatro

(Continuado da página 373)

nua, um grande coração que se foi diluindo, aos poucos, repartido pelas personagens que viveu em comunhão com o publico.

Como mulher, através dos seus desequilibrios, nunca se esqueceu de que era mãi. Todos os pecados da sua vida se apagam na candida ternura com que foi avó. E foi amiga e camarada, esbanjando ás mãos largas, emquanto teve para dar.

Uma das suas maiores volupias foi fazer bem, praticando, discretamente, a verdadeira caridade. E sempre, eternamente rebelde, quasi ingrata e insubmissa, para os que tinham fortuna e posição. Carinhosa, de esmola nas mãos e de lagrimas nos olhos, para os humildes e os desprotegidos. Podia ter deixado palacios, uma fortuna, todavia morreu pobre!

Uma desequilibrada!—dizem burgueses candidos e pautados normais... Sim, uma divina desequilibrada que nos seus desequilibrios mergulhava as raizes do genio maravilhoso com que nos deslumbrou, valorizando a literatura teatral deste país.

Desequilibrados foram Camões, Bocage, Camilo, Antero, Gomes Leal e Fialho. E já desequilibrados haviam sido esses artistas universais que se chamavam Sara Bernhardt, Réjane e a propria Duse. A arte impressionante de Miguel Angelo, Wagner, Wilde e Mirbeau, assenta nos mais dolorosos desequilibrios. Sempre o desequilibrio, que faz a tristeza do artista, parece ser condição dolorosa que a Natureza impôs á sua arte.

De maneira que os saudaveis «Catões», já que não podem modificar os designios misteriosos da Natureza, tambem não devem cometer o «pecado mortal» de usufruir os tesouros de arte que os artistas vão acumulando em todo o mundo.

O elogio do desequilibrio?! Não. Mas já Fialho escrevia, acêrca de Camilo, «que era mister não exigir aos artistas austeridades de conego e estreitezas de guarda-portão. Não esquecer que os artistas, nessa nevrose doentia, tam cara á sua vida, encontram os elementos de florescencia e renovação á sensibilidade que gera a sua arte».

Angela Pinto, neste caso, foi um exemplo. Um caso patologico, se quiserem, mas tambem um caso genial.

*
* *

Só mais algumas palavras, para lhes apresentar uma carta escrita e firmada pelo punho de Angela Pinto — uma carta que me escreveu, mais uma lembrança da artista que merece ficar arquivada, por ser elucidativo documento acerca da forma como o Estado assiste aos seus maiores artistas.

Como é sabido, em 1922 e 1923, Angela Pinto sofreu de doença grave, que a lançou em profunda crise moral e num tal abatimento que, durante longo tempo, esteve sem representar, o que lhe criou embaraçosa situação economica.

Nunca Angela Pinto foi mulher que dispusesse de grandes reservas financeiras. Ganhava bastante, mas gastava tudo, com a familia, com as pessoas a quem fazia bem, com os encargos da sua propria categoria de artista.

Essa crise encontrou-a com fracos recursos pecuniarios, que, em breve, se esvairam na doença, de modo que a artista pressentiu a miseria, embora atenuada pela sua familia e alguns raros amigos dedicados. Mas como todas essas dedicações eram poucas para um mal que se agravara, e já era prenuncio da morte, pensaram alguns amigos, e muito bem, que o Estado deveria acudir com uma pensão á grande artista que fôra gloria da cena portuguesa e tanto elevara a arte nacional. Não foi sem dificuldades que a proposta foi presente ao Parlamento, onde teve de suportar todas as demoras derivadas das praxes parlamentares e peias burocraticas, sem se ter em consideração o estado da artista, nem a sua alta categoria.

Neste país, onde tem enriquecido tanto carvoeiro e diversos senhores de negocios igualmente escuros, utilizando, algumas vezes, os favores do Estado, houve sempre relutancia em assistir aos artistas e intelectuais, sem se atender que o país não oferece estimulos nem garantias para estes realizarem o modesto conforto indispensavel ao seu labor.

Para muitas pessoas só existem aspectos materiais, parecendo ignorar o papel que a Literatura e a Arte representam na vida e na propria riqueza dum Povo. Não surpreende um tal conceito primitivo num país que quasi não possui departamentos oficiais onde se tratem problemas artisticos e mentais e tem cinquenta por cento de analfabetos.

Angela Pinto foi, um pouco, vitima do atraso mental da sociedade portuguesa. A proposta da sua pensão arrastou-se no Parlamento de forma tal que, tendo sido apresentada em principios de 1923, só começou a ser paga em 1924, com pouco proveito para a ilustre artista, que neste ano faleceu.

Contra o facto de tal demora protestei num pequeno artigo, que mereceu a seguinte carta de Angela Pinto:

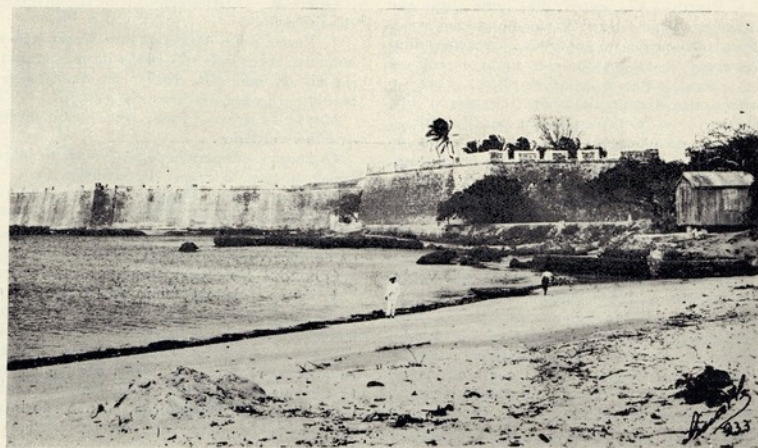
«Il.^mo Sr. — Venho agradecer-lhe o seu artigo referente á pensão que me estabeleceram e **que só começarei a vencer no proximo ano**. O interesse que toma pelo assunto é para lhe ficar imensamente grata. Disponha do limitado prestimo da — Angela Pinto.»

Esta carta trazia no carimbo do sobrescrito a data de 25 de Agosto de 1923. Quere dizer, depois de aguardar alguns meses a aprovação da pensão, a grande artista ainda teria que esperar outros tantos meses que lha começassem a pagar — tempo mais do que suficiente para morrer de fome e sem o devido tratamento... se não fôssem algumas pessoas dedicadas.

De todas essas contingencias amargas bem depressa a morte a libertou, tocando-lhe com as suas asas negras...

Da falta de consagrações oficiais compensou-a o Povo, prestando-lhe honras funebres de tal imponencia, que não ha memoria de tam grande manifestação popular em redor da morte duma artista.

Se ela teve delitos, o Povo, grande juiz, só quis conhecer das virtudes da sua arte, e por isso desfilou atrás da sua tumba, sentindo a perda da artista amada.

Belo e soberbo quadro esse da gente da rua ao redor do caixão de Angela Pinto! Dir-se-ia que todas as plateias constituidas pelo publico que a aplaudira desde que ela se estreara, tinham enviado delegação, para que todo o Povo estivesse presente ao terminar da grande e derradeira cena em que ela se despediu da vida, enchendo de saudade o nosso coração.

Fortaleza de S. Sebastião — Distrito de Moçambique

Uma noite de NATAL...

|mancha impressionista|

Escrito por
SOBRAL DE CAMPOS

Ilustrado por FERREIRINHA

NOITE... Noit'alta... Ceu estrelado... Ansiedade... Esperanças... Idealismos... Paixões... Sombras... movimento de sombras... Misterio... Silencio...

Na sombra, no escuro, movimentam-se sombras... E essas sombras, esse movimento, esse escuro, têm qualquer coisa de misterioso e de tragico... Uns vêm, outros vão, aqui param, além juntam-se e somem-se, apagam-se, fundem-se na treva mais compacta... Seus passos quasi se não ouvem nas ruas soturnas, quietas, paradas, aqui e acolá lambidas pela luz das lampadas electricas... Seus passos não se ouvem... Dir-se-iam sombras, na verdade... fantasmas... figuras descorporizadas... formas fluidicas destacadas da propria sombra... vindas do Nada...

Noit'alta... Silencio... Ceu profundo... Astros distantes... Aspirações... Coleras... Vindictas ancestrais... Paixões... Idealismos...

E as sombras passam... E aqui e além, nas nodoas de luz que a luz faz alastrar no escuro, as sombras passam coladas ás paredes dos predios, vagas, misteriosas, soturnas... Alguns rostos surgem, por momentos, iluminados ... Claro-escuro ... Rembrandt ... Fragmentos de fisionomias, de expressões... Olhos bons... olhos de visionarios... olhos de santos... olhos crueis... olhos satanicos... olhos de feras fusilando na treva... Narizes aduncos, recurvados, aquilinos... Bocas contorcidas... bocas sarcasticas... bocas de Judas... bocas raivosas... bocas suaves... bocas de Cristos... Braços que se estendem... que se contorcem... Gestos de comando... Perfis... Movimento de sombras...

E as sombras passam, coladas ás paredes dos predios, vagas, misteriosas, soturnas... E apagam-se, fundem-se na treva...

Silencio... Misterio...

Patas de cavalos, cadenciadas... Uma patrulha... Tudo tranquilo, adormecido... E a patrulha segue. E o ruido, cadenciado, das patas dos cavalos, ouve-se ainda, cada vez mais baixo, aqui e além ecoando, mais forte outra vez, nas encruzilhadas das ruas lambidas pela luz, ennodoadas de sombra... E o ruido passa, morre, extingue-se, funde-se no silencio, no silencio compacto, espectante, pavido, que cobre a cidade, que envolve a Terra...

Noite... Noit'alta... Ceu profundo... Palpitar de astros... Silencio...

....

....

— Sentinela alerta!...

— Alerta está!...

Misterio!...

— Alerta está... está... está...

Silencio... Treva... Ansiedade... Angustia...

....

....

Noit'alta... E os minutos passam... arrastados, lentos, extenuados... Parecem horas — gotas de tempo... algidas... sincronicas mas retardadas... inexpressivas... caindo no vacuo... pingando, sem som, no vazio da noite...

Do alto duma torre, dum relogio alto, que não adormecera, que não parara, que não se esquecera, duas horas cairam, uma atrás de outra, dolentes, angustiosas, estranguladas — dois soluços das coisas, da Natureza... estertores dum moribundo... ecos tragicos duma vida distante, dum mundo morto, desaparecido...

Silencio... Misterio...

E as sombras voltam, movimentam-se, agitam-se... E não parecem sombras... já sombras não são...

Vozes... ruidos... marchas... ordens... passos fortes, pesados, voluntariosos, febris... Choques de metais... de madeiras... rodas... ajuntamentos... populaça... soldadesca... agitação...

E tudo isto se movimenta, se agita, na sombra, na luz, descoordenado, desconexo, fragmentado, na luz, na sombra, febril, tragico, terrificante, nascido do Nada, rompendo daqui, dalém, dacolá... Braços... gestos... furias... alucinações... perfis... olhos crueis... olhos satanicos... olhos de feras...

Bocas suaves... bocas de Cristos... Olhos bons... de visionarios... de santos... de iluminados... Bocas sarcasticas... contorcidas... bocas de Judas... Mãos crispadas... enclavinhadas... electrizadas...

E tudo isto passa, cresce, aumenta, movimenta-se, agita-se, alastra... Toma de assalto as cidades, toma de assalto os campos, toma de assalto a Terra...

Um tiro de canhão!...

Rodas, metais, madeiras, vozes, ordens, marchas, gritos, ameaças, pragas, patas de cavalos, cargas, correrias...

Tiros... fusilaria... granadas... asas... helices... Roncos, estrondos, silvos... chamas... Coisas que caem, que ruem, que se desmoronam, que se despenham... Gritos... canções... populaça... soldadesca... hinos... furias... coleras... Vindictas... Idealismos... Sangue... Destruição... Morte... Caos... Vida...

....

....

Noit'alta... Ceu profundo... Palpitações de astros...

O Mundo é um vulcão... No sub-solo da vida, no sub-solo das almas, gerou-se a revolta, sangrenta, dura, implacavel, contra a Iniquidade... E a ira humana, amassada em todos os sofrimentos, em todas as miserias, em todas as torturas, explodiu, assim, sobre a face da Terra — amalgama estranha de impetos bestiais e sublimes evangelhos, de doutrinações apostolicas e de baixos impulsos, de sordidos interesses e de misticismos de Ideais, de lama e de astros...

Caos... Vida...

A noite morre...

Do Oriente sobe um sangrento clarão...

E o Sol, como um Deus cruel e santo, eleva-se no espaço infinito, Todo-Poderoso, na pompa orquestral da grande sinfonia da Tragedia Humana...

....

E, assim, do caos, nascerá, mais um dia — o Natal de um Novo Mundo...

Arquivando o passado

1914-1918

1.ª Expedição a Moçambique

Reproduzimos, hoje, uma fotografia que é um documento palpitante desse grande acontecimento — a chegada da primeira expedição portuguesa a terras de Moçambique — anterior á entrada de Portugal na grande hecatombe europeia.

O «cliché», da autoria do velho colono sr. A. Wilberforce Bayly, ao tempo proprietario dum estudio fotografico, foca com exactidão o desembarque das tropas, o alvoroço da pacata população da cidade, a grande aglomeração de indigenas, etc.

É com prazer que o «Ilustrado» regista nas suas colunas uma tam curiosa fotografia, mostrando ás actuais massas da cidade e colonia o que foi, em 1914, o desembarque do Corpo Expedicionario Português, no primeiro porto das terras moçambicanas.

Essa expedição destinava-se á defesa dos nossos territorios do Norte (Niassa e Cabo Delgado) e era dirigida pelo falecido colonial e grande amigo de Moçambique general Pedro Francisco Massano de Amorim, então tenente-coronel de artelharia.

A expedição, embarcada em Lisboa a 11 de Setembro de 1914, a bordo do «Durham Castle», especialmente fretado para esse fim, chegou a Lourenço Marques a 16 de Outubro do mesmo ano e compunha-se: da 4.ª bataria do Regimento de Artelharia de Montanha, comandada pelo capitão Norberto Ferreira Guimarães; do 4.º esquadrão do Regimento de Cavalaria 10, comandado pelo capitão Luiz Frederico de Avelar Pinto Tavares; e do 3.º batalhão do Regimento de Infantaria 15, comandado pelo major Antonio Joaquim Santa-Clara Junior, composto das 9.ª, 10.ª, 11.ª e 12.ª companhias, cujos comandantes eram, respectivamente, os capitães Henrique Alberto de Oliveira, Luiz Carlos de Almeida Cassassa, Julio Cesar Ferreira e Jacinto Augusto Xavier de Magalhães Junior.

Como chefe do Estado Maior da Expedição, veio o capitão de Artelharia Antonio de Santana Cabrita Junior; como chefe dos Serviços de Saude o capitão-medico Joaquim de Assunção Ferraz Junior; como chefe dos Serviços Administrativos, o capitão José Maria Freire, e, como chefe dos Serviços de Engenharia, o tenente Bernardino Teixeira dos Reis.

A expedição tinha um efectivo de, aproximadamente, 1.600 homens, sendo 1.080 de infantaria, 180 de cavalaria, 180 de artelharia, 30 de engenharia e 30 de serviços administrativos.

Vinha com armamento completo, tendo, tambem, cêrca de 200 cavalos.

Durante a viagem do «Duhram Castle», comandado pelo capitão da Reserva da Navegação Real Britanica, sr. W. W. Verrall, hoje reformado, o nosso cruzador «Almirante Reis», comandado pelo capitão de mar e guerra Carvalhosa e Ataíde, comboiou o navio até á sua entrada no nosso porto, que se efectuou na manhã do dia 16.

O «Durham Castle» atracou ao Cais Gorjão, á zona B, onde desembarcou as tropas, munições e armamentos, que foram reembarcados no «Moçambique», e com destino a Porto Amelia, no dia 22 de Outubro de 1914.

O «Moçambique» foi, nessa viagem, comandado pelo capitão A. Harberts, hoje administrador da C. N. N., em Lisboa.

Este ultimo troço da viagem da Expedição, até Porto Amelia, fez-se sem comboio.

Willy Waddington

O Teatro Gil Vicente
(Cliché Ventura)

LOURENÇO MARQUES

A terra natal de minha irmã Dinah

por
ALSACIA FONTES MACHADO

LOURENÇO MARQUES está tam estreitamente ligada á minha infancia que, recordá-la ou, apenas, ouvir falar dela, é, para mim, gratissimo prazer. Desde a hora da minha chegada, através das avenidas larguissimas, intensamente iluminadas por inumeras lampadas electricas — pupilas douradas, soberbas de brilho, que em vão tentavam distrair-me dum sono impiedoso, de que os meus sete anos não sabiam defender-me — até á hora nostalgica da partida, num crepusculo vermelho, Lourenço Marques foi, para mim, um sonho rapido de quatro anos incompletos, um bombom delicioso que mastiguei gulosamente, ficando-me, apenas, a reminiscencia do seu sabor e do seu perfume.

Brinquei, cresci, desfiz em risos descuidados, em folguedos inocentes, os botões roseos da minha infancia, sob o ceu purissimo, dum azul doce e translucido, onde as nuvens são farrapos de rendas brancas, pedaços de espuma rosea, novelos pequeninos de fios doirados do sol...

Em Lourenço Marques sabe-se viver. O dia de amanhã é preparado pelo de hoje. Tudo se faz com rapidez, mas sem haver pressas. Para prova do que afirmo, basta lembrar que as distribuições diarias do correio são feitas em moto «side-car»; basta abeirarmo-nos do cais e ver como é abastecido de carvão um navio: um gigantesco guindaste em poucos minutos eleva e despeja, por um enorme funil, para o porão do navio, um vagão de carvão, fá-lo descer novamente, larga-o sobre uma via inclinada, por onde ele corre com o proprio impulso, e toma um outro, previamente puxado para debaixo dele, por grossos cabos electricos. É simples e formidavel. O ruido do carvão rolando, duma só vez, sobre o ferro do funil, é ensurdecedor, e o pó forma uma nuvem que parece eternizar-se nos ares.

Lourenço Marques gosta do progresso; é civilizada e culta. Para lá fui e lá vivi, junto de meus pais e de minha irmã, por um capricho do Destino — adoravel capricho — por uma dessas decisões do Acaso que nunca sabemos a que são devidas. Foi uma visão inapagavel de sonho das Mil e uma Noites, a que me ficou dessa longinqua e sempre querida época da minha meninice.

Lourenço Marques é jovem, sadia, um pouco britanica, talvez, mas sem nunca se esquecer de que é portuguesa. Criada com libras e «condensed-milk», sabe inglês, é desportista e alegre, gosta de jogar o «tennis» e de nadar, gosta de luxo e de prazer e nunca se esquece do «five o-clock tea». Nas suas amplas avenidas ha luz, movimento e metodo, sobretudo muito metodo. Os «policemen» que regularizam o transito são correctos, mesmo elegantes, nas suas fardas brancas; sabem o que querem e o que exigem; falam pouco mas dizem muito com o seu «casse-tête». Os automoveis que circulam a todas as horas são obedientes e pacatos; não correm, mas tambem não perdem tempo, porque «devagar se vai ao longe»...

As crianças de Lourenço Marques têm um encanto especial. Parece-me ainda vê-las... Vestidos leves de cambraia branca, largos chapeus brancos de cassa ou de tiras de papel entrelaçadas, presos por «écharpes» de côres claras, sandalias ao ombro, elas lá iam caminho da praia ou da escola. Sobre as suas figurinhas frageis e delicadas, suaves como uma aguarela inglesa, o sol entorna lá do alto o ouro derretido da sua luz...

\+ +

Tudo se cria admiravelmente no seu clima bonançoso. Os animais e vegetais crescem assombrosamente, multiplicando-se com rapidez. Soberbas, formosas borboletas, cujas asas abertas medem quasi um palmo, volitam pelo ar, descansam sobre as flores, expondo ao sol, deslumbradoramente, as côres esplendorosas das suas asas de setim. Espectaculo unico, inesquecivel, a contemplação da riquissima colecção de borboletas, quiçá a mais completa de todo o mundo, existente no Museu desta auspiciosa cidade da provincia de Moçambique. Ha-as de todos os tamanhos e de todas as côres, ali. Em cada côr (qual delas a mais bela e matizada, obra inigualavel dum Artista Superior) podemos admirar, em escala, uma infinidade de borboletas, cujo tamanho aumenta gradualmente, até atingir proporções quasi inverosimeis.

Ha lindas flores; plantas de estufa extraordinariamente belas, crescem sem trabalho, quasi ao acaso. Os mangericos atingem a altura de arbustos, mas as suas folhas largas são pouco perfumadas. Á esquerda do terreno que rodeava a nossa casa, tinhamos uma plantação de vinte e tantos ananazeiros. Logo no ano seguinte ao da sua colocação, uma só das suas plantas produziu onze ananazes. Esta plantação era a unica que havia dentro da cidade e causava a admiração de todos, não só por isto, como pelo seu aspecto vigoroso e ridente. Tinhamos nela muito cuidado e muito orgulho, aliás justificavel.

\+ +

A praia, aquela linda praia da Polana, acode-me sempre á memoria. Como uma cobra enroscada no tronco duma arvore, a estrada alcatroada coleia pela encosta de areia vermelha, onde verdeja uma mata espessa e exuberante. De espaço a espaço, a um e outro lado da estrada, um caramanchão oferece-nos, misericordiosamente, um pouco de frescura. Fetos finos — desse fetos plumosos que, com tanta dificuldade, se criam na Metropole, — abundam por ali, sem exigirem nada. No tempo em que eu por lá passava, havia macacos que espreitavam os automoveis velozes, fazendo as suas hilariantes caretas...

Na praia ha sempre gente, estendida pela areia ou gozando a sombra das arvores frondosas da mata, em «pic-nics» animados. O ceu e o mar estão sempre lindos, mas, ás vezes, as nuvens brancas que se espreguiçam no ceu escurecem de repente e uma chuva abundante cai, pondo em fuga toda aquela gente, que levanta da areia as esteiras, lonas e almofadas, sobraça todos os embrulhos, e corre... O mais engraçado, porém, é que acontece, por vezes, não terem tempo, se-

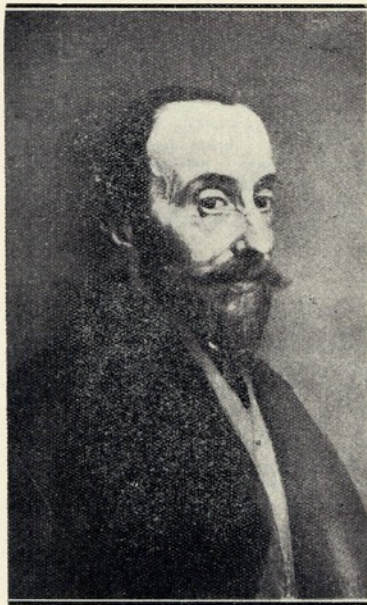
(Continua na pagina 388)

LOURENÇO MARQUES — Um aspecto da Avenida da Republica.
(Fotografia da South African Railways).

Duas vagas

por *Antonio de SOUSA NEVES*

Faleceu Columbano, faleceu Malhôa. Abriram-se, na arte nacional, duas vagas dificeis de preencher. É o momento de olhar em derredor, a descortinar quais sejam os candidatos á pesada sucessão desses dois vultos, cuja gloria provém, além do mais, de terem vencido num meio pobre de tudo — de juizo critico, de auxilios materiais, de meio culto, vasto e propicio, de distinções morais idoneas e oportunas, e até falto de modelos e «ateliers» — onde o mau gosto dominante na pintura do seculo XIX necessariamente havia de se repercutir, como se repercutiu, agravado.

Porque, na verdade, o seculo XIX, brilhante em tantas outras manifestações culturais, foi

Retrato do maestro Augusto Machado
(por Columbano)

simplesmente desastrado, sobretudo no seu ultimo quartel, em materia de pintura: afeiçoou o publico ao academismo, essa forma de pintar, amaneirada, inexpressiva, litografica, convencional, a tresandar á lua coada dos «ateliers» e aos correlativos artificialismos — tam sem relevo e originalidade que de certa tela academica disse Fialho que parecia ter sido lambida por um boi, depois de pintada pelo artista.

O abuso do modelo nu — a mulher nua, deitada, de pé, de frente, de costas, de cocoras ou de gatas — explorado sem outro significado, fora o de, a titulo de estudo, mostrar plasticas, quantas vezes infelizes, e invariavelmente rosadas desde a testa até ás unhas dos pés; as florestas arrumadas a preceito, podadas com esmero, sem um esgalho mais evidente, bem engraxadinhas a verde e cortadas duma estrada em que a lama tinha o aspecto delicioso do chocolate valenciano, a escorrer; os poentes afogados em vermelhão, e, para maior desgraça, prestes a afogar-se num mar inteiramente morto; os retratos, como que lambuzados a «cold cream», de olhar parado, bovino, rugas diluidas por insistentes velaturas, cabelos tratados com tanta meticulosidade que se poderiam quasi contar, colarinho e trajes duros, engomados, de manequim, a emprestar imponencia á figura, atitudes teatrais ou forçadas; sistematico objectivismo com laivos de cenografia e ausencia quasi completa de ideação, de interpretação intima, de intenção — eis as caracteristicas dominantes da pintura que do seculo passado alastrou para o presente.

Não faltaram, claro está, os cultores distintos deste genero inferior, e tambem as excepções — os irridentes, os originais — os loucos! — a desviarem-se da depressiva corrente; e, destes, entre nós, os mais eminentes foram, sem duvida, Columbano e Malhôa.

O primeiro, daltonico, misantropo, sensibilidade rebelde ao consagrado «curriculum», escaveira os retratados, convulsiona as figuras, dramatiza a Natureza, vestindo-a de tons terrosos, «sujos» por vezes — ensimesma-se, esquece a luz e a côr, recorre a traços quasi caricaturais, esvurma para dentro da figura ou da paisagem e decompõe-as, na ansia de ver para além das vulgares aparencias, de traduzir, em pinceladas sinteses, o que nas coisas ha de intimo, de eterno, de espiritual, de psicologico.

No «Cristo crucificado», a cabeça é macerada e informe, mas diz todo o drama de resignação e amor; o biceps do braço esquerdo, numa pincelada desesperada, parece solto na altura da inserção do deltoide, mas ajuda a traduzir a inenarravel tortura fisica; e o ceu carregado de nuvens espessas, temerosas, proximas, prenunciam as convulsões que deviam partir daquele lenho, para bem da humanidade.

O academismo reputaria grotesca esta interpretação; o academismo exigiria coisa galante, pagã, «bonita» — um Cristo á imagem e semelhança da escultura do deambulatorio do mosteiro de Alcobaça — barbas bem tratadas, a cabeça erguida em ar de desafio, um sorriso de superioridade nos labios, os braços estirados em atitude gimnastica, e a face radiosa de quem se banqueteou pouco antes com os famigerados piteus do vizinho Hotel Galinha, e pretende demonstrar que do exercicio de argolas não resulta congestão, se é praticado sob as abobadas da Santa Madre Igreja.

A independencia artistica de Columbano tornou-o popular, pouco acessivel ao vulgo, e, de principio, incompreendido, mesmo entre a especie de criticos que mais prolifera na nossa terra, — os que só aplaudem artistas quando os estranhos os exaltam.

Contava ele que, em tempos, apresentara ao «salon» da Sociedade Nacional de Belas Artes o seu «Une soirée chez lui», actualmente no Museu de Arte Contemporanea.

Recanto de sala. Uma senhora toca piano, um homem e duas senhoras, de pé, musicas na mão, entoam. Luz de vela, figuras que enchem a pequena tela.

Negros, claros-escuros violentos, rostos lividos. Não ha «côr». Apesar de tudo, a expressão e força do desenho, as sedas dos vestidos roçagantes e longas, imprime ao ambiente tanta realidade, que as figuras movem-se no quadro, naturais e livres, adivinham-se detalhes não representados, sentimo-nos incluidos como assistentes, naquele recanto da sala.

Mas não era academico, logo era horripilante! E foi recusado...

Quando lhe deram a noticia, Columbano subiu á sala onde, nessa epoca, para salutar escarmento, se expunham á risada oficial os desastrados tentamens dos novos e as suas rebeldias ás correntes consagradas; e ficou-se diante do quadro, naquela contemplação que lhe era peculiar, os olhos piscos através das lunetas, a figura corcovada, miuda e nervosa. Nisto acerca-se pessoa categorizada do juri e increpa-o:

— Como se atrevera ele a apresentar uma coisa assim! Que vergonha! Parecia impossivel! Só de troça! — e continuara por ali fora, entre paternal e escandalizado.

Essa mesma tela que tanto ofendia o gosto intransigente do luminar, devia ser, depois, distinguida e apreciada como uma das marcas de genialidade do artista...

«O LATOEIRO», do pintor Mario Augusto
(exposto no «Salon» de 1933 da Sociedade Nacional de Belas Artes)

■ ■

Malhôa, primoroso desenhador, estuda as figuras, constroi-as com os rigores do desenho, e depois enche-as de côr, de luz, ás mãos cheias — gritante como nas «Orquideas» ou «A caminho da romaria», terna no «Fado», pesada nos «Bebados».

Columbano tira todo o partido da sombra, Malhôa da luz. Este, menos psicologo do que o primeiro, menos intenso na tradução intima da figura, é, todavia, mais equilibrado, dá-nos o caracter essencial e sacia-nos de côr.

Por isso mesmo é mais acessivel á apreciação do vulgo, tornou-se mais popular. O povo não compreende Columbano — Columbano é das «élites»; mas compreende Malhôa, que na forma e nos assuntos se identificou com a natureza portuguesa — vivo agora, logo triste, comentando sem contundir, sempre vario, sempre verdadeiro, sempre bondoso.

■ ■

Estes dois homens atravessaram a «moda» da época e não se amoldaram a ela; atravessaram um desgraçado periodo de mercantilismo artistico e não se venderam.

Não lhes faltaram oportunidades para industrializar a sua arte, no periodo da guerra e «post guerra» em que o «novo-riquismo» se empenhava em instalar sobre a face do mundo todas as manifestções de incontestavel mau gosto.

Para satisfazer a clientela, muito artista não se dedignou, então, de tratar de forma facil os generos que encontravam mais «mercado».

¿O novo-riquismo extasiava-se perante as naturezas mortas, os velhos de barbas grisalhas, as cabeças de velha gretadas pelos anos, a pequena mendiga de cabelos esparsos e o ar contraditorio de quem passa bem?...

¿O novo-rico detestava a tecnica pessoal, forte, impressiva, concordando que a peleja, arte perigosa, se devia ver de longe, para que se pudesse enriquecer emquanto os outros se batiam, mas que a pintura, arte inofensiva, era para ver de perto como as fotografias?...

...Pois vá de satisfazer a freguesia. — E os frutos, o peixe, os vegetais, os vidros e os metais, as panelas e os tachos, tudo misturado sem nexo, tudo realizado em tecnica escrupulosamente lambidinha, passaram a enxamear as paredes do «salon» nacional.

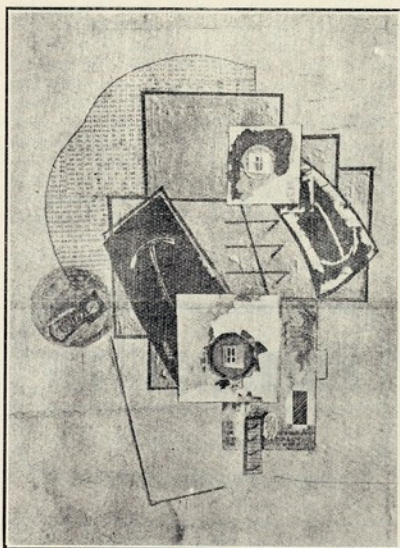
Estou mesmo em dizer que, por esse tempo, legumes, peixe e fruta se vendiam com tanta facilidade no palacio da Rua Barata Salgueiro como na Praça da Figueira!

A par disso, as cabeças de velhos e de velhas, as pequenas mendigas, a ponte sobre o Côa, ou o retalho de pinhal, o barquinho a boiar á espera de vento e do vigor do artista, repreduziam-se com tanta insistencia, e muitas vezes até sobre o mesmo modelo — que as exposições, frequentissimas e numerosas, só excepcionalmente apresentavam novidade ou trabalho digno de apreço.

Apenas a moralidade convencional ganhou com a orientação: rarearam os quadros da mulher nua, porque as honestas donas de casa todas se abespinhavam «com aquelas poucas vergonhas, as bacoras em pêlo»... — e os nus não encontravam entrada facil na casa dos endinheirados senhores da época.

■ ■

Este agravamento superlativo do academismo gerou a necessidade duma renovação, e, de subito, estalou o movimento depurador, com todos os defeitos usualmente inerentes — exageros, mentiras, crueldades — mas trazendo no seu ventre principios salutares e duradouros: foi o futurismo.

Importado de Italia, onde Marinetti (por

SANTA RITA PINTOR (Paris, ano 1914). — Estojo cientifico duma cabeça + aparelho ocular + sobreposição dinamica visual + reflexos de ambiente × luz
(Sensibilidade mecanica)

sinal, hoje, da Academia do seu país, e cujo recente livro, «Fascinação do Egipto», não lembra, em coisa alguma, os seus poemas futuristas) o propagara — entrou na arte nacional pela mão de Santa Rita (Santa Rita Pintor, como ele se subscrevia) e revelou-se com os mais extraordinarios destemperos.

Preconizava e preconiza o futurismo que se faça falar a materia ao espirito, empregando na representação duma paisagem ou duma figura o tom do espectro que predomina, e, quanto á forma, a linha geometrica predominante, para estabelecer um factor de harmonia, um factor comum, «que reduza ao mesmo denominador» os elementos do trecho a pintar, desprezando toda a variada gama de côres que se apresentam ao artista, mas que, se fôssem transportadas á tela, se tornariam incriveis.

Semelhantes liberdades de interpretação da côr e da linha, e as correspondentes preocupações de geometrificar e de animar a materia, decompondo-a, deram lugar a «bonecos» de nexo descabelado, como o que se representa na terceira gravura deste texto, e que pretende traduzir a sensibilidade mecanica duma cabeça.

Se o Diabo entender a interpretação e a formula sobposta que algebricamente a explica — será verdadeiro prodigio!

Mas ha que confessar que, nos desacertos e excessos da escola, se descobre um veio de boa linfa renovadora: a da luta contra a pintura litografica, sem espiritualidade, especie de trabalho de escriba da natureza, mecanico ou fotografico.

E na sua corrente mais aceitavel — o impressionismo — a escola futurista tem ganho terreno, mercê da verdade basica que propugna, e que já foi o jeito, embora moderado, de grandes pintores, desde a Renascença até hoje — Pierro della Francesca, Baldovinetti, Rafael, Vinci, Fra Angelico, Rembrandt, Goya, Foucquet, Cezanne, Renoir, Ingres, Puvy de Chavannes e quantos mais.

Ora Columbano, na sua tecnica daltonica, e de forte contraste só aparente, nas suas decomposições psicologicas da figura, faz impressionismo, na medida em que o impressionismo constitui corrente aceitavel. Tam certo é que, através dos tempos, por menos que o pretendam, os bons espiritos se aproximam sempre na forma de exprimir a beleza.

■ ■

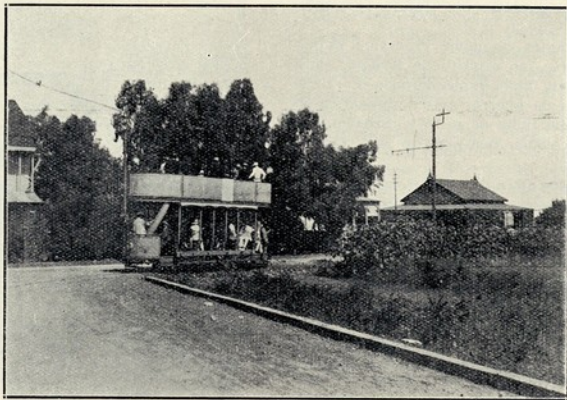
...Mais este traço de originalidade de Columbano a dificultar que se defira, sem dependencia de prova rigorosa, a sua herança artistica a um qualquer candidato...

E, entretanto, não julgo arriscada a profecia de que veremos a sua vaga, ou a de Malhôa, preenchida por um novo, de inegavel talento, pessoalissimo na sua maneira de pintar, impressionista «à souhait», dissecador da alma das figuras e excepcional paisagista.

Quero referir-me a Mario Augusto. Quem deparar com as suas telas, de tecnica larga, batidas de pinceladas exactas e fortes, as suas paisagens frescas, humidas, de tons transparentes e limpidos, logo verá como ele esfuma o secundario para dar realce ao principal, desentranha da materia os traços que intimamente a caracterizam, e equilibra todo o conjunto com certa riqueza, talvez dolente, ligeiramente saudosista da côr.

No «Latoeiro», exposto no Salão de 1933, — a sua tela mais recente, de que tenho noticia — ressalta, expressiva, a figura do trabalhador, inferiorizado e precocemente envelhecido pela baixa vida social do campo e pelo alcool, bronquitico e anquilosado, «bête de somme» esperando a venda de produtos do seu trabalho, sem alegria, e com a tam comum psica fatalista portuguesa de quem cumpre pena neste vale de lagrimas. E em volta, é a natureza, tocada de luz e de verdade, com espaço, com fundo, com «ar».

Fica feita a profecia, que não tem visos de sacrilegio. Uma das vagas está preenchida. A quem destinar a outra?

Lourenço Marques, Dezembro de 1933.

O primeiro tramway que circulou em Lourenço Marques

Moçambique e União

Por *Engenheiro LOPES GALVÃO*

A PROSPERIDADE de Lourenço Marques é devida ao comercio de transito. Sem ele, Lourenço Marques teria a vida que têm tantas outras cidades da colonia, muitas delas com mais possibilidades, por terem atrás de si um vasto e rico territorio nacional, que Lourenço Marques, infelizmente, não tem.

Conta-se que, a quando da primitiva delimitação de fronteiras, os negociadores portugueses fizeram valer, em Pretoria, os nossos direitos á vasta região que vai dos Libombos á cordilheira dos Drakembergs, que corre algumas centenas de milhas para o interior do Continente.

O rico distrito agricola de Lidemburgo, a propria região aurifera de Barberton, ficava nas nossas mãos, porque até lá se estendia já a nossa influencia.

E, com efeito, quem ha que não conheça a celebre estrada de Lidemburgo, que partiu de Lourenço Marques? Quem ha que não saiba que, por ela, os Fornasinis (de quem ha descendentes), introduziram ali o nosso comercio e ali deram a conhecer o nome glorioso de Portugal e da bandeira das Quinas?

Mas as negociações em curso previam já a construção dum caminho de ferro internacional e o ministro da Marinha e Ultramar de então ficou apavorado com a idéa de ter de construir uma linha ferrea de algumas centenas de quilometros em territorio africano.

E, então, dizem que mandou recuar as fronteiras para os Libombos, encurralando Lourenço Marques na estreita nesga de terra que mal lhe dá para a exploração dos materiais de construção de que carece para as suas obras, para as suas estradas, para os seus edificios.

Mas Lourenço Marques tem um porto privilegiado, pela sua posição geografica, em relação á região mineira do Transvaal, e pela tranquilidade das suas aguas, protegidas por um dique natural constituido pelas ilhas da Inhaca e Xefina.

A região mineira do Rand precisa de Lourenço Marques como Lourenço Marques precisa da região mineira do Rand.

E se assim é com as minas de ouro dessa vasta e rica região, como outra não ha em todo o mundo, muito mais o é com as minas de carvão e de diamantes da parte leste do Transvaal, e com os vastos campos do baixo Transvaal (Low felt).

Se as Republicas do Transvaal e do Orange não têm desaparecido, hoje Lourenço Marques seria o emporio mais formidavel de toda a Africa.

Durban, East London, Port Elizabeth, Cape Town, somados, não dariam Lourenço Marques!

Mas esta nossa cidade teve a infelicidade de ver desaparecer a Republica do Transvaal, á qual nos ligava um tratado de paz e amizade, solida garantia de futura prosperidade.

Os governantes do novo Transvaal imbuiram-se, é certo, no espirito de Kruger, para fazerem surgir, mais esplendoroso, o Transvaal de antes da guerra, mas desprezaram-no naquilo que ele tinha de justo e razoavel, perante uma colonia que fôra o seu melhor aliado.

Kruger tinha amizade a Lourenço Marques e aos portugueses. E foi a Lourenço Marques que ele se acolheu, quando já não podia lutar contra a avalanche impiedosa dos homens e dos canhões.

Se o respeito pela memoria de Kruger se reflectisse em todas as obras que em vida ele patrocinou, Lourenço Marques estaria couraçada contra todas as más vontades dos vizinhos do sul.

Kruger levou-nos a fazer o porto de Lourenço Marques; Kruger incitou-nos a completá-lo e a equipá-lo devidamente.

Logicamente, o porto devia ser respeitado como o mais velho e mais eficaz colaborador na obra de engrandecimento do Rand.

É certo que uma tal razão é de ordem sentimental e o sentimento entre as nações, se existe, não tem o mesmo significado que entre os homens. As nações olham tam sòmente para os seus interesses materiais. E ás vezes até estes são obscurecidos por exagerados nacionalismos que fecham os olhos á razão e os ouvidos á justiça.

O Transvaal cai, todo ele, na zona de influencia geografica do porto de Lourenço Marques.

Parecia, portanto, que o Transvaal tivesse todo o interesse em servir-se de Lourenço Marques, que lhe assegura vantagens e facilidades que os outros portos do sul lhe não podem dar.

Assim aconteceu emquanto Lourenço Marques esteve em pé de igualdade com os outros portos concorrentes. Mas a guerra anglo-boer veio modificar por completo o xadrez politico da Africa do Sul. E a politica sobrepôs-se á economia. Lord Milner, primeiro alto comissario da Africa inglesa e primeiro governador do Transvaal, reconhecendo que a reabertura das minas de ouro, arrazadas pela guerra que findara, era impossivel sem a nossa cooperação, apressou-se a negociar um «modus-vivendi», repondo as coisas mais ou menos no mesmo pé em que a guerra as encontrara.

De resto, lord Milner mostrou-se sempre um amigo de Lourenço Marques.

Mas, a seguir, veio uma interinidade sobre a qual se começou a exercer pressão, no sentido de diminuir as vantagens que o «modus--vivendi» nos outorgara. E este foi logo modificado, com pretextos bem subtis.

A sir Lowley sucedeu lord Selborne, que, para acalmar paixões e ressentimentos que dividiam a Africa do Sul, concebeu a idéa de fazer a união politica de todas as colonias. «Closer Union», foi o seu grito. Mas a «Closer Union» exigia o sacrificio de Lourenço Marques.

Por isso o novo alto comissario não hesitou um momento, tomando para conselheiro, nesse particular, o major Baldwyn, o maior inimigo que a nossa colonia tem conhecido nos ultimos tempos e que deve ter sido o inspirador de lord Selborne na politica de isolamento que adoptou para Lourenço Marques.

Em obediencia a essa politica, fez-se a desastrada experiencia de substituir os nossos indigenas, nas minas, por «coolies», que puseram o Transvaal a ferro e fogo. Mas lord Selborne e o seu colaborador convenceram-se de que, afinal, a cooperação de Lourenço Marques era indispensavel á exploração das minas do Transvaal.

Por isso se negociou a Convenção de 1909, que, aliás, nos cerceou muitas das vantagens que o «modus-vivendi» de 1903, embora mutilado, ainda nos dava.

Feita a União, que foi, sem duvida, uma grande obra de acalmação, os boers readquiriram e reforçaram o predominio, momentaneamente perdido com a perda da guerra. E estes cumpriram fielmente o estipulado na Convenção, emquanto o grande general Botha presidiu aos destinos do país.

Morto este, sucedeu-lhe o general Smuts, espirito arguto e irrequieto, que não se contentava em seguir as pisadas do seu antecessor.

Com ele surge o pensamento «imperialista», que havia de levar as fronteiras da Africa do Sul até ao Equador... para começar.

E para não deixar nada atrás de si, era preciso integrar Lourenço Marques na sua politica. Lourenço Marques reagiu. Daí a denuncia pura e simples da Convenção de 1909. E ia renovar-se a politica de isolamento de Lourenço Marques.

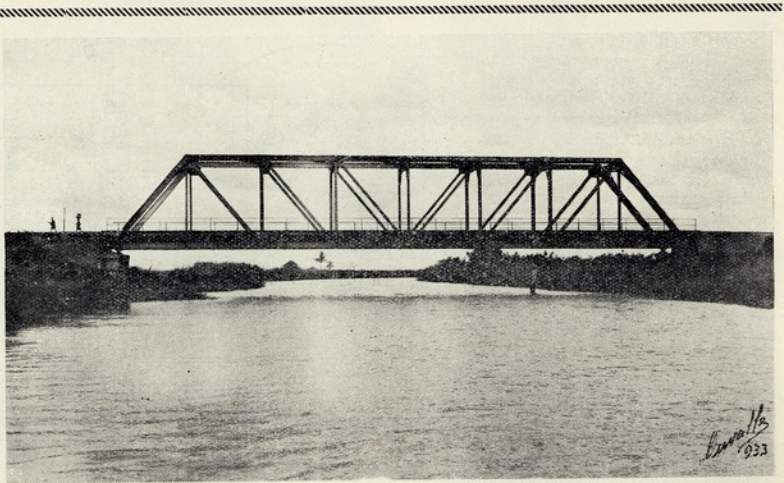
Aventou-se a hipotese duma linha ferrea correndo ao longo da fronteira dos Libombos, para desviar o trafego de todo o Transvaal, incluindo o da linha do Selati para o porto de Durban, emquanto se não fazia o celebre porto de Kosi Bay, idéa acarinhada por sir William Hoy, digno sucessor do major Baldwyn na má vontade contra Lourenço Marques.

o

o o

Desta resenha de factos vê-se que houve, em primeiro lugar, um pensamento politico, e, a seguir, um pensamento imperialista a orientar os destinos da Africa do Sul.

Não obstante certas mutações que sempre nos prejudicavam, Lourenço Marques manteve-se constantemente na mesma atitude de leal colaborador no engrandecimento do país vizinho.

De pouco lhe valia, é certo, a correcção do proceder, mas essa era a linha de conduta

Caminho de Ferro de Quelimane — Ponte sobre o rio Mussélo

a aconselhar. E foi ela que sempre se seguiu.

O general Smuts não pôde levar por diante o seu sonho e, em 1924, cedeu o lugar de primeiro ministro ao general Hertzog, que inicia para comnosco uma politica de cordealidade em tudo comparavel á do general Botha, politica de leal entendimento que culminou na nova Convenção de 1928. Ele mesmo veio a Lisboa e demonstrou quanto lhe era agradavel viver em boa paz com os portugueses.

A situação actual

Mas a crise mundial, mais do que quaisquer acontecimentos de ordem interna, traz nova mutação politica á Africa do Sul.

Agora é a «Closer Union» dos partidos politicos que surge e que traz novamente á cena o general Smuts, que retomou os fios da politica externa da União.

Os interesses de Lourenço Marques sentem-se logo ameaçados; e, com efeito, a revisão da Convenção de 1928 foi logo pedida, emquanto não surge pretexto para a sua denuncia pura e simples.

O general Smuts supõe que as minas do Transvaal podem já dispensar a nossa mão de obra e assim desaparece a necessidade de quaisquer acordos comnosco.

É o proprio governo da União que o proclama, pela boca do seu categorizado ministro das Minas, mr. Patrick Duncan, que em outros tempos tam amigo e tam defensor se mostrava de Lourenço Marques.

Quem tenha duvidas leia o «Rand Daily Mail» de 10 de Outubro ultimo. E como se estas declarações categoricas não bastassem, outro ministro, mr. Fourie, faz nova proclamação, falando num banquete da Camara de Comercio reunida em Maritzburg em 20 do mesmo mês.

O aviso dos mais prudentes, que vêem, ainda e sempre, no nosso indigena, a mão de obra mais eficiente e mais economica, não é escutado e por isso uma nova aventura se vai seguir.

Não tem, por ora, o general Smuts na mão o trunfo com que em 1922 jogava para nos impor a rendição pura e simples.

A Rodesia recusa-se a entrar na esfera de influencia da União. Prefere viver pobre na sua casa a compartilhar de honras e de benesses em casa alheia. Está tal qual como nós.

Ora, era pela Rodesia que o general Smuts contava entrar no porto da Beira e governar os seus destinos.

Com a Beira ao norte e Durban ao sul de Lourenço Marques, este ou se rendia ou sucumbia.

A idéa do porto de Kosi Bay é uma fantasia. Esbarra com a oposição de Durban, que se faz ouvir quando preciso.

Feito o porto de Kosi Bay, Durban ficava ainda numa situação muito pior do que actualmente. Agora, faz pressão e consegue o desvio do trafego da sua linha natural, alegando razões politicas, que facilmente sobrepõe ás razões economicas.

Feito Kosi Bay, desapareceriam as razões politicas para ficarem de pé as razões de ordem economica que dentro do proprio territorio hão-de levar o trafego para o caminho mais conveniente.

É por isso que Kosi Bay deve ser considerado uma habilidade politica, não porque o governo da União se arreceie de gastar ali 3, 4 ou 5 milhões de libras, que os nossos inimigos dariam de bom grado para nos aniquilar.

Veja-se o que está acontecendo com os frutos que, criados ao pé de Lourenço Marques, seguem por um outro caminho, 6 ou 7 vezes mais longo, apenas para os afastarem do porto estrangeiro, apesar de nele se ter construido um dispendioso frigorifico, a seu pedido.

Não é isto, além do mais, um contrasenso economico. que custa muito dinheiro á União? E, entretanto, faz-se.

As razões que assistem a Lourenço Marques

No meio destas mutações que têm levado a politica sul-africana a variar sucessivamente de rumos e de atitudes, dentro e fora das fronteiras, Lourenço Marques tem mantido sempre uma conduta irrepreensivel.

Cumpre honestamente os seus compromissos sem queixumes nem bravatas. Aguarda serenamente que lhe façam justiça. Podia muitas vezes ter respondido á guerra com a guerra, mas nem sequer chegou a mostrar aborrecimentos, que seriam bem justificados.

Da nossa parte tem havido mesmo gestos belos.

Assim, em 1906, a quando da revolta dos Zulus, que o Natal não podia dominar, João de Azevedo Coutinho, notavel governador da colonia ao tempo, oferece gentilmente o sangue português para cooperar com as forças idas de todas as partes, para sufocar a rebelião.

Que belo gesto e que bela lição dada ao maior inimigo!

A nossa superioridade tem estado precisamente nas atitudes correctas que sempre soubemos manter.

Frisemos que nunca Lourenço Marques tomou quaisquer disposições para «atrair» trafego que aos outros portos devesse pertencer.

E nunca deixou de tomar todas as medidas para «bem servir» todo o «trafego que lhe era oferecido».

Nunca sofremos do mal da inveja. Sabendo bem que jamais nos deram o que em boa razão nos pertencia, quer pela posição geografica que ocupamos, quer pelos serviços que sempre soubemos prestar, nunca as nossas autoridades ou a nossa Imprensa tomaram atitudes descompostas ou empregaram linguagem agressiva para os nossos vizinhos.

A desastrada experiencia dos «coolies» em 1907, feita contra nós, não foi por nós aproveitada. Pois as circunstancias da ocasião bem o permitiam e bem o aconselhavam até. O Transvaal voltou-se para nós e nós voltámos a dar-lhe a mão de obra de que carecia para substituir todos os chineses.

Em 1922, denuncia-se abruptamente a Convenção de 1909, sem qualquer atenção para comnosco. E nós, a seguir, prestamo-nos a negociar um «modus-vivendi» para que a mão de obra não faltasse ás minas.

Neste momento, mesmo, em que através de toda a União vai acesa campanha contra nós e contra o nosso porto e caminho de ferro, nós encaramos essa campanha com a fleugma... dum inglês! Leiam-se os nossos jornais e ter-se-á a confirmação do que afirmo!

Lourenço Marques, desde que o Transvaal perdeu a independencia, está sempre preparado para o pior, e por isso as campanhas que de vez em quando surgem não o afligem. Os nossos vizinhos são assim...

Linha de conduta que se impõe

Os portos da Africa do Sul, com Durban á frente, nunca deixarão de maltratar Lourenço Marques, pela Imprensa e pela palavra.

É o reconhecimento implicito da nossa grande superioridade.

A sua aspiração seria ver nos nossos cais a taboleta de que tanto se arreceiam: «To let», como quem diz «Aluga-se». E bastantes tentativas se têm feito para o alugar.

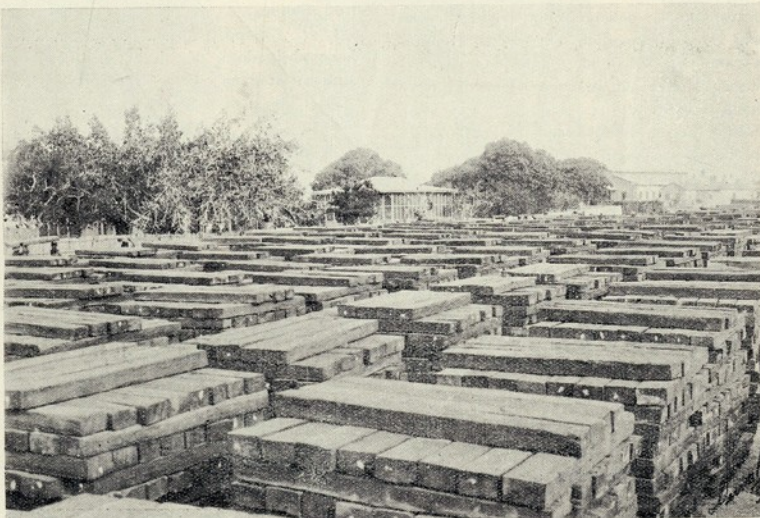
O regime de Convenção em que temos vivido, apesar de todas essas campanhas, é imposto pela necessidade que o Transvaal tem da nossa mão de obra. Essa necessidade dizem que desapareceu agora e por isso a Convenção já lhes não é precisa, como afirma mr. Fourie.

Mas, amanhã, Deus manda-lhes a chuva que lhes tem faltado, ou o professor Schwartz, com as inundações do N'gami, transforma as estepes do interior em verdes prados, e as minas voltarão a necessitar da nossa mão de obra. Nessa altura, nova Convenção é solicitada, porque reapareceu a necessidade da mão de obra.

Não percamos, pois, tempo a pedir coisas que os nossos vizinhos agora nos não dariam. Limitemo-nos a pôr diante dos seus olhos, em momento oportuno, os favores que nos devem e as obrigações que não têm sabido cumprir, evidenciando bem a razão que nos assiste para queixumes.

O caminho de ferro da Swazilandia é um exemplo vivo da falta de lealdade para comnosco.

Á afirmação de que não ha compromissos escritos respondamos com os relatorios dos seus engenheiros que, com os nossos, desceram

(Continua na página 386)

LUMBO (Moçambique) — Travessas para o Caminho de Ferro

E JESUS
voltou à terra...

por *Aristides COELHO*

GRAVE e triste, Jesus medita. Dos seus olhos de sonho e magoa parece fluir, umas vezes, um clarão mistico de esperanças, outras vezes uma nuvem de desalento, fria e torva como as nuvens que se acumulam no alto das montanhas a prenunciar tempestade.

A seu lado, S. Pedro, calmo e bonacheirão, brune as chaves do ceu, enferrujadas por falta de uso.

Ás vezes, Jesus, com um matiz de ansiedade na voz, pregunta:

— Então, Pedro?

— Nem um, Senhor, para amostra. Ha três meses que ninguem bate ás portas do ceu. É de arreliar! Se continuo assim, sem fazer nada, envelheço antes de tempo...

— E ás portas do Inferno?

— Isso é um nunca acabar. Parecem meninas, que se julgam fotogenicas, a pedirem contrato nos estudios de Hollywood. Senhor, eu bem vos tenho dito: o Mal nasceu com o homem e só com ele ha-de desaparecer.

— Não blasfemes, Pedro. O homem é bom. Eu bem sei que foram homens que me prenderam, que me flagelaram, que me cuspiram, que me escarneceram, que me pregaram a uma cruz. Mas não sabiam o que faziam.

A estas migalhas de dialogo seguem-se silencios infindaveis. Mesmo no ceu, o tedio alastra o seu manto, sombrio, plumbeo, esmagador.

Mas a miseria do homem, a sua contumacia no pecado, atormentam Jesus. A sua alma não encontra sossego. É como os insectos alados que, bebados de luz, vão morrer na chama duma fogueira.

— Pedro.

— Senhor.

— Resolvi voltar á Terra. Quero levar ao homem, mais uma vez, a boa nova. Acompanha-me.

Ao olhar de Jesus não passa despercebido o leve enfado que se alastra pela alma de S. Pedro.

Voltar á Terra? — pensa o Apostolo. Pois não estará ainda Jesus desenganado da inutilidade do esforço para salvar o homem? Já se não lembrará do que passou? Ainda se a Palestina, por exemplo, fôsse como no seu tempo, em que ninguem negava uma sêde de agua ou uma escudela de caldo a um caminheiro. Mas agora! com os ingleses lá dentro, até se torna impossivel pescar no lago de Tiberiades sem pagar uma licença á Capitania! Já é vontade de remar contra a maré!

É em vão que S. Pedro aduz mentalmente estas razões ponderosas, dignas dum conselheiro de Estado.

* * *

Por uma manhã criadora de Maio, duma suavidade paradisiaca, atravessavam as ruas duma cidade norte-americana dois homens de aspecto singular. Um era alto, magro, e irradiava tal espiritualidade do olhar que mais parecia um deus do que um homem; o outro, baixo e gordo, tinha nas comissuras dos labios um ligeiro sorriso bondoso e ceptico.

Deviam ser de baixa extracção, como se diz nos salões catitas onde os vates de jogos florais vão glosar os motes pataratas das meninas aliteratadas.

Os fatos que envergavam tinham manifestamente sido comprados em algum adelo do «ghetto»; dir-se-ia que tinham sido postos no «prego» por algum amanuense famelico, cujos vencimentos fôssem cerceados por algum ditador atacado da psicose dos «superavites».

Ao entrarem na rua principal da cidade, estalaram subitamente tiros de pistola e de metralhadora.

— Pedro, que é isto?

S. Pedro, muito enfiado e escondido por trás de um candeeiro, mal pôde murmurar:

— Senhor, é a policia atacando a quadrilha dos «gangsters» de Al-Capone.

— Mas porquê?

— Eu vos explico, Senhor. O Estado americano, preocupado, como vós, Senhor, com a salvação do homem, proibiu a venda das bebidas alcoolicas e fermentadas. Mas um compatriota de Napoleão e do perfumista Coty teve a idéa satanica — t'arrenego! porco sujo! — de vender clandestinamente o licor que traz a alegria e o mal ao coração do homem. Para isso criou a mais formidavel quadrilha de bandidos de que reza a historia — com estatutos, cuchipandas pantagruelicas, reformas, pensões e medalhas de virtude...

— Mas então não é só nesta cidade que as ruas estão juncadas de cadaveres?

— De modo algum, Senhor. Isto que acabais de presencear pode ver-se em todas as povoações dos Estados Unidos.

Entretanto, a policia tinha conseguido dominar os bandidos, que, em grupos compactos como legiões, eram conduzidos para as cadeias. Houve um momento em que essa coluna singular parou.

Então, Jesus, irresistivelmente, subiu para cima duma camioneta e preparou-se para proferir palavras de paz e de fraternidade.

Mas um policia, olhando-o com desprezo, por o ver andrajoso, prendeu-o.

No dia seguinte, depois dum julgamento sumarissimo, Jesus era posto na fronteira por incitar as multidões a desobedecer ás autoridades constituidas.

* * *

Naquele ano, realizava-se, em Paris, a tradicional comemoração da tomada da Bastilha.

A grande metropole regorgitava de tropas. Esquadrilhas de aviões, como sinistras e gigantescas aves de rapina, voavam por cima da multidão, delirante e embasbacada.

Mas S. Pedro já notara no olhar e na palidez de Jesus a torva tragedia que lhe ia na alma. Pretendeu desviá-lo.

— Senhor. Afastemo-nos. Para que haveis de apoquentar-vos? Não vos tenho dito que o homem é um lobo para o homem?

Mas Jesus não o escutava. Impelido por uma especie de fatalidade, como os deuses da tragedia grega, dirigiu-se á multidão:

— Para que se armam os homens até os dentes? Porque é o homem um lobo para o homem, em vez de viverem todos como irmãos? Para que servem esses aparelhos estranhos que o homem inventa para destruir o homem? Em verdade vos digo...

Mas não o deixaram acabar. Um grupo de policias apoderou-se de Jesus.

Subitamente, levantou-se na praça um enorme clamor. Uns gritavam:

— «A bas l'armée. Mort aux vaches!».

Respondiam a estes os patriotas:

— «Vive l'armée. A bas les boches!».

Entretanto, Jesus e S. Pedro eram conduzidos a uma esquadra de policia.

No dia seguinte, o chefe, com aquele tam simpatico cepticismo que caracteriza o parisiense, quis soltar Jesus. Mas recuou, perante o relato da cena da vespera, na «Action Française».

Num artigo acrimonioso, em que misturava passagens de Mistral com receitas para assar leitões no espêto, Léon Daudet atacava os anti-militaristas. Chamava canalhas e «fripouilles» aos homens da Republica e aos socialistas, em particular a Barthou, Léon Blum, Kérillis, Briand. Atribuia a decadencia da mentalidade e da cozinha francesas á Revolução de 89; apelava para a bolsa, sempre recheada e sempre generosa, dos leitores e assinantes, terminando por um morra aos «boches» e um viva ao duque de Guise.

O artigo de Léon Daudet foi como um rastilho. O «Temps», o «Figaro», o «Matin», o «Echo de Paris», e ainda outros jornais, arremessaram-se as piores injurias, como regateiras, atirando-se umas ás outras postas de peixe pôdre. Em sete dias, cairam catorze ministerios; o Presidente da Republica esteve prestes a pedir a demissão, e as tropas de assalto de Hitler estiveram quasi para invadir a Belgica.

O sr. Chiappe, apesar de acomodaticio, viu-se obrigado a pôr Jesus e S. Pedro na fronteira italiana, como indesejaveis.

* * *

Ao robusto bom senso de S. Pedro não escapou o perigo que havia para Jesus em penetrar na Italia. Poderia Jesus pactuar com Mussolini? E, muito docemente:

— Senhor. Permiti-me que vos aconselhe a não irdes á Italia. Aqui os odios são muito mais intensos do que nos Estados Unidos ou em França.

— Mas que me importa ser crucificado mais uma vez, se eu com isso vier trazer a fraternidade aos homens?

— Puro engano, Senhor. Em Italia, não só vos espancarão, como vos farão engorgitar quantidades enormes de oleo de ricino... E haveis de concordar que um deus exposto a colicas...

— Basta, Pedro. Cala-te. Ao ridiculo pre-

firo mil vezes a cruz. Partamos para outro país.

— Mas já reparaste, Pedro, que temos em Roma onde descansar da fadiga que já me vai invadindo o corpo?

— Ai de mim, Senhor! Nisso já eu tinha pensado, e tanto assim que escrevi ao Santo Padre, revelando a nossa identidade.

— E então?

— Oh! O Santo Padre não podia ser mais amavel, mais diplomaticamente amavel. Mas, ao mesmo tempo, mostrava o inconveniente de aparecerdes, neste momento, em Roma. Com certeza que Mussolini não deixaria de se sentir magoado — dizia o Santo Padre. Daí novas complicações para a Igreja, que tantas perseguições já tem sofrido, e uma notavel diminuição no dinheiro de S. Pedro (no meu dinheiro, Senhor!). Citava, tambem, a enciclica «Rerum Novarum...» e preconizava a politica subtil e acomodaticia de Leão XIII: contemporizar com Cesar, mesmo que ele seja socialista.

* * *

Os dias iam correndo vagarosos. Mas o peculio que Jesus e S. Pedro tinham trazido tinha-se acabado.

Um dia, na Suiça, S. Pedro teve que pedir esmola. Mas, cumpridor das ordens recebidas, um policia admoestou-o:

— Oiça lá. Você não sabe que é proibido estender a mão, pedindo esmola?

— Mas a caridade... — balbuciou S. Pedro.

— Qual caridade nem meia caridade. Hoje já não ha nada disso. Hoje o que ha é solidariedade. Fique sabendo: se o torno a ver a pedir esmola, meto-o no cagarrão.

A brutalidade da palavra e da increpação fizeram empalidecer Jesus e S. Pedro, que se afastaram, cabisbaixos.

— Ouve, Pedro. Tenho uma idéa. Ha seculos que, numa cidade da Alemanha, Oberammergau, se realiza um simulacro daquilo que se passou comigo na Judeia, ha mil novecentos e trinta e três anos, e a que eles chamam a Semana da Paixão. Como já não temos que comer, nem onde dormir, vamos lá pedir para sermos contratados como actores. Que te parece?

— A idéa parece-me excelente. Mas não temeis, Senhor, a concorrencia?

— Que concorrencia hei-de eu temer, Pedro? Eu bem sei que viajamos incognitos; mas será possivel não me encontrarem com cara de Jesus?

— Neste globo que se chama Terra, tudo é possivel. Contudo, nada custa fazermos a experiencia.

Depois de alguns dias de marcha fatigante, Jesus e S. Pedro chegaram a Oberammergau. Mas para falarem com o director do teatro houve muito mais dificuldades do que havia ha umas dezenas de anos para falar com o sultão da Turquia. Contudo, depois de longas semanas de humilhante espectação, Jesus e S. Pedro conseguiram falar com ele.

Era um homem alto, espadaúdo, usando oculos de oiro e mascando «chewingum». Recebeu-os com um ar distraido, repoltreado num «maple» e com os pés num tamborete.

Jesus explicou:

— Nós somos judeus. Vimos de longe e desejavamos ser contratados para representar a Sagrada Paixão. Eu talvez pudesse fazer o papel de Cristo, e o meu companheiro o do Apostolo Pedro.

O director, então, olhou para os dois e, depois de os medir de alto a baixo:

— Lamento, mas não pode ser. Você talvez não desse um mau Cristo. Mas é escanzelado e tem nos olhos qualquer coisa que mete medo. Nós, aqui, de que precisamos é de Cristos bem tratados, de boa musculatura, a barba bem penteada, para fazer sonhar as loiras «misses» americanas ou inglesas que nos visitam. Além disso, ha uma outra razão que não é menos para ponderar. E vem a ser que Hitler, para manter intacto o sentimento da raça, só permite que a Sagrada Paixão seja representada por arias puros.

Jesus e S. Pedro retiraram-se. Era já noite. Então Jesus, com uma palidez mortal na cara, sentou-se numa pedra e chorou. Depois, com uma suavidade infinita:

— Pedro, tinhas razão. O homem é relapso no pecado. Já estou enojado com esta sociedade humana a que eles chamam capitalista. Hoje mesmo voltaremos para o ceu. Amanhã, não te esqueças de convidar para uma partida de «bridge» o Karl Marx e o Lenine.

Lourenço Marques, Dezembro de 1933.

LUMBO — Residencia dos empregados do Caminho de Ferro

MACUZE (Quelimane) — Vista parcial de um palmar

Moçambique e União

(*Continuado da página 382*)

ao detalhe de fixar o ponto de passagem da fronteira.

Digamos-lhes que a rede da Rodesia não está ligada a Lourenço Marques por Nicholson Neck, porque eles o não permitem, apesar de prejudicados, como nós, nos seus proprios interesses.

Digamos-lhes que os frutos da parte leste do Transvaal não saem por Lourenço Marques, apesar de nos terem pedido a construção do frigorifico, que nos custou centenas de milhar de libras, preferindo que as frutas apodreçam no longo trajecto para o Cabo.

Digamos-lhes que não ha no porto um palmo de cais, não ha um armazem, não ha um guindaste, não ha nada que não tenha sido adquirido para o seu serviço e a seu pedido.

Digamos-lhes que o equipamento do porto, só para satisfazer as exigencias do seu trafego, do seu carvão, das suas frutas e do seu milho, nos custou já para cima de 6 milhões de libras.

Digamos-lhes, emfim, que no intercambio comercial o desequilibrio da balança é contra nós.

Mas dito isto tudo, continuemos a trabalhar honestamente, procurando resolver por nós proprios as dificuldades que a crise mundial nos ocasiona e que o egoismo deles sobremaneira agrava.

Não nos arrependamos de termos sido sempre generosos.

A metropole deu ao mundo uma grande lição de civismo, quando Genebra, com os seus peritos, nos quis impor uma tutela. Nós não nos irritámos, nem sequer saimos da Sociedade das Nações, o que seria legitimo.

Tratámos de pôr a casa em ordem e... demos uma lição aos tais peritos. Os portugueses daquem e dalém mar têm todos as mesmas virtudes. Exerçamo-las sempre.

Um programa de acção

Razões de toda a ordem levam-nos a não deixar sem trabalho os milhares de indigenas que a emigração está abandonando, sem ocupação.

O grande problema do momento é dar ocupação a toda a mão de obra sobrante. A agricultura europeia não a absorve e a industria, ainda na infancia, tambem a não emprega. Os indigenas, entregues a si, tambem nada produzem, porque não sabem o que hão-de cultivar e que possa ter valor remunerativo actualmente.

O Estado tem de fazer aqui um ensaio, mas a valer, de «economia dirigida». É uma tentativa forçada, mas que pode fornecer uma admiravel lição. O solo do sul da colonia é ingrato, pela irregularidade e falta de chuvas. As tentativas agricolas devem, portanto, ter por base a irrigação.

Felizmente que este problema, nas suas linhas gerais, está estudado. Temos diante de nós o vale do Limpopo. Vamos para a sua irrigação como obra de grande tomo.

O Umbeluzi, o Incomati, o Maputo e o Tembe tambem devem ser considerados, mas o problema do Limpopo está já estudado nos seus detalhes.

São precisas 500.000 libras, que se obtêm rapidamente por emprestimo a juros baixos e com prazos de amortização longos, para os encargos serem pequenos. Ponhamos á frente da obra tecnicos experimentados. Nada de aventuras em obras de tamanho vulto.

Para inexperientes temos as obras dos outros rios, que tambem se podem iniciar. Por outro lado, os trabalhos do Limpopo exigem que se cuide, desde já, dos meios de comunicação. O caminho de ferro de Xinavane tem de ser prolongado até ás margens do Limpopo, para o transporte dos materiais e do pessoal operario.

Tambem a sua construção requere o levantamento dumas 300.000 libras. Supomos que o projecto está já feito e até com orçamento aprovado.

Não se faça um caminho de ferro com a preocupação de alcançar maiores honras para a engenharia portuguesa, como com a linha da Swazilandia aconteceu.

Basta uma linha economica que dê vasão aos materiais e ao pessoal da construção. A via para os «futuros expressos» será construida quando os «expressos» se tornem necessarios.

As obras de menor vulto, nos vales dos outros rios, poderão ser destinadas aos tecnicos que precisem ainda de tirocinar para bem servir. Para estas, 200.000 libras representarão capital suficiente.

Chega-se, assim, á conclusão de que, com o emprestimo de 1 milhão de libras, se pode acudir a varios problemas e absorver grande parte da mão de obra.

Emquanto se negoceia o emprestimo, fazem-se os preparativos para que as obras possam começar, com grande actividade, logo que se disponha de dinheiro.

A execução das obras do Limpopo deve absorver muitos milhares de indigenas. Igualmente a construção do caminho de ferro e até as pequenas obras dos outros rios empregarão muitos indigenas.

A mão de obra que aqui não possa ter ocupação deve ser orientada e dirigida pelos serviços oficiais da Agricultura da colonia.

São estes que devem dizer aos indigenas o que devem cultivar e como o devem cultivar. Ao Estado incumbe o dever de assegurar a venda dos produtos cultivados, a preços remuneradores.

As pequenas iniciativas e as pequenas empresas precisam ser estimuladas e auxiliadas, não com o objectivo de proteger interesses individuais, de que o Estado não cura, mas para o alargamento do emprego da mão de obra.

Fiscalizem-se bem essas iniciativas, para que não possam gastar mal, mas utilize-se o seu esforço para se obter uma maior produção.

Lourenço Marques vive, hoje, ainda, em grande parte, do que a União lhe manda por bom dinheiro.

Impeça-se que isto se dê. Lourenço Marques é capaz de produzir tudo o que o Transvaal produz e muito mais, porque o seu solo é incomparavelmente mais rico. As uvas de Lourenço Marques, por exemplo, são deliciosas. As frutas, as hortaliças, as batatas, podem produzir-se em condições de serem exportadas, por mais baratas e por virem mais cedo do que as do Transvaal. Defendamos com as pautas a produção agricola.

O Turismo pode ser uma formidavel fonte de receita, desde que criemos atractivos suficientes na cidade.

A Xefina deve ser, desde já, apropriada a praia de banhos e a Inhaca a estação de repouso. Façam-se obras e gaste-se dinheiro, ou facilitem-se as concessões.

O distrito de Inhambane tem, por seu lado, uma grande riqueza a aproveitar. É a mafurra. Diz-se, e é verdade, que o preço da mafurra está muito baixo. Se o compararmos com o preço da nossa azeitona, podemos concluir que mesmo pelo preço que está a apanha deve ser remuneradora. A mafurreira é arvore que não exige cuidados culturais, ao contrario do que com a oliveira acontece.

Alargue-se a sua cultura, tornando mais densa a plantação.

Trate-se, ao mesmo tempo, da montagem da fabrica, se ainda não está montada, para a extracção da glicerina, que tem mercado assegurado na Africa do Sul, para o fabrico de explosivos.

O aproveitamento da mandioca e o desdobramento em varios sub-produtos pode fazer-se em muitas fabricas com exito assegurado.

Mas, formula-se muitas vezes a pregunta: que destino se vai dar ás terras irrigadas do Limpopo?

A resposta parece simples: cultivar nelas o algodão, se outra cultura mais remuneradora, como a das citrinas, se não apresentar.

O algodão tem mercado assegurado em Portugal. E os terrenos do Limpopo têm o valor dos do Egipto, se não maior.

Trinta mil hectares de plantação de algodão, no vale do Limpopo, têm obrigação de produzir 12 a 15.000 toneladas. Com elas se tem assegurado trafego para o caminho de ferro que se construir, e com elas se abastece grande parte do mercado metropolitano.

Quinze mil toneladas de algodão valem, em Portugal, para cima de 750.000 libras. Constituem, por isso, uma grande riqueza e dão ocupação a muitos milhares de braços.

* * *

Temos, assim, delineado um programa, comezinho, certamente, para os sonhadores de grandezas, mas capaz de atenuar grandemente a crise que nos assoberba e alicerçar, solidamente, o progresso futuro do sul da colonia, hoje á mercê de caprichos.

Que o ano de 1934 marque o inicio duma vida nova que traga para os distritos de Lourenço Marques e de Inhambane as condições de desafogo economico que o norte tem já. E que os estranhos passem a invejar o nosso trabalho, para que não tenham em menos apreço a nossa colaboração. Deixemos de viver a vida de dependencia que só tem servido para nos dar desgostos. A colonia de Moçambique é muito rica.

Saibamos valorizá-la.

Lisboa, Novembro, 21 — 1933.

QUELIMANE — Naciaia
Companhia do Boror — Secagem de sisal.

FAROIS de Moçambique

Farol do Baixo Pinda

Solicita-me a redacção do «Ilustrado» algumas palavras acêrca das fotografias que ilustram esta pagina, representando varios dos magnificos farois espalhados ao longo da costa da colonia.

O convite é, na verdade, desvanecedor e representa uma gentileza que agradecemos penhoradamente, mas é forçoso confessar sermos nós a pessoa menos indicada para tal efeito.

A apreciação do plano de farolagem, da autoria do vice-almirante engenheiro hidrografo Hugo de Lacerda e dos trabalhos realizados neste importantissimo capitulo dos Serviços de Marinha pelo comandante João Capêlo, já foi feita por quem de direito, o actual

Farol do Cabo Delgado

chefe da Repartição de Farois, comandante Almeida Maduro, no boletim mensal da Sociedade de Estudos da Colonia.

No periodo em que este ultimo oficial tem chefiado o serviço de farolagem, balizagem e alumiamento, fizeram-se várias construções, sendo da maior justiça salientar, dentre todas, a de Cabo Delgado, dada a natureza rochosa do terreno, a falta de agua, dificuldades de transporte, etc.

A este farol anda, tambem, ligado o nome do capitão dos portos, primeiro tenente Gabriel Mauricio Teixeira, valiosissimo auxiliar do comandante Maduro, em obra de tanta monta.

Do papel que os farois representam para a navegação nada ha a dizer que não seja já do dominio publico.

Realmente, todos, mais ou menos, se apercebem da utilidade da sua função, precavendo os navegantes contra os baixos, ilhas e ilhotas, durante a noite, ou, avisando-os, por

Farol da Ilha do Fogo

meio de sinais sonoros, em dias de cerração.

Do que muita gente não faz a mais leve idéa é da especie de vida a que estão sujeitos os chefes de farol, vivendo, regra geral, em completo isolamento, passando meses e meses sem avistar um branco, emquanto os dias se sucedem uns aos outros, monotonos, neurastenizantes, lamentavelmente, inexoravelmente iguais!

Alguns farois ha que, devido á sua situação geografica, podem ser visitados com facilidade, e este facto ameniza um pouco a existencia dos faroleiros.

Outros, porém, como os do Infusse, Sangage, Bazaruto, etc., só com dificuldade são atingidos, e, assim, o contacto com europeus

Farol da Ilha de Epidendron

Farol do Infusse

apenas se faz uma vez por ano, a quando da inspecção periodica, ou, excepcionalmente, por motivo da visita do capitão do porto, a cuja area pertence o farol.

Não nos esqueceremos jamais da alegria, quasi alvoroço, com que sempre fomos recebidos, e das lagrimas que vimos brilhar nos olhos da mulher e filha dum faroleiro branco, quando, após dois dias de permanencia, continuámos a nossa derrota!

Para os que são solteiros, a vida é ainda mais dura, pois lhes falta o conforto moral, a assistencia carinhosa, os cuidados do lar e as mil e uma pequenas coisas que só a presença duma esposa dedicada, meiga e

Farol da Ponta Caldeira

carinhosa pode proporcionar.

Humildes servidores do Estado, criaturas vivendo num mundo àparte, absolutamente compenetrados da importancia da sua missão, resignados com o papel que a Sociedade lhes distribuiu, são dignos da nossa amizade, da nossa simpatia.

Aqui lhes deixamos consignado o preito do nosso reconhecimento e da nossa admiração, preito modesto, apagado e sem valor, mas que tem, para nós, uma qualidade, a unica: ser sincero.

Lourenço Marques—Dezembro de 1933.

Tenente JOEL

(Fotografias do autor)

O TRIPTICO DA VIDA

I - SONHO

II - PAIXÃO

III - COLAPSO

«Desmaia a tarde. O sol é como rosa
sangrenta que se esfolha pelo espaço.
E nós, e o nosso filho em teu regaço,
tomamos parte nessa paz grandiosa.

Ausculto a natureza silenciosa.
Sinto que Deus assiste a quanto faço,
que não se perde o eco dum só passo
e é util por igual quem sofre ou goza.

Beijando os olhos do teu filho e os teus,
penso que dei um novo servo a Deus,
e um grande orgulho me dilata o peito.»

Desfaz-se o sonho... E encontro-me isolado,
longe de ti, qual tronco mutilado
erguido á beira dum caminho estreito.

E eis-te em meus braços... O desejo veio
mudar em chama a luz do nosso amor,
tornando a tua boca, a fresca flor,
em calice de mel, ardente e cheio.

Mas tu reclinas, triste, no meu seio
a fronte... E sob a nuvem do pudor,
mais dum suave beijo perde a côr,
mais dum abraço desfalece em meio.

Amor, não chores. A paixão eterea
se não se vasa em formas de materia
passa no ar, qual rapida cintila.

E escuta: em nosso efemero delirio
palpita o filho já, — doce martirio
que em breve ha-de remir a nossa argila.

E desfolha-se a vida, flor cinzenta...
Agora, o ceu chora uma chuva fria;
o vento ulula; e a custo, dia a dia,
seguimos pela estrada lamacenta.

E se não fosse a braza doce e lenta,
que resta do clarão que em nós ardia,
o sangue, em nossas veias, gelaria
sob o glacial açoite da tormenta.

Ah! quando as nossas duas avezinhas
se desprendam das tuas e das minhas
caricias e defrontem sós o inverno,

praza a Deus arrancar do lodo imundo
a raiz que nos prende a este mundo,
e deixar-nos sonhar... um sonho eterno!

Sintra, Outono — 1933.

(Inédito) Por FRANCISCO COSTA

Lourenço Marques

(*Continuado da página 379*)

quer, para arrumar a «bagagem», antes que o sol torne a brilhar, sorrindo com ironia...

A Polana lembra uma daquelas «misses» loiras que nadam, correm em «maillot» ou preguiçam na areia... Tambem ela se estende preguiçosamente ao sol. Loira, na cabeleira fulva e opulenta da sua areia, os seus olhos no ceu azul, a sua voz no marulhar suave das ondas, chama-nos sempre num apêlo doce...

Perto da agua, sempre acariciado por ela, o edificio do Gremio Nautico, tam loiro como qualquer daquelas «misses», parece querer tomar banho tambem... Mais atrás, num edificio um pouco escuro mas elegante, ergue-se o «Tea-Room», onde os que não querem tomar banho nem arriscar-se a apanhar chuva no meio dum «pic-nic» folgazão, se deliciam com uma chavena de chá e com as harmonias expressivas que lhes oferece uma orquestra cujo programa diario terminava sempre, no meu tempo, com a «Portuguesa» ouvida com emoção, como se cada compasso fôsse um beijo, uma saudade veemente a caminho da outra porção de terra portuguesa que fica para além do mar e onde ficou sempre um pouco do nosso coração...

Aquela inglesada Lourenço Marques, moderna e juvenil, é, antes de tudo, uma portuguesa sincera e fervorosa; é uma filha terna, que um caprichoso Destino arrojou para longe do lar e da qual a mãi se orgulha com razão, só temendo que ela a esqueça. Mas não! Lourenço Marques só tem um pensamento: Portugal, a Patria estremecida... São para ela todos os seus pensamentos, todas as suas aspirações; para ela são os seus esforços de todas as horas. Pensa nela quando toma chá, quando troca duas palavras em inglês com uma «miss» ou um «gentleman», quando joga o «tennis», quando caça em Goba, quando passeia no Umbeluzi ou na Catembe...

\+ +

Adeus, Lourenço Marques! Vou regressar á Metropole! Invejas-me, talvez... Confias-me saudades? Não me esquecerei, porque tambem já sinto saudades de ti. Nunca poderei esquecer-te. Vem comigo a mais bela flor dos teus jardins: uma irmãzinha pequenina, linda boneca viva, adoravel brinquedo que me entregaste para recordação. Obrigada! Adeus!

O cais, onde pessoas amigas vieram despedir-se de nós, ficou lá para trás... Agora, o navio passa em frente de Polana-Beach, preguiçosa e doce... O «Tea-Room» mal se vê, quasi perdido na sombra da mata, mas o Gremio Nautico, muito branco, beijado pelas ondas, despede-se, como um lenço a acenar, num longo adeus. O navio avança sempre, rasgando o manto azul e sereno do mar. O sol, inclinando-se para o ocaso, num maravilhoso poente dourado e purpurino, tinge as aguas de sombras de fogo. A Ponta Vermelha, onde as ondas amenas se desfazem em espuma, agita-se num adeus derradeiro. Cerro os olhos para represar uma lagrima. Olho a Polana uma ultima vez... Parece-me que está mais ondeada a cabeleira loura da sua areia, afigura-se-me que ela se levanta um pouco para me enviar um beijo na espuma branca das suas ondas, que recuam, recuam, até me entregarem esse beijo, cheio de saudades, destinado á terra amada de Portugal, que fica para aquem do mar...

Aguarelas romanticas

Por ARTUR PORTELA

Especial para o «Ilustrado»

I

O IDEAL. — Fecho os olhos! E tudo quanto foi distante, ou ainda é distante como as realidades que entreabrem dentro de nós — sobe até mim, verbo escuro da noite que fica preso ás raizes, cantando na voz do mar a infinita ternura da terra pelo homem que a condenou a florir.

São as almas das estatuas, não aquelas que o cinzel do artista revelou, dando-lhes a mascara do seu amor, mas aquelas outras que dentro da materia têm ritmo, correndo como o sangue á procura dum coração que as palpite!

São as lagrimas que o Universo chora no peito das rochas, «lagrimas» que nunca tiveram uma boca que as beijasse, lagrimas perdidas como as das crianças que vão pela neve das estradas, lagrimas que correm dos olhos como as estrelas pelo ceu, arrastadas pela poeira luminosa dum mundo que fica para além da nossa visão e da nossa alma.

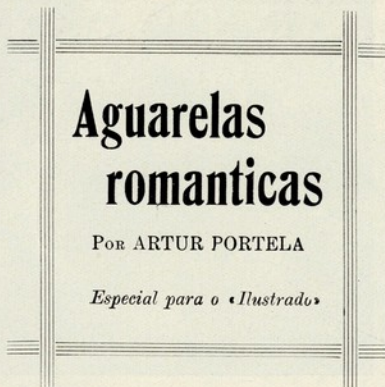
São as flores que o são apenas na raiz, flores que andam trabalhadas pelas seivas e que a terra ainda não gerou, como tantas outras maravilhas cheias do sentido ideal da existencia, que se ocultam eternamente para que a beleza revelada seja incompleta, mortal e imperfeita como o proprio tempo. Que luz atravessa o espaço? Pelo ceu, as estrelas são trigais de oiro!

Cai a sombra em sussurros de folhagem, como cai a agua das fontes! Devagarinho, a morrer num beijo... A noite é cega e ficou no mar presa aos cabelos das medusas, das algas e das filhas de Nereu... Esta é a minha noite, aquela que eu vejo com os olhos adormecidos e exaustos de sonhar — noite que jàmais acaba, varada no destino, como os brigues sepultados nas areias, que as ondas já não inquietam para partir lá longe. Lá longe, para onde se não deve partir! Lá longe, donde se não volta mais. Lá longe, que fica muito longe, e tam longe que não ha vida, nem destino, nem sonho, nem morte, que o alcancem.

II

CANTO DO CISNE. — Sim, tu tens razão. A tua mocidade romantica, orgulhosa e rebelde, que tinha para cada dia um cantico e para cada boca um beijo — pode morrer, deve morrer. Foste irmão dos pobres, daqueles que têm a alma em flor, como se as lagrimas a desobrochassem todas as manhãs, limpinha de mentira, nuazinha de sonho. Ajoelhaste ás portas das catedrais, sem ser cristão, mas nem por isso a tua fé de poeta foi menos verdadeira. Não sabias rezar, mas com as tuas palavras deste á «Ave-Maria» a graça purissima dum coração, que escolhia os soluços para se redimir!

Espalhaste sobre as chagas do amor e sobre as chagas da vida as rosas da tua fé e da tua ternura de criança. Percorreste todas as cidades do mundo, olhaste os oceanos, dominaste as montanhas, e dias e mais dias andaste com todas as multidões da dôr, com todas as raças da angustia, com todos os povos do sofrimento.

A vida assim era bela — bela por «ti», não por ela. Porque pretendes avivar agora a sua chama? Fazer dum cadaver um corpo, mesmo que lhe entregues o teu sangue, beijo a beijo, lagrima a lagrima, até morreres?

A tua vida foi um desafio; a tua nobreza um pecado; os teus combates uma vilania. Emquanto os outros se escondiam e escondem ainda, miseravelmente, afiando as garras para te despedaçar — tu, no ultimo reduto da esperança, como um soldado romano que tivesse visto desbaratar um exercito inteiro, ergues ainda a lança e neia o teu pobre coração esfarrapo de ternura!

Existiriam as asas se não fôsse a saudade? Deus criou-as não para a terra, mas para o ceu — estrelas que muito cedo abalam da nossa alma e que voltam, voltam sempre, mas de longe, muito altas, muito distantes, a perpassar ante a janela romantica da nossa vida, sem nunca se deterem ignotas ao seu destino, alheias ao amor que lhe demos, como as rosas que sonhamos e nunca floriram.

III

OUTONO. — Tudo quanto foi belo e efemero, abraço de vida, cacho maturado, asa tonta de luz, voz mais alta de rio — tudo se quebra e morre, nesta primeira penumbra de outono, que é uma palpebra delicada sobre um olhar infinito de lagrimas.

Vai ser outra a vida igual e simples como as leiras nas planicies adormecidas, que parecem sonhar e rezar o misterio da terra, emquanto o silencio tolhe as braçadas das arvores, que já não cantam nem murmuram.

Esperta o fogo, nas lareiras, — arde nelas o coração, que o nosso peito está cheio de cinzas e é profundo mar, onde os navios naufragam como brigues de saudade, em epopeias dormentes de neblina...

Saudade esquecida que bateu um dia á nossa porta e não entrou — e ficou á chuva, ao vento, ao frio, humilde e pobre, esperando sem esperança, como aquelas cartas que se escrevem e ninguem responde, como aquelas despedidas que não têm regresso, como aqueles retratos que sorriem o amor, e mais tarde hão-de sorrir a mentira, na igual beleza da mesma expressão sincera e casta...

Outono já, lavrando de oiro as folhagens moribundas dos parques, cobre ardente nas vinhas vindimadas, mosto que perturba nos lagares antigos; nova alma na boca das estatuas, crisantemos boreais nas estufas dos jardins, almofadas de perfumes sob a cabeça das virgens mortas; estrada em silencio e palida, onde a sombra cai em esgotamentos liricos de paixão; queixume no rastro astral da ultima andorinha que já não tem ninho,

(*Continua na página 393*)

Caminho de Ferro de Moçambique

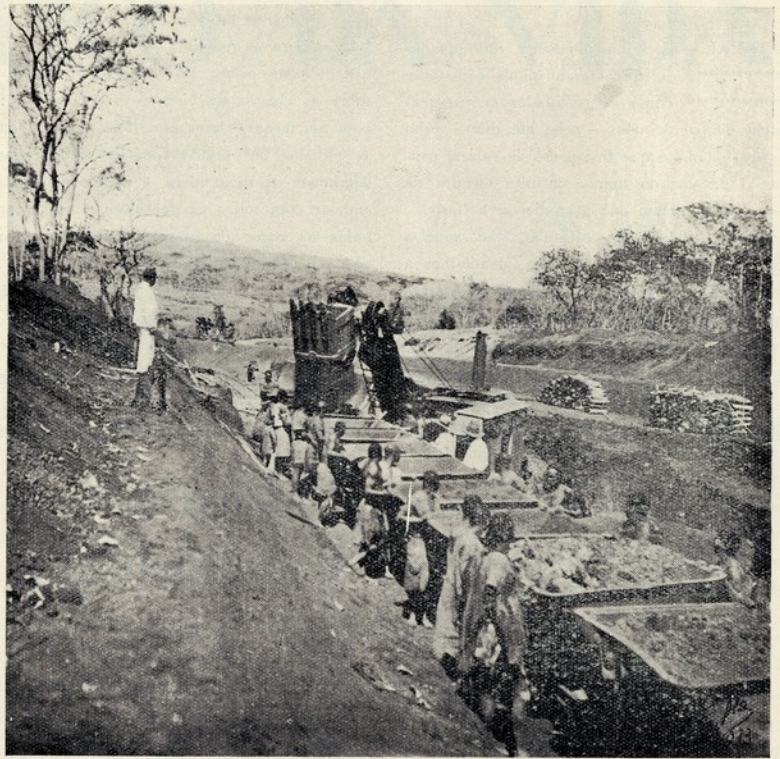
Em Agosto de 1912, o Governo da Metropole determinou a construção do Caminho de Ferro de Moçambique para a fronteira entre Moçambique e o Niassa inglês.

Por interessantes, vamos reproduzir as considerações constantes do decreto respectivo e que justificaram aquela determinação:

«Não possui ainda o distrito de Moçambique qualquer linha de caminho de ferro que ligue algumas das suas baías do litoral com o interior, ou, paralelamente á costa, sirva as regiões já hoje comercialmente exploradas. E, no entanto, se nos outros distritos da provincia de Moçambique são necessarias linhas ferreas para desenvolvimento do país, pelo aproveitamento das suas riquezas naturais, no distrito de Moçambique, mais do que em qualquer outro dos distritos, essa necessidade impõe-se.

....

Uma fase da construção

«A posição geografica do distrito de Moçambique, em relação ao Niassa inglês, e o facto de haver na costa oriental daquele distrito baías excelentes, pela sua vastidão e fundos, e de que, com um dispendio relativamente pequeno, se podem fazer portos comerciais dos melhores de toda a costa de Africa, colocam uma linha ferrea de penetração, partindo duma dessas baías, em condições excepcionais para o transito de mercadorias entre o mar e os territorios da Niassalandia, bastando tal circunstancia para fazer prever, a um caminho de ferro construido em tais condições, um importante trafego.

Uma fase da construção

....

Considerando que, pelas razões expostas, perfeitamente justificado fica que todos os esforços se devem congregar no sentido de ser levada a efeito a construção dum caminho de ferro de penetração que, partindo duma das baías da costa de Moçambique, se dirija á fronteira da Niassalandia;

Considerando que, em relatorios e itinerarios que existem no Ministerio das Colonias, em que pormenorizadamente se alude ao citado caminho de ferro e ás suas vantagens, quer sob o ponto de vista do fomento do país, quer sob o ponto de vista da expansão da autoridade portuguesa, se indica a conveniencia de aproximar o traçado de tal caminho de ferro dos Montes Namuli;

Considerando que, em vista da corrente geral que se está acentuando nas colonias africanas, pelo que interessa á construção de caminhos de ferro, prejuizos consideraveis nos podiam advir, num futuro proximo, se nos isolassemos na inacção em que nos temos conservado, não acompanhando essa corrente de opinião que as nações com colonias em Africa têm evidenciado nos ultimos tempos, e por tal forma que, a não tomarmos decisões rapidas acêrca de assuntos como aquele de que nos estamos ocupando, poderiamos encontrar já derivadas, sem possivel aproveitamento para nós, algumas correntes de trafego com que o citado caminho de ferro pode contar...

....

Nenhuma destas considerações perdeu a oportunidade, muito embora a construção da ponte sobre o rio Zambeze viesse a tornar menos instante a ligação da Niassalandia com o mar, na direcção de Moçambique, mas, o que é mais importante, outro tanto se não pode dizer da ligação do interior da nossa colonia com o mar.

Repre[illegible] a toma d'agua na estação de Mutivase

Territorio de vasta potencialidade, quer sob o ponto de vista agricola, quer sob o ponto de vista mineiro, necessita bem ser dotado de meios de transporte acelerado, e animar os pioneiros que, internando-se pelos distritos de Moçambique e Niassa, se lançaram a uma agricultura que começou a estiolar, pela falta de transportes acessiveis. É extraordinaria a resistencia moral dos agricultores que, já no extremo do distrito de Moçambique, se abalançaram a fazer agricultura, assim como aqueles que, tendo-se estabelecido nas margens do lago Niassa, ainda se mantêm perseverantes, pois grandes são os rastos que deixaram aqueles que, numa época já distante, ainda conseguiram prosperar.

Embora já em 1912 tivesse sido determinada a construção do Caminho de Ferro de Moçambique, o que é facto é que a falta do lançamento dum emprestimo simultaneo com a publicação do decreto ministerial determinando aquela construção, e depois a guerra, atrasaram esse empreendimento, e, assim, ainda em 1924 não havia abertos á exploração mais do que 90 quilometros, saindo do porto do Lumbo, estando, então, paralisada a construção. E assim se manteve até o inicio de 1929.

Não quis o sr. governador geral, antigo governador do distrito de Moçambique durante a guerra, e que muito verificou da grande falta que fazia o não se ter dado imediato cumprimento ao que dispunha o decreto de 1912, que a paralisia que atacara esse caminho de ferro se mantivesse, e, assim, dispôs as coisas para que, em principios de 1929, se recomeçasse a construção da linha. A falta ainda dum emprestimo não permitiu acelerar esta, pois que, havendo dinheiro, facilmente se poriam em exploração cem quilometros cada ano. Tem sido com os recursos normais do Tesouro da colonia que se tem conseguido construir uma média de 40 km. por ano, estando actualmente a construção a atingir Ribaué (quilometro 299,6), e a exploração, que ainda no presente ano economico atingirá este ponto, fazendo-se até ao quilometro 250.

Os trabalhos de construção foram completamente reorganizados pelo seu actual chefe, engenheiro Celestino da Silva, que tem tomado todas as disposições para activar o avanço, desde que lhe não faltem os recursos monetarios.

Infelizmente, ainda, até hoje, não recebeu a administração dos Caminhos de Ferro um centavo dos 9 mil contos da dotação do orçamento da colonia, que principalmente a este trabalho se destinavam, e, por isso, apoiada, apenas, nas suas proprias receitas, não pôde abalançar-se a compromissos que vão prejudicar as suas reservas especiais destinadas á manutenção do equipamento indispensavel ás linhas em exploração.

Mas a causa tem sido sempre a mesma: a colonia não dispõe da liberdade de contrair emprestimos, e quando os pede á Metropole são adiados ou recusados. Uma excepção parece ter-se dado agora com o emprestimo para os trabalhos do vale do Limpopo, e temos a esperança de que nesta materia se tenha entrado francamente em vida nova.

Os recursos normais, quer da colonia, quer da administração ferroviaria, chegarão para fazer face aos encargos dum emprestimo a longo prazo, mas não chegam para em cada ano se produzir uma quilometragem que signifique uma real actividade.

Seja como fôr, a construção do Caminho de Ferro de Moçambique, que está trabalhando, actualmente, entre o quilom. 280 e Ribaué, irá prosseguindo até ao rio Lurio, se o governo da colonia não faltar completamente com a dotação, e digo faltar porque não basta pô-la no orçamento, para se poder dispender, embora signifique o grande desejo por parte daquele em prosseguir com o plano que traçou e começou pondo em execução em 1929. Ha dificuldades que nem sempre se podem vencer de pronto, e não podem

(Continua na pagina 394)

Trabalhos para a construção de uma ponte sobre o Rio Mulhelha

Arborização dos terrenos marginais das vias férreas da Colónia

A REORGANIZAÇÃO dos Serviços dos Portos e Caminhos de Ferro desta colonia incluiu, nas atribuições da direcção respectiva, o estabelecimento de secções de arborização ao longo das linhas ferreas, procurando-se, deste modo, vir a fazer face á crescente escassez de madeiras em boas condições para as travessas de que os caminhos de ferro precisem, e que, até agora, têm vindo a ser obtidas por elevado preço.

De facto, a devastação de matas para o fim unico de obtenção daquele artigo, atinge, em alguns países, proporções estupendas. Dependem estas, necessariamente, do grau de desenvolvimento da rede ferroviaria de cada país e os numeros respeitantes a esta colonia são bem insignificantes, quando os colocamos a par daqueles que respeitam a países em que a viação sobre carris, em vez duma extensão de cêrca de 900 quilometros, atinge, como nos Estados Unidos, mais de 300.000 milhas.

Insignificante, embora, o certo é que se nos tem tornado necessario adquirir algumas centenas de milhar de travessas de fora da colonia: de teca da India e de Java, de «jarrah» da Australia, de aço da Alemanha e da America — dreno de ouro, prejudicial á nossa economia, além de indesejavel sintoma de pequena capacidade de empreendimento.

Ha, ainda, madeiras na colonia, certamente: nucleos florestais mais ou menos vastos e já mais ou menos depauperados, nos distritos do Norte; nucleos florestais de alguma importancia, praticamente inexplorados, nos do Sul, dispersos pelos Libombos, pelas margens do Haluize e espalhando-se por terras do Chibuto, de Panda e de Vilanculos.

Mas, ora por uma circunstancia, ora por outra; agora por estarem de tal modo afastados de vias de drenagem que o transporte das madeiras se torna dificil e dispendioso, logo por más condições da exploração, por deficiencias de mão de obra, por excesso de peso e dureza das madeiras, — não têm proporcionado aos Serviços dos Caminhos de Ferro um abastecimento de travessas permanente e em boas condições de preço, de qualidade e de numero.

Agora, em que a crise economica cerceia as oportunidades de conquistar recursos de vida em aspectos da actividade humana que dantes se apresentavam largamente compensadores, parece esboçar-se uma atenção maior pela exploração das matas do territorio, procurando-se obter nelas travessas para vias ferreas, sem recorrer á importação delas de país estrangeiro.

Mas, este novo aspecto de destruição, ainda maior, da nossa riqueza florestal, exige constante e cuidadoso repovoamento, e ajuizadamente andou o Governo em incluir nas funções da direcção dos Caminhos de Ferro a arborização das zonas marginais da linha, sob a sua jurisdição; no que, de resto, não fez mais que imitar o que em outros países já de ha certo tempo se pratica.

Nem sempre o solo e o sub-solo, nessas zonas marginais das vias ferreas da colonia, se prestam á implantação de maciços florestais. Tambem, nos distritos do Sul, principalmente, o regime das chuvas se não apresenta favoravel àquele proposito. Assim, sem em caso algum perder de vista o objectivo capital de obter madeiras boas para travessas, têm sido escolhidos de preferencia locais de terrenos arenosos, em que, a não muito grandes profundidades, se encontre agua de sub-solo, o que, dum modo geral, se dá na linha de Ressano Garcia, entre Lourenço Marques e Pessene; e preferidas certas especies de eucaliptos que a experiencia tem mostrado desenvolver-se bem em regiões secas. As conhecidas por «Ironbark» são consideradas entre as que melhor satisfazem. Dos «Ironbarks» foram escolhidas «E. paniculata» e «E. melanoxylon» («Red Ironbark»), por serem as que melhor se harmonizam com o clima quente da zona costeira.

«E. resinifera», o melhor substituto da «jarrah», tem já na colonia bons exemplares, com 10 anos de idade, em maciços florestais que, junto á linha ferrea de Quelimane, têm vindo a ser estabelecidos, desde 1923 até agora.

«E. pillularis» dá magnifica madeira para travessas e medra bem, embora mais lentamente que outras, na zona costeira.

«E. saligna», que, em locais alagadiços, é das que melhor subsistem e cuja madeira, em travessas, é de grande utilidade, tambem já encontra na colonia diversos representantes, não unicamente em avenidas e arruamentos, mas tambem em maciços florestais.

«E. marginata» («jarrah wood») não é, certamente, uma especie adequada ao clima quente e seco da zona do litoral. Mas, dada a valiosa importancia da sua madeira para travessas de caminho de ferro, a direcção tenciona vir a experimentá-la e espera conseguir a sua adaptação em alguns locais das terras altas do interior dos distritos de Tete, Moçambique e Quelimane, visto que não ha que supor que a esfera de acção da direcção do Caminho de Ferro se limite, neste capitulo, ao distrito de Lourenço Marques, e, já agora, nem só aqui ela tem vindo a estabelecer plantações.

«E. maculata» («Spoted gum»), que, no Natal, se considera ser uma das melhores especies para regiões quentes, de madeira tam valiosa que, por toda a Africa do Sul, é largamente usada para rodados de carros boeres.

«E. melliodora» e «E. macrorryncha» («Stringy Bark»), especialmente adequadas a locais pedregosos, em regiões quentes, serão a seu tempo experimentadas e completam a lista das especies de eucaliptos que aquela direcção se propõe plantar para abastecer de travessas as suas linhas, para proporcionar á via condições de defesa e abrigo, para resguardo de taludes e aterros, para regularização de cursos de agua nas proximidades de pontes e aquedutos, fixação de areias e dissecação de pantanos; finalmente, para destruir a nota de aridez e improdutividade de extensas zonas de matagal bravio, arenoso e desolado.

* * *

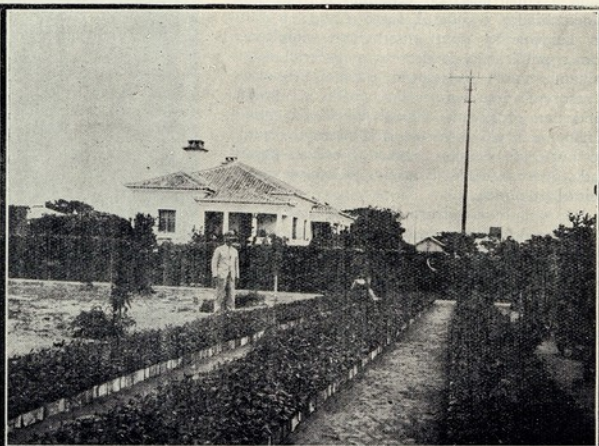
A seguir, damos um resumo dos eucaliptos já plantados e doutros que, ainda em viveiro, serão plantados, nesta quadra das chuvas, até fins de Fevereiro proximo:

Na linha de Ressano Garcia — Em viveiro: Resinifera, 27.000; Pillularis, 360; Paniculata, 6.960; Saligna, 58.000; total, 92.320. Plantados: Resinifera, 5.712; Pillularis, 4.575; Saligna, 5.960; diversas especies, 7.451; total, 23.698.

Na linha de Goba — Em viveiro: Resinifera, 22.450; Pillularis, 250; total, 22.700. Plantados: Resinifera, 15.644; Pillularis, 2.726; diversas especies, 5.170; total, 23.540.

Na linha de Xinavane — Em viveiro: Resi-

(*Continua na página seguinte*)

Plantação de 1 ano e meio em Marracuene

Viveiros na Matola

O Amor seculovintesco

(Do falecido alferes miliciano e Cruz de Guerra, Armando Fonseca Cardoso).

(Entre les deux, mon cœur balance)

A cena passa-se numa sala de baile de mascaras.

«Pierrettes», Vianesas, Damas antigas, «Pierrots», etc.

A um canto da sala, sentada, uma dama antiga de linda cabeleira branca, deliciosa de formosura e graça, conversa animadamente com dois jovens elegantes, um louro, o outro moreno.

No ar vibram os ultimos acordes embriagadores da «Ramona».

O MORENO (placidamente) — Você, que é tam bonita, ha-de ter tido, por certo, muitos admiradores. Entre eles quais prefere, os louros ou os morenos?

A DAMA — Cristo, esse Homem que, amando a humanidade, por ela se sacrificou era moreno, e eu não desdenharia de ser a Madalena que despertou a compaixão do Sublime Moreno.

O LOURO (temperamento nervoso, com entusiasmo) — Você, inteligente e artista como é, admira, com certeza, o surpreendente espectaculo que nos proporciona a neve, que, apesar de fria, encerra um mundo de esplendores, nos seus multiplos aspectos irisados, ao sol acariciador da primavera. Assim, por certo, encontrará o seu ideal num louro, a quem o calor dum amor sincero ponha, na pele branca, reverberos de ansiedade, reflexos de paixão.

A DAMA (compondo um caracol da cabeleira) — Apolo, a plastica maravilhosa, que encarna a suprema elegancia mascula, era louro. Vinicio do «Quo Vadis», a verdade mais flagrante em amor, era moreno. Se me fôsse possivel encontrar num Apolo a alma de Vinicio, eu seria a mais feliz das mulheres.

O MORENO (ironicamente) — A inconstancia é o defeito proprio das mulheres.

O LOURO (filosoficamente) — Qual seria a opinião de Diogenes sobre a psicologia da mulher moderna?

A DAMA (repreendendo) — A humanidade a julgar erra sempre, porque a humanidade não é perfeita. (Meigamente) — A mulher é como a lira, que vibra de harmonia com a arte que o tocador põe na maneira de ferir as suas cordas maravilhosas.

OS DOIS (a um tempo) — Quisera ser o tocador da lira.

A DAMA (sorridente) — Em amor, a experiencia é sempre perigosa. Vale mais amar pensando, do que analisando.

O MORENO — A mulher é como a flor, da qual ninguem conhece a alma.

O LOURO — A mulher é como um raio de sol, que encerra na sua brancura todas as «nuances» arcoirizadas.

A DAMA — A mulher é o argumento infalivel, que desarma o raciocinio mais seguro. (Mudando de tom) — Vamos tomar uma chavena de cacau?... Gosto tanto! O cacau é escuro e o leite é branco.

Levantam-se e saem da sala, onde um «Pierrot» louro e triste procura a penumbra para se ocultar, murmurando:

— Bem dizia o poeta: «O coração tem dois quartos... Que pena não ter três».

Porto, terça-feira de Carnaval — Março de 1930.

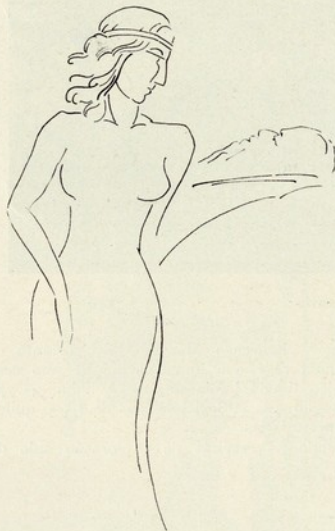
(Inédito).

Aguarelas romanticas

(Continuado da página 389)

e mesmo assim vai, como eu, pela vida fora, levando, nas asas partidas, o coração em pedaços...

IV

O APOSTOLO. — Ao longe o Mar Morto — estagnado de luar. Os perfumes sobem as escadarias de alabastro, enroscam-se como espiras nos balaustres do palacio, de janelas em fogo. Pelo ceu rolam mundos, e é tam lucida e clara a noite que as cegonhas, tontas de

luz, voam inquietas. Ha vozes, no silencio: queixumes feridos de rouxinois nos velhos sandalos que erguem para o ceu as forças vasias. Vêm do deserto fremitos de luxuria: a areia tem um halito deserto.

Então, Salomé, divinamente nua, começa a dansar. Seus pés ligeiros, brancos como flores, parecem desfolhar-se num ritmo aereo e sonambulo, descrevendo uma parabola de temeraria beleza. O velho rei, decrepito e magnificente, olha-a como nunca, crispando-se num incesto. Ainda não é a hora! E Salomé continua a dansar, titilando como a corda duma harpa, em tangencias de luz e de sombra, emquanto a sua cabeça de serpentinos cabelos, é um louco enigma de misterio e paixão, que nem a morte poderá violar.

— O que queres? — interroga Herodes, transviado de tanta beleza.

— «Yokonaan»!

É que, na vespera, havia chegado ao palacio um estranho moço, barbaro e hirsuto, vociferando anátemas, que vinha pelas estradas apedrejando os ricos e incitando os pobres a ceifarem as searas que haviam semeado com o seu suor e o seu sangue de escravos. Naquela noite, Salomé descera ao carcere. Tentara-o. Envenenara-lhe a boca com o aroma de beijos não dados. E o apostolo tremia com sêde, outra sêde que não era a do deserto, e que nem toda a agua do mar conseguiria saciar. Então, a sua colera retumbou no escuro do carcere. Falava de amor, mas de amor divino, tateando a claridade do luar, corpo branco e nu... o corpo de Salomé. Apertava-o nos seus braços, despedaçava-o sentindo na pele rugosa uma caricia fria e fugitiva, que mais lhe atormentava a sêde daquela boca desejada e recusada!...

Quando entregaram a Salomé, banhada em sangue, a cabeça do apostolo, os frios labios dela possuiram ainda quente a boca que o amor e o odio tinham torturado.

Quem sabe se ele não sentiu esse beijo, pedindo á morte o que recusara na vida?...

Arborização dos terrenos marginais das vias férreas da Colónia

(Continuado da pagina anterior)

nifera, 5.000; Pillularis, 8.300; total, 13.300. Plantados: Resinifera, 2.085.

Na linha de Marracuene — Em viveiro: nenhum. Plantados: Saligna, 2.335; diversas especies, 3.799; total, 6.134.

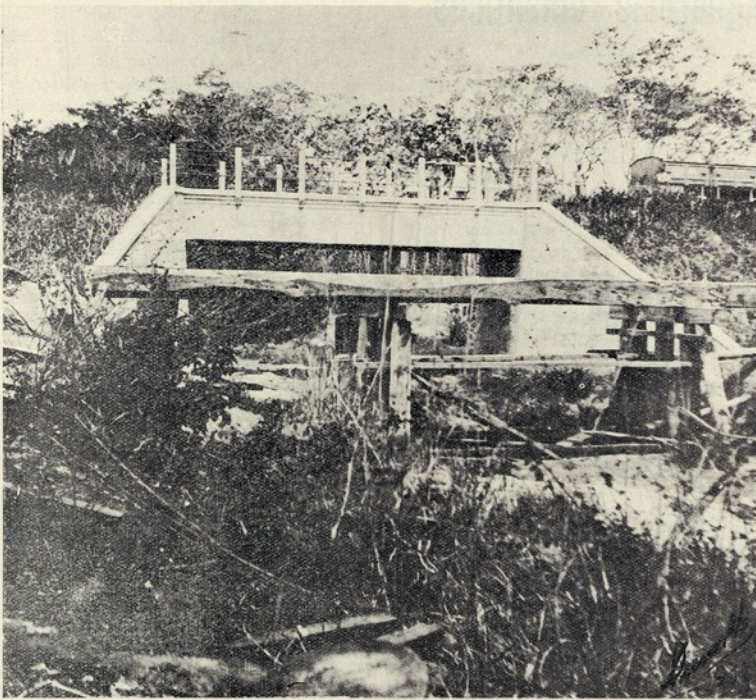
Na linha de Gaza — Em viveiro: nenhuns. Plantados: Resinifera, 3.100; Paniculata, 3.400; total, 6.500.

Na linha de Inhambane — Em viveiro: Resinifera, 5.000; Paniculata, 3.800; total, 8.800. Plantados: Resinifera, 960; Paniculata, 15.000; total, 15.960.

Na linha de Quelimane — Em viveiro: Resinifera: 6.250; Pillularis, 4.200; diversas especies, 14.910; total, 25.360. Plantados: Resinifera, 11.770; Pillularis, 2.116; diversas especies, 11.950; total, 25.836.

Na linha de Moçambique — Em viveiro: Resinifera, 2.211; Pillularis, 4.488; Paniculata, 12.868; total, 18.767. Plantados: nenhuns.

Total, em todas as linhas, por especies: Resinifera, 107.182; Pillularis, 27.015; Paniculata, 41.228; Saligna, 66.295; diversas, 43.280.

Total — Em viveiro: 181.247; Plantados: 103.753. Ou sejam: 285.000.

Ponte sobre o rio Mutivase

Caminho de Ferro de Moçambique

(Continuado da página 391)

os interessados na construção do Caminho de Ferro de Moçambique queixar-se de abandono, porque este tem tido a primazia.

No ano economico findo, dispendeu-se, em capital, neste caminho de ferro, a soma de £ 93.627, ou seja pouco menos que a total dotação do orçamento da colonia para caminhos de ferro.

Assim, o Caminho de Ferro de Moçambique se vem tornando a empresa de maior envergadura na região, com um valor de estabelecimento actual que atinge já £ 687.318.

Bastante material de transporte de mercadorias e passageiros foi transferido do Caminho de Ferro de Lourenço Marques para o de Moçambique. Algumas unidades foram especialmente construidas para este, e, quando, antes da unificação da administração ferroviaria, apenas havia uma carruagem de passageiros, não havendo, sequer, uma carruagem para indigenas, já hoje está dotado com mais sete carruagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª, e a administração está estudando a possibilidade da introdução de automotoras, que tornem mais rapido e comodo o transporte de passageiros.

O efectivo em locomotivas e em vagões foi, tambem, aumentado em mais de 60 %, desde 1931.

A rede do Caminho de Ferro de Moçambique é já a segunda da colonia, directamente administrada pelo Estado. O seu movimento é já o dôbro do movimento de todos os caminhos de ferro da colonia sob a administração do Estado, juntos, com excepção da rede de Lourenço Marques. É, portanto, a segunda rede, em importancia. No ano economico findo circularam, nesta linha, 41.778 passageiros e 24.805 toneladas de 1.000 quilos de mercadorias.

Tendo as receitas de exploração sido de £ 16.148, ou seja inferiores, em quasi £ 2.000, ás do ano anterior, as despesas foram de £ 27.139, ou seja mais cêrca de £ 3.000, embora a despesa por unidade de trabalho, quer por comboio, quer por tonelada liquida, se tivesse mantido sensivelmente a mesma.

* * *

Inaugurado, o serviço de camionagem automovel prestou o seguinte serviço: 493 passageiros e 632 toneladas, tendo a exploração produzido um pequeno «deficit», ao contrario do que sucedeu noutras regiões da colonia. É consequencia do primeiro ano de exploração.

Os resultados que deixamos indicados francamente aconselham a fazer-se o esforço de aproximar o Caminho de Ferro, se não já da fronteira do Niassa inglês, pelo menos do Niassa português, que só pode ter uma mais rapida saída para o mar aproveitando este caminho de ferro.

Mantidas, na sua maior parte, as razões que levaram o Governo a determinar, ha 21 anos, a construção do Caminho de Ferro de Moçambique, embora ainda nessa data se pretendesse, por esse meio, ligar a Niassalandia com o mar, mais depressa do que pela outra ligação, na mesma data sugerida, em direcção á Beira, e não se podendo considerar aquela ligação como o principal objectivo do Caminho de Ferro, ¿porque se ha-de dar preferencia á construção dum outro qualquer caminho de ferro da colonia, destruindo a maquina administrativa e tecnica montada em Moçambique, e que tanto trabalho deu a restabelecer, ha 5 anos, depois duma paralisação de trabalho tam prolongada?

X.

Ponte sobre o Rio Monapo

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

Joan Crawford usa esta rica toilette de veludo preto com mangas de estilo antigo num dos seus ultimos filmes.

Elegante «tailleur» de lã usado por Madge Evans; nos ombros «azinhas» do mesmo tecido, que são a ultima moda Luvas tambem do mesmo tecido e na cabeça um barretinho de lã terminado em bico.

Maureen O'Sullivan, a simpatica irlandesinha, com um lindo «peignoir» de rendas e setim.

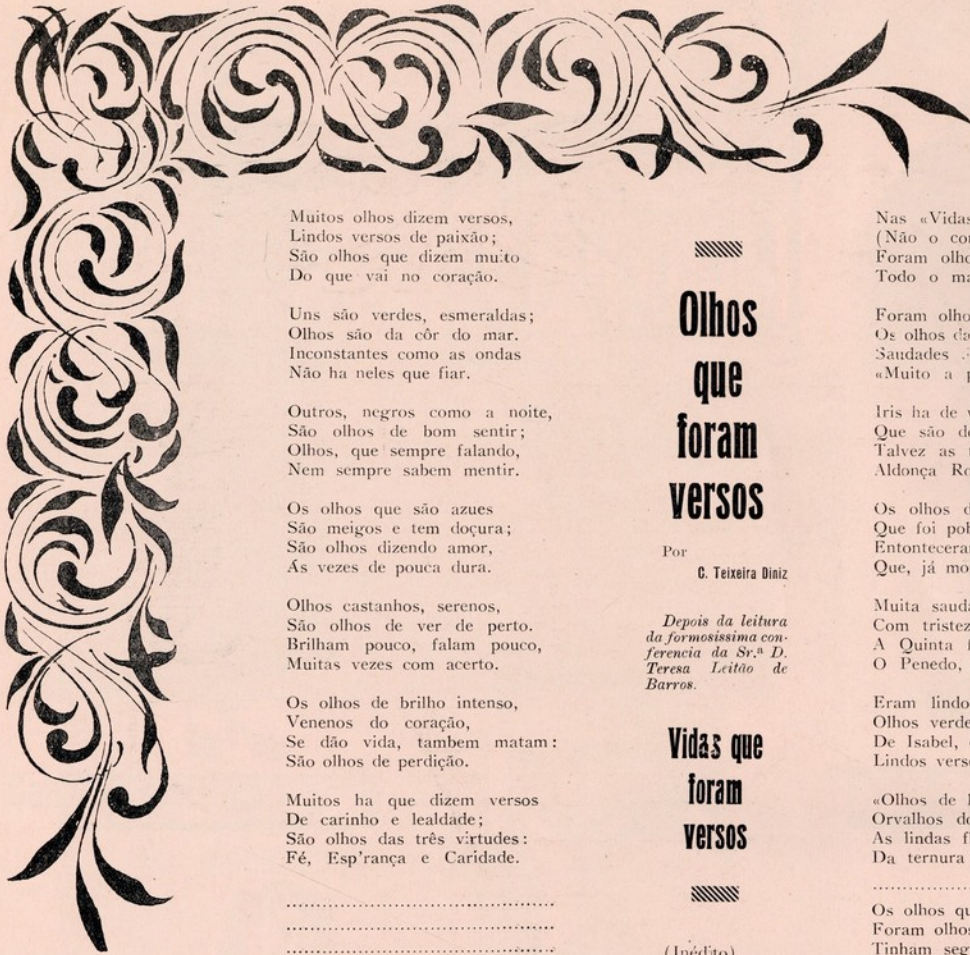
Madge Evans, com um sumptuoso casaco de arminho.

Um lindo pijama de crepe azul, salpicado de bolinhas brancas, usado por Jean Parker. E' de um corte muito elegante e discreto.

Olhos que foram versos

Por C. Teixeira Diniz

Depois da leitura da formosissima conferencia da Sr.ª D. Teresa Leitão de Barros.

Vidas que foram versos

Muitos olhos dizem versos,
Lindos versos de paixão;
São olhos que dizem muito
Do que vai no coração.

Uns são verdes, esmeraldas;
Olhos são da côr do mar.
Inconstantes como as ondas
Não ha neles que fiar.

Outros, negros como a noite,
São olhos de bom sentir;
Olhos, que sempre falando,
Nem sempre sabem mentir.

Os olhos que são azues
São meigos e tem doçura;
São olhos dizendo amor,
Ás vezes de pouca dura.

Olhos castanhos, serenos,
São olhos de ver de perto.
Brilham pouco, falam pouco,
Muitas vezes com acerto.

Os olhos de brilho intenso,
Venenos do coração,
Se dão vida, tambem matam:
São olhos de perdição.

Muitos ha que dizem versos
De carinho e lealdade;
São olhos das três virtudes:
Fé, Esp'rança e Caridade.

....
....
....
....

Nas «Vidas que foram versos»
(Não o contesta ninguem)
Foram olhos que fizeram
Todo o mal e todo o bem.

Foram olhos de saudades
Os olhos da Ribeirinha
Saudades de bom cantar
«Muito a par da Sé vizinha».

Iris ha de várias cores
Que são do arco da velha...
Talvez as tivesse assim
Aldonça Rodrigues Telha.

Os olhos da linda Inês,
Que foi pobre e foi mesquinha,
Entonteceram D. Pedro,
Que, já morta, a fez rainha.

Muita saudade carpiram
Com tristeza e com verdade:
A Quinta ficou das Lagrimas,
O Penedo, da Saudade...

Eram lindos «olhos verdes»,
Olhos verdes sem senões»
De Isabel, que deram versos,
Lindos versos de Camões.

«Olhos de lagrimas doces»,
Orvalhos do coração,
As lindas flores regaram
Da ternura e da paixão.

....

Os olhos que foram versos
Foram olhos de bem ver;
Tinham segredos escritos
Que poucos sabiam ler.

(Inédito).

FINIS

Por *NUNES CLARO*

Um dia — vão-se os seculos embora —
Um dia a Luz, tam cheia de pureza,
Que o rebanho dos astros farto agora,
Anda pastando pela Natureza,

A Côr, onde a materia canta e chora,
A Dôr, a Vida, o Amor, mais a Beleza,
Que sobre os cimos tragicos da Hora
Parece estar eternamente acesa,

Hão-de morrer! e só pelo Universo,
O pó do mundo, o pó dos sois disperso
Rolará pela treva e pelo frio,

E cobrirá, sinistro, impiedoso,
Por todo o sempre, o Tempo silencioso
Tombado sobre o Espaço ermo e vasio!

1933.

Desalento

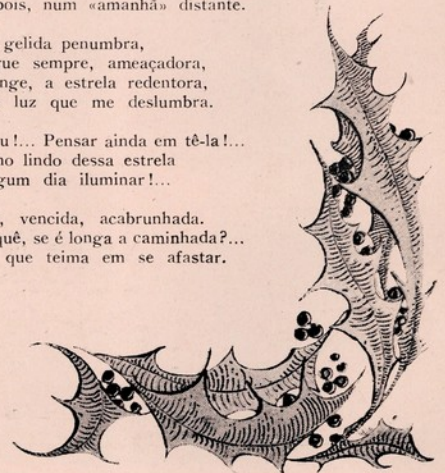
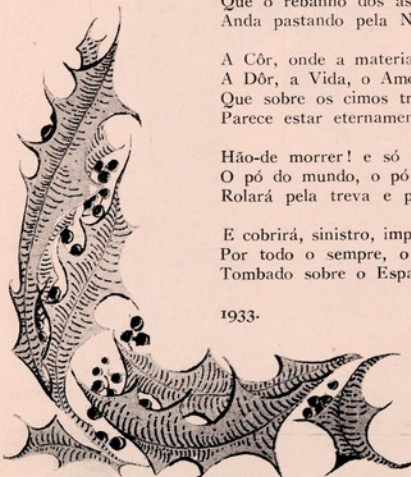
Por *Liberdade DIAS SOARES*

Caminho, como um Cavaleiro Andante,
Em busca da Ventura que me foge...
Todos os dias penso vê-la hoje,
P'ra a ver, depois, num «amanhã» distante.

Quero fugir da gelida penumbra,
Que me persegue sempre, ameaçadora,
E vendo, ao longe, a estrela redentora,
Eu sigo a sua luz que me deslumbra.

Doida que eu sou!... Pensar ainda em tê-la!...
Como se o brilho lindo dessa estrela
Me quisesse algum dia iluminar!...

E paro, emfim, vencida, acabrunhada.
Seguir?... P'ra quê, se é longa a caminhada?...
E deixo a luz que teima em se afastar.

(Inédito).

Melancolia

Sei que durará pouco em nossas vidas,
Este instante convulso de ansiedade,
Instante onde palpita a eternidade
E a luz das nossas almas confundidas...

Ah! Quem soubesse para sempre unidas,
Na mesma fé, na mesma suavidade,
Nossas bocas, na doce claridade,
Dos nossos beijos, — terras prometidas!...

Cai a tarde... uma tarde de Dezembro...
Foi numa hora assim, 'inda me lembro,
Que eu encontrei no mundo o teu olhar...

A neve embaciou toda a vidraça...
O frio sacode os nervos de quem passa...
Quanta saudade!... Deixa-me chorar!...

(Inédito).

Pena

Em volta, tudo ri, tudo se agita...
A tarde é um apogeu de claridade...
O Sol risca, no asfalto da cidade,
Sombras de muita vida que palpita...

Ha milagres na terra tam bonita...
Com esta côr e esta suavidade,
Torna-se mais humana a Humanidade;
A gloria de viver surge, bemdita...

Espalhados no ceu, astros aos molhos...
Cintila nas meninas dos teus olhos,
Uma ansia de encanto e de esplendor...

E em mim cresce, latente mas serena,
A enorme amargura, a enorme pena
De não ser luz, estrela, beijo ou flor...

(Inédito).

Solidão

Ninguem na casa silenciosa e fria,
Um poema tristinho de humildade,
Onde, de quando em vez, entra a saudade
E um perfume de bruma e nostalgia...

Passam as horas, passa todo o dia,
Na mesma inextinguivel impiedade,
Que fala de renuncia e de orfandade,
Na velha casa silenciosa e fria...

Passos perdidos, meu perdido amor,
Foram esses que eu dei de encontro á dor,
Dor que nasceu de te chamar «meu bem»...

Mas sempre a cada noite chega a aurora...
Quem sabe se virás de novo agora
Á velha casa onde não ha ninguem!...

(Inédito).

Por MARIA AMELIA TEIXEIRA (Filha)

RENDAS, SEDAS, TULES

RENDAS... sedas... tules... mulheres... Coisas subtis, vaporosas, maravilhas de graciosidade, harmonias de linhas, de desenho, de estilo... Fantasias... misterio... sonho... Espumas de Champagne... Espumas caprichosas das ondas do mar que o vento encrespa ou que vêm, languidas, beijar as praias... Nuvens... fumo de cigarrilhas aromaticas... perfumes... melodias...

Rendas... Rendas de Veneza... Rendas de Bruxelas... Rendas de Alençon... Rendas de Bruges... Rendas de Milão... Rendas de Inglaterra... Rendas de Peniche, de Craponne, de Cluny, de Auvergne, da Irlanda, de Malines, de Paris, de Argentan... Rendas Valencianas... Rendas Colbert... Rendas de Chantilly...

Rendas...

A mulher adora-as... Nós adoramos as mulheres — e nela as rendas...

E ninguem pensa, hoje, ao ver as rendas, que o sucesso delas foi devido á «coquetterie» dos homens de outros tempos...

Como isso lá vai longe, escondido nas brumas do passado!... É-nos preciso um certo esforço de imaginação — ou, pelo menos, de concentração evocativa — para reconstituirmos o luxo dos gentis-homens da côrte de Luiz XIII, de França, por exemplo, entre os quais, alguns, como Cinq-Mars, deixaram no seu espolio mais de 300 adornos e enfeites de rendas!

Depois... as rendas cairam em desuso... Dormiram o injusto sono do esquecimento... aparecendo apenas, e sem grande brilho, modestamente, num infimo acessorio: nos pequeninos e... inuteis... lenços femininos...

Mas nestes ultimos cinquenta anos (se não um pouco mais) as rendas fizeram a sua reaparição triunfal, transformando-se, com a subtil delicadeza do seu tecido e dos seus graciosos desenhos, num dos mais «coquettes» ornamentos da graça empolgante da mulher... E porque as rendas juntam mais uma nota graciosa á harmonia complicada da «toilette» feminina, a mulher foi adaptando as rendas a todas as peças dessa «toilette»... As rendas têm sido, e são, por vezes, ainda — toda a «toilette»...

«Corsages» de rendas, «combinações» de rendas, saias de rendas, vestidos de rendas, «manteaux» de rendas...

E as rendas invadiram tambem a casa... Cortinados, colchas, aplicações de rendas aos estofos — coisas encantadoras salpicando de brancura e de arte certos recantos de interiores...

Rendas... A loucura das rendas!...

Sedas... tules... Coisas macias, coisas vaporosas... Espumas...

Vestidos de seda, vestidos de tule... Laços... enfeites... folhos...

Meias de seda... Saias de seda... blusas de seda... Camisas de seda, tenues, exiguas, transparentes quasi... Calções de seda finissima... Calções de seda preta... Calções de seda branca, de seda côr-de-rosa, lilazes, verde-palidos, carminados... Oh! Como os pequeninos calções de seda fazem realçar e valer a beleza do joelho sob a meia esticada!...

Tudo isto — vaporoso, subtil, encantador, alucinante — a instintiva ou consciente «coquetterie» feminina tem descoberto, incitando as mulheres, maliciosamente, a tornarem-se cada vez mais desejadas e mais misteriosas...

Sedas... tules... rendas...

...E mulheres...

A mulher tem a consciencia do que vale, das emoções que produz, dos sentimentos que inspira, da sedução que exerce... A maior parte do Bem e do Mal que a Vida encerra, que na Terra existe — é a obra da mulher...

A Gioconda, de sorriso suave e enigmatico, na sua atitude calma, vive, todavia, num ambiente de triunfadora... O triunfo resultante da sua simples presença...

E a mulher tira partido da espécie de embriaguez — quando não loucura — que invade a alma masculina á simples aparição da sua silhueta entre essas sedas, essas rendas e esses tules, envolta em todos esses veus cujo engenho vaporoso, tufado, espumoso, aumenta o misterioso poder tentador de todos os encantos que possui...

Esses «taffetas», essas «mousselines», essas ricas e graciosas rendas, «chifonnés», entrelaçadas, incrustadas — todo esse paraíso de finas e doces roupas que envolvem os seus movimentos, os seus gestos, as suas atitudes, o seu andar... Esse templo luxuoso que perturba a nossa sensibilidade e a povoa dos mais subtis «frissons» e que, para a epiderme e para a alma da mulher, tem a discreta leveza duma brisa e o sabor penetrante duma caricia...

Tules... rendas... sedas... e mulheres...

Ha quem defenda o nu... Ha quem pratique o nudismo...

Os poetas cantam o nu... Os escultores esculpem o nu... Os pintores pintam o nu...

Mas a mulher, no geral, zomba do nu, do nu integral, e deixa os poetas, os pintores e os escultores entregarem-se a esse diletantismo...

Elas lá têm as suas razões... Um ironista escreveu algures, um dia, que o nu é... o vestuario mais dificil de usar com elegancia... E, na verdade, a Moda, com toda a sua habilidosa ciencia, com toda a sua maquiavelica arte, cria e faz renascer, constantemente, sob mil artificiosas formas, esses maravilhosos involucros, ligeiros, vaporosos, que se adaptam admiravelmente ás linhas, ás curvas dos corpos femininos e que — mantendo-os num ambiente de misterio — ocultam e atenuam quaisquer incorrecções do seu equilibrio...

Os gregos, que admitiam que se apresentasse, nas obras de arte, o homem nu, não permitiam que nessas obras se ostentasse a nudez completa da mulher. Ha quem tenha pensado que esta especie de susceptibilidade era apenas devida ao facto dos gregos entenderem que as formas da mulher eram menos harmoniosas, menos nobres, menos dignas de arte que as do homem.

A escultura grega, no geral, só apresenta, em toda a sua nudez, o dorso da mulher, cobrindo-lhe de roupagens o resto do corpo. Isto teria sido, na verdade, o resultado dum escrupulo artistico? Ou seria uma homenagem rendida á delicadeza natural e ao pudor instintivo da mulher?...

Não sabemos...

Os tempos, porém, mudaram bastante... e hoje o nu vai triunfando...

Concorrem para isso — os desportos, as praias e o cinema... Os corpos femininos, mais gimnasticados, mais banhados de sol, de luz, de ar, de aguas do mar, adquiriram outra «souplesse», outro equilibrio de linhas, outra harmonia de movimentos. E tudo isto — embora ainda as rendas, as sedas, os tules os envolvam parcialmente numa atmosfera de sonho, de sedução e de misterio — vai abrindo brechas profundas, irreparaveis, nesse antigo pudor...

Sedas... rendas... tules... plumas... flores... — todo esse vaporoso, diafano, gracioso conjunto, que antes servia para deixar só imaginar o nu, visionar o nu, torná-lo mais misterioso e mais sedutor — vai servindo, agora, apenas de complemento decorativo ao nu que se ostenta...

E as pernas nuas saem, olimpicas e impudicas, das embriagantes espumas de Champagne das rendas... dos tules... das sedas...

Rendas... Sedas... Tules... Mulheres...

Transitorias, efemeras, ilusorias expressões da Vida — se por esses corpos e por esses maravilhosos tecidos não passar o sopro dum espirito elevado, o arrepio divino dum sentimento grande, o riso irizado ou a lagrima magoada duma profunda emoção artistica...

Rendas...

S. C.

E... MULHERES

O segredo das rosas

Certa abelhinha doirada,
Num zumbido muito ledo,
Admirando a côr das rosas,
Quis saber o seu segrêdo...

Zumbindo, sempre zumbindo,
Dirigiu-se, delicada,
— Preguntando docemente —
A uma rosa encarnada:

— «Porque és tu assim tam rubra,
Oh linda rosa vermelha?!
Será vergonha dos beijos
Que recebes desta abelha?»

— «Foi que absorvi todo o sangue
— Diz-lhe a rosa olhando a terra —
Dum soldado que morreu
Como um valente na guerra!»

E a abelha sempre palreira
Vai ás rosas côr de rosa:
— «Porque tendes essa côr
Tam bonita e tam mimosa!»

— «Abrigava a nossa mãi
Comnosco ainda em botão
Uns noivinhos muito ternos,
Que se amavam com paixão...

«Deram o primeiro beijo,
Um longo beijo de amor...
A gente foi testemunha,
E Deus fez-nos desta côr...»

Havia uma rosa branca,
Muito branca e muito bela...
Foi a abelha e preguntou-lhe,
Receando pousar nela:

— «Tu que és tam branca e tam pura,
És feita de claridade?...»
— «Foi dum anjo que morreu
Que nasci, branca saudade...».

(Inédito).

Desilusão

Para onde vais alegre viandante
crente num ideal que tanto amei?
Caminhas enganado, delirante,
em busca desse bem que procurei.

Já corri todo o mundo confiante
e só comigo triste aqui fiquei!...
Repara nesta dôr, ó caminhante,
não chegues tu a isto que eu cheguei.

Mas se 'inda não sofreste, porventura,
se a vida te correu leda, hora a hora,
não te importe saber de quem chorou.

Ai! não vejas tamanha desventura
não pares. Deixa lá chorar quem chora
Que nem tu nunca saibas quem eu sou.

Falso

Ao ver-te, lindo livro encadernado,
quanta vez eu pensei em desfolhar-te,
ler-te bem, folha a folha, e decorar-te
relendo-te tambem a meu agrado.

Alguem menos feliz, foi apressado,
em abrir-te, querendo soletrar-te,
conhecer bem o amor que, com tanta arte
na capa, a letras d'oiro foi gravado.

Mas tu, oh livro, foste enganador!
Tinhas por fora, só gravado amor,
por dentro, tudo em branco, nada havia,

nem uma letra. Falso tanto e tanto!...
Devendo preencher-te o amargo pranto
da infeliz criatura que te abria.

POR

ISAURA MATIAS DE ANDRADE

Queluz

Ilustrações de Ferreirinha

De outros tempos de graça e realeza,
Rescendentes de encanto e de poesia,
Não sei porque encanto, porque magia,
Julgo ver a passada gentileza.

Serões do Paço... Noites de beleza!
Tudo visiona a minha fantasia!
E uma sombra distingo, fugidia...
Certo vulto gracioso de princeza...

Que silencio! Nas velhas alamedas,
Nobres figuras, frontes empoadas,
Surgem, trajando roçagantes sedas...

Então evoco os sonhos e os desejos
Dos espectros gentis de eras passadas,
E oiço o estalar dos risos e dos beijos!

BEATRIZ BEIRÃO

LEZIRIAS

Portugal, que tem, como todos os países, caracteristicas especiais nas suas provincias e dentro destas nas suas regiões, tem na Estremadura, essa provincia que o Tejo, o Liz e o Sado molham tornando lhe viçosos os seus vinhedos, produtoras as suas searas e abundantes os seus olivais, a Leziria, a baixa do Ribatejo, o campo de pastagens, onde se criam as manadas, onde vivem os campinos.

A capital da Leziria, é Vila Franca de Xira, a Sevilha portuguesa, como se lhe chama.

Vila Franca, é um lindo burgo ribatejano, um maravilhoso rincão com todo o colorido sadio portuguez pejado de pitoresco, vincado de bucolismo, cheio de traço rasgado e vivo como a moldura duma novela rural.

Na Leziria, de Vila Franca de Xira recorta-se a novela onde palpita, a par do amor pela gleba, a beleza dos seus costumes e o fundo impressivo da sua gente.

Foi neste cenário que o «Bloco H. da Costa» produziu o Gado Bravo, *esse filme de que damos algumas gravuras, que breve será exibido em Lourenço Marques, e por onde passa essa vida calma de costumes, viva de trabalho e iluminada de paz, a vida da Leziria!*

NZE horas da noite. Extenuados, o corpo moido, vazia a cabeça, como que embrutecidos, vamos regressando lentamente a casa. Falar, nestas condições, seria um sacrificio. Por isso seguimos mudos, olhos no chão, passos pesados e pachorrentos.

O dia fôra arduo e de calma asfixiante, o que mais penoso tornara ainda o nosso labor. Na quasi completa insensibilidade em que marchamos, um unico pensamento atravessa o nosso espirito, uma unica aspiração nos faz ainda mover as pernas: chegar a casa.

Chegar a casa! Entrar naquele quarto maneirinho, em que nos espera uma caminha muito branca, muito fofa... Idéa radiosa que por si só basta para nos acelerar o bater do coração! E se por uma fatalidade qualquer não encontrassemos lá a nossa cama, Se no-la tivessem roubado? Como nos sentiriamos desgraçados!

Mais cinco minutos ainda...

Emfim, chegámos. Uma após outra, caem numa cadeira as diferentes peças de vestuario.

Faltam, agora, os sapatos, a que a poeira de certa rua não macadamizada deu um aspecto bilioso. Para os tirar, sentamo-nos num velho «maple», forrado de verde, nosso companheiro fiel de tantos anos. Nas boas como nas más horas, sempre o tivemos a nosso lado e sempre de igual modo nos abriu os braços acolhedores. Pudessemos nós dizer outro tanto de alguns amigos... Mas não, nenhuma amizade se pode comparar á do nosso velho «maple» forrado de verde. Não admira, pois, que lhe queiramos como á menina dos olhos e a ele nos entreguemos inteiramente, com aquela cega confiança que vem do prolongado convivio com um caracter solido. As suas caricias não enganam, não atraiçoam. É sempre o mesmo. Nos seus braços, na macieza do seu forro verde, sentimo-nos tam seguros, tam protegidos, como sob a asa dum anjo tutelar.

Libertos dos pesados sapatões, os nossos pés roçam, agora, voluptuosamente, um pelo outro. Começa a invadir-nos uma deliciosa sensação de bem estar. Abrimos os braços, recostamo-nos...

Que grande invenção foram os «maples»! E no nosso reconhecimento abrangemos comovidamente quantos de perto ou de longe possam ter contribuido para a maravilhosa realização. Desde o preto boçal, que colheu a rama alvissima, sob um ceu de fogo, ao marceneiro habil que deu forma e elegancia ao madeiro bruto e rijo, todos perpassam no nosso espirito como em brilhante parada de bemfeitores.

Á pequenina janela duma das «Interwoven» acaba de assomar, curiosa e «coquette», a cabeça rosada dum dedo. Olho-a meio inconsciente, pregunto confusamente a mim mesmo que infernais pensamentos não albergará a cabeça dum dedo a tal hora da noite; e a fitá-la me fico, cada vez mais entorpecido, as palpebras a deterem-se sob um peso enorme...

O tempo passa. Tambem nós. Já não somos o pobre jornalista curvado sobre uma mesa de redacção como outrora o nazareno ante a furia dos fariseus. Já não somos a muleta humilde e prestimosa a que tanta gente se tem encostado. Ha quem se descubra á nossa passagem... Como o Chico da «Hora Suprema», tambem nós dizemos, agora, altivos: «Somos Alguem! Somos Alguem!». E subimos, subimos sempre... Por fim, paramos á porta dum edificio majestoso. Entramos, subimos degraus por entre filas reverentes, ocupamos a cadeira mais alta em sala vasta e austera. Mil olhos se cravam em nós, como se entre mãos tivessemos algum punhado de vidas. Lá fora, uma voz esganiçada anuncia:

— Está aberta a audiencia!

Já não restam duvidas. Somos juiz! A grande causa do ano atingiu o seu «climax». Pela nossa frente vão passar os réus. São muitos, são inumeraveis. É a multidão ululante dos que ao jornalista fizeram dano ou dos jornais se aproximaram com intuitos menos puros ou menos honestos.

Vem á frente a chusma dos vaidosos. Pequenos delinquentes que ao juiz inspiram um leve sorriso de tolerancia. São os que pedem referencia aos acontecimentos da familia: exames, baptizados, casamentos; os que enviam esmolas com a indicação expressa de não esquecer o nome do doador; os que vão apresentar cumprimentos, menos pela consideração que lhes merece o jornal do que pelo desejo de ver nele o seu nome no dia seguinte; os que obsequeiam a gente dos jornais, pensando apenas num possivel acrescimo de prestigio ou de popularidade; o que dá apontamentos para uma entrevista com muitas rodas de excelencia e o que nada diz mas acha depois «fielmente reproduzidas» certas declarações que o desgraçado articulista suou para compor... Afinal, culpas leves que o magistrado castiga com benevolencia: vinte

Esta noite tive um sonho...

(Aos mártires do jornalismo)

Por XAVIER VALENTE

dias de multa á razão de três necrologios por dia.

Vêm atrás outros com a «parte» mais carregada. São os incompetentes, os favorecidos, os medrosos de toda a casta que, a todo o momento, receiam o aguilhão da publicidade. São os que, ontem, quando o pobre jornalista não era ainda a laboriosa abelha dessa temida colmeia que se chama a Imprensa, passavam por ele desdenhosos, e já hoje lhe tiram apressados o chapeu e lhe chamam «caro amigo» e lhe dão palmadinhas nas costas...

Indiferente aos sorrisos aduladores como ás vénias subservientes, cuja origem conhece de sobejo, o juiz presidente ainda desta vez se mostra generoso:

— Cinquenta artigos de fundo e mais três meses de leitura de provas.

Para alguns, menos:

— Vinte cronicas desportivas, duzentas «partidas e chegadas», quarenta «informações».

Seguem na fila os manhosos e os ingratos, os que procuraram o «homem do jornal» em hora de aflições e o esqueceram logo que servidos; os que se aproveitaram do seu pequeno prestimo para fazer vingar uma idéa, uma causa, um interesse, e, no dia seguinte, o relegaram para canto escuro onde ninguem o distingue e donde não saia a mais pequena voz sobre a parte que ele teve no bom exito do empreendimento.

— Trezentas cronicas da rua, na alternativa de novecentos «ecos» e «sueltos», que a ingratidão é crime feio que cumpre punir com rigor.

Por ultimo, os perigosos. Ha na assistencia um movimento de curiosidade. Todos os olhares incidem sobre eles. São poucos. São apenas meia duzia. O seu aspecto, ao contrario do que podia supor-se, é o de homens felizes, bem vestidos, bem alimentados, bem instalados na vida. Dizem os autos que se serviram do «reporter» e do redactor como de degraus para trepar e para conseguir certos fins quasi sempre pouco confessaveis. Politicos e financeiros, aventureiros de luva branca e tartufos ardilosos que abusaram da boa fé do jornalista e tanta vez o deixaram comprometido e humilhado. São os que lhe amarguraram o trabalho e o amarraram longas horas á mesa da redacção e lhe fizeram chorar lagrimas de cansaço e de desespero sobre os interminaveis «linguados»...

Graves, daquela gravidade vinda duma missão superior — a augusta missão de julgar — o magistrado faz a leitura da sentença. Adivinha-se já na dureza dos considerandos o rigor da decisão. A nossa voz, que um milagre de vontade tornara serena ao principio, vai-se a pouco e pouco alteando. Já não é a palavra pausada do julgador a articular friamente um artigo do codigo a cada prevaricação. É a voz vibrante do homem que sofreu inocente, que foi vitima imolada no altar das convenções. É a eloquencia, a indignação e a severidade do justo que testemunhou vaidades sem limites, paixões ruins, desejos impuros, aspirações ilegitimas e as vitupera e as estigmatiza e as condena. Torrente vertiginosa a ribombar indomavel por alcantilada garganta, rapido furioso a rasgar seu leito pela rocha viva, vagalhão alteroso a estrugir medonho de encontro á penedia, cachoeira magnifica a desfazer atroadora em apoteoses de luz... Afinal, agua sòmente, agua purissima que passa, que ruge, que purifica e vem, por fim, morrer na areia, entre lençois de espuma...

— Quinhentas resenhas das sessões do Conselho do Governo e revisão por toda a vida dos artigos do dr. Palma Calado.

Soam as nossas palavras nos ouvidos dos réus como dobre de finados. Vemos lagrimas nalguns olhos, ha talvez entre eles quem preferisse a morte... O curto silencio que se segue pesa sobre as almas como chumbo derretido. Terminou o drama, vai começar a expiação.

Vergados ao peso do seu infortunio, aniquilados, vencidos, os desgraçados vão abandonando a sala entre cordões de baionetas. Vemo-los sair, condoidos, sim, mas com a consciencia tranquila de quem cumpriu um dever.

Lá fora, o meirinho grita que está encerrada a audiencia. Fecham apressadamente as portas, tam apressadamente como no teatro correm o pano sobre o ultimo acto das grandes tragedias...

....

Mas não são as portas do tribunal que fecham. São as janelas do nosso quarto que batem, sopradas pela brisa da manhã.

Quatro horas e a lampada ainda acesa... Maldito pesadelo!

da importancia social da arte

[excerto duma conferencia]

O PRIMEIRO capitulo deste trabalho destina-se a ligeiras considerações sobre a psicologia da Arte, no ponto referente á sua importancia social, focando apenas o aspecto onde a Arte e o Belo representam a vida.

E formula-se a seguir, este raciocinio:

— O que é a Arte?
— É a expressão do Belo.
— E o que é o Belo?
— É o esplendor do verdadeiro — disse Platão.

E a inteligencia relaciona deste modo a definição estabelecida:

O «Gladiador», uma das mais belas obras da escultura antiga, é uma expressão de beleza. No entanto, o Gladiador autentico, o homem agonizante, na realidade, não seria uma obra de Arte.

Vi, uma vez, o grande tragico Zaconi, interpretando o «Oswaldo» dos «Espectros». Era uma obra de Arte. No entanto, um desgraçado como «Oswaldo», observado na vida real, só nos inspiraria terna piedade, mas não lhe encontrariamos arte alguma.

Diremos que são diversas as emoções recebidas, em ambos os casos, tanto num como noutro exemplo. Dum lado haverá emoções de Arte, doutro lado não.

Mas coloquem-nos Zaconi interpretando o «Oswaldo» na vida real; façam-nos crer que é um desgraçado autentico, que não se trata duma personagem ficticia. Neste caso, não tem, para nós, valor algum. Terá perdido toda a Arte, toda a Beleza. Mas façam-nos crer, logo em seguida, que é duma personagem ficticia que se trata. Voltaremos a encontrar-lhe a Arte e a Beleza perdidas.

É que no «Oswaldo» vivo, autentico, ou que julgamos tal, nós sabemos que ha simplesmente vida, que não ha trabalho de actor, interpretando uma obra. E no «Oswaldo» ficção de teatro sabemos que não ha vida, que apenas existe a expressão, o trabalho de actor.

Isto deixa ver que a Arte é a expressão da Vida. E que o Belo é a Vida.

Toda a Arte consiste no trabalho de criar, de fazer viver o insensivel, o inerte: o marmore, a côr, o som, etc.

A Maternidade, por exemplo, pode interpretar-se de varios modos, se fôr observada na sua plenitude emotiva. Mas só poderá ser uma expressão de Arte sob o ponto de vista da emoção escultorica, ou pictorica, ou musical, ou poetica.

A Arte é assim, como o oxigenio: tem o poder de avigorar o organismo, dando-lhe força e saude. Quanto mais e melhor traduzir a vida, quanto mais fizer o milagre de animar o inanimado, tanto mais será perfeita a obra de Arte.

O meio de que se serve a Arte para exprimir a Vida, é a emoção. A Arte desperta todas as emoções: a alegria, a dôr, o desespero, a saudade, a ternura, o amor, etc. E é por meio das emoções que desperta, que a obra de Arte vive. Não poderia ser Arte o que traduz a morte, pois que a morte não é o Belo.

Porém, o Belo não é uno, pois é constituido por gradações variadas, do menos belo ao mais belo. Ha menos belo e mais belo, conforme a vida.

Assim, para o poeta, a Mãi é a ternura fervorosa e mistica, divinizada na canção do berço — é uma abstracção. Mas para o artista que sente a vida, que realiza as suas obras através do sentimento humano, a imagem da Maternidade evoca idéas de defesa e concebe-as, nas suas linhas, nos seus planos e nos seus volumes, com a altivez petrea do castelo e a consistencia desafiadora duma muralha. Essa Mãi que acaricia o filho, não com a delicadeza lirica duma estrofe, mas com um ardor atormentado e receoso, com um particular sofrimento, cingindo-o contra o peito, para melhor o defender do mal, simboliza maravilhosamente a idéa da Maternidade, exprime melhor a Vida. O sofrimento, neste caso, consola, inebria. A emoção dolorosa torna-se uma fonte de prazer.

Gomes Leal dizia:

«Dôr ultima nota da escala da Beleza.
Dôr ultima nota da gama do prazer...»

Assim se explica que não exista arte onde não exista dôr. Guerra Junqueiro disse, um dia, a Antero de Figueiredo, que a Suiça era um país onde não havia Arte, porque não havia Dôr.

Taine, fazendo a critica da pintura nos Países-Baixos, diz tambem que, no tempo das guerras religiosas, a Arte teve um renascimento. Explica-se isto pela razão de que a ansia de viver, o desejo de viver, e uma melhor concepção da vida, possui melhor o homem quando ele sofre.

Por esta razão se explica que a Arte tenha atingido as proporções mais gigantescas do genio humano, quando o vulcão dos fenomenos sociais atingia o maximo das erupções — quando a luta pela liberdade e pela vida era mais intensa.

× ×

Terminado o ligeiro raciocinio sobre a psicologia da Arte, cabe agora esboçar, a largos traços, a historia da sua evolução, indispensavel ao estudo da sua importancia social.

«Na documentação da vida pré-historica, acumulada dia a dia pelos sabios, pode deduzir-se que o homem, desde a sua origem, sempre se inclinou á perfeição das coisas. Esses documentos imprecisos não nos habilitam, é certo, a fazer um juizo claro do espirito embrionario do homem, mas falam da caverna de Altamira, dos pintores paleolitas, dos escultores menhirs, o que basta para concluirmos que o sentido estetico do homem é genesico.» (1).

Deve-se, porém, ás organizações cientificas a reconstituição de muitos aspectos do passado, cujos subsidios hoje pertencem á Historia da Arte, dando-nos uma idéa da ascese do homem ante o esplendor das coisas.

Vieram, depois, varias civilizações, onde o espirito do homem se revelou em progressiva formação, desenvolvendo principios, teorias, escolas, estabelecendo o sentido critico, transformando em faculdade o que até ali fôra simples e genesico apogeu do espirito.

A seguir, a Arte toma uma importancia social nunca ultrapassada, na Civilização Grega. Instala-se na mentalidade deste povo. Faz parte integrante da sua razão de ser: «alma sã em corpo são». É o axioma que condiciona a sua educação moral e social. Dedicam-se á Arte e á Guerra e conseguem construir a maior civilização de todos os tempos. O conceito do Belo, deste povo, chegou ao fanatismo, até ao ponto de suprimir do meio ambiente os velhos e os inuteis, não pelo desejo simples de matar, mas para satisfazer a sua obsessão estetica. Neste tempo era ainda estreita a noção da assistencia social, o que mais tarde veio a difundir-se pelo verbo iluminado dos seus filosofos e moralistas. Mas que brilhante epopeia da Arte! Que belo periodo da Historia da Humanidade! Este é o ponto de partida para a grande jornada das civilizações. É aqui a fonte do saber, onde a humanidade aprendeu a deduzir a razão cientifica das coisas...

Continuando a obra eterna da Civilização Grega, surge, depois, a civilização romana. Outra epopeia de esplendor, onde a Arte participou da estrutura moral e social do povo. Outra civilização a ocupar um dos mais belos lugares da Historia da Humanidade.

Termina neste momento a primeira «étape» das grandes civilizações.

Segue-se, depois, a revolução cristã — o ponto de partida donde se arrastou a humanidade, durante seculos, através dum obscurantismo que merece especiais referencias, indispensaveis ao estudo social da Arte.

«No alvorecer do cristianismo, ensaiando, a Humanidade, os primeiros passos para um novo sistema social, o homem modificava, ao mesmo tempo, a sua sensibilidade estetica, concebendo a Arte duma maneira nova, exprimindo por simbolos estranhos uma nova ideologia, uma nova fé pelo Cristo Redentor e, consequentemente, uma nova moral, uma nova consciencia.» (2).

Na pintura e nos relevos das catacumbas, a partir do primeiro seculo da era cristã, a Arte restringe-se aos limites acanhados duma idéa social em formação. Mais tarde, dá-se o movimento dos iconoclastas, que destroem obstinadamente todas as imagens, pelo motivo de que a Arte é a materialização das coisas divinas, a negação do abstracto e do mistico, e pela razão de que a Arte, no seu justo conceito, é a Vida. Este movimento

toma, sem duvida, o aspecto duma revolução social. Com a Guerra Santa, a Arte toma outro caracter: as imagens convulsionam de novo o mundo crente; constroem-se gigantescas catedrais, onde o genio cristão se evidencia, mas esta Arte, senhores, não é uma evocação da vida terrena, da vida humana, e por este motivo não póde exercer a mesma utilidade social da Arte Grega. A Idade Média ficou a representar uma noite de trevas na Historia das Civilizações. O genio medieval é a negação da vida.

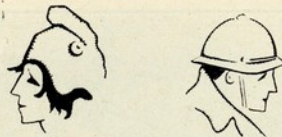
Reagindo contra os seculos de compacta escuridão da idade média, surge o Renascimento, iniciando uma nova «étape» da Historia da Arte. Esta vem impregnada de humanismo, quer corporizando a lenda, quer interpretando a vida. O movimento social do renascimento, onde a Arte animou poderosamente as maiores empresas do genio humano, corresponde a um dos periodos mais brilhantes da humanidade. Na ansia de libertar o espirito do misticismo medieval, os artistas da Renascença, mormente os florentinos, vão ao helenismo buscar os motivos pagãos da sua Arte, exprimindo o caracter humano e realista das coisas. Mas os artistas flamengos são mais humanos: não restringem a Arte aos assuntos religiosos e preferem os assuntos da vida real. Por esta razão, a sua Arte é superior á de Florença, cujos artistas interpretam sistematicamente os assuntos da lenda cristã. A literatura acompanha, de igual modo, este movimento, libertando-se do misticismo religioso, reproduzindo a vida. Lançam-se os povos nas empresas maritimas, desenvolvem-se as ciencias, as letras e as Artes. A cultura cientifica permite a concepção realista do mundo. O renascimento marca uma época de conquistas intelectuais e morais, onde a Arte ocupa um dos melhores lugares da sua Historia.

Segue-se, depois, um periodo de estagnação, onde a Arte perde o sentido social, restringindo-se ao pretenciosismo palaciano, esterilizando-se em maneirismos frivolos. Nem idéas, nem ambições sociais, nem humanidade. É o banalismo, a hipocrisia fradesca, arrastando-se numa sensualidade morbida, exprimindo um sentido rasteiro da vida. O doirado das alcovas mornas e dos coches, dum luxo superfluo e ridiculo, significam uma desvairada materialidade, uma megalomania, onde o genio da Arte é corrompido e se retrai do contacto elevado da Humanidade.

Termina aqui a segunda «étape» das civilizações.

Vem, agora, a Revolução Francesa, o fenomeno que liberta das grilhetas os escravos e oprimidos, um dos maiores gritos de revolta lançados pelo homem humilhado. Traz consigo um novo sentido da vida. Este fenomeno determina a emancipação social dos povos, reivindica os direitos de liberdade, dando ao homem a categoria de cidadão livre. O homem liberto edifica a grande civilização do seculo XIX, que chega até os nossos dias. Este é o seculo das grandes explorações cientificas, das grandes invenções, das organizações burguesas, das maquinas e das fabricas, das grandes empresas economicas. É, tambem, o século das grandes lucubrações intelectuais e das grandes criações, onde a Arte teve um papel correspondente aos progressos cientificos, chegando a ser, nalgumas modalidades, insuperavel. A Arte, como não podia deixar de ser, foi sempre uma expressão da vida, e sendo esta intensa, a Arte acompanhava, a par e passo, o seu movimento.

Vem, por fim, a Grande Guerra, a maior maquina de trucidação humana que jamais se instalou sobre a terra. A ambição dementada dos homens detentores da alta finança, que tambem tinham a missão de governar os povos, lançou a humanidade naquela sangueira, naquela carnificina sem igual, negando o direito á vida, transformando o homem em carne de canhão. Era o saciar desenfreado e vesgo da megalomania, era a ambi-

ção infernal de meia duzia de senhores, que mandavam nos destinos do mundo, sem respeito algum pela integridade humana, num desprezo abominavel pela vida. Porém, um dos povos lançados na Guerra, reage contra aquela trucidação diabolica. Este é o povo russo. Os homens que os tinham lançado naquela carnificina inutil e desvairada, perdiam, assim, o direito de impor aos povos as suas doutrinas mentirosas, os seus sistemas corrompidos e falhados. A Arte tornou-se a expressão do grito lançado pela humanidade contra a ambição truculenta dos Senhores, que prepararam aquele horrendo apocalipsis. E assim é que se inicia um outro renascimento, reagindo contra o passado iniquo e traiçoeiro, que atirou a humanidade para essa guerra absurda, que ha-de manchar de sangue as paginas da historia, marcando a ignominia dos homens ambiciosos. Nunca a Arte atingiu uma importancia social como depois da guerra. Os artistas modernos, compenetrados das realidades sociais do momento que passa, cientes do novo ritmo da vida e do genio construtivo que a caracteriza, ligam-se intimamente ao seu dinamismo, colaborando neste novo renascimento.

× ×

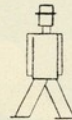
Ao iniciar este capitulo, destinado a demonstrar a importancia da Arte na educação do individuo, convem lembrar um pequeno exemplo que os senhores, sem duvida, conhecem, e que participa dos sistemas pedagogicos estabelecidos, embora muito rudimentarmente — o da educação pela imagem. Ao colhermos um «magazine», uma publicação ilustrada, logo a nossa curiosidade se inclina para as imagens, antes da literatura nos prender a atenção. Só depois de satisfeita a curiosidade pela imagem é que nos dispomos a apreciar o valor literario do texto. A predilecção pela imagem acentua-se particularmente nas crianças, mas nós, adultos, não deixamos tambem de ser sugestionados por elas, o que demonstra o grande poder de sugestão que as imagens exercem no nosso espirito.

Supomos que o fenomeno se realiza deste modo: as imagens literarias precisam de ser reveladas no nosso cerebro, emquanto que as imagens graficas se encontram já reveladas por sua natureza. O fenomeno da recepção e fixação das imagens literarias no cerebro, determina um esforço maior que o das imagens graficas. É a lei do menor esforço, que produz o seu efeito, conduzindo-nos, em primeiro lugar, ás imagens graficas, que já se encontram reveladas.

Na ciencia da Publicidade atende-se muito a esta particular preferencia do nosso espirito pelas imagens plasticas, que têm o poder de despertar espontaneamente a atenção e o raciocinio, produzindo uma percepção instantanea. A moderna pedagogia indica a particular utilidade das imagens plasticas no ensino. É que as idéas formadas por estas imagens, àparte o seu valor impressionista, ficam a perdurar na memoria dos individuos infinitamente.

Em face do que expusemos se deduz a importancia pedagogica das Artes Plasticas e se explica o exito que elas têm alcançado na educação moderna, em certos países civilizados.

Abro um breve parentesis, desviando-me da estrutura desta conferencia, mas não é sem motivo que me hei-de referir á educação artistica da nossa gente. Estou dentro do tema, mas afasto-me da generalização que adoptei desde o principio. É um grito de protesto que não posso conter! Mas perdoem-me! Serei breve e pouco fastidioso:

Entre nós, o que se verifica, quanto á cultura artistica do individuo? O que pensa ele da Arte? Verifica-se este caso singular de ignorancia e atraso: chamam «bonecos» ás imagens plasticas! Nisto se resume o atraso da nossa educação artistica. Bonecos! Coisas que se dão ás crianças para as divertir. Bonecos! A palavra simboliza uma representação claunesca. Bonecos! Fantoches! E, no entanto, senhores, pode haver nesses bonecos tanta humanidade, tanto genio, que de simples farrapos, de simples traços, de simples pinceladas, se convertam na gloria intelectual duma raça, no documento eterno duma grande civilização. Bonecos! Soubessem os pobres de espirito das torturas morais, dos desesperos, das lagrimas, dos bocados de alma, que o artista deixou nesses bonecos! Que tristeza, senhores! Dá vontade de chorar... E o que mais admira é que pessoas cultas tambem lhes chamem bonecos! Por que razão não se chama, ás Escolas de Belas Artes, «escolas de bonecos»? Que utilidade têm essas escolas que só ensinam a fazer bonecos? Que tristeza produz a ignorancia artistica da nossa gente! Que fim espera o artista que tem de viver dos seus bonecos, dos seus fantoches? Que espera ele? A miseria, a «morgue» e a vala comum! Bonecos! No entanto, este batalhador, este apaixonado interprete da vida, que dela arranca os mais intimos segredos, que nos são revelados em expressões de beleza, este homem que derrama generosamente pela humanidade o verbo do seu saber estranho, este desgraçado, senhores, morre de fome, quasi sempre confundido com os bonecos que fez... Pobre fantoche!

Fechado o parentesis, retomo o caminho da dissertação.

A educação social dum povo, para que não fôsse lenta, seria necesaria a intervenção das Artes Plasticas, que têm um poder dinamico e construtivo superior ao das outras modali-

(Continua na página 409)

Da ressurreição dos bichos

DESDE as épocas mais remotas que o homem aproveita as peles dos animais para variadissimos fins, conhecendo processos mais ou menos perfeitos para a sua curtimenta e flexibilidade.

Esses processos não eram destinados a tornar conhecidos os animais, mas apenas utilizados para a industria domestica, e os naturalistas da antiguidade não tiraram partido desses conhecimentos para conservar os despojos dos animais, fôsse para os comparar, fôsse para documentar as afirmações que acerca deles faziam.

É na idade média que os alquimistas e os feiticeiros, para impressionarem a imaginação dos profanos admitidos nos seus gabinetes de trabalho, ornamentavam as paredes com despojos de animais desconhecidos do vulgo e preparados por meios muito primitivos. Ainda em nossos dias e com o mesmo fim, as cartomantes de escada acima não dispensam no seu cenario a inofensiva e prestimosa coruja, nem o sapo, tam util quão antipatico.

Mais tarde, esses despojos encontram-se nas colecções dos amadores de curiosidades e nos armazens dos antiquarios, de mistura com armas e armaduras ferrugentas. Ainda no seculo XVIII aparecem nos gabinetes dos antiquarios eruditos, pseudo-sereias fabricadas com troncos de macaco e caudas de peixe, de mistura com escamas de tartaruga, peles de crocodilo e giboias cheias de palha. É, naturalmente, dessa época que data o termo «empalhar», que ainda hoje se encontra nos dicionarios, não admirando que pessoas cultas ainda empreguem esse improprio termo para designar a montagem ou naturalização dos animais. É em 1750 que as primeiras tentativas de taxidermia se fazem em pequenos animais, sofrendo a arte uma verdadeira revolução com o invento do sabão arsenical de Becoeu, farmaceutico, ou «boticario», como se dizia na época, nascido em Metz e falecido, em 1777, na mesma cidade.

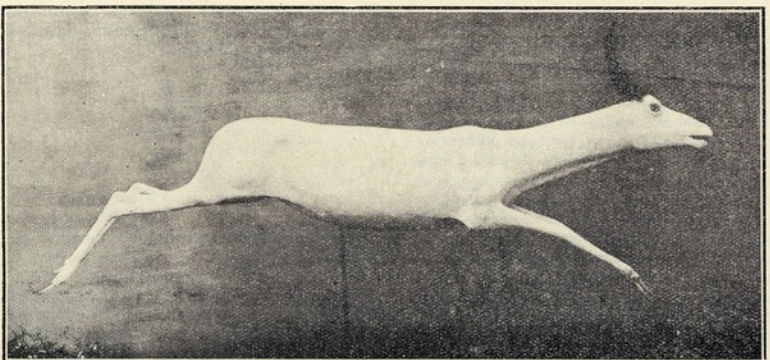
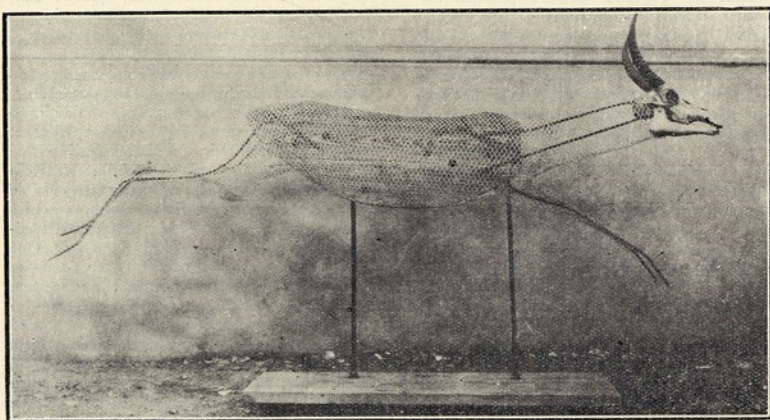
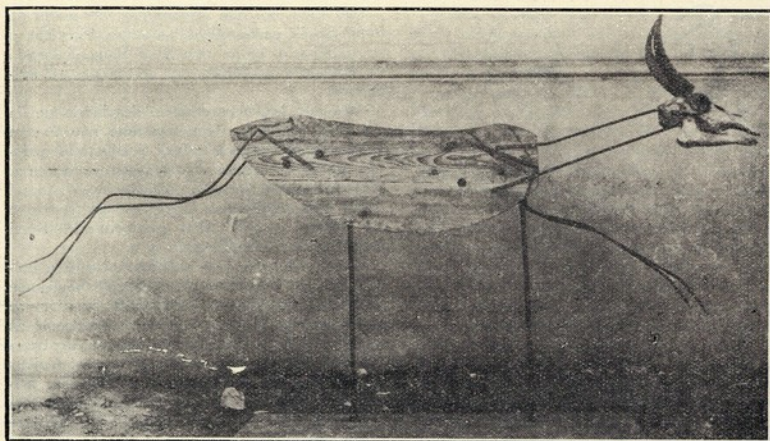
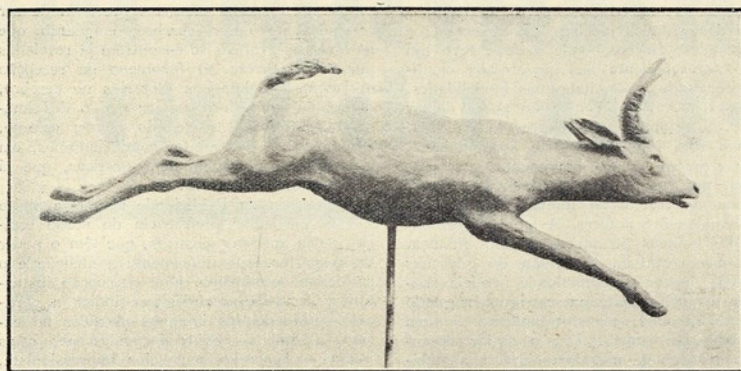
Os primeiros ensaios para a montagem de grandes mamiferos aparecem mais tarde, com tentativas e aperfeiçoamentos sucessivos, até se chegar ao que hoje se pratica e que constitui o assunto desta pequena noticia de divulgação: a taxidermia.

A palavra taxidermia é constituida por duas palavras gregas: «taxis», preparação, e «derma», pele, podendo definir-se como a arte de conservar as peles dos animais com a sua forma caracteristica e com aparencia de vida.

O taxidermista moderno tem de possuir vastos conhecimentos de historia natural, de preparação e conservação de peles, de desenho e escultura, como base do seu trabalho, que é essencialmente artistico, guiado sempre pelos ensinamentos da ciencia como investigadora da verdade, sem incorrer em fantasias nem em exageros.

---

1 — Modelo em plasticine para a montagem dum Chango (Cervicapra arundinum), redução consideravel do tamanho natural. 2 — Primeira fase. Silhueta de madeira e vergas de ferro, correspondentes aos membros e pescoço. 3 — Segunda fase. Armação de madeira e ferro coberta com a rede metalica sobre a qual se coloca a modelação até tomar as formas definitivas. 4 — Ter-

ou a taxidermia no

Museu Dr. Alvaro de Castro

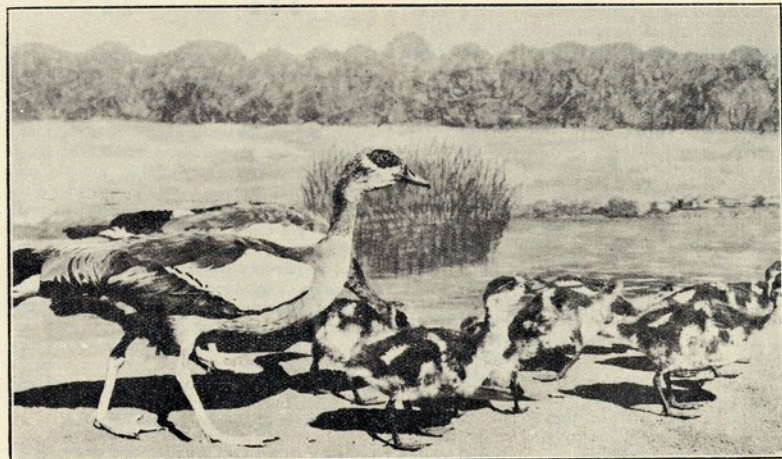
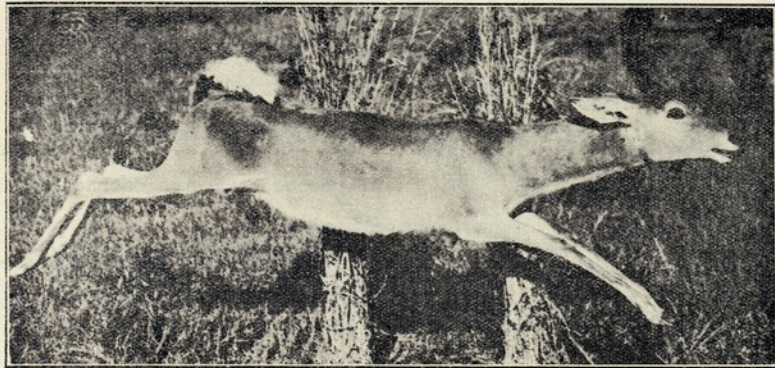
O que primeiro preocupa o taxidermista, quando recebe um animal para montar, é a pele. Tem de medi-la com rigor, pondo nesta operação o maior escrupulo, pois que dela depende o exito do seu trabalho. Emquanto se limpa a pele pelo carnaz e se procede á sua curtimenta, o taxidermista executa um pequeno modelo em barro ou plasticina, tal qual uma «maquette», perfeitamente á escala, com a possivel exactidão das formas. É trabalho que exige largas horas de estudo, observações pessoais, consulta de livros e de fotografias, para não incorrer em erros, dando atitudes ou feitios que jamais teve o animal a preparar. Concluido este trabalho, desenha-se em madeira o contorno do exemplar em tamanho natural, com a mesma atitude do modelo. Na silhueta devidamente recortada fixam-se quatro verguinhas de ferro, previamente manipuladas, correspondentes aos membros, e mais duas que representam o perfil do pescoço, para segurarem o cranio. Reveste-se, depois, esta armação de rede metalica de pequenas malhas, modelada grosseiramente, para nela se fixar a substancia da modelação. A pasta empregada para este efeito é uma mistura de papel e gesso intimamente ligados, substancia pouco grata para modelar, mas que oferece as melhores garantias de leveza e de resistencia. O exito do restante trabalho depende dos conhecimentos anatomicos que o taxidermista possuir.

Uma vez bem seco o manequim, fixa-se a pele, ainda humida, para se poder moldar a todos os musculos (tarefa que requere bastante agilidade, pois pode a pele secar antes de estar bem ajustada) e cose-se por onde se cortou para esfolar o animal, dissimulando tanto quanto possivel as respectivas costuras.

Podia-se resumir em poucas palavras toda esta série de operações, dizendo que a arte do taxidermista consiste em esfolar o animal e revestir depois a sua estatua com a pele respectiva.

Isto que se diz em tam pouco exige, todavia, muito tempo e a habilidade do escultor combinada com os conhecimentos do naturalista.

A naturalização das aves parece, á primeira vista, simples; porém, preparar, hoje, uma ave não é enchê-la de algodão em rama ou estopa com qualquer substancia antiseptica e colocá-la num poleiro torneado, como se fôsse um «loiro». Ha que lhe restituir a forma correcta e, muito especialmente, rodeá-la do seu ambiente natural em preparações que dêem a ilusão de quadros arrancados á natureza.

A montagem dos peixes oferece uma nova modalidade para o taxidermista. Depois de modelados com a forma primitiva, secando a pele, perde as suas primitivas côres, sendo necessario reproduzi-las com tinta de oleo e com o auxilio dum esboço feito, após a morte do exemplar, no qual se fixaram as côres respectivas.

É uma arte que oferece algumas dificuldades e para a saber é preciso praticar muito. Tam vasta é a sua esfera de acção que, para se atingir a perfectibilidade, ha necessidade da especialização dentro das varias classes dos vertebrados!

Todos os ramos do conhecimento humano têm evolucionado, e a taxidermia não podia fugir a esse principio. Assim, os museus de historia natural, que antigamente eram apenas armazens cheios de exemplares classificados na sua maioria com formas e aspectos que não correspondiam á verdade, estão hoje convertidos em centros de cultura geral com as colecções dispostas de tal maneira que, quem

(Continua na página 410)

ceira fase. Modelação completa e pronta a ser coberta com a pele. 5 – Quarta fase. Aspecto definitivo. 6 – Um casal de Gansos do Nilo com a sua prole, no meio proprio, reproduzindo as margens do Limpopo. 7 — Aguias [Helotarsus ecaudatus]. Inimigas terriveis das viboras e outras alimárias.

TARDE de 24 de Dezembro. Através da janela junto da qual tinham colocado a sua cadeira de convalescente, Madalena de Avelar observava tristemente o vai-vem da multidão que enchia os passeios, o rodar de mil veículos atulhados de gente e de volumes de toda a especie, que cruzavam em todos os sentidos as ruas da cidade. Subiam até ela os gritos, os chamamentos, as cantigas, os pregões das vendedeiras, o vozear dos cauteleiros que apregoavam os ultimos numeros da lotaria do Natal, emfim, toda a azafama e o alegre bulicio, precursores do grande dia que é sempre, para crentes e descrentes, pobres ou ricos, felizes ou desgraçados, o «Dia de Natal».

Uma chuva miudinha, caracteristica desses fins de tarde de Dezembro, tornava mais apetecedor o conchego do lar aos felizes que a ele se dirigiam e fazia tiritar de frio os pobrezinhos, que, enregelados, se acolhiam aos portais e aos vãos das escadas.

Arrancando-se á sua meditação, Lena, como lhe chamavam as suas muitas amigas, sacudiu a cabeça como para afastar uma idéa que andasse ha muito a atormentá-la, e, aconchegando ao peito as dobras do chale em que se envolvia, caminhou, a passos lentos, para a sua elegante secretária. Abrindo uma gaveta, tirou dela uma fotografia e pôs-se a contemplá-la demoradamente.

Representava esta uma loura cabeça feminina, de olhos meigos e vagamente tristes, a primeira mulher de Antonio de Avelar, hoje marido de Madalena. A mulher que passara como um sonho pela sua existencia, iluminando de felicidade os poucos anos da sua vida de casada, e que o deixara bruscamente, arrebatada por um mal fulminante, mergulhado na mais negra dôr, de que mal logravam distraí-lo o garrular infantil do Jorge e da Germana — a Nininha — os dois retratos vivos daquela que fôra a luz do seu lar e que mal se apercebiam da desgraça irreparavel que os atingia.

Perdida a alegria de viver, Antonio de Avelar, quasi indiferente aos carinhos dos filhos, entregues estes aos cuidados duma antiga aia, dera-se a percorrer mundo, viajando incessantemente, á procura de sensações novas que o distraissem da sua magoa.

Fôra só decorrido muito tempo, numa ocasião em que negocios urgentes o tinham obrigado a regressar á patria, que, num serão em casa de amigos comuns, a graça insinuante e afavel de Madalena, a bondade e a meiguice que se emanavam do seu todo, tinham prendido novamente o coração que ele supusera morto.

E quando, passados meses, o Antonio lhe propôs vir ocupar no seu lar e na sua alma o lugar da esposa que ainda secretamente pranteava, Madalena aceitara jubilosamente, não só pelo amor que lhe dedicava, mas ainda pelo desejo veemente, que o seu diamantino coração alimentava, de se consagrar aos dois orfãozinhos, que ela sabia tam infelizes e tam dignos de simpatia, entregues a cuidados mercenarios. Sonhava substituir, para eles, na medida do possivel, a mãi de que o destino os privara.

Queria amá-los, dar-lhes toda a ternura, educá-los, guiando-os docemente no caminho do dever, apagar quanto em suas forças coubesse a amargura que encerra o nome de madrasta...

Mas desde o dia do seu casamento, em que lhe foram apresentados os enteados, até á data em que a vamos encontrar, como pedindo inspiração ao retrato daquela que a precedera no lugar que nessa casa ocupava, tinha compreendido ser o seu sonho impossivel.

Com efeito, nem ela nem o marido julgavam os pequenos, atendendo á sua pouca idade, um obstaculo aos seus projectos de futuro, nem imaginavam sequer a barreira intransponivel que o Jorge e a Nininha, de 10 e 8 anos, levantariam entre si e a nova esposa do pai.

Para o Jorge, um afabilissimo e generoso coração, mas caracter precocemente desenvolvido, concentrado, no qual a menor magoa ou contrariedade deixavam traços que levavam muito tempo a apagar, fôra um golpe terrivel a noticia do casamento do pai. A recordação materna, ainda que vagamente diluida, constituia, no entanto, para ele, um culto para o qual a menor irreverencia seria falta sem perdão.

E o pensamento, alimentado pelo murmurar de parentes e antigos servos, de ver preenchido no lar o lugar da Mãi, julgado para sempre vago, tornara-se-lhe um verdadeiro tormento. Em vão suplicara ao pai que os internasse, a ele e á irmãzita, num colegio. Antonio de Avelar não cedera, queria-os ao pé de si, seguir-lhes de perto os estudos. Então, com uma persistencia unica em tam tenra idade, traçou uma linha de conduta da qual não se afastava um passo.

Arrastando a Nininha, eco fiel das suas idéas e palavras, fez com que esta, a despeito da extrema, inata meiguice do seu coração, que já se sentia atraido pela bondade da madrasta, lhe seguisse o exemplo na gelada correcção com que tratava esta ultima, na inflexivel firmeza com que nem a rogos nem a ameaças acedera a dar-lhe o nome de mãi, como o pai tinha querido que chamassem Madalena, nas instancias exercidas junto de Antonio, para que a sua educação fôsse confiada a uma velha preceptora dos primos. Isto, desprezando a boa vontade e as carinhosas suplicas da Madalena, que, receosa de despertar a colera do marido contra os filhos, acabara por fingir desinteressar-se dos seus planos.

E assim decorreram meses, até que, baldados todos os esforços feitos para quebrar este estado de coisas, a Madalena sentia quebrar-se num mar de indiferença e de quasi hostilidade a onda de dedicação que lhe inundava a alma.

Era nessa tarde de vespera do Natal que este pensamento se lhe tornava mais doloroso. Pois podia consentir que os pequenitos, que deviam ser, nesse dia, o fulcro da alegria do seu lar, se fôssem deitar sem o antegozo de delicias que lhes traria o depor dos sapatinhos junto á chaminé, sem o carinho duma voz que, á beira das suas caminhas, lhes falasse do Menino Jesus e os fizesse rezar pelos pobrezinhos e pelos desprotegidos da sorte? Era a muda interrogação que ela fazia á mãi dos dois enteados.

Que mais artificios inventaria o seu inalteravel devotamento para, sem quebra de dignidade, atrair os coraçõezitos que dela teimosamente se arredavam?

Que palavras, que carinhos fariam desaparecer a fria indiferença que mascarava o coração do Jorge, que ela sabia tam generoso e bom?

E a Nininha, acerca da qual bem pressentia que só a vontade ferrea do irmão impedia de mostrar abertamente a afeição que já em segredo lhe votava?

Tam pouco amor pedia e tanto tinha a

Mater Dolorosa

Baixo relêvo de Arnaldo de Menêses, aluno do professor de pintura sr. José M. do Nascimento, que faz parte da exposição de trabalhos dos alunos daquele professor, a realizar no proximo ano.

-dar! E nem agora, convalescente da doença que por longos dias a prostrara, lhes merecia que se interessassem sequer pelo seu estado?

Um arrepio gelado percorreu-a toda. Decididamente, tinha feito mal em se levantar tam depressa. Fechando o retrato na gaveta depois de lhe lançar um olhar magoado, a pobre madrasta, a quem tam mal cabia o nome, arrastou-se até o leito onde se recostou.

De olhos cerrados, pôs-se a rememorar o que era o seu pensamento constante.

Já por mais duma vez, lembrava-se bem, vira o olhar do Jorgezito perturbar-se vagamente, como que tocado de remorso, e sentira a luta que este travava consigo proprio para se não deixar vencer pela bondade de Madalena.

Fôra naquela noite do dia do seu aniversario, em que tinha renunciado abnegadamente ao baile que os pais ofereciam em honra dela, no seu lar de solteira; á alegria de se ver rodeada pela afeição destes e pelo carinho das suas amigas da mocidade; á admiração que faria despertar a sua beleza realçada pelo lindissimo vestido que o Antonio, mais do que nunca enamorado, lhe oferecera, emfim, ás mil e uma coisas que lhe dariam prazer nesse dia, para ficar, tratando-a com cuidados de mãi, junto da Nininha, que um subito acesso de febre atacara nessa tarde...

Fôra naquela ocasião, em que o Jorge, numa das brincadeiras impetuosas a que não media o alcance, quebrara um relogio que o pai conservava como preciosa recordação de familia e Madalena, condoida da extrema consternação na qual o pequeno rapidamente caira e prevendo o castigo severo que o esperava, se tinha inculcado culpada, dominando com a sua humildade o impeto da colera do marido...

Mas estes factos não passavam de raras centelhas que se perdiam no decorrer monotono da existencia de ha tantos meses. Estava então destinado que, a despeito da sua boa vontade, o Natal passaria no mesmo gelido ambiente, no meio da desconfiança dos pequenos e do mal estar em que o marido, apercebendo-se do embaraço da situação, ferido no amor que dedicava á esposa e no culto da obediencia que queria que os filhos lhe prestassem, se sentia envolver?

E Madalena de Avelar, a quem Deus não recusara beleza e mocidade, fortuna e afeições, sentia-se profundamente infeliz...

Um ruido de passitos leves fê-la sair do seu torpor. Era o Jorge que, acercando-se do leito, lhe vinha pedir licença — porque o pai, em certos pontos, fôra inflexivel — para sair de casa, e, como tinha uma compra a fazer, a permissão de quebrar o mealheiro em que juntava as suas economiazinhas.

Madalena quis, então, tentar um ultimo esforço:

— Tens muita pressa, Jorge? Custar-te-ia muito ficares um bocadinho comigo? A Nininha foi a casa dos tios, o Pai só volta tarde... estou tam sòzinha...

Inflexivelmente, ergueu-se a vozita clara do pequeno:

— A Maria já voltou das compras, vi-a ainda agora, minha... tia..., ¿quere que lhe diga que venha para junto de si?

— Achas que seria a mesma coisa, Jorge?

Um silencio pesado caiu no quarto.

O Jorgezito, de labios cerrados, conservava-se num propositado mutismo.

Ao sentir a inutilidade das suas tentativas, um suspiro doloroso saíu do peito de Madalena.

De novo a voz enfraquecida da madrasta ressoou docemente:

— Jorge, escuta. Sinto-me pior. Talvez amanhã não tenha ocasião de te falar. Viste o ramo de flores que está em cima da mesa do meu quarto de costura? São para as levares, logo, á tua Mãi, onde tu sabes... meu filhinho.

Quero que tu e a Nininha pensem muito nela, amanhã, e, já que a não podem ter ao pé de vós, rezem muito, para que Deus, lá no ceu, lhe dê toda a felicidade...

Madalena calou-se, com a voz embargada pela comoção. Nos olhos aljofrados de pranto do enteado, acendeu-se, mais uma vez, o reflexo da luta interior que ela já por vezes neles vira. Os labios tremulos do Jorge mal deixaram passar um timido agradecimento.

Dentro de segundos, apertando ao peito o precioso ramo de rosas brancas que julgara destinado a enfeitar a mesa da consoada, o pequeno saía de casa, cerrando a porta da rua com cautela.

Madalena fechara os olhos... Lentamente se escoaram as horas... Ouvira, como num sonho, abrir e fechar-se a porta, distinguira a fala cariciosa da Nininha, reprimida pela voz baixa e energica do irmão. Um relogio bateu horas ao longe... não sabia quantas...

A custo, Lena ergueu as palpebras. Na penumbra do quarto moviam-se uns vultozinhos:

— ¿Quem está aí? — interrogou. ¿Sois vós, Jorge, Germana?

Uma corrida apressada, quatro bracinhos cheios de ternura que a envolviam, e, emquanto o Jorge, vencido para sempre, dava largas ao seu reconhecimento e ao seu afecto, enchendo-lhe as mãos de beijos, e os labios da Nininha lhe pousavam carinhosamente no cabelo e nas faces, a Madalena viu a feliz realidade ultrapassar o mais arrojado dos seus sonhos, ao ouvir, saida espontaneamente das boquitas infantis, o nome que neste mundo encerra o maior tesouro de amor:

— Mãizinha! Mãizinha!

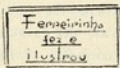
Foi assim que Antonio de Avelar, alvoroçado de jubilo, os veio encontrar mais tarde, aconchegados num amplexo infindavel em que os três corações se uniam para sempre.

E assim se passou o mais lindo Natal da vida de Madalena de Avelar...

Da importancia social da arte

(Continuado da pág. 405)

dades intelectuais. Por meio das Artes Plasticas poderia levar-se ao lar, á escola, á oficina e aos lugares publicos o verbo iluminado duma idéa, dum sistema, ou dum ideal, que o individuo receberia espontaneamente, formando, assim, sem esforço, a sua mentalidade, a sua cultura, a sua consciencia social. As expressões da Arte, quando representam a Vida, na sua maxima profundidade, constituem as melhores prelecções, o melhor curso de educação. Fixadas sabiamente em toda a parte, procurando e surpreendendo o individuo, instaladas, assim, na vida social dos povos, as expressões da Arte constituiriam um sistema de ensino mais facil, mais comodo, mais inteligivel e mais assimilavel, sem duvida.

De resto, é simples ao nosso espirito assimilar as expressões plasticas, não só porque exigem o menor esforço, mas tambem porque é genesico o nosso sentido da Arte. Se não é ver que todos os nossos actos, ainda os mais futeis, são tocados de preocupações esteticas. No lar, no asseio, nas nossas atitudes e até nas coisas profissionais, ficam sempre marcadas as nossas preocupações de beleza. Qualquer coisa que dependa do nosso genio fica logo sujeita da nossa intervenção artistica. A escolha dos objectos de que nos servimos, a preferencia que manifestamos ante essas pequeninas coisas de que é feita a Vida, representam o genesico sentido da Arte, apto a desenvolver-se, a educar-se e a transformar-se em consciencia.

(1) Aarão de Lacerda.

(2) Do autor, noutra publicação.

VELHO TEMA

Se as horas de um só dia dividisse,
Desse uma á dor, desse outra a mais doçuras,
E, assim, as horas todas repartisse
Em Medos, em Saudades, em Venturas,

Quantas horas teria eu de Loucuras,
E quão poucas, decerto, em que não visse
Descer o Bem e o Ideal ás sepulturas
E o Mal ganhar a luz da superficie!!!

Oh! Vida humana! oh! Sonho! oh! Ansiedade!
Oh! Infinito! oh! Deus! oh! Eternidade!..
Se p'ra vos compreender fui concebido,

Mal é que busque ainda e vá vivendo,
— Porque, quanto mais vivo, eu compreendo
Que sempre o pior mal é ter nascido...

4-11-33.

RUI DE NORONHA

Acto de contrição

Pesa-me, crê, de todo o coração,
Ter-te feito zangar.
De joelhos, assim, peço perdão,
Como faça a rezar!

Com devoção, proponho firmemente
Não cair em pecado.
Que o teu olhar me diga meigamente:
— O mal... 'stá perdoado!...

Da tua alma a doce claridade
Que me inunde de luz,
Agora e por toda a eternidade...
Amen, amen, Jesus!

(Inédito).

Virginia de Montalvão e Alpoim

Diante dum berço

Ás mãis de Lourenço Marques

Eis um sagrado vaso onde almas em botão
abrem, ao sol do amor, as petalas nevadas,
que, com feroz crueza, as gelidas nortadas,
os sopros do infortunio, um dia, crestarão!...

Curvadas sobre um berço, as mãis com emoção,
cheias de santo amor e em sonhos abrazadas,
escrevem no porvir, á luz das alvoradas,
com as tintas da Esp'rança, uma interrogação...

Preguntam, muita vez, ao berço pequenino,
ao quererem rasgar a esfinge do destino:
«O que será meu filho? Um santo? Um malfeitor?»

— Conforme a educação que o vosso amor lhes der,
d'almas de tenra cera, ó mãis, podeis fazer
servos de Satanaz ou anjos do Senhor.

É num bercinho, ó mãis, nesse pequeno leito,
que dorme, o vosso infante — esse anjo imaculado...
E, assim, vós encerrais um ceu todo estrelado
de sonhos, de ilusões, num vaso tam estreito!...

Perante um berço, pois, me curvo com respeito...
Quando nele embalais um anjo bem amado,
— que alvoradas de amor ardente, acrisolado,
e mundos de ternura encerra o vosso peito!...

Altas noites de inverno. E vós, sem descansar,
embalando... embalando... e urdindo, no tear
da vossa fantasia, um sonho muito lindo...

Adormeceu? Silencio!... A aurora imaculada
começa a despontar... Emquanto uma alvorada
se levanta risonha—uma outra está dormindo...

SILVA RIBEIRO

25 de Novembro

por ZARA

25 de Novembro — data que, entre nós, passa despercebida mas que dá lugar, como muitos não ignoram, a uma das festas mais graciosas que a tradição popular conserva em França — a festa das Catherinettes.

Chamam-se assim as raparigas que, tendo atingido a idade de 25 anos, idade julgada limite da mocidade, e não tendo, até aí, dado a sua mão nem prometido o seu coração a homem algum, são consideradas ingressas no rol das que o nosso povo, na sua pitoresca expressão, denomina de «as que ficam para tias».

Neste dia, reunem-se, em grande algazarra, as caixeirinhas dos grandes armazens, as empregadas de escritorio, as buliçosas «midinettes», galantes costureiritas, as operarias que trabalham nas diversas fabricas, emfim, toda a feminina mocidade, humilde, laboriosa e folgazã, que enche de encanto e alegria as ruas da Cidade Luz e mesmo de algumas cidades da provincia, em que esta tradição se acha espalhada.

Logo de manhã se dirigem, em bando, á igreja, onde vão pentear e vestir a imagem de Santa Catarina e pedir-lhe a sua protecção.

De volta, percorrem, em garrido cortejo, vestidas fantasiosamente, a cidade inteira, e acabam o dia com um grande baile, no qual dão largas á sua alegria e ao espirito brincalhão e amigo de se divertir, peculiar á gente moça, em geral, e aos franceses, muito especialmente.

E não poucas vezes, junto ao simbolismo do dia, o brilho radioso dum olhar gaiato, a graça dum sorriso, o encanto duma figurinha airosa, operam um milagre. É que tudo isto, em que, num dia vulgar, se não repara, atrai os mais arredios ao matrimonio e faz com que, no ano seguinte, haja mais um parsito que, á beirinha do passeio, ao ver desfilar o luzido cortejo das «Catherinettes», se aperte as mãos com ternura, ao lembrar-se do inicio da afeição que já para sempre os une.

Mas, a par dessas, como sempre, no mundo, ao pé da luz a sombra, ha a multidão ignorada das que ficam, umas indiferentes, outras escondendo sempre uma secreta magoa, como nos lindos versos de Gomes Leal, «sem sol, sem ninho e sem par».

Essas, que são gaudio de humoristas, recurso quasi permanente sempre que falte um traço de caricatura ou um laivo de zombaria, mobil de troça da mocidade impiedosa, descida amarguradamente a ladeira da ultima mocidade, já entre o luzir dos primeiros cabelos brancos e o fanar das ultimas desilusões, ás vezes tam timidamente desabrochadas, são o que se convencionou chamar as «solteironas».

Preenchendo nas prateleiras deste grande bazar de bonecos que é o mundo, desde o lugar da tia rabujenta e maniaca, passa-culpas dos meninos, «chapperon» das meninas, até á pobre perceptora que tanta vez se vê obrigada a ir buscar pão a terra alheia, á mestra que percorre as casa dos ricos, em demanda de um parco sustento, sofrendo toda a especie de humilhações, á empavezada e ridicula velha que nos faz sorrir pela sua presunção e se cobre de todo o artificio para nos dar idéa duma falsa juventude, quanto drama oculto, quanta magoa disfarçada!

E somos nós, tantas vezes nós, raparigas da minha idade, com a alma cheia de ilusões e um grande sonho côr de rosa a iluminar-nos o futuro, que, cruel e impensadamente, nos esquecemos na nossa ironia e do muito alto das nossas quimeras, do que se passa por sob essas aparencias, umas vezes apagadas, outras espalhafatosamente ridiculas.

Que razões as fizeram afastar do casamento? Talvez, em muitos casos, nos curvassemos, respeitosas, se nos fosse dado sabê-las.

Tantas que, esmagando a voz que nelas reclamava o seu direito á felicidade, se dedicaram aos pais velhinhos, rodeando-os de cuidados, de vigilancia, de amor, dando-lhes na ultima quadra da vida o calor da afeição que lhes faltaria se todos os filhos tivessem abandonado o velho ninho...

Tantas que á ventura do homem amado sacrificaram a sua e, pressentindo que, passado o primeiro entusiasmo, este se arrependeria do passo dado, preferiram fazê-lo recuar, construir noutra parte a felicidade, com um falso desdem que lhes custava quasi a vida a aparentar...

Tantas que cederam o seu quinhão de alegrias á obediencia devida aos pais, que, por uma razão justa ou por simples egoismo, lhes impediram o casamento e que têm de submeter a um dever sagrado a ambição de ter um lar muito seu, de amar e de ser amada...

Tantas que nada reclamaram para si, para se consagrarem a um irmão, uma irmã ou uns sobrinhos que, passado o tempo em que delas necessitaram, se esquecem dos serviços prestados e as tratam, agora que são inuteis com sobranceria e menosprezo...

Tantas que quiseram ficar fieis a um unico amor que a morte lhes levou...

Tantas que simplesmente por serem pobres, feias e apagadas, não tiveram ninguem que as quisesse para compartilhar as suas alegrias e consolar os seus pesares. Que amoravel coração não se oculta muita vez sob uma aparencia desagradavel! Não esconderá, em muitos casos, essa teimosa afeição, este devotamento obstinado a um cão, a um gato, a umas aves, que tanto faz rir ás vezes, um anseio perdido de ser alguma coisa na vida de alguem?

É infindavel a lista. Ainda as ricas, as que não têm a surgir-ihe a cada passo o problema angustioso do pão de amanhã, as que têm o conforto da velhice assegurado, se são compassivas, no exercicio da caridade, recolhendo orfãozinhos, tratando de velhos abandonados, espalhando a instrução, receberão consolo...

Mas é maior o drama das pobres, a quem o sofrimento torna, muita vez, más, azedas e insuportaveis.

Raparigas da minha idade, almas em flor a quem a vida sorri, se o decorrer da vossa existencia vos impuser a lida com uma daquelas a quem estas linhas se ajustarem, lembrai-vos que uma palavra delicada, uma afectuosa atenção, um sorriso carinhoso poderão levar um refrigerio consolador a uma vida erma de carinhos, eriçada de magoas, vida que poderia ser a de muitas de vós... não fôsse o tal sonho côr de rosa.

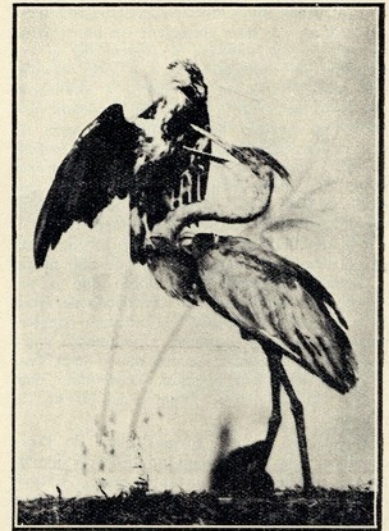
25 de Novembro de 1933.

Da ressurreição dos bichos

(*Continuado da página 407*)

as visita, se instrui, deleitando simultaneamente o espirito.

Lourenço Marques pode já hoje orgulhar-se de possuir um bom museu de historia natural.

O desenvolvimento e o relevo imprimido, nos ultimos tempos, ao Museu Dr. Alvaro de Castro, devem-se, principalmente, ao saber e entusiasmo do taxidermista daquele tam util estabelecimento, sr. Alberto Peão Lopes, funcionario distinto e dedicado, a cujas qualidades o «Ilustrado» presta as devidas homenagens.

Um ataque mortal entre oficiais do mesmo oficio — Uma garça gigante e uma aguia pesqueira

Nas varias fotografias que ilustram esta pagina encontram os leitores diferentes aspectos dos trabalhos taxidermicos. Por elas se pode bem avaliar como é delicada esta interessantissima arte de... ressuscitar os bichos.

Humorismo inglês

No «taxi», caminho do teatro:

ELE — Fizeste mal em me obrigar a vestir a casaca...

ELA — Mas porquê? Gosto tanto de te ver assim vestido!

ELE — Pois sim... Mas teria preferido...

ELA — Como tu és extraordinario!

ELE — Posso mesmo afirmar-te que faríamos bem se voltassemos a casa.

ELA — Não estás bom de cabeça! Já estamos em atraso.

ELE — Não importa...

ELA — Mas que tens, meu Deus?

ELE — Nada, ou quasi nada... Acabo de verificar que deixei a carteira em casa, no meu fato cinzento!!

****

Na estação de correio:

O bandido (com o revólver aperrado) — Depressa! O dinheiro... Os selos!...

A empregada (com indiferença) — Dirija-se ao outro «guichet». Neste só se recebem os telegramas...

****

— Quanto custa aquele cão grande?

— Cinco libras.

— E esse, pequeno, que está junto do senhor?

— Dez libras.

— E aquele, ainda mais pequeno, que está ao fundo da sala?

— Quinze libras.

— Quanto me pedirá então o senhor, se eu não comprar nada?!

****

Brown — Então tua mulher está no estrangeiro por motivos de saude? Que tem ela?

Smith — Duzentas libras — um presente do pai!

****

Diante da carruagem do comboio, cheia de passageiros:

Um rapazola (querendo parecer espirituoso) — Então a arca de Noé está completa?

Um passageiro — Só falta um burro, mancebo. Tenha a bondade de subir!

****

Fred e Tom, dois velhos amigos, encontram-se pela primeira vez, após uma separação de dois anos. Depois das efusões amistosas da praxe, Tom diz a Fred:

— Ah! é verdade... Disseram-me, ontem, que tu mantens excelentes relações com Doris Andrews...

— Que invenção! A verdade é esta, apenas: casámo-nos!

****

O primeiro norte-americano — Então, felizmente, o seu pequeno Jim não se perdeu?

O segundo norte-americano — Não... Encontrámo-lo, na sala de visitas, escondido debaixo dum jornal dominical!

****

Reggie — Ah! meu caro, quantas raparigas ficarão desiludidas quando eu me casar...

Ronny — Quantas vezes contas casar-te?

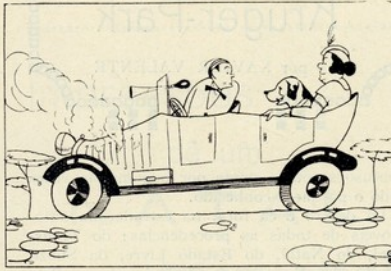
****

Mac Doodle — Quanto custam os pêcegos?

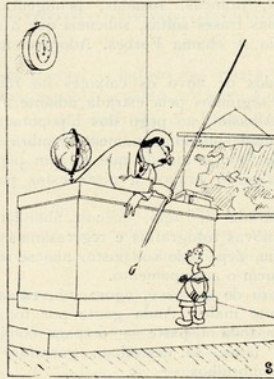
Mac Duff (o vendedor de fruta) — Seis «pence» cada um.

Mac Doodle — Tenha a bondade de vender-me um.

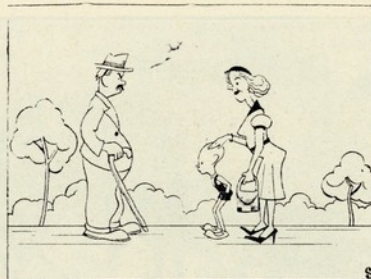
Mac Duff — Ha, hoje, jantar de gala em sua casa, Mac Doodle?

****

O cavalheiro que guia o automovel — É extraordinario como o motor aquece!

A velha mamã (que deseja dar-se ares de entendida) — Porque não apagas tu o radiador?

****

O mestre-escola—Quem sabe dizer-me quais são as três coisas essenciais para que se tenha boa saude?

Johnny — O pequeno almoço, o almoço e o jantar, sr. professor!

****

A mamã — Queres um pastel ou fruta, Willie?

Willie — Um pastel.

O papá (severo) — Um pastel! É assim que se responde á sua mamã?

Willie — Primeiro um pastel, mamã!

****

O sr. Robinson conduz o seu automovel á «garage», para o fazer consertar.

— Ninguem dirá que é um carro usado, não é verdade? — pregunta ele ao chefe da oficina.

— Oh! não, com certeza! Eu julgava que era o senhor que o havia fabricado!

A noiva — O papá ficou contente quando lhe disseste que já tinhas economizado duzentas libras?

O noivo — Creio que sim, visto que mas pediu emprestadas!

****

A caixa do Grande Armazem — Tenho necessidade de férias, sr. director. Sinto-me fatigada e feia...

O director — Realmente? Que motivos tem para pensar semelhantes coisas?

A caixa — Este, que é importante: é que, de ha um certo tempo para cá, os clientes masculinos contam o trôco que eu lhes dou!

****

O sr. Brown — Que dizes a tua mulher, quando entras tarde em tua casa?

O sr. Binks — Boa noite...

O sr. Brown — Só isso?

O sr. Binks — Sim, o resto di-lo ela!!

****

A madrinha de Betty acaba de lhe dar, como presente, um «pékinois». Bobby, seu irmãozito, que é muito invejoso, exclama logo:

— Que horrivel cão e que desperdicio de «fourrure»!

****

Num estabelecimento de automoveis:

O vendedor — De todos os modelos que vendemos, é este o que mais empurramos, meu caro senhor...

O novo rico — Ah! Pois eu quero um carro que não deva nunca ser empurrado!

****

O Romeu — O meu amor por si será eterno. Ajudá-la-ei quando tiver necessidade de tal; protegê-la-ei contra o infortunio, consolá-la-ei na infelicidade...

A rapariga moderna — Mas diga-me uma coisa: o senhor propõe-me casamento ou uma apolice de seguro?

****

Gentilezas femininas:

Doris — Ele disse-me que ninguem na sala dansa melhor que eu. Achas que lhe devo conceder uma valsa?

Pamela — Não, minha querida, deixa-o com as suas ilusões!...

****

O electricista — Bill, agarra um destes dois fios.

O ajudante — Pronto! Já o agarrei.

O electricista — Não sentes nada?

O ajudante — Não.

O electricista — Então deve ser o outro. Mas não lhe toques porque passa por ele uma corrente de dois mil «volts».

****

O sr. Smith, homem pequenissimo, ao gatuno que lhe assaltou a casa:

— Minha mulher disse-me para eu o deitar pela janela fora... Hum... Hum... Deseja tomar qualquer coisa?

****

O pai — Minha querida Pamela: teu marido deve-me já muito dinheiro. Não creio que ele espere que eu lhe faça mais emprestimos...

A filha — Que queres, papá! Ele podia bem pedir a outros. Mas é um sentimental. Não gosta de ter credores fora da familia!

****

— Com que então, meu velho, vais casar-te? Todas as minhas felicitações!

— Enganas-te. Não me caso.

— Tanto melhor! Tanto melhor! Todas as minhas felicitações!

Contos africanos

Um dia no Kruger-Park

por XAVIER VALENTE

Eis-nos, finalmente, chegados ao Kruger National Park, «Sanctuary for Wild Life», como nos folhetos de propaganda o cognomina a Direcção dos Parques da Africa do Sul.

Com as suas 200 milhas de comprido e quasi 8.000 milhas quadradas de superficie, a famosa reserva africana apresenta-se perante a nossa curiosidade aguçada como um mundo de novos aspectos, atraentes de ferocidade e de grandeza. Atravessamos o Rio dos Crocodilos, com a mesma impaciencia com que, em pequenos, abriamos um livro de historias maravilhosas. E, com efeito, mal transpusemos o portão de entrada e se satisfizeram as pequenas exigencias do fiscal, logo começámos a ter a compensação de todos os solavancos sofridos por essas estradas fora. A numerosa fauna do continente negro achava-se ali exuberantemente representada.

Dezenas de gazelas assustadiças fogem do automovel em longos saltos elegantes, emquanto outras, muitas outras, nos fitam curiosas de longe com os seus grandes olhos meigos. Aumentam de numero em cada minuto, são já largas faixas castanhas a atravessarem a estrada, diante do carro...

Marchamos devagar, para que o ruido do motor não assuste os animais.

Poucas milhas andadas começam a aparecer novas especies: cudos, zebras, bufalos, macacos, cocones, pivas, changos, impalas...

O folheto que trazemos comnosco fala tambem de leopardos, leões, gatos bravos, hienas, chacais. Não os vimos ainda.

Atrás e adiante de nós, com intervalos maiores ou menores, seguem outros carros, igualmente em andamento moderado. Ninguem se atreve a sair deles, ninguem perturba a paz dos pobres bichos. O apêlo que, no fim da extensa lista de «Dont's», logo á entrada, nos deu a conhecer o humorismo inglês, aquele fino humorismo que sabe tirar excelente partido de todas as situações, estava sendo ali religiosamente atendido:

«Nós, os animais ferozes do Kruger National Park, apelamos para a vossa simpatia e amizade. Por tanto tempo tendes sido os nossos piores inimigos que deve ter chegado a altura de nos fazerdes compreender que uma nova e mais feliz era começou. Esperamos, portanto, não ver destruida a confiança que em vós depositamos.»

Leões, cujo encontro todos nós desejavamos com o mais vivo interesse e alguns com uma pontinha de mal dissimulado nervosismo, só aparecem mais tarde, quasi a terminar a primeira étape da nossa visita. É um grupo belo de três cabeças. Estão á beira da estrada, espantados, poder-se-ia dizer inofensivos. Deixam aproximar o automovel até muito perto e só se afastam quando os disparadores das maquinas fecham as objectivas.

Meia hora depois estamos em Skukuza, centro da administração do Parque e seu principal acampamento. É um largo recinto cuidadosamente vedado, na margem do Sabié, em ponto elevado, donde se disfruta um panorama agradavel. Ao centro, o «store» onde os visitantes podem adquirir bebidas, «sandwichs», latas de carne, leite condensado e tambem postais ilustrados, fotografias, peles, objectos de coiro e de marfim, recordações de variadissima natureza. Um pouco mais abaixo, dois grandes abrigos de alvenaria, a fazerem as vezes de casa de chá; dum lado e doutro, grande numero de cabanas, barracas de lona, casas de banho em ferro zincado...

Outrora, chamou-se reserva a este lugar, mas, depois, foi-lhe dado o nome de Skukuza (pelo qual os indigenas designavam o coronel Stevenson-Hamilton), tanto como homenagem ao explorador e guardião, como para evitar confusões com o nome por que muitas vezes todo o parque é conhecido.

Lá dentro e cá fora, na estrada, ha automoveis de todas as procedencias: do Transvaal, do Natal, do Estado Livre, da Suazilandia, das Rodesias e até da longinqua Provincia do Cabo.

Tiramos dos caixotes as nossas provisões, compramos no estabelecimento algumas garrafas de «ginger-beer», e almoçamos. No bom humor de todos não deixa de ter sua responsabilidade a vizinhança de certas perninhas inglesas, a emergirem duns curtos calções de «kaki», brancas, rosadas, penugentas... Por algumas frases soltas, sabemos que a sua proprietaria se chama Forbes. Adoravel miss Forbes!

Arrumados de novo os caixotes no fundo do carro, seguimos pela estrada adiante. Vamos até Albasini, ao pego dos hipopotamos, perto do qual singelo monumento lembra aos turistas de todo o mundo que foi um português o primeiro branco a pisar estas paragens.

A bicharada é, aqui, menos abundante. Tiram-se novas fotografias e regressamos depressa, que, depois do sol posto, não se abre para ninguem o acampamento.

O numero de carros é, agora, ali, extraordinariamente maior. Anda gente por toda a parte, por toda a parte se prepara comida, se abrem latas, se desrolham garrafas, se desfazem embrulhos...

A escuridão é cada vez maior. Mais abaixo, na orla do declive e em longa fila indiana, ardem improvisados fogões, sobre os quais negrejam enormes panelas. As grandes linguas vermelhas que deles saem, agitadas pela brisa, sobem no ar em dansas macabras, lançam no espaço um clarão sinistro. Em redor, destacando-se violentamente no escuro, o vulto das mulheres toma aspectos fantasticos. Formam-se grupos, todas as mesas se acham repletas. Janta-se. No nosso «party», ha menos apetite do que ao almoço, mas, em compensação, fala-se mais. Comentam-se os varios incidentes do dia: os encontros havidos, certo «carapetão» pregado a uma familia «boer» e (era fatal!) vieram, tambem, á baila as pernas de miss Forbes, que de tarde viramos mordidas de sol e agora se deviam encontrar por ali, iluminadas pelo clarão de qualquer fogueira, branquinhas, rosadas, penugentas... Falou-se tambem dos portugueses que nessa noite dormiam em Skukuza, e, em especial, de certo mocinho macilento que encontraramos de tarde a comprar peles. O Alberto Charraz, que o conhecia de vista, fala dum tio dele, funcionario administrativo na outra costa, de quem, em tempos, ouvira contar estranha historia.

Ao fim de larga permanencia na colonia, durante a qual fôra penosamente subindo os diferentes degraus da escala, Renato de Mendonça, já no posto de administrador, fôra, um dia, de licença a Portugal. Quasi um ano depois, apresentara-se em Luanda com uma senhora de talvez quarenta anos — aproximadamente a sua idade — e, dias após, seguia para o interior, a retomar funções.

Ignorava o Charraz como teriam sido os primeiros anos daquele lar perdido no mato longinquo, mas sabia que, em certa altura, a vida do casal se tornara num verdadeiro inferno.

Madame Mendonça, saudosa dos seus tempos de Lisboa, não se conformava com o viver africano. Tinha neurastenias ferozes e, em determinada altura, seguramente para quebrar a monotonia da sua vida, para esquecer o isolamento em que se encontrava, para matar, emfim, os seus longos, os seus desesperadores lazeres, aceitava a côrte que com inaudito descaro lhe vinha fazendo o secretario da circunscrição, subordinado de seu marido. Sucedeu o que, naquelas circunstancias, fatalmente havia de suceder. A partir de certa tarde outoniça, Madame Mendonça deixou de ser a esposa fiel que fôra até ali. Cedera. Perversamente, quasi com a alegria duma vingança...

Conhecedor da sua deshonra, o administrador preparava-se para tirar o natural desforço, mas logo o conteve a mulher, ciricamente aludindo, numa ameaça, a certos dinheiros, a não sei que gastos não autorizados... Invocação de peso fôra essa, por certo, que logo

..zebras, cocones, pala-palas ..

Nunca passei o Natal noutra aldeia que não fosse a minha, mas por ter visto preparativos e ouvido detalhes da festa, em terras vizinhas, posso afirmar que os trasmontanos comemoram de igual forma essa grande data do calendario cristão. Na nossa provincia, a chamada «festa da familia» é, talvez, um pouco mais recolhida do que em qualquer outra parte, mas, neste recolhimento absolutamente unido, pode bem encontrar-se a expressão duma felicidade pura. Assim, emquanto noutras provincias riem e fazem tilintar o metal dum regozijo espantoso, naquela que fica para além dos montes, em volta duma farta mesa de castanho e numa penumbra suave, a familia aspira e saboreia o suavissimo perfume do momento, emanado da pureza de sentimentos e da canja, de arroz de polvo, da pescada cozida e do frango recheado... Bebe-se vinho tinto e licor e só começa a quebrar-se o silencio de ocasião quando o vinho sobe, em meios quartilhos de alcool, aos cerebros então povoados de ideais pueris, ingenuos. Ha poucas variedades de acepipes aos cantos da mesa, mas a pouca variedade não impede que os classifiquemos como grandes e saborosas especialidades: uma travessa de «bolas sertãs» embebidas em mel ou branqueadas de açucar, outra de «milhos» doces ou gordurosos, as fatias quentes e em pasta, que, no dizer dos maliciosos, «é só dar-lhe meia volta». E não passa disto todos os anos. O jantar é geralmente ás oito horas. No final, o mais velho levanta-se e, de copo na mão, dá conselhos á familia, terminando quasi sempre por uma provocação de lagrimas. Recordam-se os que morreram e á oração sacrificam-se alguns instantes de profundo silencio. A seguir, levantam-se e vão afinar o instrumental, que

Impressões de um NATAL trasmontano

por

ACACIO LOPES CARDOSO

ha-de enervar o paroco da «missa do galo»: gaitas, assobios e zorras. A zorra é um objecto horrivel de ouvir-se. É feito da seguinte forma: á boca dum pucaro adapta-se uma pele de bexiga de porco, depois de se atar ao centro, e inverso, um pedacito de cana. A afinação é feita ao lume, e para tocar molham-se os dedos e faz-se escorregar a cana entre eles, de forma a tirar um som que, não o sendo, toda a gente classificaria de chiadeira. Durante a missa, é preciso tapar os ouvidos, porque, debaixo dos chailes das mulheres e das raparigas mais pacatas, que parece não quebrarem um prato, sai uma gritaria infernal. Após a missa do galo — á meia-noite — recolhe-se a casa e começa a ceia, um tanto ou quanto sonolenta e já sem as suas caracteristicas especiais. Isto no que diz respeito ao aspecto interior. Na rua, a rapaziada nova rouba os carros de bois e toca a dar volta aos currais de lenha, a ir ás vinhas buscar vides secas, aos castanheiros por lenha grossa e ao cabeço por pinheiros verdes. Trazem grandes carradas e enchem a rua de gritos vibrantes, que, misturados com a «chiadeira» e o rodar apressado do carro, formam um concerto decerto apreciavel no Inferno. Durante toda a noite, quasi ninguem dorme. Na praça, a fogueira aumenta mais e mais. A lenha é posta em piramides e no topo a bocarra encarnada vomita grossas linguas de chama viva, que parece querer incendiar o ceu. Da torre da igreja lança, então, a rapaziada, para essa bocarra, um cantaro de barro com um gato dentro. Felizmente, raras vezes acertam na fogueira. O cantaro parte-se de encontro aos paus, fugindo o gato aterrorizado. No dia seguinte, tudo vai á igreja, beijar o pézinho do Menino Jesus, e quantos voltam — os pecadores — com os dentes partidos, porque o Deus Menino lhes acertou um «biqueiro» de penitencia...

(Inédito).

---

se acalmou a furia do marido ultrajado. Continuaram a viver juntos, porém cada vez com maior animosidade, com maior aversão. Era um nunca acabar de altercações, de termos insultuosos, de remoques soezes. Odiavam-se. Todavia, o medo tolhia-lhes a vontade. Quantas vezes no segredo das suas almas envilecidas se não teriam desejado reciprocamente a morte? Os meses iam correndo, atrás deles os anos, e aqueles dois desgraçados (porque, afinal, o eram), quasi por completo isolados do resto do mundo, lá iam arrastando o seu viver miseravel, se viver se podia chamar àquele tacito entendimento, tecido de baixezas e de vergonhosos receios. Ela no de deixar o marido pela certeza de que o amante lhe não poderia dar o conforto a que se habituara e a que não queria renunciar porventura tambem pela duvida de que ele se pudesse interessar ainda durante muito tempo por uma mulher como ela. O administrador, o marido, execrando a mulher e odiando, ao mesmo tempo, o secretario, mas igualmente sem se atrever a romper com nenhum deles, com medo de uma represalia... No meio de ambos, dia a dia, hora a hora, como fiel da balança, indiferente ao angustioso drama, o secretario ria, ignobilmente feliz...

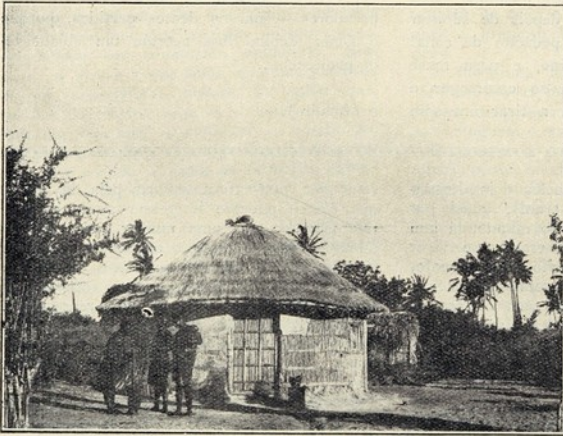
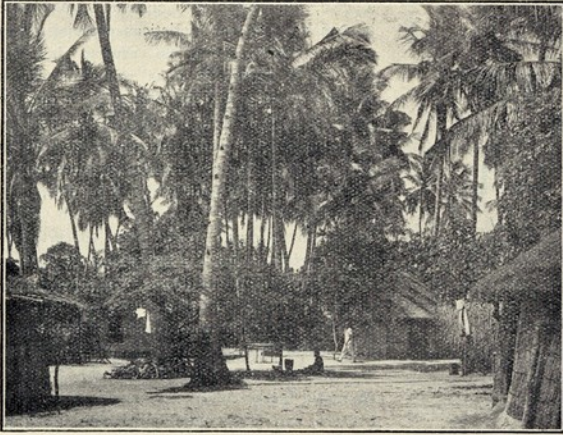
...na margem do Sábiè, em ponto elevado...

Quando o Charraz terminou a enervante narração, era já noite velha. Nove horas... Erguemo-nos silenciosos, damos uma ultima volta pelo acampamento, a aspirar com volupia o ar puro e livre, e silenciosamente entramos na cabana que nos tinham reservado. É bastante espaçosa, com cinco toscos leitos de grossissima madeira. Por jarro uma lata de gasolina, por lavatorio uma enorme bacia em cima dum caixote...

Despimo-nos devagar, á luz indecisa duma lanterna que enche os cantos de misterio e de fantasmas. Á falta de cabides, dependura-se o vestuario de alguns pregos da parede.

O Stoeckight, que caiu no colchão como pedra em fundo de poço, ressona já escandalosamente... Olhamos pela janela na vaga esperança de ver passar alguem, mas nada distinguimos. Nem uma luz, nem uma figura humana. Em Skukuza, ás dez horas da noite, já todos dormem a sono solto...

Como não temos com quem conversar, resolvemos dormir tambem. Na cama ao lado, as pernas destapadas do Alberto Charraz, escuras e cabeludas, dão singular reforço ás teorias de Darwin... Pelo nosso espirito cansado, começam a passar confusamente pessoas, coisas, animais. Porém, nessa estranha confusão, um motivo ha que a todos se sobrepõe: são as pernas de miss Forbes, branquinhas, rosadas, penugentas...

Aspectos de palhotas indígenas

Os gafanhotos em Lourenço Marques

Quem faz o que pode, não é a mais obrigado...

Educação fisica e desportos

Juízo do ano desportivo

A ACTIVIDADE desportiva na colonia pode dizer-se limitada a dois centros, Lourenço Marques e Beira.

Da Beira, conhecemos pouco. É um facto triste, o alheamento em que vivem as duas grandes cidades moçambicanas, e isto não apenas no campo desportivo, mas em quasi todos os aspectos da vida social... Algumas vezes temos propagandeado a necessidade de se procurar um estabelecimento de relações desportivas entre Lourenço Marques e Beira. No ano corrente, pessoas de boa vontade conseguiram a deslocação a Lourenço Marques dum «onze» de futebol do Sport Lisboa e Beira. Diga-se de passagem que o futebol da Beira se mostrou nitidamente inferior ao Lourençomarquino, mas possivelmente esta inferioridade é toda em honra da Beira, que utiliza a «prata da casa», ao passo que o valor do futebol de Lourenço Marques é um artificio, produto apenas da importação por grosso de jogadores feitos noutros meios.

Haverá na Beira desportos que possam competir melhor com os de Lourenço Marques? Ignoramo-lo.

Em todo o caso, a visita do Sport Lisboa e Beira foi uma iniciativa apreciavel, e registamo-la como um primeiro passo para uma aproximação, tam conveniente, por multiplos aspectos, dos dois meios desportivos.

Fora destes dois grandes centros, ha a notar um começo de actividade que pode tomar-se como um movimento de expansão desportiva nas localidades em que a população branca se concentra.

Em primeiro lugar, aparece-nos Vila João Belo, onde foi já inaugurado um campo de futebol. Depois, em Moçambique e Quelimane, registaram-se, tambem, alguns factos desportivos.

Estes indicios denunciam que o desporto vai alargando a sua acção pela colonia, movimento salutar que conviria desenvolver e intensificar.

A vida nas vilas e cidades dos distritos é tam monotona, os recursos são tam pouco de molde a fornecer distracções — que o desporto oferece uma derivante magnifica, de influencia benefica na saude e nos costumes, e que ás autoridades deveria merecer todo o apoio e incitamento.

*
* *

Em Lourenço Marques, o ano desportivo fecha com dois empreendimentos notabilissimos: a reviviscencia de dois desportos excelentes, os mais belos, mais nobres e mais uteis: a natação e o atletismo.

Sabe-se que estas especialidades tiveram já, ha anos, larga expansão no nosso meio. O futebol veio sobrepor-se-lhes: a natação caiu em completo abandono; os desportos atleticos entraram em decadencia e teriam desaparecido se não fôsse a acção do Grupo Desportivo Lourenço Marques, que, arrostando anualmente com dificuldades, prejuizos e a indiferença dos outros, não tem deixado de organizar o campeonato inter-clubes. O Desportivo, um dos clubes mais antigos da cidade, e, sem duvida, o de mais belas tradições, honra-se com o titulo bem merecido de sustentaculo dos desportos atleticos. É este, indubitavelmente, um dos maiores, se não o maior serviço prestado pelo velho clube á causa do desporto em Lourenço Marques.

A reviviscencia destes dois desportos traduz-se bem na constituição de dois organismos dirigentes superiores: a Associação de Natação e a Associação de Atletismo.

A primeira deve-se á tenacidade de dois entusiastas da natação: João Passeti e Antonio Braga. Foram eles que tomaram a peito bater em brecha a apatia dos dirigentes locais — dirigentes «pro forma», a grande maioria ignorante das coisas de desporto, sem um pensamento e sem um objectivo, a não ser o da politiquice e da «chicana», que tanto têm prejudicado o desenvolvimento do desporto.

Passeti e Antonio Braga têm desenvolvido uma acção persistente e infatigavel, quer de realizações, quer de propaganda. Além dos trabalhos preparatorios para a organização da

Jacinto Sousa, do G. D. 1.º de Maio, uma das revelações atléticas do ano, transpondo $1^{m},77$.

Associação, deve-se-lhes a realização das provas de Outubro, na doca, que revelaram o que é possivel «fazer-se» neste desporto.

Quanto ao atletismo, ha dois factos capitais a frisar.

No começo do ano, o Desportivo (que encontrou, desta vez, no Sporting, um colaborador) promoveu, depois dos campeonatos locais, a visita dum «team» atletico do Wanderers, do Transvaal. Os nossos desportistas tiveram, assim, o ensejo de ver, pela primeira vez, homens de classe muito apreciavel em plena acção atletica.

Esta iniciativa foi dum grande alcance, quer como propaganda, quer como instrução aos nossos atletas. Estamos convencidos de que os campeonatos deste ano — em decurso no momento em que sai este numero

A equipe dos «fortes» do Sport Lisboa e Beira
Ao centro o corredor José Luiz, o 1.º classificado da volta á Beira

do «Ilustrado» — hão-de já reflectir alguma coisa da lição que nos trouxe a visita dos sul-africanos.

O outro facto que acima apontámos é o da organização da Associação regional. Fica-se devendo esta ao capitão sr. Ismael Jorge, personalidade bem conhecida no nosso meio, desportista da velha-guarda, e com uma honrosissima folha de serviços á educação fisica e ao desporto.

O «Noticias» pode reclamar para si, tambem, uma parte de merito neste empreendimento.

Minima embora, ninguem lha poderá negar, e ela é uma prova de que o «Noticias» se tem esforçado por orientar para bom caminho a actividade desportiva entre nós.

*
* *

O ano futebolistico decorreu sensaborão, aborrecido, com intervalos de animação derivados dos jogos internacionais — em que a selecção da cidade teve uma época particularmente feliz — e da ultima fase do Campeonato, com a rivalidade Sporting-Ferroviario.

Tecnicamente, o ano futebolistico não trouxe nada de novo. O nosso futebol não progrediu — nem progredirá «de facto» com os actuais usos e costumes dos dirigentes e dos jogadores.

A A. F. L. M. continuou a dar-nos tris-

Equipe dos «fracos» do Sporting Club da Beira

Equipe dos «fortes» do Sporting Club da Beira

Equipe dos «fracos» do S. L. e Beira

tissimos espectaculos de incompetencia e de imoralidade, com que fomenta a indisciplina. Deixou uma época mais em aberto a questão dos arbitros, que não tentou sequer solucionar.

Em sintese, pode dizer-se que este ano foi de declarada decadencia do futebol, decadencia, de resto, já iniciada no ano transacto.

O «cinco» de basket-ball do Sporting Club de Lourenço Marques

Á A. F. L. M. cabe um grande quinhão de responsabilidade nessa decadencia.

*

* *

Quanto aos demais desportos, eles ressentem-se da falta de interesse e empenho dos dirigentes.

A temporada de «tennis» foi apagada, posto que os torneios se multiplicassem pelos varios clubes e agremiações.

O «hockey» em campo, que em 1932 tanto prometera, caiu, parecendo destinado a desaparecer por completo e a ser substituido pelo «basket-ball». Acreditamos, de resto, que só haverá vantagens na substituição...

*

* *

Um real progresso deste ano verificou-se nos campos e instalações dos nossos clubes: em primeiro lugar, a inauguração do novo campo e sede do Sporting; em segundo, a iluminação do campo do Ferro-Viario.

O G. D. 1.º de Maio tambem conseguiu, finalmente, realizar a sua aspiração de possuir um terreno, no Alto-Maé, tendo já sido iniciadas as obras.

*

* *

Um clube desaparece: o Lourenço Marques Athletic Club...

Durante muitos anos, o Athletic deteve uma marcada superioridade. A importação de jogadores veio colocá-lo nos ultimos lugares e já em fins de 1932 a sua dissolução fôra anunciada.

Sustentado, porém, nessa altura, arrastou-se ainda pela época de futebol de 1933... Mas não pôde salvar-se da dissolução mais que por uma fusão com o Desportivo. Isto é: o Athletic ingressa no Desportivo, com todos os seus elementos e com o seu campo de jogos.

*

* *

Tais são, passados em revista, os factos essenciais do ano desportivo que finda.

Retalhos da vida

A MANHÃ apareceu cinzenta e melancolica. O mar, raivoso, parecia querer vir tomar a terra. Pela tarde, já quasi ao fim do dia, dum crepusculo ennervante, um rumor confuso vinha da praia. O mar embravecera ainda mais, as ondas, umas após outras, bocas hiantes, sumiam os barcos que vinham da pesca, num abismo fundo, para logo os erguerem onde as aguas subiam mais alto. E, ali, á vista, muitos desapareciam para sempre.

A cena era aterradora, lancinante. As mãis, com os filhos pequeninos levantados nos braços, pediam socorro á Virgem, rojavam-se no chão, desgrenhadas, espavoridas. Os gritos eram cada vez mais aflitivos, as ondas indomaveis cada vez mais altas. Homens e salva-vidas, tudo recuava impotente diante das montanhas de agua que o mar lançava sobre os frageis barcos!

Veio a noite, e a escuridão escondeu o tragico cenario. Só o rouco bramir do mar e os gritos de angustia se ouviam... E ninguem dormiu, ninguem descansou naquela noite sinistra, de terror e tragedia!...

A manhã seguinte foi de bonança, de ceu azul e sol radioso. O mar tinha acalmado. Algumas embarcações vinham chegando, os mastros partidos, tudo em farrapos; as outras lá tinham ficado na grande sepultura.

E como o dia apareceu sereno, tudo foi serenando tambem: uns na alegria dos que voltavam, outros na muda e grande tristeza que os enlutara, naquele esgotamento que vem depois das grandes dores, na lassidão das almas, naquele torpor, quasi inconsciente, que nos toma depois duma grande desgraça. E todos aqueles a quem a morte não levou ninguem, voltaram á normalidade, ao ramerrão da vida. O mar, o enganador, cansado da batalha, talvez arrependido do mal que fizera, conservava-se azul e manso, mal se ouvindo. A praia foi ficando deserta, porque os despojos de alguns barcos que ali vieram bater já não atraiam os curiosos, e as almas compadecidas fugiam de mais emoções inuteis. E a dôr, que ficou da hecatombe, estava escondida nas pobres choupanas dos pescadores, onde faltavam pais, maridos, filhos e irmãos... e onde a desgraça e a fome os acompanhava na sua solidão e abandono.

....

Só um lamento de loucura ficou a vaguear pela praia: a dôr duma mãi que tinha enlouquecido, por ter perdido no naufragio o unico filho — seu amparo e amor. Descalça, os vestidos em farrapos, flutuando ao vento, olhando sempre o mar, numa prece muda, ou numa furia clamando alto, a pobre mãi lá estava no seu posto, na cerração do temporal que a enlouquecera.

....

Numa tarde em que, na praia, só estava ela e algumas crianças que brincavam na areia, metendo os pesitos nus nas ondas que iam e vinham e que brandamente os afagava, apareceu ao largo uma lancha que navegava para terra. A louca, ao vê-la, dá um grito de indiscutivel e arrepiante alegria e corre, mete-se no mar, caminhando, caminhando, com os braços estendidos, os olhos postos no barco, chamando pelo filho... Uma onda tombou-a e escondeu-a... Depois, ainda uma vez se viram ao de cima da agua os braços estendidos... as mãos acenando...

Passados dias, foi encontrada morta, entre duas rochas — os braços hirtos, estendidos, num gesto de ansiedade, a buscar o filho... Nos labios, vincado e vivo, aflorava um sorriso de ventura... e como que um grito de amor na boca entreaberta... E daquele rosto de mulher, onde a dôr cravou as garras e o desfigurou, dando-lhe uma expressão petrificada, irradiava uma tam doce suavidade, como se um clarão divino o iluminasse... como se tivesse aconchegado ao seio o filho amado...

MARGARIDA GUERREIRO

Um grupo gentil, nos «courts» do Gremio Militar, do campeonato inter-sócios de 1933

Memorias dum velho colono

escritas em 1980

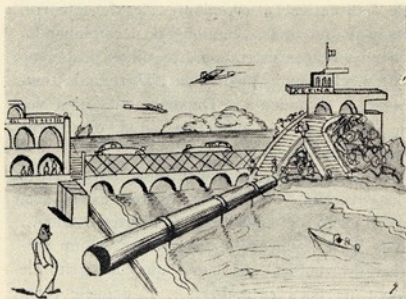
(Como as ha-de lêr o Fernando Baldaque desse tempo e como as ha de desenhar o Santana dessa epoca.

Nasci em 23 de Dezembro de 1933.

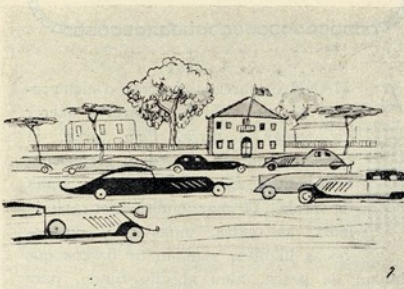
Já lá vão 47 anos! Até faz «incrivel» como o tempo passa!...

Vim á luz — com 7 meses — por causa dum susto que teve a minha mãi, pois, tendo ido, ao cinema Gil Vicente, assistir a um filme realizado nos estudios de Lourenço Marques, e que se chamava «O Primo, no Palmar», filme que o dr. Abel de Carvalho dissera não ser recomendavel a crianças neurastenicas, eu, que estava incognito entre a assistencia, protestei, chorei, zaragatei, assustei a minha mãi, e, no auge do meu protesto, nasci. Assim, nasci logo com dores de cabeça e fui levado á farmacia do Eugenio, onde o Teofilo, que mais tarde soube ser aviador, me deu um comprimido de «cuspo de cegonha em pó», para alivio da minha moleirinha dorida.

Mal vi a escuridão do mundo, porque a cidade tinha a iluminá-la apenas seis lampadas de quatro velas em cada avenida, achei que tinha perdido o meu tempo em ter sido dado á luz, tam falta de luz!

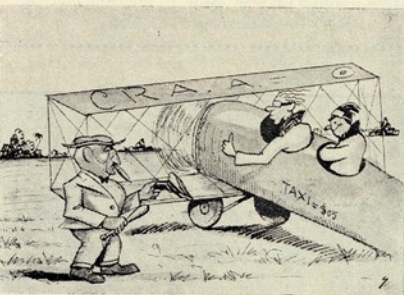
Arreliei-me, tambem, por me terem trocado a aspiração de pretender ser oriundo da Côte d'Azur e ser um modesto nato, afinal, da «Côte Xefina».

...a côte Xefina ligada por um tubo á Avenida Chalets-Marracuene...

A culpa desta troca de solo nativo á minha personalidade — só o soube anos mais tarde — é que o meu avô e a minha avó, que eram «molungo» e «messissa» grandes, ele chefe de serviço da Direcção Geral dos Negocios da Inhaca, e ela uma rapioqueira da Beach, gastavam a massa toda em «chases» no Hazis, «holidays» no Transvaal e «soirées» cinematograficas, de modo que nunca foram á Europa, e a unica licença graciosa que puderam ir gozar foi para a Zona de Turismo do Puga. O meu papá tambem não conseguiu aferrolhar uma só quinhenta, porque a Carta Organica do Imperio lhe disse: «em tendo quinze dias de serviço, tens finda a comissão e volta para a tua terra». Ele foi, e a minha mamã ficou cá á espera que ele voltasse, trinta anos depois, mas nunca mais veio, porque parece que deixou varios «cães» nas caixas que lhe emprestaram dinheirinho e não quis que o julgassem indelicado, entrando com os «atrasos», porque é coisa que ninguem faz e ele não pretendia ser uma excepção.

Ora, como digo, nasci em Lourenço Marques, ha 47 anos, e por cá fiquei. Em miudinho, andei escarranchado nas ilhargas do «Pequenino», que foi meu preceptor, e devo a ele toda a minha ilustração. Com ele emborquei latas de leite urso, tasquinhei milho côr de rosa ás portas das «matinées», saltei o eixo em frente das escolas; visitei o Jardim Vasco da Gama, onde vi canteiros de moscas, plantados pelo velho colono Melquiades, e onde vi bonitos exemplares de abelhas, feras essas de que tambem o «Vasco da Gama» tinha o monopolio.

...o grandioso edificio da Camara em arquitectura madeira e zinco.

Fui crescendo e andei na Escola 1.º de Janeiro, onde fui namorado por uma miuda, que, uma tarde, depois de ter mastigado o «abc», me entrou pelo quarto dentro e me desafiou para ir para o quintal dela, quando os papás fôssem ao baile. Fui, e ela deu-me um chocho, carocho, repenicado!

Casei aos catorze anos. A minha noiva tinha nove.

Fomos felizes, mas não tivemos meninos,

Os aviadores de praça «aérea», não querem usar bonet.

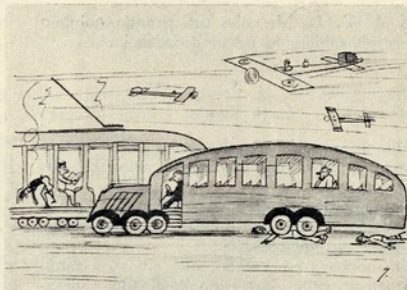
porque eu, ponderado, pensei que só três filhos é que podia levar por conta do Estado, quando viajasse, e como o futuro era largo, e havia de divorciar-me, mais tarde pensaria no seguimento da minha arvore genealogica. Fiz bem.

Divorciei-me aos quinze anos, casei quatro meses depois, divorciei-me aos dezasseis; tornei a ter um auspicioso enlace aos dezasete, enviuvei duas horas depois... e, depois, casei mais vinte e sete vezes, e como vinte e sete, noves fora... nada, estou, ao presente, livre de esposa e de sogra... (Dessa especie zoologica tive trinta exemplares!...).

Burocraticamente, fui assalariado dos correios, aspirante de Circunscrição, topografo da brigada de estudos do Caminho de Ferro da Malhangalene a Chipamanini. Fui irrigador do vale do Limpopo, levando agua aos bochechos para orvalhar o «capim» para os esparregados. Fui apontador no Porto de Pebane, e como disseram que apontar era feio, transferiram-me para o Umbeluzi, onde tratei as citrinas, que andavam atacadas da doença do sono, e matei gafanhotos á pistola. Tinha, nesta altura, vinte e oito anos de serviço publico, mas a lei das equiparações disse-me: «se queres que te contem mais dois anos para a reforma, tens que servir mais sete, como Jacob serviu Labão».

Arreliado, fui para os serviços particulares.

Liguei, por um tubo, a Xefina com a Avenida Chalet-Marracuene-«sur»-Espirito Santo, e resolvi sem ponte o plano quinquenal do Turismo!

Ajudei a construir o grandioso edificio da

...a população vai diminuindo pela epidemia dos atropelamentos

Camara, sobre a arquitectura «madeira e zinco».

Fui aviador e fazia carreiras entre a Carreira de Tiro e o Campo de Tennis, onde nunca cumpri horarios, mas como uma postura obrigava os aviadores de praça a usar bonés, eu bati as asas da carlinga e pus-me ao vento.

Edifiquei um grande teatro para exibir opera, mas como não tinha pano de ferro, só pude cantar nele discos do Armandinho e da Madalena de Melo.

Tive varias iniciativas, entre elas a do jogo do quino de boca; a de montar uma pensão, dando para fora só as latas, porque trincadeira os fregueses que a arranjassem em casa; a de fornecer a cidade de luz e agua em segunda mão, vendida em leilões do Meia Escura, mas isto é uma terra de invejosos e não consegui os meus projectos.

Tambem a crise que se atravessa neste momento é grande. Ha muito dinheiro, ha muito trabalho, ha muita agricultura, muita industria, mas não ha gente, porque de dia para dia a população vai diminuindo, motivada pela epidemia palustre dos atropelamentos.

Faço hoje 47 anos. Não sei se os machimbombos os «taxis e as motos permitirão que faça 48. Se fizer, é porque continuo vivo!

Lourenço Marques, 23-12-980.

Ao meu irmão Adriano

Hoje de manhã trouxeram-me um ramo de flores de amendoeira e uma camelia. Ao ver a camelia, flor estranha no sul, veio-me á lembrança Trás-os-Montes, onde agora aquela flor desabrocha, como aqui as amendoeiras. Flores de amendoeira! Sonho de maravilha... Conto das «Mil e uma noites»! Flores de amendoeira!... Levanto as mãos, ajoelho e rezo...

A camelia, a triste flor exilada, mostrou-me a nossa terra, que está tam longe de ti... e de mim tambem distante; e aquele jardim onde havia japoneiras floridas de branco, branco macerado, como virgens mortas no alvorecer da vida, outras dum branco roseo, frescas como faces de criança; e algumas côr de lilaz, e ainda outras listradas de roxo triste, tam triste como aquelas almas que deram tesouros de amor e ternura e em troca não lhe deram nada... Tristes, como os que perderam todas as esperanças...

Agora, lá, cai neve, os lobos uivam pelas quebradas e nas serranias. As aguas, em cachoeira, vêm, serra abaixo, e caem com estridor nos rios, que vão cheios... Aqui, no Algarve, as amendoeiras estão todas floridas. Vales, encostas, caminhos e outeiros, é tudo um deslumbramento!... Noivados aos milhares, brancos e vaporosos... Donzelas côr de rosa, madrinhas de lilaz... Virgens em procissão, alvas rendas estendidas... Juncam os caminhos petalas de setim... Passam ondas de perfumes. E, de mãos dadas, virgens, noivas e o luar, fazem bailados de magia... Tudo sonho, feérie!... Mas pudesse eu ver a nossa terra selvatica onde os lobos uivam e a neve gela!...

....

Cai neve... fica tudo branco... tudo em silencio... A vida pára, as coisas e as pessoas ficam em extase, tomadas dum sonho vago, indefinido... Nem um rumor... As fontes calam o seu murmurar, as aves não voam... e os olhos, perdidos na chuva de flores de neve, na linda dansa de fadas...

Os arbustos, hieraticos, parecem rezar baixinho a oração do enlevo... E, se á noite não cai neve e a lua cheia estende o seu manto de claridades sobre a terra, tornam-se as coisas sobrenaturais...

A neve vai-se desfazendo, cristalizando em grossas lagrimas, em fios delgados, nos beirais dos telhados, nas hastes dos arvoredos, nos bicos das fontes... De manhã, quando o sol aparece, rebrilha a quermesse de franjados, pingentes, estalactites, lavranterias e filigranas de cristal... e, então, o espectaculo é apoteotico!... E nas ruas vai um delirio carnavalesco; atirando neve, brincando com a neve, a gente moça e as crianças...

....

Vêem-se branquejar, ao longe, as cabeleiras do Marão altivo, do Mezio agreste e daquelas outras serranias a que se aconchega Vila Pouca — o nosso berço, a terra de nossos maiores. Foi na pitoresca vila, toda ensombrada duma doce melancolia, que eu vi, pela primeira vez, o rio Corgo, que ali nasce, e vai crescendo sempre, entre margens ora agrestes, ora de verdejantes arvoredos, onde cantam rouxinois, até Vila Real. E, depois, segue, em serpenteados de cobra, entre socalcos e vinhedos, chega á Regoa, que o mete no coração do Douro e o leva ao mar... Foi lá, tambem, que eu vi a mais chalreira e alegre fontinha, escondida entre dois rochedos, rodeada de castanheiros, caindo da bica de pedra tosca, nas cantarinhas das moças, nas bocas dos namorados, que ali iam e irão ainda, pousar os labios sequiosos — sabendo a doçuras de amor...

....

O fumo dos casais não sobe, quando ha neve; paira ao de cima dos telhados, talvez receoso de tocar nos anjos que brincam na batalha das flores de neve...

....

A neve! As amendoeiras floridas! Como as flores, deve ser assim linda, a Nossa Senhora!... E pura, como a neve...

....

O poeta Candido Guerreiro, que nunca viu a neve, mas que os meus olhos magoados de saudade lha mostraram, canta-a assim:

NEVE

Dezembro. Noite de luar. Cai neve.
Toda a paisagem barbara, o caminho,
A penedia e o vale ermo e sòzinho,
Embranqueceu, transfigurou-se em breve...

E a chuva fina e alvissima de arminho,
Tremula e aerea florescencia, deve
Cair da propria lua, tam de leve,
Tam lactea e fria cai, tam de mansinho...

A neve cai... Silencio... A natureza
Tem a brancura ascetica dum monge,
Numa espiritual, ingenua reza...

Calou-se a voz sinistra dos barrancos...
A neve cai... Silencio... Ao alto e ao longe,
Palpitam desfolhados, lirios brancos...

Tambem o poeta canta assim as amendoeiras floridas do seu Algarve:

AMENDOEIRAS

Em Fevereiro, quando lá de cima
Deus com a tinta de luar escreve
seus lindos versos algarvios, rima
a flor das amendoeiras com a neve...

Neve em flor! sonho! alvura! Quem descreve
o noivado irreal que se aproxima,
tam branco, tam diafano, tam leve,
que nem talvez na musica se exprima?

— Meninas da primeira comunhão,
asceticas, descendo da montanha
á beira do caminho, em procissão,

em vias-lacteas de perfume brando,
bem oiço a vossa sinfonia estranha,
— porque, amendoeiras, vós estais cantando...

....

E termino esta tam pobrezinha cronica, rezando os versos de Candido Guerreiro, em louvor da neve e das amendoeiras floridas.

(Ilustração de Vilela)

Genezareth

POR

Candido Guerreiro

No paiz de Galil. O sol cahindo,
Inunda em oiro os povoados syrios,
Campos de rosas bravas e martyrios
E os bosques onde cresce o tamarindo.

Donzellas de perfil trigueiro e lindo
Vão para a fonte. Os mercadores tyrios
Passam nos dromedarios. Chovem lirios
E purpura e topazios, refulgindo...

Lago de Tiberiade ao sol posto!...
Amethistas vogando sobre mosto...
Poisam pelos terraços pombas mansas,

Estrellam-se as romeiras de vermelho,
E no caminho, ao pé d'um cedro velho,
Jesus fala ás mulheres e ás crianças...

A Companhia de Moçambique

Razão histórica da sua existencia

Mapa mnemónico dos limites históricos do ocidente de Moçambique

O traço negro interrompido indica os limites verdadeiros da Africa Oriental Portuguesa, a ocidente, e que o tratado de 1891 entre Portugal e a Inglaterra encurtou. Para a expansão do nosso dominio na Machona, trabalhou Paiva de Andrada, já em 1878, estabelecendo-se ali, quer ainda, por 1889, ocupando militarmente regiões fronteiras a Manica consideradas nossas, por via de antigos e fundamentados direitos, nunca contestados até á ocasião em que a Companhia inglesa «British South Africa» teve necessidade de maior expansão — encobrindo, sem duvida, o desejo de um porto de mar para a Rodesia, que seria a Beira.

Coronel Joaquim Carlos Paiva de Andrada

Explorador do rio Punguè, comandante da expedição ás margens do rio Sanhate, comandante da ultima expedição contra o Bonga, antigo administrador da Companhia de Moçambique.

Os meus compatricios residentes em Lourenço Marques, afastados de leituras historicas moçambicanas, ignoram, a maioria, decerto, a importancia do chamado Territorio de Manica e Sofala, situado no centro da colonia, de que ocupa uma quinta parte, servido por um muito importante porto de mar — porta natural, não só do Territorio, como de regiões estrangeiras: as duas Rodesias (do Norte e Sul), a Niassalandia e, ainda, grande parte do Congo belga.

É para eles esta noticia, ou, antes, estes simples, resumidos e salteados apontamentos, que se referem a uma pequenina parcela do nosso Portugal ultramarino, ou, como, hoje, soe dizer-se, com certo ar de grandeza e, tambem, de verdade — do «Imperio Colonial Português».

Vamos dar uma pequena idéa da fase historica inicial do Territorio, para se ver como a existencia da Companhia de Moçambique, como entidade até certo ponto majestatica, teve origem num sentido altamente patriotico e como nesse mesmo sentido lhe foram conferidos poderes que hoje conserva, tendo realizado, na região que, desde 1891, lhe está confiada, uma obra que honra, a todos os pontos de vista, Portugal e a sua colonização.

Em 1877, o adido militar de Portugal em Paris, capitão de artelharia Joaquim Carlos Paiva de Andrada — em homenagem de quem, mais tarde, adoptou seu nome uma das arterias de Lourenço Marques — concebeu, naquela capital, a idéa da realização duma empresa cujo fim seria a exploração, em varios ramos, duma parcela da Africa Oriental Portuguesa. A sua atenção voltou-se para a Zambezia, terra de lendas e riquezas, existentes mais no espirito dos nossos antigos cronistas do que na realidade, e por cujas leituras Paiva de Andrada havia idealizado o «El-Dorado» africano.

Conseguiu aquele ilustre oficial, com uma persistencia muito fora do comum, tratando-se, principalmente, de pessoa que levava vida de salões em Paris — e aproveitando a sua alta situação oficial, criar a «Sociedade dos Fundadores da Companhia da Zambezia», á qual o Governo português, por decreto de 1878, fez largas concessões.

Esta Sociedade mandou seus tecnicos á Africa, para estudos de prospecção, em Tete, tendo-se iniciado alguns deles. Não podendo, porém, por falta de fundos, continuar com os trabalhos requeridos, viu-se obrigada a liquidar, sem ter levado a cabo os fins para que tinha sido fundada.

Não desanimou Paiva de Andrada, e, no ano seguinte, fundava outra empresa, a que foi dado o nome de «Companhia do Ofir», cujo fim era a exploração das minas existentes nas regiões de Manica e Quiteve (a).

Pelo mesmo motivo da liquidação da primeira empresa, pouco tempo depois da rea-

lização de alguns trabalhos importantes, não pode, tambem, esta segunda continuar.

Anos após, em 1888, Paiva de Andrada, persistindo sempre na sua primitiva idéa, reunia novo grupo para a organização duma nova e poderosa empresa, a que deu o nome de «Companhia de Moçambique», e que se propunha explorar, não só as concessões já obtidas quando da fundação das duas primeiras já mencionadas — a «Companhia Geral da Zambezia» e «Companhia de Ofir» — como ainda o privilegio, entre outros de menor importancia, da pesca de perolas nas costas de Moçambique, do Zambeze ao Cabo de S. Sebastião.

O grupo concessionario compunha-se do Conde de Penha Garcia, Eduardo Bartissol, Eduardo Pinto Basto, Marquês de Fontes Pereira de Melo, dr. Carlos de Lima Mayer e Joaquim Pedro de Oliveira Martins.

Os primeiros trabalhos desta nova Companhia foram o reconhecimento e exploração da região mineira de Manica, o estudo das comunicações entre esta região e a costa, bem como do reconhecimento e balizagem do

BEIRA — Um aspecto da Ponta Gea

çambique nas vastas regiões que administra e que ocupam 134.822 quilometros quadrados, distribuidos, actualmente, por catorze circunscrições.

Da maneira como essa actividade se tem manifestado nestes 42 anos de administração falam bem claro, no Territorio — a exploração dos seus recursos; os seus 4.200 quilometros de estradas; a assistencia sanitaria e social a europeus e a indigenas, a estes ultimos, principalmente; o desenvolvimento da cidade da Beira; os trabalhos realizados para que o seu porto e a sua costa apresentem, hoje, todas as condições de segurança e de facil navegação; o seu desenvolvimento agricola e pecuario, a que a Companhia de Moçambique não negou a mais larga e generosa assistencia; o seu trafego; os caminhos de ferro, que têm, aproximadamente, a mesma extensão que os dos sete distritos da colonia, reunidos, o trabalho activo dos seus colonos; o seu progresso, «á vista de todos», sempre amplamente crescente; numa palavra: o desenvolvimento duma parcela da Africa Oriental, que não tem parado, que não parará.

BEIRA — Primeiro troço do cais do Pungué

porto da Beira, e, mais tarde, o dificil estudo do traçado do caminho de ferro do vale do Pungué.

■

Retrogrademos, agora, para que a sequencia historica conduza o leitor á finalidade deste ligeiro resumo.

Em 1868, alguns aventureiros ingleses do Cabo da Boa Esperança, atraidos pela fama das riquezas mineiras da região fronteira a Manica, emigraram para esta região ou para proximo dela, conseguindo, nos anos seguintes, a cessão de importantes extensões de terreno.

Cecil Rodes, que então governava o Cabo, o maior inimigo dos portugueses em Africa — patrioticamente inimigo — o homem que alvitrou, após a celebre «Conferencia de Berlim», onde eram concedidos á Nação Portuguesa certos direitos de intervenção e de posse, «que nem o litoral de Moçambique devia ser conservado a Portugal» — patrocinou os designios daqueles aventureiros, conseguindo que obtivessem a cedencia da citada região fronteira a Manica, pertencente a Portugal por direito historico e até de ocupação, ainda que este ultimo sem continuidade, o que, de resto, sucedia com todas as colonias de qualquer potencia, àquela época.

Em 1889, alguns vultos importantes com decidida influencia na finança e na politica inglesa, instituiam uma sociedade para tomar á sua conta a exploração das vastas regiões cedidas, formando a «British South Africa Company», com um capital de um milhão de libras, ficando esta Companhia com direitos varios, absolutamente soberana, como o de ter tropa para seu exclusivo serviço e garantia de soberania. Um dos seus primeiros actos foi o de proceder á ocupação militar de alguns pontos principais estrategicos e alargar os seus dominios além da concessão primitiva.

No desejo de expansão e, corolariamente, no de encontrar facil saida para o mar, para o que a Beira era o ponto desejado, a «British South Africa Company», impolitica e inhabilmente, diligenciou levantar o celeberrimo regulo Gungunhana, subdito de Portugal, contra o nosso dominio, fornecendo-lhe, ao mesmo tempo, armas, a titulo de presente, e instituindo-lhe uma pensão anual de quinhentas libras.

Em 1890, tentaram as tropas da citada Companhia inglesa fazer um «raid» ao territorio português, chegando a dar-se um rapido encontro na localidade chamada Macequece, em Manica, entre a sua gente e um batalhão de «voluntarios» portugueses, organizado em Lourenço Marques.

O acto destes voluntarios é, sem duvida, nos anais da historia de Moçambique, o mais espontaneo e vibrante grito de patriotismo, e tam importante foi a sua acção que o batalhão expedicionario organizado na Metropole, quando chegou á colonia, não teve já ocasião de se bater.

■

É então que o Governo português, no desejo de obstar á expansão da poderosa Companhia inglesa, negoceia imediatamente com a «Companhia de Moçambique», então de formação recente, como se disse já, a concessão de poderes identicos aos da «British South Africa», atendendo a que a Companhia portuguesa ocupava precisamente a região fronteira á administrada por aquela, podendo, desta forma, neutralizar a sua poderosa influencia.

E, em 1891, o Governo de Portugal concedia á Companhia portuguesa direitos e deveres como entidade, até certo ponto, soberana.

■

Foi, pois, como se disse no começo deste resumo historico, um alto sentido patriotico — a defesa e manutenção da soberania portuguesa numa grande area da Colonia de Moçambique — que deu origem aos direitos que foram concedidos á Companhia de Mo-

■

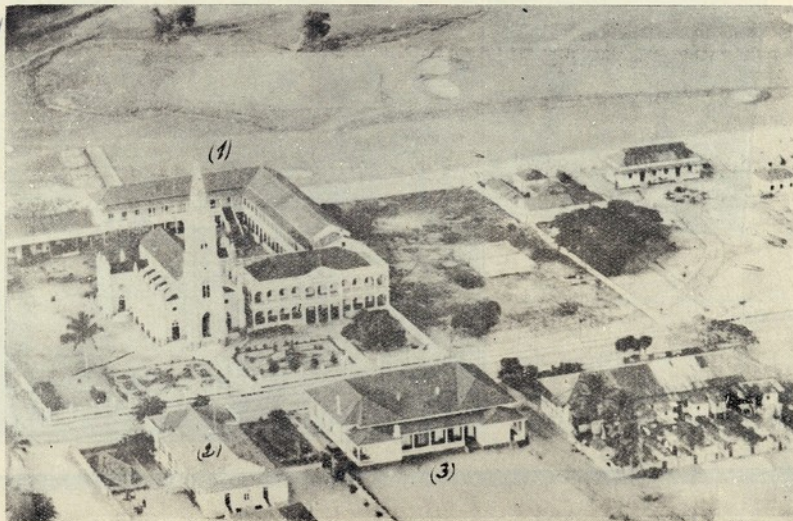
Portugueses e estrangeiros, aqui labutamos todos nesta região de Manica e Sofala, que, pequena, é, contudo, mais de uma vez e meia maior que a Mãi-Patria — amigos, unidos, trabalhando sem atritos: nós, os portugueses, pelo logico engrandecimento do que é nosso e natural recompensa do esforço proprio; os outros, os estrangeiros, tirando do seu trabalho o lucro licito a que a sua actividade lhes dá jus.

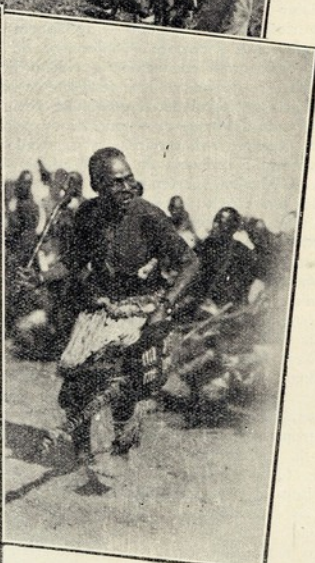
Que ninguem tenha duvida de que o Imperio Colonial Português, de que o Territorio da Companhia de Moçambique faz parte integrante dentro da colonia de Moçambique, tem aqui uma parcela laboriosa e progressiva, que honra Portugal e que sabe usar dos seus direitos sem esquecer os seus patrioticos deveres.

Beira, 10 de Dezembro de 1933.

Tenente MARIO COSTA

(Clichés de Evaristo Fernandes)

(a) Quiteve era a designação dum antigo reino cafre que confinava, a N., com o rio Pungue, a S. com os rios Buzi e Revue, a E. com a costa de Sofala e a O. com as terras de Manica. Dizia-se tam abundante em ouro, que os indigenas nem se davam ao trabalho de o pesquizar, contentando-se em o apanhar á superficie e nas areias dos riachos que passavam junto das minas...

BEIRA — (1) Missão, (2) Escola Primaria e (3) Gremio dos Empregados da Companhia de Moçambique

Dansas indígenas

Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

1, 2 e 3, no Distrito de Lourenço Marques; 4 e 5, em Marromeu (Companhia de Moçambique); 6, em Mopêa, distrito de Quelimane; 7, em Corrane, distrito de Moçambique; 8 e 9, no distrito de Lourenço Marques.